

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO**

SONIA MARIA QUEIROZ DE OLIVEIRA

**SUJEITOS SURDOS E CIDADANIA COMUNICATIVA: processos comunicacionais
na Associação dos Surdos de Governador Valadares (Asugov) e em seu Facebook**

São Leopoldo/RS

2021

SÔNIA MARIA QUEIROZ DE OLIVEIRA

**SUJEITOS SURDOS E CIDADANIA COMUNICATIVA: processos comunicacionais
na Associação dos Surdos de Governador Valadares (Asugov) e em seu Facebook**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora em Ciências da
Comunicação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Comunicação da Universidade
do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jiani Adriana Bonin

São Leopoldo/RS

2021

O48s Oliveira, Sônia Maria Queiroz de.
 Sujeitos surdos e cidadania comunicativa : processos comunicacionais na Associação dos Surdos de Governador Valadares (Asugov) e em seu Facebook / por Sônia Maria Queiroz de Oliveira. – 2021.
 305 f. : il. ; 30 cm.

 Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, São Leopoldo, RS, 2021.
 “Orientadora: Dr^a. Jiani Adriana Bonin”.

 1. Sujeitos surdos. 2. Rede social. 3. Facebook. 4. Usos e apropriações. 5. Cidadania comunicativa. I. Título.

CDU: 659.3-056.263

SÔNIA MARIA QUEIROZ DE OLIVEIRA

**SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS E CIDADANIA COMUNICATIVA:
PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA ASUGOV E NOS USOS E APROPRIAÇÕES
DO FACEBOOK**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADA EM 26 DE ABRIL DE 2021.

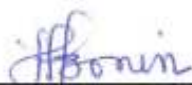
BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. TAMIRES FERREIRA COELHO - UFMT
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. MARCO ANTONIO BONITO - UNIPAMPA
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. LODENIR BECKER KARNOPP - UFRGS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROFA. DRA. SONIA ESTELA MONTAÑO LA CRUZ - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



PROFA. DRA. JIANI ADRIANA BONIN - UNISINOS

Ao outro de e em mim. De mim diferente. E que sob a diferença de ser surdo ensinou-me caminhos a tentar construir uma sensibilidade surda. Aos sujeitos surdos 'asugovianos'.

AGRADECIMENTOS

Este foi o último momento escrito, o qual faço constar como primeiro. Tentarei alcançar nesta escrita a todas as lembranças desse meu caminhar, pois é preciso agradecer a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para com a construção dessa tese. Construí-la ao longo desses 04 anos, foi um processo de transformações internas e externas, de contribuições ímpares.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter me dado determinação e força de vontade não me deixando desistir desse sonho, por entre as milhas, por entre conexões de voos, por diferenças climáticas, entre montanhas mineiras e campos gaúchos.

A todos da minha família que me fizeram forte, me ajudaram a enfrentar e a transpor as dificuldades inerentes a este processo de doutoramento. Especialmente, meu companheiro Silvano e minha filha Teresa Raquel.

Sou imensamente grata à minha orientadora Jiani Adriana Bonin, pois sei que muitas vezes me amparou, me acolheu e me corrigiu nessa caminhada às vezes perto, às vezes longe, ‘midiaticamente’, contudo sem nunca deixar de edificar todo construído, com comprometimento com o fazer ciência. Obrigada pelas sensibilidades, conversas solidárias e generosas. Por ter me feito participar do grupo, ‘bah’, como uma mineira arretada ‘tchê’!

Ao professor Efendy Maldonado e ao professor ‘frade franciscano’ Fabricio Silveira, pelas generosidades epistemológicas e pela alegria de me fazer sentir sempre bem-vinda. À professora Nísia Martins do Rosário pelo afago, afeto e risos em mesa de café dos hotéis cientificamente compartilhados.

Aos colegas do Grupo Processocom, por terem me acolhido e dividido comigo desde o café (às vezes com queijo) ao afago no coração. Aos companheiros da Rede AMLAT, pelos sorrisos felizes e contribuições para o meu desenvolvimento e da minha pesquisa.

Às professoras que compuseram a banca de qualificação, Sonia Montañó e Lodenir Karnopp, minha eterna gratidão pelos direcionamentos ímpares ofertados.

Aos professores e professoras, colegas e demais funcionários (as) do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), pelos conhecimentos compartilhados, dedicações e gentilezas para o nosso caminhar acadêmico, profissional e humano. Em especial, agradeço a atenção e o carinho da professora Ana Paula da Rosa com o nosso grupo da Faculdade de Direito Vale do Rio Doce (Fadivale).

Aos amigos Carlos Alberto Dias (Janete) e Leonardo Gomes de Souza (Aline, Helena), sempre fiéis escudeiros em toda jornada.

À Associação dos Surdos de Governador Valadares (Asugov) e a seus associados sujeitos surdos, por me deixarem ser parte da história deles.

À Progepe/Proquali da Universidade Federal Juiz de Fora – Campus Governador Valadares, pelo incentivo e suporte financeiro ao longo dessa caminhada.

Aos amigos e amigas, anjos que surgiram nessa minha trilha e que farfalham as asas ao nosso refrigério: Claudiane Sousa, Yvets Morales, Hélio Sassen, Leila Sousa, Wallyson e Wesley. Especial carinho para Livia Saggin e Camila Scarrone.

Agradecer é pouco por assim dizer. Relatar é quase missão impossível. Deixo neste último registro, um acalanto em dia frio, de quase desistência à felicidade de poder ter chegado aqui: muito obrigada a Maria Maldonado, esposa do professor Efendy, pelo aconchego do encontro na casa da professora Jiani em um dia de tristeza, de saudade n'alma do filho que já se foi.

RESUMO

A pesquisa teve por objetivo investigar, na perspectiva de constituição de cidadania comunicativa, a participação dos sujeitos surdos nos processos comunicacionais na Asugov e na página dessa associação em inter-relação com seus perfis pessoais no Facebook. A fundamentação epistêmica da tese se nutre de enlaces e perpasses das premissas epistêmico-filosóficas da transmetodologia. Essas permitiram seu desenvolvimento através de um arranjo multimetodológico construído na caminhada concreta da investigação, composto por observação participante das dinâmicas comunicativas na Asugov, entrevistas em profundidade com os sujeitos surdos e observação dos usos e apropriações por eles realizados na página da Asugov em seus perfis pessoais no Facebook (as publicações na rede social foram sistematizadas no período de junho de 2018 a junho de 2020). A construção da pesquisa inclui traçados do contexto sociocultural, político, educacional, legal e comunicacional dos sujeitos surdos. Na fundamentação teórica da tese, conceitos e teorias são problematizados para promover um tecido teórico pensando midiatização, comunicação digital e redes, mediações e apropriações midiáticas; cultura surda e cidadania comunicativa. Os resultados da pesquisa apontam que a Asugov é um lugar de acolhimento e compartilhamento de vivências, onde os sujeitos encontram a possibilidade de vivenciar e reforçar laços de pertencimento à cultura surda, de alimentar oportunidades de inclusão cultural, comunicacionais e social. Mostram que existem também conflitos e contradições que limitam possibilidades ampliadas de participação e de conquista de cidadania destes sujeitos. A participação dos sujeitos surdos na rede social Facebook Asugov e em seus perfis pessoais, a partir dos usos e apropriações dos recursos ofertados nas plataformas, facilita a construção cidadã do informar-se, comunicar-se, opinar, dividir experiências, dividir narrativas de vida, promover encontros, estabelecer vínculos, visibilizar demandas. Também são identificados elementos que obstaculizam exercícios comunicativos mais potentes para a construção da cidadania comunicativa destes sujeitos nos ambientes digitais investigados.

Palavras-chave: Sujeitos surdos. Rede social. Facebook. Usos e apropriações. Cidadania comunicativa.

ABSTRACT

The research aimed to investigate, from the perspective of the constitution of communicative citizenship, the participation of deaf subjects in the communication processes at Asugov and on the page of this association in interrelation with their personal profiles on Facebook. The epistemic foundation of the thesis is nourished by links and perpasses of the epistemic-philosophical premises of transmethodology. These allowed their development through a multi-methodological arrangement built on the concrete journey of the investigation, consisting of participant observation of communicative dynamics at Asugov, in-depth interviews with deaf communicating subjects and observation of the uses and appropriations made by them on the Asugov page in their profiles. personal on Facebook (publications on the social network were systematized from June 2018 to June 2020). The construction of the research includes traces of the sociocultural, political, educational, legal and communicational context of deaf subjects. In the theoretical basis of the thesis, concepts and theories are problematized to promote a theoretical fabric thinking of mediatization, digital communication and networks, mediations and media appropriations; deaf culture and communicative. The research results show that Asugov is a place for welcoming and sharing experiences, where the subjects find the possibility of experiencing and reinforcing ties of belonging to the deaf culture, of feeding opportunities for cultural, communicational and social inclusion. They show that there are also conflicts and contradictions that limit the broadened possibilities for participation and citizenship of these subjects. The participation of deaf subjects in the social network Facebook Asugov and in their personal profiles, based on the uses and appropriations of the resources offered on the platforms, facilitates the citizen construction of informing, communicating, giving opinions, sharing experiences, sharing narratives of life, promoting meetings, establishing links, making demands visible. Elements that hinder more punctual communicative exercises for the construction of the communicative citizenship of these subjects in the investigated digital environments are also identified.

Keywords: Deaf subjects. Social network. Facebook. Uses and appropriations. Communicative citizenship.

RESUMEN

La investigación tuvo como objetivo investigar, desde la perspectiva de la constitución de la ciudadanía comunicativa, la participación de sujetos sordos en los procesos de comunicación en Asugov y en la página de esta asociación en interrelación con sus perfiles personales en Facebook. El fundamento epistémico de la tesis se nutre de los vínculos y perpasos de las premisas epistémico-filosóficas de la transmetodología. Estos permitieron su desarrollo a través de un arreglo multimetodológico construido sobre el viaje concreto de investigación, compuesto por la observación participante de las dinámicas comunicativas en Asugov, entrevistas en profundidad con sujetos sordos y observación de los usos y apropiaciones hechas por ellos en la página de perfil personal de Asugov en Facebook (las publicaciones en la red social fueron sistematizadas desde junio de 2018 a junio de 2020). La construcción de la investigación incluye rastros del contexto sociocultural, político, educativo, legal y comunicacional de sujetos sordos. En la base teórica de la tesis se problematizan conceptos y teorías para promover un tejido teórico pensando en la mediatización, comunicación y redes digitales, mediaciones y apropiaciones mediáticas; cultura sorda y ciudadanía comunicativa. Los resultados de la investigación muestran que Asugov es un lugar de acogida y de intercambio de experiencias, donde los sujetos encuentran la posibilidad de vivir y reforzar los lazos de pertenencia a la cultura sorda, de alimentar oportunidades de inclusión cultural, comunicacional y social. Muestran que también existen conflictos y contradicciones que limitan las amplias posibilidades de participación y ciudadanía de estos sujetos. La participación de sujetos sordos en la red social Facebook Asugov y en sus perfiles personales, en base a los usos y apropiaciones de los recursos ofrecidos en las plataformas, facilita la construcción ciudadana de informar, comunicar, opinar, compartir experiencias, compartir narrativas de vida, promoviendo encuentros, estableciendo vínculos, visibilizando demandas. También se identifican elementos que dificultan ejercicios comunicativos más puntuales para la construcción de la ciudadanía comunicativa de estos sujetos en los entornos digitales investigados.

Palabras clave: Sujetos sordos. Red social. Facebook. Usos y apropiaciones. Ciudadanía comunicativa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alunos e professora do Curso de Libras da Asugov, Governador Valadares (MG)	115
Figura 2 - Representação em Libras nome Sonia	117
Figura 3 - Representação do nome afetivo da autora ‘Pinta na mão’	118
Figura 4 - Momento (01) na Asugov, Governador Valadares (MG)	120
Figura 5 - Momento (2) na Asugov, Governador Valadares (MG)	121
Figura 6 - Momentos (3) na Asugov, Governador Valadares (MG)	124
Figura 7 - Mapa de localização-Asugov, Governador Valadares-MG	136
Figura 8 – Fachada Asugov, Governador Valadares-MG	136
Figura 9 - Imagem perfil Asugov	138
Figura 10 - Imagem primeiro logotipo da Asugov	139
Figura 11 – <i>Print screen</i> linha do tempo perfil Asugov	140
Figura 12 - Logotipo atual Asugov	141
Figura 13 - Imagem da superfície da tela (Linha do tempo) do perfil Asugov	144
Figura 14 - Postagem relativa à temática Política I	157
Figura 15 - Postagem relativa à temática Política II	158
Figura 16 – Chega de audismo (Ovintismo) – identidade surda	164
Figura 17 – Postagem relativa à temática Identidade I	164
Figura 18 – Postagem relativa à temática Identidade II	165
Figura 19 – Postagem relativa à temática Data Comemorativa I	168
Figura 20 – Postagem relativa à temática Data Comemorativa II	168
Figura 21 – Postagem relativa à temática Jogos I	171
Figura 22 – Postagem relativa à temática Jogos II	172
Figura 23 – Postagem relativa à temática Saúde I	173
Figura 24 – Postagem relativa à temática Saúde II	174
Figura 25 – Oferta produto (máscaras)	177
Figura 26 – Postagem relativa à temática Violência	178
Figura 27 – Postagem relativa à temática Religiosidade I	181
Figura 28 – Postagem relativa à temática Religiosidade II	182
Figura 29 – Postagem relativa à temática Relações Afetivas	184
Figura 30 – Repetição do Logotipo da Asugov	190
Figura 31 – Uso do espaço Asugov e corpo sinalizador	193

Figura 32 – Jogos interativos	195
Figura 33 – Reunião Asugov para organização de campeonato de futebol.....	196
Figura 34 – Campeonato de futebol Asugov – dezembro de 2019.....	197
Figura 35 – Postagem de vídeo de Ana no perfil Asugov	202
Figura 36 – Rede de amigos entrevistada 02 e participantes do perfil Asugov.....	203
Figura 37 – Uso do recurso <i>emoji</i> postado no perfil Asugov por Beatriz	204
Figura 38 – Rede de amigos entrevistada 03 e participantes do perfil Asugov.....	205
Figura 39 – Postagem de vídeo feita por Carla no perfil Asugov	206
Figura 40 – Rede de amigos entrevistada 04 e participantes do perfil Asugov.....	207
Figura 41 – Rede de amigos entrevistada 05 e participantes do perfil Asugov.....	208
Figura 42 – Rede de amigos entrevistada 06 e participantes do perfil Asugov.....	211
Figura 43 –Uso recurso <i>emoji</i> postado no perfil Asugov – participante 07	212
Figura 44 – Rede de amigos entrevistada 07 e participantes do perfil Asugov.....	213
Figura 45 – Rede de amigos entrevistada 08 e participantes do perfil Asugov.....	214
Figura 46 – Rede de amigos entrevistada 09 e participantes do perfil Asugov.....	216
Figura 47 – Uso do recurso gifs postado no perfil Asugov – participante 10	217
Figura 48 – Rede de amigos entrevistada 10 e participantes do perfil Asugov.....	218
Figura 49 – Registro de marcação amigo perfil Asugov feito por João	219
Figura 50 – Rede amigos entrevistado 11 e participantes do perfil.....	220
Figura 51 – Rede amigos entrevistado 12 e participantes do perfil.....	221
Figura 52 – Rede amigos entrevistado 13 e participantes do perfil.....	223
Figura 53 – Esboço da rede de inter-relações entre o Perfil Asugov e dos sujeitos entrevistados	243
Figura 54 – Gráfico de inter-relações entre o Perfil Asugov e dos sujeitos entrevistados	243
Figura 55 – Uso do recurso edição de foto.....	249
Figura 56 – Uso do recurso Snapchat	249
Figura 57 – Uso do recurso <i>gif</i>	250
Figura 58 – Uso do recurso do filtro Snapchat	250
Figura 59 – Uso do recurso Edição de texto e figurinhas do Instagram	251
Figura 60 – Uso do recurso localização do Facebook.....	251
Figura 61 – Uso dos recursos vídeo e <i>link</i>	252
Figura 62 – Vídeo empreendedorismo para surdos	255
Figura 63 – Chamada 6º Congresso Bilingue Regional	257
Figura 64 – Vídeo enfrentamento Coronavírus	259

Figura 65 – Uso do recurso marcação perfil Asugov I.....	261
Figura 66 – Uso do recurso marcação perfil Asugov II.....	261
Figura 67 – Vídeo temática <i>Pessoa</i> perfil Lúcio	263

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produção legislativa internacional.....	52
Quadro 2 – Produção legislativa nacional (início)	54
Quadro 3 - Registro de produções e eixos temáticos correspondentes (início).....	108
Quadro 4 - Sujeitos surdos membros da Asugov entrevistados	127
Quadro 5 - Eixos temáticos das publicações	146
Quadro 6 - Perfil socioeconômico dos entrevistados	223
Quadro 7 - Avaliações positivas dos entrevistados em relação à Asugov	232
Quadro 8 - Avaliações negativas dos entrevistados em relação à Asugov	233
Quadro 9 - Sugestões de melhorias na Asugov apontadas pelos entrevistados.....	235
Quadro 10 - Tipos de postagens realizadas pelos entrevistados e temas que esperam encontrar no Facebook Asugov	239
Quadro 11 - Formas de expressão dos sujeitos surdos no Facebook Asugov	240
Quadro 12 - Dados comparativos perfil Asugov X perfis dos sujeitos	248
Quadro 13 - Categorias de análise	254

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Municípios: Micro Governador Valadares – Dificuldade permanente de ouvir – Tabulação cruzada	31
Tabela 2 - Registro quantitativo do <i>corpus</i> das postagens realizadas no perfil Asugov	146
Tabela 3 - Recursos comunicacionais usados nas postagens do perfil Asugov por temáticas	151
Tabela 4 - Recursos comunicacionais usados nas postagens feitas por amigos associados por temática.....	151
Tabela 5 - Tipo de vídeos postados no perfil Asugov em relação aos recursos comunicacionais usados - 2018/2020	153
Tabela 6 - Tipo de vídeos postados no perfil amigos associados em relação aos recursos comunicacionais usados - 2018/2020	153
Tabela 7 - Postagens relativas à temática política	155
Tabela 8 - Postagens relativas à temática identidade.....	162
Tabela 9 - Postagens da temática datas comemorativas	167
Tabela 10 - Postagens relativas à temática jogos.....	170
Tabela 11 - Postagens temática saúde	173
Tabela 12 - Postagens temática violência	178
Tabela 13 - Postagens temática religiosidades	180
Tabela 14 - Postagens temática relações afetivas	183
Tabela 15 - Forma de acesso ao Facebook Asugov.....	238
Tabela 16 - Frequência de navegação no Facebook Asugov.....	238

LISTA DE SIGLAS

AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros
ANJ - Associação Nacional de Jornais.
APAE - Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
ASMG - Associação de Surdos de Minas Gerais
ASUGOV – Associação dos Surdos de Governador Valadares
BPC - Benefício de Prestação Continuada
CADEF - Centro de Apoio ao Deficiente Físico Dr. Octávio Soares
CEREST - Centro Regional de Referência em Saúde do Trabalhador
CIAME - Centro de Integração ao Menor Carente
CMC - Comunicação mediada pelo computador
CMPD - Conselho Municipal de Pessoa com Deficiência
CODAS - Child of Deaf Adults – Filho de adultos surdos
DIRSI - Diálogo Regional sobre a Sociedade de Informação
DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos
FADIVALE – Faculdade de Direito do vale do Rio Doce
FENEIDA - Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo
FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
GV - Governador Valadares
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais
LOAS - lei Orgânica da Assistência Social
MEC - Ministério da educação
MG - Minas Gerais
OAB - Ordem dos Advogados do Brasil
ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMS - Organização Mundial da Saúde
ONU - Organização das Nações Unidas
PCD - Pessoas Com Deficiências
PNE - Plano Nacional de Educação
PUCRS - Pontifícia Universidade Católica de do Rio Grande do Sul
PUCSP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SEGeT - Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia

SM - Salários-mínimos

SUS - Sistema Único de Saúde

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

UAA - Universidad Autonoma de Asuncion

UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNICAMP - Universidade Estadual de campinas

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Sinos

UNIVALE – Universidade Vale do Rio Doce

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
1 UM PERCURSO DE MUITOS CAMINHOS	27
1.1 Contornos da problemática: do desenho solitário da surdez à comunicação digital	27
2 TRAÇADOS DO CONTEXTO DOS SUJEITOS SURDOS	37
2.1 Um caminho histórico: período antes do Congresso de Milão.....	37
2.2 Estrada percorrida: período pós Congresso de Milão	40
2.3 Nas trilhas de Minas Gerais	42
2.3.1 Governador Valadares, contexto e ambientes de acolhimento às pessoas surdas	44
2.4 Redes sociais e sujeitos surdos: conquistas e estradas a percorrer	47
2.5 O caminhar da legislação inclusiva nos âmbitos internacional e nacional.....	50
2.5.1 A produção legislativa no Município de Governador Valadares.....	57
3 TECIDOS TEÓRICOS: COMUNICAÇÃO DIGITAL, USOS E APROPRIAÇÕES DOS SUJEITOS SURDOS E CIDADANIA COMUNICATIVA.....	61
3.1 Pensando a mediação.....	61
3.2 Comunicação digital e redes	66
3.3 Mediações e apropriações midiáticas	72
3.3.1 Perspectivas para pensar as culturas e os sujeitos surdos	76
3.4 Cidadania comunicativa.....	81
3.4.1 Cidadania comunicativa e apropriações das mídias digitais.....	88
3.4.2 Invisibilidade ferida (in)visível e caminhos de inclusão	90
3.4.3 Facebook Asugov: comunidade virtual?	94
4 TRILHAS DA CONSTRUÇÃO INVESTIGATIVA.....	101
4.1 Fundamentos da caminhada: a perspectiva transmetodológica	102
4.2 Pesquisas da pesquisa, teórica e de contextualização	106
4.3 As processualidades da pesquisa empírica	112
4.3.1 Percurso de aproximação e de imersão na Asugov	113
4.3.2 Observações na Asugov.....	118
4.3.3 Entrevistas com sujeitos surdos	125
4.3.4 Observações nos ambientes digitais do Facebook.....	129
5 FACEBOOK ASUGOV: PRÁTICAS COMUNICACIONAIS DIGITAIS	133
5.1 A Asugov e seu perfil no Facebook.....	134
5.2 Perfil Asugov e postagens	138

5.3 Os processos comunicacionais no Perfil Asugov	145
5.3.1 Analisando as postagens no perfil Asugov	145
5.3.2 As temáticas e manifestações dos sujeitos.....	154
6 OS SUJEITOS SURDOS E O FACEBOOK: USOS E APROPRIAÇÕES E CIDADANIA COMUNICATIVA	189
6.1 As práticas na Asugov e os sujeitos surdos: aspectos da cultura surda.....	189
6.1.2 Os relatos dos entrevistados.....	199
6.1.3 Análise: trajetórias dos sujeitos surdos e relações com a Asugov e seu perfil digital ...	223
6.2 Usos e apropriações do Facebook.....	244
6.2.1 Observações sobre usos e apropriações dos sujeitos entrevistados Carla, Eduarda e Lúcio na página da Asugov e em seus perfis.....	254
REFLEXÕES FINAIS.....	266
REFÊRENCIAS.....	278
ANEXO 1 – PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	293
ANEXO 2 – DOCUMENTAÇÃO DA INTÉRPRETE.....	296
ANEXO 3 – LISTA DE ASSINATURAS DOS SÓCIOS FUNDADORES DA ASUGOV.....	297
ANEXO 4 – LISTA DOS PRIMEIROS ASSOCIADOS DA ASUGOV	298
ANEXO 5 – ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 17/2021.....	300
APÊNDICE 1 - PROTOCOLO DE OBSERVAÇÕES NO FACEBOOK.....	301
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES.....	302
APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)....	304
APÊNDICE 4 – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA	306

INTRODUÇÃO

Em uma de suas canções, ao escrever “[...] Você verá que é mesmo assim, que a história não tem fim, continua sempre que você responde “sim”, à sua imaginação, à arte de sorrir cada vez que o mundo diz “não”, o compositor Guilherme Arantes retrata o exato momento em que fui selecionada para ingressar no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em 2017. Eu vinha de um momento de “não”¹ da vida e nem sequer dimensionava os caminhos que percorreria para chegar aqui. E, à semelhança de um bom e velho clichê “faria tudo de novo”, respondi sim.

Estudar os processos comunicacionais de sujeitos surdos vinculados à Associação de Surdos de Governador Valadares, em âmbito presencial e nas apropriações do Facebook (página da associação e perfis pessoais) na perspectiva de pensar possibilidades para a construção da cidadania comunicativa destes sujeitos exigiu levar em conta que estes sujeitos atuam em interações dinâmicas e complexas com as tecnologias digitais, em contextos socioculturais, históricos econômicos e políticos concretos. Esta problemática me levou a um movimento significativo do abandono da zona de conforto na qual me encontrava para assumir o desafio de construção da pesquisa proposta.

Do conforto territorial em que me encontrava propus-me a me movimentar, e a este propósito me foi exigida uma travessia geográfica de uma distância de 2.045 KM, de Governador Valadares/MG a São Leopoldo/RS. Posso afirmar que esse constante viajar propiciou-me uma construção de processos de conhecimento, por diferentes paisagens, linguagens, gastronomia, valores sociais, políticos, culturais e que continuam acompanhando-me em tramas construtivas do meu ser.

Venho de uma família com muitos filhos. Desde cedo aprendi a fazer valer minhas escolhas para não perder meu espaço. Procurei realizar todo e qualquer curso, paralelo à formação educacional, que estivesse ao meu alcance. Graduações completas foram duas. Meu primeiro Trabalho de Conclusão de Curso foi no sentido de trabalhar os processos de ensino-aprendizagem com crianças, à época, nominadas especiais. As processualidades inexistentes para a realização de práticas comunicacionais pedagógicas com aquele grupo populacional não me desestimularam. Depois, cursei uma especialização em Orientação Educacional, buscando pautar ações para o trabalho social educativo com as prevenções das doenças sexualmente transmissíveis², com meninas adolescentes exploradas sexualmente, em bairros

¹ Óbito de um filho.

² Nos fins dos anos 80, em Governador Valadares, a prostituição infanto-juvenil era alvo de combate.

limítrofes ao mercado municipal da cidade de Governador Valadares, em Minas Gerais (MG), onde construí a maior parte da minha trajetória de vida. Como meu pai era funcionário público naquele local e nossa família possuía um pequeno comércio naquele espaço, considerava os entornos extensão daquele território afetivo. E assim, lapidava minha trama racional humana de ser.

Na graduação do curso de Direito, fui estagiária junto ao Ministério Público³. Após aprovação ao Exame de Ordem, exerci o cargo de coordenação dos Núcleos do Estado e do Idoso junto à Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce (FADIVALE). Nessa instituição, desenvolvi trabalhos de pesquisa cuja temática eram questões relacionadas à violência para com grupos populacionais vulneráveis: crianças, deficientes e idosos. Concomitantemente, exercia o magistério - e ainda o exerço. No mestrado realizado junto à Universidad Autonoma de Asuncion (UAA), defendi minha dissertação onde apresentei uma pesquisa realizada junto aos advogados devidamente inscritos na 43ª subseção De Governador Valadares, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/MG), sobre a aplicabilidade dos chamados Remédios Constitucionais para os Direitos Humanos. No mestrado em Gestão Integrada do Território, que realizei na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), fiz pesquisa sob o foco social da aplicabilidade da lei de cotas⁴ no território de Governador Valadares. Daquele momento trago comigo a ideia de que problemas enfrentados por Pessoas Com Deficiências (PCD) passam necessariamente por um ponto de vista sociocultural que implica o engajamento da sociedade civil, pois não basta ter leis trabalhistas e assecuratórias de direitos dos mesmos ao mercado formal de trabalho para configurar um sistema de compensação de desigualdades e de programas de sua integração à comunidade. Os problemas devem ser superados por intermédio da implementação de políticas afirmativas aliadas à conscientização da sociedade acerca da igualdade e do reconhecimento das potencialidades desses indivíduos.

E desde aquela época, uma inquietação ficou registrada, em especial, em relação ao grupo das pessoas surdas. Existia e ainda existe, no senso comum, a crença de que trabalhadores surdos têm produtividade elevada devido à incomunicabilidade com os demais trabalhadores ouvintes. Ao contratá-los, o empresário cumpriria a cota legal, e no cumprimento o ganho de produtividade se inseria. Dessa afirmativa, o estranhamento ainda continua à espera de verificação e de estudo das representações sociais nesse sentido. Este

³ RMP: Dr Denilson Feitoza. Doutor e mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-doutor em Inteligência, Segurança e Direito pelo Canadian Centre of Intelligence and Security Studies (CCSIS) – Canadá.

⁴ Representações Sociais da Lei de Cotas (Lei 8.213/91) por Portadores de Necessidades Especiais, Gestores Públicos e Empresários, no território de Governador Valadares (Parecer CEP/Univale 010/2009).

estranhamento me acompanhou até o doutoramento. Foi fecundo para instigar meu olhar para questões que envolvem os usos e apropriações dos sujeitos comunicantes surdos sob a perspectiva da cidadania comunicativa.

Para o sujeito comunicante surdo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a principal forma de comunicação como primeira língua, natural da comunidade surda, questão reconhecida pela Lei 10.436/02 (BRASIL, 2002). Apesar dessa conquista e considerando a existência e inserção desses atores sociais em um mundo hegemônico ouvinte, os processos comunicacionais entre surdos e ouvintes ainda apresentam dificuldades em seus contornos processuais de realização. Considerando dados do último Censo de 2010, no Brasil viviam no período 2,1 milhões de pessoas que escutavam muito pouco ou nada. A pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não apontou quantas faziam uso da língua de sinais. (BRASIL, 2019).

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) apresentam-se como espaços que permitem a veiculação de diversos signos linguísticos formados, basicamente, pela linguagem e pela língua. Maria Lucia Santaella nos fala de uma ecologia da comunicação ou ecologia midiática, e reflete que esse sistema ecológico midiático pode representar mais e melhores oportunidades comunicativas, e para as sociabilidades. Esse sistema impulsiona a produção, difusão e velocidade da informação, modificando as dinâmicas de tempo e espaço, influenciando comportamentos, atitudes, práticas, enfim, atingindo todos os espaços sociais, inclusive os digitais, pensados também como novos ecossistemas educativos (SANTAELLA, 2013). Nesse sistema, o espaço social digital para o qual nosso interesse se dirige na pesquisa, o Facebook, é aqui entendido como intersticial, uma espécie de amálgama entre os espaços físico e digital, onde interações ocorrem em espacialidades híbridas. Esse espaço concreto de interesse é formado pela página perfil Associação dos Surdos de Governador Valadares (Asugov)⁵ existente na rede desde junho de 2018, com 3442 amigos associados (surdos e ouvintes). A Asugov, à qual se vincula, existe desde junho de 1990, sendo uma organização que promove o Empreendedorismo Social em parceria com a empresa Visual Libras⁶. Propõe-se a responder à questão recorrente sobre o que cada um pode fazer para contribuir em processos de transformação social e para o desenvolvimento sustentável dos surdos.

A partir deste ambiente de rede social, uma questão investigativa foi sendo pensada e repensada, ajustada e reajustada, vertida em ultrapassagens que foram construídos no caminho: Como os sujeitos surdos participam dos processos comunicacionais na Asugov e no

⁵ Pesquisar perfil <https://www.facebook.com/asugov.gv.9>.

⁶ Pesquisar perfil *Site* <http://www.visuallibras.com.br/institucional/quem-somos-2>.

ambiente digital Facebook (página da associação e perfis pessoais) e como estes processos se vinculam à construção da cidadania comunicativa destes sujeitos?

Missão desafiadora e complexa esta de investigar esta problemática, primeiro porque sou ouvinte, não domino Libras e venho de graduações distintas da Comunicação (até certo ponto): Pedagogia e Direito. Atualmente sou professora da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares, com dedicação exclusiva no departamento básico da área da saúde, no curso de Odontologia. Embora possa parecer uma trajetória pouco coerente em termos de campos de formação, posso afirmar que foram esses diversos caminhos por onde andei o suporte de minhas demandas, mostrando outras direções e outros componentes que não estavam inicialmente previstos.

Para dar conta do desafio, procurei alinhar os objetivos da pesquisa tendo como fio condutor o processo comunicacional a perpassar as nuances contextuais existentes na imbricação dos territórios presenciais e digitais presentes na tese, território físico da associação dos surdos e território virtual dos perfis no Facebook, ambos palcos que oferecem possibilidades para a construção e para o exercício da cidadania comunicativa. E, nesse caminhar específico vertido em processos híbridos, um desenho foi sendo construído, apontando para a experiência comunicacional e digital vivida pelos sujeitos comunicantes surdos participantes desta pesquisa e para possibilidades, realizações, potencialidades e limites para a emancipação individual e para a superação da dependência social, política e comunicacional destes sujeitos.

O percurso metodológico que alicerçou a compreensão do fazer pesquisa que adoto foi sedimentado por uma articulação orgânica entre teoria e empiria. Como se trata de uma temática que demanda estratégias sensíveis, multidimensionais, trabalhei com pressupostos da transmetodologia, entendendo que em pesquisas da comunicação, para dar conta das realidades socioculturais existentes, a estratégia transmetodológica dialoga com questões plurais e singulares, em um construto ético e em acordo com a minha caminhada (MALDONADO, 2002; 2008; 2012; 2014; 2019). Sendo eu oriunda de área distinta da comunicação, aprendi a flexibilizar minha realidade nos tropeços, os quais não foram poucos. A cada tropeço teci, em forma de rede, uma base teórica conceitual, com suas fontes e contribuições para possibilitar o embasamento e a compreensão do fenômeno investigado. Assim, visualizei como ‘nós’ os seguintes eixos conceituais: mídiatização, comunicação digital e redes, comunidades virtuais, mediações e apropriações midiáticas, cultura surda, sujeitos comunicantes surdos e cidadania comunicativa. Metaforicamente foi um cuidar do coração da tese, o nó górdio.

Sobre os caminhos trilhados para construção da empiria, posso afirmar não terem sido, no início, muito estimuladores. Em 2017, a Associação de Surdos de Governador Valadares, *locus* que propus observar, encontrava-se em um momento de dificuldades diversas, incluindo desentendimentos pessoais e desvios de verbas. E eu, ouvinte, sem domínio de Libras, sem conhecimento pessoal de nenhum dos integrantes da Associação, aproximei-me em meio àquela turbulência. Contudo, fui trabalhando a escuta e a espera, numa espécie de ‘tatear’ progressivamente o ambiente e construir meu acento e entrada naquele espaço. Procurei assumir a posição a favor da vida e não da morte, da convivência com o diferente e não da sua negação; buscando diminuir, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos (FREIRE, 2000).

Dois grandes cenários compuseram meu percurso empírico nesta tese: o espaço comunicacional concreto da Asugov e o espaço digital representado pelo seu perfil no Facebook. No espaço da Associação, busquei trabalhar com a observação como método que permitia minha aproximação e observação das dinâmicas do ambiente e dos processos comunicacionais observados. Realizei os registros das observações no Diário de Campo a partir do uso da fotografia. Para inserir-me neste cenário, tornei-me estudante do curso básico de Libras ofertado pela Asugov. Transitei e realizei observações em aulas e reuniões associativas. A partir das observações e contatos realizados, busquei encontrar os possíveis sujeitos colaboradores da pesquisa, associados no Facebook perfil Asugov, para serem entrevistados.

Tomo entrevista no sentido amplo de comunicação entre partes, e no sentido restrito como coleta de informações sobre determinado tema científico, estratégia usada no processo de construção de um trabalho de campo. O processo de autorização de realização das entrevistas foi devidamente submetido e autorizado pelo Comitê de Ética⁷ (ANEXO 1). Toda a dinâmica das entrevistas foi assessorada por intérprete de Libras devidamente habilitado (ANEXO 2).

No ambiente digital Asugov do Facebook, para investigar os usos e apropriações dos sujeitos comunicantes surdos, membros da Asugov, a partir do perfil da associação e dos perfis pessoais, optei por uma metodologia de observação sistemática naqueles espaços digitais, combinado com a etnografia, em uma abordagem netnográfica.

⁷ Parecer: 3.637.504 - CAAE: 22539819.7.0000.5344

Processos, fundamentos, percursos e resultados do meu caminhar investigativo podem ser encontrados nas construções realizadas nos capítulos aqui escritos. Para além desta Introdução, a tese está organizada em sete capítulos.

No *primeiro Capítulo* apresento o delineamento dos contornos da problemática, dos elementos que contextualizam o problema e as balizas da investigação vinculadas aos seus objetivos. É neste Capítulo, também, que desenvolvo as justificativas que conferem a esta pesquisa relevância e protagonismo junto às Ciências da Comunicação. Por um percurso de muitos caminhos, inicio um caminhar que perpassa a mescla de significados do termo solidão (MINOIS, 2019) para com a surdez, para alcançar a autora Lilia Lobo (2008) compreendendo que durante muito tempo os surdos aos loucos se confundiam pela não existência de via comunicacional efetiva com os ouvintes. A partir de Muniz Sodré (2006), penso a sociedade da hipercomunicação, da comunicação digital que abre possibilidades comunicacionais renovadoras. Nessas possibilidades busquei respaldo e diálogo com Maldonado (2013), Bonin (2011) Bonin e Saggin (2016; 2017) para a compreensão dos sujeitos comunicantes como agentes dos processos comunicativos, que tem ação, reação, voz, participação ativa e muitas vezes críticas nos processos comunicacionais midiáticos.

Após a apresentação dos contornos da pesquisa, no *segundo Capítulo* busco edificar os traçados do contexto histórico dos sujeitos surdos para ajudar a lançar luz sobre os processos comunicacionais existente e exercido por estes sujeitos nos dias de hoje no contexto investigado. Assim, volto meu olhar para o passado levando em conta que a história destes sujeitos percorreu pioneiramente os caminhos educacionais, como feito pelo Abade L'Epee (1721-1789). Como corte temporal, considere para minha construção histórica o caminho percorrido antes e após o Congresso de Milão (1880), Conferência Internacional de Educadores de Surdos, período que perplexamente considero como uma ferida na dignidade comunicacional das pessoas surdas (BAALBAK; CALDAS, 2011). Para a construção histórica no Brasil, inicio com a chegada do professor Ernest Huet (1855) para fundar uma escola para surdos no Brasil império (ROCHA, 2009; INES, 2007). No período após Congresso de Milão, na segunda metade do século XIX, a ideia da caridade é substituída pela de se formar cidadãos úteis, os sujeitos surdos, capazes de exercer seus direitos e deveres, converterem pessoas inúteis em trabalhadores, desponta sob a égide dos tempos modernos (INES, 2007). No contexto histórico de MG, apresento registros de vidas religiosas de dois padres surdos, começo do fortalecimento e aparição das pessoas surdas (RAMOS, 2004). Na construção sobre Redes Sociais (CASTELLS, 2013a) conquistas e estradas a percorrer pelos sujeitos surdos, busquei validar a importância do princípio da fraternidade expresso por Rocha

(2009): “[...] é uma espécie de filha bastarda do Iluminismo, girando em torno do pensamento religioso e atualmente das redes sociais.” (p. 123). Finalizo este Capítulo trazendo uma abordagem sobre o desenvolvimento da legislação internacional e nacional, concluindo com um esboço da história de Governador Valadares e o caminhar da produção legislativa inclusiva neste município.

No *terceiro Capítulo* apresento os tecidos teóricos construídos e entrelaçados para pensar o fenômeno investigado. Para tanto percorro desde a história da palavra comunicação em usos numerosos, realidades multiformes (MATTELART, 1994) à proposição do ponto de vista da semiose (VÉRON, 2014); à constituição de um *bios* midiático como um sistema de objetos técnicos que penetra na vida cotidiana e alcança os sujeitos, constituindo suas percepções, cognições sensibilidades e emoções (MALDONADO, 2019); à midiatização em sendo um processo não linear (VÉRON, 2014). Para problematizar a comunicação digital e redes, outro componente do tecido teórico, parto do entendimento de uma constante mudança nas mídias e contínua intensificação da natureza dos processos comunicacionais, o que me leva a pensar os processos de comunicação digital como constituintes de uma nova estruturação social, a sociedade em rede (CASTTELS, 2005). Mediações e apropriações midiáticas foram pensadas para compor o tecido teórico relativo aos usos e apropriações dos sujeitos comunicantes surdos (MARTÍN-BARBERO, 2015; SILVERSTONE, 2002). Ainda neste terceiro Capítulo busquei pensar perspectivas teóricas para compreender e argumentar culturas, cultura surda e sujeitos comunicantes surdos (STROBEL, 2018; CLAUDIO, 2016; SKLIAR, 1997, 2016a, 2016b, 2019; KARNOPP, KLEIN E LUNARDI-LAZZARIN, 2011). A cidadania comunicativa (desde a gênese construtiva do ser cidadão às raias midiáticas do exercício da cidadania), é pensada numa perspectiva aberta a interfaces com outras searas do conhecimento, com reclamos de justiça e participação política, vinculada a ideia de direitos individuais e de pertença. Como componente dessa construção, problematizo a invisibilidade desses cidadãos comunicantes surdos como ferida (in)visível. Fecho este Capítulo com o debate acerca do Facebook Asugov ser uma comunidade virtual onde se delineiam possibilidades para o exercício de cidadania (CORTINA, 2005; MATA, 2005).

No *quarto Capítulo*, o qual nomeio *Trilhas da Construção Investigativa*, explico as concepções acerca da fundamentação teórico-metodológica da pesquisa, as trilhas e percursos realizados. Esses foram fundamentados em uma caminhada sob perspectiva transmetodológica, vertente epistemológica que afirma a necessidade de confluência e confrontações (atravessamentos lógicos e pertinentes) entre vários métodos (MALDONADO, 2008; 2012; 2013; 2014). Busquei também a proposição de Bachelard (2006) e realizei uma

contradança filosófica entre teoria e empiria, em um racionalismo dialético, relatando o passo a passo epistêmico-metodológico de modo refletido e pormenorizado. Inicialmente trilhei a pesquisa da pesquisa, teórica e de contextualização. As processualidades da pesquisa empírica são explicitadas e refletidas posteriormente, em seus movimentos de observação dos processos comunicacionais presenciais vinculados à Asugov e digitais no Facebook e das entrevistas com os sujeitos comunicantes surdos.

No *quinto Capítulo* busco descrever e analisar o espaço digital Asugov como ambiente configurador das práticas comunicacionais digitais dos sujeitos comunicantes surdos. Para essa construção, começo apresentando a caminhada existencial da Asugov e do seu perfil na rede social Facebook. Analiso o perfil Asugov e esmiúço suas produções midiáticas, as interações comunicacionais realizadas neste perfil, em suas postagens e dos associados a este perfil. Estabeleço eixos temáticos para uma melhor condução e construção deste caminho de análises. O desenvolvimento analítico através das temáticas: política, identidade, datas comemorativas, jogos, saúde, violência, religiosidades e relações afetivas oferta ao leitor uma visualização dos processos comunicacionais construído pelos sujeitos surdos no período de observação (2018/2020), e instiga a compreender essas concretizações e limites destes processos para a constituição da cidadania comunicativa dos mesmos.

Dedico o *sexto Capítulo* aos sujeitos comunicantes, analisando suas trajetórias formativas, de vínculos com a Asugov e de usos e apropriações da página Asugov, de seus perfis pessoais no Facebook. Busco analisar a forma como os sujeitos comunicantes surdos asugovianos configuram suas culturas em suas trajetórias, as práticas comunicacionais realizadas na Asugov, seus usos e apropriações digitais e concretizações e restrições destes processos comunicativos para a constituição da cidadania comunicativa destes sujeitos.

Finalmente, após a explanação dos capítulos descritos, destaco o item intitulado *Reflexões Finais*, onde refaço o caminho que percorri por diversas áreas do conhecimento, almejando responder à questão que ensejou a investigação, sistematizando as descobertas e perspectivas abertas pela pesquisa.

Os caminhos percorridos no processo de construção desta pesquisa foram movidos por interesse em compreender as formas de comunicação e sociabilidade desenvolvidas por sujeitos comunicantes surdos no Facebook da Asugov e pensar suas possibilidades para a construção da cidadania comunicativa destes sujeitos. Reforço a você leitor, que percorreu esta apresentação introdutória da tese, o convite a prosseguir, pois só a partir do conhecimento de todo o seu conteúdo será possível dimensionar o processo e os resultados da pesquisa,

avaliar seu contributo, pensar suas limitações e, assim, participar comigo do movimento vivo da construção científica.

1 UM PERCURSO DE MUITOS CAMINHOS

“Eu não sei dizer, nada por dizer, então eu escuto [...]”.
(Secos e Molhados, “Fala”, 1973).

Nesta pesquisa trabalho com o entendimento de que fazer uma tese é assumir um compromisso com a ciência e com a sociedade em que vivemos. Ao mesmo tempo, ao fazer ciência, não podemos deixar de lado o fato de que todo conhecimento precisa ser comunicado e disponibilizado à sociedade. Por tal motivo, procuro realizar uma escrita compreensível tanto para a academia quanto para aqueles que se interessam pelo objeto aqui estudado.

Durante o trajeto desta pesquisa, busquei exercitar a escuta, por vias diversas, pois a mesma não só exprime o que se passa exclusivamente no ouvido. Formei-me em searas interdisciplinares do conhecimento, com denominações diferentes, e aos poucos fui me esquecendo de *ser escuta*. Busquei como aliada a solidão e como adubo a escuta, a percepção do outro. Não como se escutar fosse se apropriar do lugar do subalterno, mas sim como um desejo genuíno de aprender, ponto ético fundamental desta pesquisa.

Nesse Capítulo apresento o problema e o sentido da pesquisa. Para essa construção, desenho um processo de elaboração que vai se desenvolvendo em várias fases da própria pesquisa, evoluindo à medida que estudamos autores, fazemos pré-observações e pensamos metodologicamente sobre como abordar nosso objeto (BRAGA, 2005). Dessa maneira, crio um caminhar que solicita uma leitura atenta das páginas seguintes, pois não se trata de escrever em conformidade com as adequações estruturadas e pré-existentes, e sim, de caminhar pensando os sujeitos surdos em sua multiplicidade relacional.

1.1 Contornos da problemática: do desenho solitário da surdez à comunicação digital

*Solidão é lava
Que cobre tudo
Amargura em minha boca
Sorri seus dentes de chumbo
Solidão, palavra
Cavada no coração*

*Resignado e mudo
No compasso da desilusão.
(Paulinho da Viola, “Dança da Solidão”, 1972).*

Considerando como partida os textos bíblicos, solidão desenha-se a partir de uma reflexão de não muito bom começo: “Não é bom que o homem esteja só [...]” (Genesis 2, 18). Pode-se afirmar que a solidão se fez uma constante na história criacionista da humanidade, e que nos foi apresentada como um elemento não agradável de receber, uma espécie de ‘doença’ contra a qual sempre seria necessário lutar. Sob este parâmetro, e supondo-se que à falta de semelhante da espécie humana, nos comandos exordiais dos escritos bíblicos, a mudez consubstanciaria a solidão (MINOIS, 2019). Ainda na escuta de Minois (2019) trago ao entendimento do desenho solitário da surdez a definição de solidão:

O termo *solitudo* designa, na maioria das vezes, um local: uma solidão é um lugar deserto, hostil mesmo; é o oposto de um lugar humanizado, civilizado, e o *solitarius*, ou *solus*, é aquele que está isolado – posição pouco invejável no contexto cultural de uma civilização urbana. Desde a Antiguidade se estabelece a ambiguidade, *em razão do amálgama operado entre solidão e o isolamento*. Essa confusão vai se transmitir para todas as línguas europeias: *seul*, *solo*, *solitário*, *solitary*, assim como o alemão *einsam*, subtemem um isolamento físico, o fato de estar afastado, separado dos outros, o que é considerado uma situação anormal para um ser que, segundo a filosofia grega, é um animal social. (MINOIS, 2019, p. 03) (Grifo nosso).

A ambiguidade em razão do mal-entendido operado entre solidão e isolamento, nos faz poder afirmar ter sido estabelecida em razão do ser humano ser um animal pensante. Ambos os conceitos foram confundidos no caminhar histórico da humanidade, criando um mal-entendido carregado de subentendidos. Mas como observa Minois, “A solidão como sentimento não significa necessariamente o fato de viver só. Pode-se ser solitário no meio da família ou da multidão.” (2019, p. 03). Isolamento, por vezes, pode ser classificado como sinonímia de solidão (relações de feições simpáticas), como também relacionar-se a problemas de comunicação.

Carregado de complexidades, o termo *solidão*, mesclado de significados de isolamento, abarcou a história da cultura surda, como uma espécie de flagelo social, anomalia do considerado humano normal. Foi na Idade Média, na qual a sociedade se compunha de “uma rede cerrada de solidariedades” (MINOIS, 2019, p. 85), que cada humano se definia por um pertencimento (monarquia, família, confraria, vassalagem, senhoria, corporação, ordens religiosas, clero secular, colégios, universidades, entre outros) e o estar sozinho, sem

comunicar-se, vestiu-se do manto de ser um castigo, uma exclusão. Neste sentido, a surdez como involuntária opção de solidão em qualquer agrupamento social medievo tornava-se alvo da impiedosa exclusão, um desviante da chamada normalidade.

Pode-se afirmar que esses excluídos pouco tinham a ver com a solidão, e que essa ‘exclusão’ na verdade era uma espécie de estigmatização sistemática daquele grupo. Um excluído era um desviante. Diferentemente dos bêbados, prostitutas, PCD, disformes, entre outros os surdos, no limite, confundiam-se com os loucos, pois no caso destes o “não dizer nada”, “isolar-se em si mesmo” ou “emitir sons guturais sem entendimento correspondente ao padrão comunicacional estabelecido”, faziam-nos confundirem-se aos surdos (LOBO, 2008). Nos séculos seguintes desvenda-se que o limite do confundir surdos com loucos correspondia à não existência de uma via comunicacional com os ouvintes.

Ainda em diálogo com Minois (2019), faço apontar como uma grande descoberta o despertar em relação à cultura surda, a leitura silenciosa. Esta, em sua instrumentalidade, colaborou na reabilitação da ideia de solidão, agindo como um despertar da escuta da surdez, um começo de ultrapasse àqueles limites comunicacionais.

Essa prática que exige um ambiente calmo, favorável à concentração, contribui para isolar o espírito, e é duplamente um fator de solidão: permite àquele que não está só se isolar em si mesmo, e ao que está só tornar sua solidão agradável, abrindo-se para um mundo interior. (MINOIS, 2019, p. 136).

Essa descoberta permitiu a abertura a mundos interiores, um olhar ao alcance de mundos diversos: mundos solitários por opção e/ou mundos exclusivos, mesmo que ainda por não comunicação.

Atualmente, na sociedade da hipercomunicação, da comunicação linear e em rede (MUNIZ SODRÉ, 2006), a comunicação digital abre possibilidades comunicativas renovadoras. Nesta era da comunicação e do convívio em redes, tudo é possível, respeitável e verossímil às raias da comunicação midiática, na realização de si através da chamada sociabilidade virtual. Na esfera da sociabilidade virtual, o existir em redes possibilita aos sujeitos o movimento de comunicar, circular e produzir sentidos, gerar interações dinâmicas e complexas, inclusive entre surdos e ouvintes. Nessa complexidade relacional, e considerando as possíveis problemáticas que envolvem surdos e ouvintes em processos comunicacionais, voltei meu olhar para o sujeito comunicante surdo como protagonista em circuitos comunicativos nas redes.

Sabemos que maiorias podem ser opressoras de minorias, atualmente compreendidas não em termos quantitativos, mas como todo grupo humano em situação de desvantagem social, cultural, econômica, política ou jurídica “[...] cujos direitos são vulnerados apenas por possuírem alguma ou algumas características diferentes das do grupo dominante da sociedade” e, portanto, socialmente excluído (LOPES, 2006, p. 55). Foi nessa nova forma de percepção que a afirmação da cidadania, proclamada desde a Revolução Francesa de 1789, fez emergir a ideia do respeito às minorias, às suas necessidades e peculiaridades (CORTINA, 2005). Ideia esta que deflagrou um processo de mutação do nosso olhar sobre as minorias, historicamente tidas como grupos de pessoas inferiores e, por isso, objeto de preconceito e discriminação, das ‘artimanhas da exclusão’ (SAWAIA, 2001).

Dentre os grupos minoritários do qual fazem parte, entre outros, mulheres, idosos, negros, povos indígenas e ciganos, encontra-se aquele formado por pessoas com deficiência auditiva. De acordo com o Decreto N° 5.626 de janeiro de 2005, em seu artigo 2º, parágrafo único, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso Libras (BRASIL, 2005).

Nesta pesquisa, denomino *sujeito comunicante surdo* a pessoa surda que interage com as pessoas e com o mundo midiaticizado e produz significações nestas relações por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura⁸, constituída ao longo de sua trajetória de vida. Compartilho com Maldonado (2013), Bonin (2011) Bonin e Saggin (2016; 2017) a compreensão dos sujeitos comunicantes como multidimensionalmente constituídos e como agentes dos processos comunicativos, que tem ação, participação ativa e muitas vezes crítica nos processos comunicacionais midiáticos.

Atualmente a população brasileira ultrapassa 211 milhões de pessoas. (IBGE, 2020). Governador Valadares é um município de médio porte do Estado de MG. Em 2019, o IBGE registrou quantitativamente ser a população valadarense composta por 279.885 habitantes. (IBGE, 2020). Levando em consideração os micros dados do último censo realizado, feito em 2010, no questionário sobre surdez, quesito 6.15 – Tem dificuldade de ouvir? e resposta: - dificuldade permanente de ouvir, temos os dados expostos na Tabela 1.

⁸ A construção teórica sobre sujeitos surdos, e sua cultura é apresentada no Capítulo 2, e ampliada e apresentada da em construtos específicos dessa abordagem nas considerações finais.

⁹ O censo 2020 encontra-se adiado por causa da pandemia Covid 19.

Tabela 1 - Municípios: Micro Governador Valadares – Dificuldade permanente de ouvir – Tabulação cruzada

ENTIDADES POLÍTICAS	DIFICULDADE PERMANENTE DE OUVIR			
	Sim, não consegue de modo algum	Sim, com grande dificuldade	Sim, com alguma dificuldade	Não, nenhuma dificuldade
Governador Valadares	466	2.640	9.976	250.249
	0,18%	1,00%	3,78%	94,90%
Minas Gerais (MG)	32.355	199.251	769.738	18.593.337
	0,17%	1,02%	3,93%	94,88%
Brasil	344.205	1.798.964	7.574.149	180.991.877
	0,18%	0,94%	3,97%	94,88%

Fonte: Microdados Censo Demográfico 2010.

Observando os números correspondentes aos quesitos “não consegue de modo algum”, “ouve com grande dificuldade” e “com alguma dificuldade”, temos 13.082 valadarenses nestas categorias, em torno de 5% da população do município à época do Censo/2010, parcela similar às do Estado de MG e do Brasil.

A Asugov, cenário empírico vinculado ao desenvolvimento desta pesquisa, é uma entidade que se propõe a responder à questão recorrente: o que cada um pode fazer para contribuir em processos de transformação social e para o desenvolvimento sustentável dos surdos. Registra 500 associados surdos e ouvintes; desses, apenas 50 associados surdos são frequentes nas suas reuniões¹⁰. Possui um perfil no Facebook nominado de Asugov, ambiente digital de referência nesta pesquisa¹¹.

Neste mundo existente, seja entre surdos (com as dificuldades de ouvir) e, ou ouvintes (com e/ou nenhuma dificuldade de ouvir) a comunicação, sendo uma realidade necessária para a existência humana, se faz presente na vida de todos. Em suas complexidades, a comunicação é inegavelmente relevante para a construção do ser humano. E, em se tratando de informação e comunicação, as possibilidades tecnológicas surgiram como uma alternativa na era moderna no campo da comunicação (MATTELART, 1994, 2002; MUNIZ SODRE, 2006; CASTELLS, 2005, 2013 a e b, 2015).

O surgimento das TICs, que inclui um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, vem proporcionando um novo alcance para os processos de comunicação. Nesta realidade tecnológica propulsora de interatividades comunicacionais, constituem-se redes

¹⁰ Dados obtidos oralmente na secretaria da Asugov, 2019.

¹¹ Pesquisar em <https://www.facebook.com/asugov.gv.9>.

sociais, formas de estruturação sociocomunicacional compostas por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, compartilhando interesses em comum e construindo outros.

Neste âmbito da comunicação digital, meu olhar nesta pesquisa se volta para a rede social Facebook, plataforma de rede social virtual mais utilizada em todo o mundo por usuários ativos mensais, perfazendo um total de 2,3 bilhões de usuários, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ) o valor estimado em 2019 (ANJ, 2019). Em julho de 2018, essa mesma associação divulgou que no Brasil o Facebook havia atingido a marca de 127 milhões de usuários ativos mensais, no primeiro trimestre daquele ano. (OLIVEIRA, 2018). Apesar disso, em pesquisa realizada pela Datafolha, período 2017 a 2018, indicou que o número de brasileiros que afirmavam ter conta no Facebook sofrera uma queda em cinco pontos percentuais (NEGRÃO, 2019). Com o momento atual vivido de pandemia em 2020, o contrário dessa assertiva vem se confirmando na net: 'Facebook chega aos 2,7 bilhões de usuários e dobra seu lucro durante pandemia' (EDITORES JC, 2020).

Vinculadas à cultura global emergente, as redes se tornaram um dos principais focos de atenção da sociedade em geral e um dos fenômenos sociais mais notáveis da nossa era. Em toda sociedade, as redes se tornaram uma nova forma de organização das atividades humanas como propõe Castells (2005; 2013a), que desenvolve o conceito de *sociedade em rede* para descrever e analisar essa nova estruturação social. Neste sentido, os ambientes digitais do Facebook vêm constituindo, também, uma estrutura organizativa para atividades relacionadas à comunicação social.

Com o advento das mídias digitais, a interação dos sujeitos comunicantes se reconfigura; os usos dessas tecnologias e suas processualidades foram e continuam sendo capazes de transformar os participantes nestes processos. Durante a maior parte da história humana, essas interações se fizeram 'face a face'. Com o advento de tecnologias massivas, as interações comunicacionais não mais se baseiam de forma exclusiva na co-presença física dos sujeitos e sim, em um mundo em movimento, suscetível de ser modificado (MATTELART, 1994). A heterogeneização dessas interações abarca situações comunicacionais as quais, até um tempo atrás seriam 'improváveis' de se imaginar e de se concretizar (MALDONADO, 2002). Manuel Castells (2015) nos auxilia a pensar na complexidade destes processos que envolvem múltiplas dimensões:

Comunicação é o compartilhamento de significado por meio de troca de informação. O processo é definido pela tecnologia da comunicação, pelas características dos emissores e receptores da informação, por seus códigos

culturais de referência e protocolos de comunicação e pela abrangência do processo significativo. O significado só pode ser compreendido no contexto de relações sociais em que a informação e a comunicação são processadas. (CASTELLS, 2015, p. 101).

Sob este prisma, o foco do interesse da tese se orienta pela seguinte interrogação: Como os sujeitos comunicantes surdos participam dos processos comunicacionais na Asugov e no Facebook (página da associação e perfis pessoais) e como estes processos se vinculam à construção da cidadania comunicativa destes sujeitos?

Assim, a pesquisa realizada teve como objetivo geral investigar, na perspectiva de constituição de cidadania comunicativa, a participação dos sujeitos surdos nos processos comunicacionais na Asugov e na página dessa associação em inter-relação com seus perfis pessoais no Facebook. Sua realização foi orientada pelos seguintes específicos:

- a) contextualizar aspectos relativos à inserção sociocultural, política, educacional, legal e comunicacional dos sujeitos surdos, com ênfase no nacional, regional e local;
- b) identificar aspectos marcantes relativos às culturas dos sujeitos comunicantes surdos vinculados às suas trajetórias comunicacionais e midiáticas;
- c) observar e analisar as atividades desenvolvidas na Asugov e a participação dos sujeitos surdos nos processos comunicacionais da associação;
- d) observar, descrever e analisar as temáticas das postagens da página da Asugov e os usos e apropriações realizados pelos sujeitos surdos do Facebook nas páginas da Asugov e em seus perfis pessoais;
- e) analisar as possibilidades, concretizações e limites destes processos comunicacionais para a constituição da cidadania comunicativa destes sujeitos.

Para dar conta da proposta investigativa, busquei percorrer um caminho que exigiu um traçado retificado constantemente, um pluralismo filosófico assinalando a epistemologia como um lugar entre a ciência e poesia, espécie de linha demarcatória permissiva a minha liberdade e eficácia cujos fins vieram a estabelecer ultrapasses a resistências e obstáculos empiricamente constatados (BACHELARD, 2006). O sujeito surdo era o outro em relação ao qual recaiu minha ação investigativa acerca dos processos comunicacionais realizados em rede social e sobre os quais se exercia uma espécie de poder que os levava a uma blindagem e não receptividade a estranhos ouvintes. A ideia de poder vinculada a esta perspectiva de blindagem, se alimentou das propostas de Foucault (2010, p.243) para quem o poder não se constitui como um fato em si, e sim como “um modo de ação de alguns sobre os outros”. Esse

olhar e diálogo contribuiu para construir minha aproximação aos territórios físico e digital, buscando um agir nos meandros existentes nos jogos de forças múltiplas explicitadas ora no território físico da Asugov ora no território virtual.

Marshall McLuhan (1969), teórico considerado além de seu tempo, afirma que as mídias são extensões do corpo humano, isto é, são prolongamentos dos nossos sentidos, possibilitando de certa forma um contato com a realidade. Assim como aconteceu com a escrita que se especializou para o telégrafo, surge novas formas sociais, rupturas as quais culminam novos espaços, novos tempos. Nesse diapasão, a partir da inserção da tecnologia elétrica, novas tecnologias surgiram como extensões, maneiras de se conhecer o outro, abarcando uma espécie de aceitação desse prolongamento tecnológico como sendo um prolongamento de nós mesmos. E ao uso do meio, ações humanas com suas associações, configuradas e controladas pelo meio, McLuhan protagoniza ter tido a humanidade três fases fundamentais: a sociedade tribal com o domínio da voz; Gutemberg (Imprensa) com o domínio da escrita; Marconi com o domínio das mídias eletrônicas configurando uma aldeia global. E por real e atual, a fase final da extensão dos meios de comunicação como extensões do homem: a simulação tecnológica da consciência. Destarte as mídias estão a assumir na vida social e na própria humanidade um papel implicando possibilidades de transformações nos modos de ver e viver o mundo real. E, diante das mudanças estruturais que estão a ocorrer nas interações comunicacionais humanas intermediadas ao uso das TICs, estabelecem-se novas percepções e recepções, valendo justificar o interesse, o alcance da pesquisa.

Ainda para justificar a escolha desta pesquisa registro que, segundo o IBGE, o Brasil tem hoje uma população residente que ultrapassa 211 milhões de pessoas (IBGE, 2020). Os micros dados do Censo 2010 registraram ser o percentual de 0,18% dos entrevistados em toda a unidade da Federação os que não conseguem de modo algum ouvir. Este mesmo índice percentual (0,18%) revelou-se no quesito não conseguir ouvir de modo algum, registrado para Governador Valadares/MG (Tabela 1). Em Governador Valadares a Asugov desenvolve trabalhos diversos para surdos com participações de ouvintes.

Nasci, cresci e resido em Governador Valadares/MG. Sendo eu ouvinte, o que significaria ser surdo? Ausência do som? Não seria esta uma redução simplificadora para definir pessoas surdas? Seria um mundo silencioso, um mundo de solidão ou um mundo de isolamento? O silêncio não se limita ao ser surdo, pertencente à cultura surda. Comecei a perceber uma zona de tensão devido à incomunicabilidade minha com pessoas surdas e aos diversos questionamentos a responder. E o comunicar com o sujeito comunicante surdo não residia apenas no domínio da língua de Libras. Alguma coisa provocava meus pensamentos:

como chegar a este grupo, historicamente rotulado por diversos termos, o diverso de mim e ao mesmo tempo tão próximo de mim?

A Asugov é uma associação ainda “invisível” em Governador Valadares. Embora nas festas da cidade encontremos várias barraquinhas com fins lucrativos, para associações diversas, ela não se faz representar. Este detalhe sinaliza a invisibilidade da associação. Questionei como a pesquisa poderia contribuir para enriquecer os trabalhos no campo comunicacional, e oferecer subsídios para a construção da cidadania comunicativa desses sujeitos comunicantes surdos.

Sou professora. Lecionei nas redes estadual e particular de ensino. Atualmente leciono na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Campus Governador Valadares. De todo período de exercício do magistério, me vem à memória apenas um aluno surdo. Este desconforto em não ter tido alunos surdos há tempos me incomodava. Vez ou outra pessoa com deficiência de locomoção, ou visual surgiam no campo escolar. Os surdos não. O mesmo se repetiu na UFJF, Campus Governador Valadares. Com a aprovação para cursar o doutorado, pude redirecionar meu olhar de pesquisadora para os sujeitos surdos. No mestrado já havia trabalhado com a problemática pessoa com deficiência e representações sociais para com o cumprimento da Lei de Cotas (Lei 80213/91) no território de Governador Valadares/MG. Desta forma, continuo a firmar meu compromisso deste olhar para com o outro. O outro neste momento é o sujeito surdo, pois sendo eu ouvinte, a natureza investigativa da pesquisa, poderá exemplificar e ajudar a ultrapassar a incomunicabilidade existente entre eu ouvinte e outros ouvintes para com os surdos. O Facebook como rede social mais acessada será o território digital focalizado, articulado às experiências dos sujeitos surdos no cenário da página Asugov e em suas trajetórias de vida. Neste delineamento, as ideias de Cortina (2005) em relação à necessidade de aprender a construir o mundo juntos em uma perspectiva de educar para a cidadania, um educar cidadãos, fundamentado na igual dignidade das pessoas, grita aos olhos em uma urgência incontida. Justifico assim, o recorte da pesquisa voltado aos sujeitos surdos.

Não obstante, é importante demarcar que a proposta anunciada no título desta tese se insere em um quadro das preocupações de cientistas, legisladores, políticos e cidadãos em geral. Traduz a existência de uma causa que mobiliza estudiosos, grupos, populações e comunidades em torno da inclusão social comunicacional dos sujeitos comunicantes surdos. Nesse sentido, a motivação da tese fomenta a reflexão de que é possível perceber que a internet vai se configurando como um espaço relevante de comunicação, por seus recursos e pelas novas possibilidades que inaugura para a produção comunicativa dos sujeitos

comunicantes e a interação entre eles, não apenas para informar, mas, também, para pôr em prática relações interculturais, edificando participações sociais entre diversos. No que tange à aproximação empírica aos usos e apropriações que sujeitos surdos realizam no Facebook a partir da página Asugov e de seus perfis pessoais, entendemos que esta empiria fará emergir especificidades deste processo. É interesse aqui discernir as possibilidades desse espaço comunicacional não por ser considerado essencialmente democrático e ou um espaço livre de contradições, mas sim, por entendermos ser um espaço passível de possibilidades múltiplas de apropriação e de produção de sentido, de práticas que podem fomentar a construção da cidadania comunicativa.

2 TRAÇADOS DO CONTEXTO DOS SUJEITOS SURDOS

Neste Capítulo estabeleço bases contextuais para situar os sujeitos surdos em múltiplas dimensões constitutivas de sua existência social e comunicacional. Na reconstrução desses elementos, busquei restaurar aspectos sociais, culturais, políticos, educacionais, legais e comunicacionais relevantes, ao diálogo e perspectiva do que dizem os autores que pesquisei. Na estruturação destes aspectos, dialogo com Solange Rocha (2009) através de sua narrativa entre as antíteses, díades e dicotomias presentes no jogo entre memória e apagamento nas histórias educacionais de surdos. Lilia Lobo (2008), ao iluminar nosso caminho *com os 'Infames da história'*, com as frágeis existências reais que pouco falam por si, contribui na construção desse traçado, com sua reconstrução sensível do passado.

Os caminhos percorridos, sob a perspectiva de momentos relevantes da reconstrução histórica realizada por esses autores, perpassam e enlaçam o período anterior ao Congresso de Milão¹² às narrativas do período após este congresso. Em continuidade, nas trilhas de Minas Gerais a Governador Valadares em seu contexto histórico e ambientes de acolhimento às pessoas surdas, o atravessamento vai ao encontro dos ambientes regional e local. Das estradas ainda a percorrer - redes sociais e sujeitos comunicantes surdos: conquistas e transformações, o enlace histórico da legislação inclusiva nos faz perceber que o caminho a trilhar ainda demanda construções.

Desta forma, o leitor pode verificar o alcance do objetivo específico na contextualização dos aspectos relativos à inserção sociocultural, política, educacional, legal e comunicacional dos sujeitos surdos, com ênfase no nacional, regional e local.

2.1 Um caminho histórico: período antes do Congresso de Milão

Os relatos orais e escritos comunicados através dos tempos culturais sobre histórias de corpos perfeitos, ouvintes ou não, retornados pós-guerra e eternizados na imagem corporal em consideração de glórias e honras (heróis de guerra) pode ter sido adubo para os movimentos humanista e racionalista. Estes, que foram as bases da ciência moderna, com os retornados

¹² O congresso de Milão aconteceu em 1880. Reunia os intelectuais da época em um evento que teve consequências terríveis para as comunidades surdas do mundo todo. Nessa ocasião ficou demonstrado que os surdos não tinham problemas fisiológicos em relação ao aparelho fonador e emissão de voz, fato esse do qual derivou a premissa básica: os surdos não têm problemas para falar. Baseando-se nessa premissa, a comunidade científica da época impôs que as línguas de sinais, ou linguagem gestual, conforme eram conhecidas, fossem definitivamente banidas das práticas educacionais e sociais dos surdos. Adotou-se o método de oralização. (BAALBAKI, CALDAS; 2011).

pós-guerras muito disformes, possibilitaram um entendimento mais humano acerca dos sujeitos surdos, como não mais seres castigados pelos deuses ou pelo pecado cristão¹³ e sim, para a percepção de sujeitos com direitos a socialização, a educação e a integral dignidade humana.

Ao direcionar nossos olhares para o passado com relação ao ser comunicante surdo para chegar aos dias atuais, faz-se necessário levar em conta que a história destes percorreu pioneiramente os caminhos educacionais. Nesse sentido consideramos os debates entre o abade francês Charles Michel de L’Epee (1721-1789), defensor do método combinado com a utilização de sinais (linguagem mímica, mímica, comunicação gestual, linguagem sinalizada); e o pastor alemão Samuel Heinicke (1721-1790), defensor do método de desenvolvimento da linguagem oral¹⁴, como momento relevante da história educacional dos sujeitos comunicantes surdos. Cenário esse tensionado pelos momentos históricos da Reforma (defesa do acesso direto aos textos religiosos demandando habilidades de leitura e escrita) e da Contrarreforma (ideário da escola alemã, que defendia o domínio da linguagem oral).

Nas chamadas ‘terras brasis’, o Colégio Nacional Brasileiro para Surdos-Mudos foi criado em meados do século XIX, por iniciativa do surdo francês E. Huet¹⁵. Em junho de 1855, Huet apresentou ao Imperador D. Pedro II um relatório cujo conteúdo revela a intenção de fundar uma escola para surdos no Brasil e também informava sua experiência anterior como diretor de uma instituição para surdos na França, o Instituto dos Surdos-Mudos de

¹³ Sobre este assunto apontamos as memórias dos seguintes autores como relevantes e consubstanciadores dos escritos: Gilissen (1995); Altavila (1989); Maciel (2013); Reis (1992); Strobel (2018); Sacks (2010); Goldfeld (2002); Skliar (2016a e 2016b); Luz (2017); Lôbo (2008), entre outros.

¹⁴ A partir do século XVIII, Alemanha e França representaram duas grandes escolas representativas desse caminho educacional. A escola alemã representava o método oral (linguagem articulada e leitura labial) e a escola francesa o método combinado (sinais e escrita sem ênfase na linguagem articulada). No ano de 1755, L’Epee funda a primeira escola para ensino de surdos. Em seu trabalho, utilizava os sinais pelos quais os surdos se comunicavam entre si e também inventou outros, denominados de sinais metódicos, usados para o desenvolvimento da linguagem escrita. Na Alemanha, Heinicke fundou a primeira instituição para surdos, em Leipzig, no ano de 1778. Seu método de ensino era oral, embora utilizasse alguns sinais e o alfabeto digital, com o objetivo de desenvolver a fala.

¹⁵ Os dados biográficos de Huet, ainda imprecisos, registra que no ano de 1840, quando era monitor da terceira classe do Instituto dos Surdos-Mudos de Paris, organizou duas listas com a finalidade de levantar recursos para erigir um monumento em homenagem ao abade L’Epee na igreja de Saint Roch em Paris. Na lista relativa aos alunos do Instituto de Paris, organizada somente pelo primeiro nome, há dois de nome Edouard. Um doa a quantia de oito francos e o outro doa um franco. É possível que um dos dois seja Huet. Há controvérsias acerca de seu primeiro nome, em algumas descrições aparece como Ernest e em outras como Edouard. Sua assinatura não contribui para resolver a questão na medida em que sempre assina E. Huet. Quanto a sua chegada ao Brasil, os registros são contraditórios. Em dezembro de 1861, após conflitos administrativos com o Marques de Abrantes, negocia sua saída da direção da Instituição mediante o pagamento de uma indenização pelo patrimônio material do Instituto e, também, o recebimento de uma pensão anual como reconhecimento de ter sido o fundador da primeira escola para surdos no Brasil. Seu destino é incerto após deixar o Instituto. Alguns registros indicam que seis anos depois estava fundando uma instituição semelhante no México. (ROCHA, 2009).

Bourges. O governo imperial apoiou a iniciativa de Huet e indicou o Marquês de Abrantes¹⁶ para presidir uma comissão diretora com a finalidade de acompanhar de perto o processo de criação e o cotidiano administrativo da primeira escola para surdos no Brasil. (ROCHA, 2009).

Desta forma, o caminho histórico deste grupo populacional ganha contornos educacionais, na educação escolar para crianças surdas, nas primeiras décadas do Século XIX, o que fez repercutir nos primeiros momentos de organização do estado Imperial os ideários iluministas. Pode-se apontar esse enraizamento nas elites brasileiras, através do diálogo ofertado nos escritos de Solange Rocha: “[...] **Igualdade** – Os mudos podem falar: são, de certo, iguais a nós; **Liberdade** – aos surdos não falta à voz; **Fraternidade** – lidemos, a todo o instante, pelo surdo brasileiro.” (ROCHA, 2009, p. 76) (Grifo nosso).

Como um movimento de empuxo, a ideia de disseminar o acesso à escolarização, em geral, às camadas populares, contribuía para com a corroboração de um movimento de controle dos súditos do novo império. A questão de controle dos súditos, pensada e elaborada pelo Marques de Pombal, proposta com o objetivo de completa integração dos índios à sociedade portuguesa, envolvendo questões miscigenais e da língua¹⁷, nos leva a crer que com as pessoas surdas o intento ganha objetivo similar ao de controle dos súditos do novo império. Importa registrar ainda que os espaços de saberes eram adstritos ao da residência. Espaço fora do alcance do controle imperial.

Nesse sentido, após cinco anos da Independência do Brasil, em 1827, promulgaram-se a primeira e única Lei Geral sobre a Instrução Primária, preceituando obrigatoriamente que em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império, deveriam ser criadas as chamadas escolas de primeiras letras, indício do controle imperial: “Art. 4º As escolas serão de ensino mútuo nas capitais das províncias; e o serão também nas cidades, villas e logares populosos dellas, em que fór possível estabelecerem-se.” (Lei Geral sobre a Instrução Primária – 15/10/1827). Assim, a primeira Escola Normal do Brasil (1835), em Niterói,

¹⁶ Marquês de Abrantes (1796-1865) foi político brasileiro. Recebeu o cognome de "Estadista de dois Impérios", por sua atuação no Brasil e em Portugal.

¹⁷ A língua geral era hegemônica, usada por todas as camadas sociais. No domínio público resistência ocorria para com a língua portuguesa. No espaço doméstico, as índias, portuguesas e mamelucos, transmitiram por sucessivas gerações não só a língua, mas os costumes, enfim, uma cultura. Neste sentido relata -nos Sérgio Buarque de Holanda diante do fato da necessidade de se dar juramento a Álvaro Neto (Prático na língua da Terra) pelo Juiz de órfãos, no Inventário de Brás Esteves Leme, a fim de poder compreender as declarações de Luzia Esteves, filha do inventariado, “por não saber falar bem a língua portuguesa” (HOLANDA, 1976, p. 71).

Província do Rio de Janeiro, escola de ensino mútuo, adotava o método Lancasteriano.¹⁸ (INES, 2007).

É neste ambiente de ensino de primeiras letras, com método lancasteriano (um professor dando uma aula para um grupo mais homogêneo - não mais individual e em casa), com conteúdo organizado em níveis, em um espaço mais adequado, que em junho de 1855, Ernest Huet, chega ao Brasil a convite do Imperador e apresenta um relatório em língua francesa, cujo conteúdo trazia um plano de criação de um estabelecimento para surdos. O professor francês inicia, assim, um trabalho de educação de duas crianças surdas pertencentes à aristocracia brasileira. Funcionava este ensino nas dependências do Colégio de M. De Vassimon (1856), no modelo privado (INES, 2007).

Em 26 de dezembro de 1857 foi fundado o Instituto Nacional de Surdos Mudos e a primeira escola para meninos surdos, a Imperial Instituto de Surdos Mudos. Ernest Huet utilizava o método combinado. Na época, o Instituto funcionava como asilo, no qual só eram aceitas pessoas do sexo masculino que vinham de todos os lugares do país, muitas delas abandonadas pelas famílias.

2.2 Estrada percorrida: período pós Congresso de Milão

Passados 23 anos de fundação do Instituto Nacional de Surdos e Mudos, em 1880 realizou-se um congresso em Milão, com a presença de inúmeros profissionais ligados aos Institutos especializados, onde por ato diretivo estabeleceu-se que a utilização dos sinais no processo educacional dos surdos deveria ser suprimida, indicando o método oral (palavra articulada, oralização, fala, linguagem articulada, entre outras) como o mais adequado. Vitorioso este método, contando com cento e sessenta votos a favor de sua utilização e apenas quatro contra sua metodologia enraizou-se no cenário político e educacional brasileiro por mais de um século. Entre as discordâncias - método combinado, oral, mímica - os pareceres apresentados neste congresso refletiam uma mudança na mentalidade quanto à educação das pessoas surdas (isto na segunda metade do Século XIX). A ideia da caridade era substituída pela de se formar cidadãos úteis, capazes de exercer seus direitos e deveres, converter pessoas inúteis em trabalhadores (INES, 2007). As palavras registradas por Harlam Lane (1992) confirmam esta afirmação:

¹⁸ O método Lancaster, também conhecido como Ensino Mútuo ou Monitorial, teve como objetivo ensinar um maior número de alunos, usando pouco recurso, em pouco tempo e com qualidade. Foi criado por Joseph Lancaster, quaker inglês, influenciado pelo trabalho do pastor anglicano Andrew Bell. (FERREIRA, 2015).

Apesar do impacto devastador sobre crianças e adultos surdos ao longo do século, o encontro de Milão foi apenas uma breve reunião conduzida por opositores ouvintes à linguagem gestual. O congresso durou 24 horas, durante as quais três ou quatro audistas reasguraram a conveniência das suas acções perante dificuldades embaraçosas. No entanto, o encontro de Milão foi o único e o mais crítico evento na colocação das linguagens das comunidades surdas abaixo do nível; creio que é a única e a mais importante causa da limitação dos empreendimentos educativos das mulheres e dos homens modernos. (LANE, 1992, p.109).

Para compreender o impacto das resoluções determinativas e impositivas oriundas desse encontro de Milão no cotidiano das instituições dos surdos, direciono nossos pensares para o então Imperial Instituto dos Surdos-Mudos do Brasil e encontro apoio em Solange Rocha (2009), em seus dizeres:

[...] temas discutidos foram sobre as escolas, o ensino, os métodos e outras questões específicas. Esses temas também estão encobertos por narrativas que apresentam apenas alguns aspectos da discussão que envolveu o debate acerca dos métodos e a proclamação do método de ensino pela linguagem oral como o mais adequado. (ROCHA, 2009, p. 91).

Na linha de pensamento desta autora, observando com mais acuidade o item três das resoluções propostas naquele congresso, destaca-se: “Os governos devem tomar medidas para que todos os surdos recebam educação” (ROCHA, 2009, p.91). Chega-se, assim, ao conteúdo da Resolução Três, do Congresso de Milão de 1880, resolução aprovada por unanimidade, fomenta-me o pensamento que essa terceira resolução, especificamente, poderia estar a atender a um ideário educacional monolíngue, através do controle da língua nas escolas, égide de uma ótica nacionalista, onde os países não correriam o risco de terem outras línguas concorrendo com as suas¹⁹ (STROBEL, 2009).

Interessante registrar que três décadas após Congresso de Milão, o Código Civil de 1916 (Lei Nº 3.071 de 01/01/1916) que foi vigente até 2002, preceituava sob a égide titular Das Pessoas (Pessoas Naturais), em seu artigo quinto, inciso terceiro, como sendo absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil: os surdos-mudos, **que não puderem exprimir a sua vontade** (Grifo nosso) (BRASIL, 1916), reclamando desta forma legislações a regulamentar tais dizeres. Com os dizeres “[...] que não puderem exprimir a sua vontade” (Art. 5º, inciso III, CC/1916), o sistema legal brasileiro começou a indicar, em meu entendimento, um mar de possibilidades. Possibilidades que se imbricam com a questão da aplicabilidade daqueles dizeres; pois importante se faz considerar que a vigência daquele

¹⁹ A língua é um indicador construtivo da nacionalidade de um povo.

código ocorreu em um século de profundas transformações políticas, culturais, sociais e econômicas.

Nas possibilidades, na década de 1940, ao envolvimento para com o projeto nacional desenvolvimentista, cujo lema: “O surdo não é diferente de você, ajude a educá-lo”, coube ao Instituto Nacional de Surdos-Mudos, promover em todo país a alfabetização dos surdos e orientar tecnicamente esse trabalho em estabelecimentos congêneres (Decreto-lei 6.074 de 7 de dezembro de 1943).

Neste sentido, os surdos brasileiros passaram a contar com uma escola especializada para sua educação, que teve a oportunidade de criar a Libras, mistura da Língua de Sinais Francesa com os sistemas de comunicação já usados pelos surdos das mais diversas localidades. Em 1957, o nome de Imperial Instituto foi mudado para Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES). Hoje é um órgão do Ministério da Educação (MEC), conforme a Portaria nº 323, de 08 de abril de 2009 que aprovou o Regimento Interno do INES, ocupando importante centralidade como órgão federal. Promove fóruns, publicações, seminários, pesquisas e assessorias em todo o território nacional (INES, 2007). O INES também foi alcançado por essa narrativa monolíngue, instituição que abraçou acriticamente a deliberação milanesa configurando-se, portanto, em um espaço onde se consolidou um trabalho de tradição oralista por mais de um século (ROCHA, 2009).

2.3 Nas trilhas de Minas Gerais

O amálgama do preceito “A fé vem pelo ouvir” (Romanos, capítulo 10, versículo 17), acalentou Santo Agostinho (354 – 430), que ao interpretar esses dizeres, estabeleceu ser a surdez resultado dos pecados dos pais, imposto sob esta forma como castigo aos filhos, sinal da ira, como um castigo de Deus. As consequências para os surdos irradiaram na desconsideração destes serem humanos.

Somente em 25 de dezembro de 1961, a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II permitiu nos cânones da Igreja Católica a possibilidade de que os surdos católicos pudessem dela participar. Este marco é considerado como ‘divisor de águas’ para a comunidade surda, historicamente deixada à margem de todo processo existencial humano, inclusive religioso: a possibilidade de participações no campo eclesialístico.

Em 02 de março de 1921, na cidade de Juiz de Fora, no Estado de MG, nasceu o brasileiro Vicente de Paulo Penido Burnier. Oriundo de família numerosa, dos nove filhos, cinco eram surdos. Em 1951, foi ordenado sacerdote. Faleceu em 16 de julho de 2009. Ele foi

o primeiro surdo a ser consagrado padre no Brasil. Somente em 2017 ocorreu nova ordenação de outra pessoa surda ao celibatário. Esta outra pessoa surda não nascera em MG. Importa trazer ao presente estudo, a história de ambos, e como se entrelaçam.

Wilson Czaia nasceu no dia 10 de fevereiro de 1969, na cidade de Curitiba, capital do Paraná, no sul do Brasil. Tanto Czaia quanto Burnier acreditavam que a escolha por ser padre fora por vocação e também partilhavam da vontade de ajudar aos surdos católicos. Este fato permite afirmar que, a partir dessas duas ordenações, a história da desvalorização do sujeito comunicante surdo, como inferior e incapaz, começa a ganhar olhares diferentes. Os dois padres surdos, ao assumirem suas identidades surdas, com a missão de representar e ajudar os surdos, principalmente por meio da Língua de Sinais (primeira língua dos surdos), promoveram um passo inicial na criação e organização política religiosa dos surdos brasileiros, viabilizando o fortalecimento de organizações, associações específicas voltadas para este grupo populacional, com enfoque na religião e em outra área um tanto quanto inesperada, o esporte.

Pode-se afirmar que a sintonia esportiva, interesse dos surdos pelos esportes, se deve ao fato da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) estar localizada ao lado do prédio do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). Devido a esta proximidade, os estudantes do INES sempre foram convidados para disputar jogos com os estudantes da UFRJ. Historicamente sabe-se que a cidade do Rio de Janeiro foi a segunda capital do Brasil²⁰ (RAMOS, 2004). Nesse sentido a comunidade surda ali existente, desde os idos imperiais, articulou-se de forma mais politizada. Em 1930, foi fundada a Associação Brasileira de Surdos-Mudos por um grupo de ex-estudantes do INES, pioneira nesse sentido, contudo de existência efêmera. Em 1971, um grupo de surdos paulistas, presididos pelo monsenhor Vicente de Paula Penido Burnier, mineiro da cidade de Juiz de Fora, sujeito comunicante surdo, retoma a criação de uma associação aos moldes daquela existente. A partir desse evento, outras associações de surdos se estabelecerem, em diversos Estados. Em 1977, através de profissionais ouvintes ligados à causa social referente à surdez, fundaram a Federação Nacional de Educação e Integração do Deficiente Auditivo (FENEIDA) (RAMOS, 2004). Em 1987, através de uma assembleia geral, finalizaram-se com a Instituição FENEIDA e um grupo de surdos propôs a criação da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), atuante até os dias de hoje (FENEIS, 2020).

²⁰ No século XVIII a capital administrativa do Brasil, foi transferida para a cidade do Rio de Janeiro. Essa mudança pode ser entendida como uma consequência da nova realidade econômica da colônia. Século XVIII a capital do Brasil continuou no Rio de Janeiro. Em 1808 dar-se-á a chegada da família Real Portuguesa. Palco histórico territorial do item 3.1.

A estrutura organizacional da Feneis é definida a partir do foco da Comunidade Surda e da Sociedade as quais pertencem. O Sistema Feneis, especialmente através de suas administrações regionais, mantém relacionamento direto com a Comunidade Surda do país, buscando sempre e de diversas formas o contato com as partes interessadas, retroalimentando seu banco de dados. De caráter eminentemente político, a FENEIS é uma instituição não governamental, filantrópica, sem fins lucrativos, com caráter educacional, assistencial e sociocultural. A administração Regional do Estado de MG localiza-se na cidade de Belo Horizonte, capital mineira. Via de regra, os programas sociais da FENEIS objetivam a cidadania e incitam o desenvolvimento da comunidade surda (FENEIS, 2020).

Além da FENEIS, outras instituições trabalham cobrindo algumas áreas do esporte, cultura e saúde. Entre essas destacamos a Associação de Surdos de Minas Gerais (ASMG) e o Centro Verbotonal de Minas Gerais²¹, que promove a reabilitação do destino das crianças do sul por meio do bilinguismo, apoio e orientação familiar.

2.3.1 Governador Valadares, contexto e ambientes de acolhimento às pessoas surdas

Para direcionar minha atenção sobre a história de Governador Valadares e observar, mesmo que de forma embrionária sua trajetória como cidade em relação às pessoas surdas, retrocedo meu olhar para a história deste lugar. Objetivando fazer do Rio Doce um canal de ligação com um porto no mar, integrando a economia da Capitania de Minas Gerais ao mercado mundial, o desenho histórico de Governador Valadares assim começou conforme relata o historiador Espindola:

Em Minas Gerais, a contraposição entre litoral e sertão se expressou na própria composição do nome. Minas, com seu rosário de cidades interligadas por caminhos conhecidos e trafegados, em contato com o mar, foi a extensão do litoral, a transposição da metrópole para o interior, que assim se tornou centralidade. Em oposição, Gerais foi o interior, lugar sem minas de ouro, agricultura comercial, laços mercantis e sem controle do governo (ESPÍNDOLA, 2005, p. 73).

No início do século XIX o Sertão do Rio Doce, sertão ou certão, terra sem fé, lei ou rei, era um termo que distinguia as paisagens conquistadas e civilizadas das paisagens passíveis de serem descobertas, conquistadas e incorporadas. Neste tempo, em que existia o barulho da mata, das aldeias de índios, sem gado, sem cercas, “Deus pisava o chão das

²¹ A atual presidente da Asugov foi aluna do Centro Verbotonal de MG.

aldeias.” (KRENAK 1989 *apud* SOARES, 1992). O nome dado pela etnia Tupi aos outros povos indígenas que não viviam no litoral e, portanto, não pertenciam àquela etnia, era Tapuia, que significava povos que moravam no interior. Os Tapuias viviam em suas aldeias a contar seus mitos (histórias que trazem ensinamentos para o povo), que ajudaram a guardar quem era aquele povo, de onde vieram, seus antepassados, alegrias, lutas, como surgiu o fogo, a água (SOARES, 1992). As aldeias dos Tapuias beiravam o rio Watu (Rio Doce²²). O povo do Watu, os Borun, era um povo forte. Este povo foi chamado de Aimoré, Gren, Guerén, Kren e mais tarde de Botocudos²³.

[...] Quando eles foram ficando mais conhecidos, os colonizadores foram descobrindo que este povo era dividido em pequenos povos, que falavam uma mesma língua e tinham costumes semelhantes. Cada pequeno povo tinha nome próprio. A maioria deles desapareceu. (SOARES, 1992, p. 11).

Os Borun, em sua maioria, desapareceram. Desapareceram porque não se entregaram. Não renunciaram à sua liberdade. Não abriram mão de sua independência. Não se deixaram subjugar aos que, de forma injusta e feroz, os fizeram caça para civilizá-los. E, como caça, os Borun seriam transformados em um povo manso, sem rio, sem-terra, sem cultura, sem história, sem identidade.

Em 1808²⁴, a Carta Régia de 13 de maio declarava guerra ofensiva aos Botocudos e a outros povos indígenas habitantes das zonas de florestas (sertão). Esta Carta Régia dividia o território do sertão do Rio Doce em seis partes. De uma destas repartições, 6ª Divisão Militar do Rio Doce, Quartel de D. Manoel (Figueira) localizado às margens do Rio Doce, o povoamento de um aldeamento²⁵ circunscrito ao arraial de Peçanha, às margens do Rio Doce começava a surgir.

O objetivo estratégico, no entanto, não era a utilização da mão de obra indígena, mas a ocupação do território e abertura do rio Doce à navegação. A insistência em atribuir aos Botocudos a antropofagia servia para justificar a ocupação como sendo uma guerra justa, e legitimar o cativo ou extermínio determinados pela Carta Régia de 13 de maio de 1808 (ESPÍNDOLA, 2005, p. 155).

²² O rio Doce é um curso de água da Região Sudeste do Brasil, que banha os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Governador Valadares e um município pertencente ao Vale do Rio Doce.

²³ Atualmente Krenak. (Conselheiro Pena/MG).

²⁴ Foram 11 anos de guerra ofensiva, chamada ‘justa’ (de 1808 a 1819), a um dos impedimentos estabelecidos pelos profissionais de pesquisas para o governo português (1779) existentes na região do Rio Doce. Os impedimentos ao desenvolvimento eram: os índios botocudos; as febres, as cachoeiras do Rio Doce. As propostas para vencer esses problemas eram: acabar com os índios que ocupavam a região; incentivar a mineração no Rio Doce, incentivar a agricultura, incentivar o comércio. (SOARES, 1992).

²⁵ Atualmente Governador Valadares.

Estrategicamente, o objetivo da Carta Régia de 1808 não foi alcançado. As margens do Rio Doce, de certa forma, não ficaram livres da presença dos Botocudos, que foram considerados arredios. Quanto aos colonos que se dispuseram a entrar nestes territórios e que confiaram na ‘limpeza’ étnica geográfica dos botocudos por ordem legal imperial meio que às avessas e sem pretensão explícita, proporcionaram o esquecimento destes e dessa particularidade da história desse território. De ‘certa forma’, uma possibilidade da sobrevivência deste esquecimento histórico pode estar atrelada a dogmas cristãos higienizadores dos ‘sem alma’, de forma a apaziguar as ‘consciências’ dos ‘com alma’. Esse processo de invasão e conquista do Sertão do Rio Doce foi legado de um tempo dos Borun do Watu onde o Krai (o português; o colonizador; o brasileiro, o não indígena) não existia.

Na temporalidade dos Krai encontramos uma narrativa sobre a colonização deste território de Governador Valadares, centrada na memória do tempo da estrada de ferro (Vitória a Minas – 1903/1950), do ouvinte colonizador: os fazendeiros, políticos, oficiais dos quartéis militares, comerciantes, madeireiros, miqueiros, construtores, entre outros. A estes foram chamados pioneiros. Por eles (o homogeneizante colonizador) uma história do território de Governador Valadares foi desenhada em um processo linear e uniforme. Processo através do qual as pessoas pioneiras transformaram o ambiente hostil e selvagem deste lugar em um espaço em prol, segundo sua visão, do benefício do progresso e do bem comum. Os Botocudos, mestiços, pardos, negros, PCD, surdos, posseiros, garimpeiros, jagunços, aventureiros de toda sorte foram apagados da construção social do povo do Watu (Rio Doce) (ESPINDOLA, 2005).

[...] Construiu-se um espaço de referências simbólicas que, antes de ser real, foi lugar imaginário de riquezas, território onde não se podia penetrar, mas mandava-se que entrassem; onde não se podia explorar ouro, mas ordenava-se que o descobrisse; terra de índios antropófagos, mas onde não existia indício de canibalismo; campos de esmeraldas, mas onde não existia jazida e nem campo.

[...] De todas as imagens, a mais intensa e recorrente foi a do Botocudo: índios antropófagos, terror dos brancos e dos outros índios.

[...] A imagem do Botocudo foi construída com cores fortes: “terror das florestas do rio Doce”; “insaciáveis em carne humana”; “nação ferocíssima”; “última expressão dos aimorés decadentes”; “formidáveis canibais”; “traçoeiro”; “bárbaro”; “feroz”; “temível”; entre outras. A essas ameaças contrapôs-se a única alternativa considerada possível: a guerra. O termo foi utilizado tanto para indicar as medidas defensivas implementadas (guerra defensiva), como para as operações de conquista militar (guerra ofensiva) (ESPINDOLA, 2005, p.224).

O sertão do Rio Doce, no imaginário do colonizador, era uma mata que escondia riquezas minerais em ouro e pedras preciosas (montanha de esmeralda). Importa referir aqui a construção de um território que teve várias denominações, refletindo momentos específicos de sua história. De Porto Dom Manuel (Porto das Canoas) (1808) passou para Distrito do município de Peçanha (1884) tornando-se Santo Antônio de Figueiras (1884), depois Figueiras (1937) e finalmente Governador Valadares, em 1938 (ESPINDOLA, 2005; FONSECA, 1985).

Segundo o IBGE, a população estimada de Governador Valadares, em 2019, era de 279 mil e 885 habitantes, distribuídos numa extensão territorial de 2.342, 325 km² (IBGE, 2020). Os órgãos públicos municipais de Governador Valadares destinados ao atendimento das PCD são o Centro de Apoio ao Deficiente Físico Dr. Octávio Soares (CADEF) e o Centro Regional de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST). O CADEF, órgão fundado em 03 de julho de 2002, é ligado à Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais, cujo objetivo primordial é a reinserção de portadores de deficiência física na sociedade, para o exercício de seus direitos de cidadania. O CEREST, também de abrangência regional, faz parte do Sistema Único de Saúde (SUS), e sua função é atender às questões relativas à saúde dos trabalhadores previstas na Constituição Federal de 1988 e na Lei Orgânica da Saúde n. 8.080/90. É um órgão direcionado a todos os trabalhadores das áreas urbana e rural e sua finalidade é promover, proteger e recuperar a saúde dos trabalhadores; realizar nexos causais por meio de equipe multidisciplinar, permitindo desta forma, a elaboração de diagnósticos mais precisos da origem das doenças relativas ao trabalho. O CEREST realiza também vigilância em saúde do trabalhador em parcerias, na fiscalização aos ambientes de trabalho, identificando riscos futuros. O órgão foi criado em 7 de abril de 2008 (OLIVEIRA e DIAS, 2010).

A Asugov, foi fundada em 22 de julho de 1990. Em 2020 completa 29 anos de existência. É uma Instituição sem fins lucrativos de apoio sociocultural e educacional aos surdos e seus familiares. Ao longo dessa existência, a associação buscou alcançar aos objetivos propostos para si. Vinculada à Asugov, como objeto de referência desta pesquisa no ambiente digital está o Facebook da Asugov (página oficial). Esta rede possui como seguidores pessoas surdas e ouvintes.

2.4 Redes sociais e sujeitos surdos: conquistas e estradas a percorrer

De forma construtiva, penso que a caminhada histórica dos sujeitos comunicantes surdos apresenta, em uma constante, dois elementos importantes de se apontar: de um lado a

superação da desconsideração como humanos capazes que os são; de outro, a teorização e exposição do eu como sou, com suas diferenças consubstanciadoras das alteridades. Para uma breve análise, proponho percorrer a construção desses dois elementos: a) superação da desconsideração e b) exposição das diferenças consubstanciadoras das alteridades, a partir dos pilares iluministas da revolução Francesa (1789): Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

Das desconsiderações erigidas ao longo dos tempos ao agravo da igualdade para com o humano diferente; do acentuar das diferenças sociais em torno da liberdade através do pensamento liberal/capitalista, me ponho a fiar meu olhar para com a fraternidade. Esse é um pilar que ainda reclama mais capital de desenvolvimento sociocultural, pois deixa transparecer que ainda não goza de boa reputação no campo das ideias²⁶. Aparentemente, o motivo dessa não validação da importância do princípio da fraternidade neste campo foi expresso por Rocha (2009) através dos seguintes dizeres: “[...] é uma espécie de filha bastarda do Iluminismo, girando em torno do pensamento religioso e atualmente das redes sociais” (ROCHA, 2009, p. 123).

Em relação a esta discussão, é importante considerar a última encíclica papal ‘*Fratelli Tutti*’ (outubro/2020), que defende a fraternidade e a amizade social como elementos para a construção de um mundo melhor, mais justo e pacífico através de caminhos para esse alcance nas relações cotidianas, na política e nas instituições (cultura do encontro). Vale reproduzir os dizeres constantes nos itens 33 *usque* 36 da Encíclica, que convocam a um novo compromisso com a fraternidade, não limitado a palavras:

33. O mundo avançava implacavelmente para uma economia que, utilizando os progressos tecnológicos, procurava reduzir os «custos humanos»; e alguns pretendiam fazer-nos crer que era suficiente a liberdade de mercado para garantir tudo. Mas, o golpe duro e inesperado desta pandemia fora de controle obrigou, por força, a pensar nos seres humanos, em todos, mais do que nos benefícios de alguns. Hoje podemos reconhecer que «alimentamos-nos com sonhos de esplendor e grandeza, e acabamos por comer distração, fechamento e solidão; empanturramo-nos de conexões, e perdemos o gosto da fraternidade. Buscamos o resultado rápido e seguro, e encontramos-nos oprimidos pela impaciência e a ansiedade. Prisioneiros da virtualidade, perdemos o gosto e o sabor da realidade». A tribulação, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites, que a pandemia despertou, fazem ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência.

34. Se tudo está interligado, é difícil pensar que este desastre mundial não tenha a ver com a nossa maneira de encarar a realidade, pretendendo ser senhores absolutos da própria vida e de tudo o que existe. Não quero dizer

²⁶ Nesse sentido pode-se citar a guisa de exemplos, genericamente, os momentos de desarranjos na política nacional/2020.

que se trate duma espécie de castigo divino. Nem seria suficiente afirmar que o dano causado à natureza acaba por se cobrar dos nossos atropelos. É a própria realidade que geme e se rebela...Vem à mente o conhecido verso do poeta Virgílio evocando as lágrimas das coisas, das vicissitudes da história.

35. Contudo rapidamente esquecemos as lições da história, «mestra da vida». Passada a crise sanitária, a pior reação seria cair ainda mais num consumismo febril e em novas formas de autoproteção egoísta. No fim, oxalá já não existam «os outros», mas apenas um «nós». Oxalá não seja mais um grave episódio da história, cuja lição não fomos capazes de aprender. Oxalá não nos esqueçamos dos idosos que morreram por falta de respiradores, em parte como resultado de sistemas de saúde que foram sendo desmantelados ano após ano. Oxalá não seja inútil tanto sofrimento, mas tenhamos dado um salto para uma nova forma de viver e descubramos, enfim, que precisamos e somos devedores uns dos outros, para que a humanidade renasça com todos os rostos, todas as mãos e todas as vozes, livre das fronteiras que criamos.

36. Se não conseguirmos recuperar a paixão compartilhada por uma comunidade de pertença e solidariedade, à qual saibamos destinar tempo, esforço e bens, desabará ruinosamente a ilusão global que nos engana e deixará muitos à mercê da náusea e do vazio. Além disso, não se deveria ignorar, ingenuamente, que «a obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo quando poucos têm possibilidades de o manter, só poderá provocar violência e destruição recíproca». O princípio «salve-se quem puder» traduzir-se-á rapidamente no lema «todos contra todos», e isso será pior que uma pandemia. (Jorge Mario Bergoglio, Papa Franciscus, outubro 2020).

Nesse sentido, no território digital das redes sociais, especificamente na Rede Social Facebook Asugov, pretendo visualizar também se o valor fraternidade se inscreve nas relações estabelecidas entre os sujeitos comunicantes, que não mais se enquadram em uma perspectiva meramente individualista, mas na solidariedade horizontal, no interagir entre pessoas (fatos considerados bons ou não), os quais se ligam por um vínculo de subsidiariedade entre os mesmos. A este encontro existe a defesa da ideia de que o grande desafio dos Direitos Humanos, no século XXI, no mundo globalizado e virtual, seria desvincular o sentido de fraternidade dos laços de sangue para laços mais amplos e tendencialmente universais, em um reconhecimento efetivo das alteridades, das diversidades e da reciprocidade. É a própria Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) de 1948 que diz, em seu Artigo I, “que todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade” (ONU, 1948, s/p).

Nesse sentido, afirmo que essa transformação protagonizada nos ideários do pós-guerra, declarada na igualdade em dignidade e direitos, em ações fraternas racionais e conscientes, fomento estruturante da fraternidade, vem enlaçar e perpassar a história na

construção da cultura, linguagem, comunicação. A cultura dá a pessoa o controle sobre sua cumplicidade com o mundo e com outras pessoas, nas relações entre si, nos processos sociais, tornando possível a convivência e construção da inclusão social. O empobrecimento da cultura se dá devido à exclusão, onde o sujeito surdo muitas vezes aceita o que lhe é imposto sem apresentar resistência, por falta de comunicação. A história dos sujeitos comunicantes surdos vem demonstrar um trajeto de lutas e vitórias, fazendo reconhecer-se nas conquistas históricas, sociais, educacionais, legais entre outras desse grupo populacional.

Na estrada de conquistas e transformações a percorrer, recorro a Manuel Castells para permitir-me pensar que uma das facetas da problemática de poder ter-se um horizonte de reconhecimentos, em especial com o grupo populacional das pessoas surdas, circunscreve-se também ao patriarcalismo. Esta estrutura presente nas sociedades contemporâneas institui-se na imposição institucional do homem branco, ouvinte, e permeia toda a organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, da legislação e da cultura (CASTELLS, 2013b). Assim como constata-se nas palavras do autor: “[...] na história não há direcionamento predeterminado” (CASTELLS, 2013b, p. 277). Logo, acompanho a direção do seu pensamento com respeito ao ‘possível’ fim do patriarcalismo, mediante o momento de transformação em relação que o autor faz ao feminismo. Faço a correlação entre os motivos que apresenta, de transformação em relação ao feminismo e fim do patriarcalismo, com os sujeitos comunicantes surdos, no sentido da possibilidade de fim da imposição hegemônica branca ouvinte.

Em primeiro lugar, aponto a transformação da economia e do mercado de trabalho associado à abertura de oportunidades para este grupo populacional, mesmo que por imposição legal²⁷. Em segundo a transformação econômica, tecnológica e dos movimentos sociais, religiosos desde a década de 1960. Em terceiro, aponto a rápida difusão de ideias de “uma cultura globalizada, em um mundo interligado por onde pessoas e experiências passam e se misturam” (CASTELLS, 2013b, p. 172). Ainda a construir busco conforto na afirmativa do autor: “Não estamos marchando em triunfo pelas avenidas da nossa liberação e, se imaginamos que estamos, faríamos melhor se observássemos para onde esses caminhos gloriosos conduzem” (CASTELLS, 2013b, p. 277).

2.5 O caminhar da legislação inclusiva nos âmbitos internacional e nacional

²⁷ De acordo com o Ministério do Trabalho, em último levantamento em 2017, quase 80 mil pessoas surdas têm carteira assinada no Brasil, sendo o grupo de PCD com índice de empregabilidade no país. (BRASIL, 2020).

Paralelamente à história das pessoas surdas, e de forma a contrapor a existência discriminatória da sociedade em escolarizar um grupo seletivo e homogêneo de pessoas, os ouvintes, surgem em contraponto movimentos de inclusão das PCD. Considero o marco legislativo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 4.024/61, como um primeiro contraponto. Somente com a (re)democratização que estruturas e condições foram surgindo para que questões relativas às pessoas surdas e PCD tomassem o formato atualmente existente. Em 1988, com a promulgação da Constituição da República, no Brasil iniciaram-se práticas democráticas em todos os âmbitos, níveis e situações da sociedade. Pode-se afirmar que a partir de ações de concretude da democracia restabelecida, os movimentos vinculados aos interesses aos diversos grupos minoritários passaram a ocorrer, ao explícito interesse e apoio/participação de todos, a fim de tornar a(s) acessibilidade(s) e inclusão uma realidade.

Faço registrar, no Quadro a seguir, em ordem cronológica, a produção legal, realizada pelo Poder Legislativo no âmbito internacional, que abriu possibilidades para a construção de caminhos na direção do respeito aos direitos de todos. Neste desenho cronológico é possível identificar o crescente entendimento por avanços no intuito de garantir direitos iguais e inalienáveis às PCD. Considerei o século XX como fecundo e ponto de partida para as considerações analíticas sobre o caminhar legal, pois a Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma, em escala planetária, o papel dos direitos humanos na convivência coletiva, os direitos dos cidadãos. Seguida por ‘Declarações’ elaboradas em diferentes países acerca dos direitos das PCD, são preceitos que objetivam eliminar discriminações em relação a esse grupo populacional e integrá-los à sociedade.

Dentre as declarações que compõem o corpo legal internacional, faço indicar a existente desde a égide do século XX e limiar do século XXI, a Declaração de Washington, pela robustez ao incentivo a políticas públicas voltadas ao fomento da autonomia, através da educação inclusiva, comunicação, moradia acessível e disponível, transporte, cuidados com saúde, meio ambiente sem barreiras e tecnologia assistida, em todos os países. Pode-se afirmar ser o começo efetivo de consubstanciações legais sobre os direitos da pessoa com deficiência a irradiar-se no aparato legal nacional (brasileiro). O Quadro 1 destaca esse percurso histórico legislativo em âmbito global.

Quadro 1 - Produção legislativa internacional

Ano	Produção Legislativa	Ementa/Preceitos
1948	DUDH	Declaração que estabelece os direitos humanos básicos, fundamentando a dignidade inerente a todos, assim como a liberdade para todos, com deficiências ou não.
1975	Declaração dos direitos das pessoas portadoras de deficiência - Resolução/ONU* N°2.542	Declaração que promulga os direitos das pessoas com deficiência, pontuando o direito a dignidade e ao respeito enquanto ser humano.
1990	Declaração Mundial de Educação para Todos - Declaração de Jomtien	Declaração que especifica a educação básica como uma necessidade para crianças, jovens e adultos, com deficiências ou não.
1990	Declaração da reestruturação da atenção psiquiátrica na América Latina - Declaração de Caracas	Declaração que marca as reformas na atenção à saúde mental nas Américas.
1994	Declaração de Salamanca sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais	Declaração que especifica regras e padrões sobre equalização de oportunidades para PCD.
1999	Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência - Convenção da Guatemala	Documento que visa prevenir e eliminar todas as formas de discriminação contra pessoas portadoras de deficiências, propiciando plena integração destas com a sociedade.
1999	Declaração de Washington	Declaração promove normativas acerca dos direitos das PCD, incentivando políticas públicas que fomentem independência por meio da educação inclusiva, comunicação, moradia acessível, transporte, cuidados com saúde, meio ambiente sem barreiras e tecnologia assistida.
2002	Declaração Política Compromisso de Madrid - Declaração de Madri	Declaração contribui para a melhora das pessoas com deficiência, promovendo a inclusão destes na sociedade enquanto objetivo das políticas nacionais.
2006	Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência	Documento esclarece princípios norteadores abrangendo a autonomia individual, a não discriminação, a igualdade de oportunidades, o respeito, a acessibilidade, a participação e a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade.

2015	Declaração de Incheon	Declaração promove a educação inclusiva e equitativa de qualidade ao longo da vida de todos, com deficiência ou não, abrangendo período entre 2015 e 2030.
2015	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Documento relacionado a Agenda 2030 da ONU, que em seu 4º item (Educação de Qualidade) assegura a educação inclusiva, equitativa e de qualidade para todos, com deficiências ou não.

Fonte: Elaborado pela autora.

* Organização das Nações Unidas.

No âmbito da produção legislativa nacional (Quadro 1), mesmo que à primeira vista pareça ser um compêndio de documentos que regulamentam apenas a educação voltada a PCD educativas, entendo que todo o arcabouço legal visa à ampliação do processo educacional no Brasil, como processo inclusivo, representando um movimento inicial da inserção de vida em sociedade para todos.

Em 1988, foi promulgada no Brasil, a Constituição Cidadã, considerada marco democrático na trajetória dos direitos civis, políticos e sociais, pois os mesmos passaram a ser assegurados, indiscriminadamente, ‘ao menos em tese’, para todos os cidadãos. O texto representou grande avanço para a inclusão das PCD, pois garantiu inserção desse grupo populacional em todas as políticas sociais e serviços públicos além de trazer, de forma inovadora, a proteção de sua entrada no mercado de trabalho como um direito fundamental.

Sob a perspectiva da pauta mundial, a questão da inclusão começou a ganhar força a partir da Declaração de Salamanca (1994) e, com a Declaração de Washington (1999) pode-se apontar o crescente fomento por políticas públicas. Nesse sentido, o Brasil passou a desenvolver ações no sentido de criação de leis e normas, ampliando também a responsabilidade e a participação tanto do governo como da sociedade, a fim de assegurar os direitos de equiparação de oportunidades e de condições de atendimento prioritário e acessibilidade das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida nas políticas públicas urbanas.

Mudar uma realidade é um desafio, mesmo que no primeiro momento pensou-se apenas em assegurar os direitos de equiparação de oportunidades, condições de atendimento prioritário e acessibilidade das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, através de políticas públicas urbanas. A inserção das PCD em toda e qualquer sociedade deve ser de acordo com seus impedimentos, de modo que todos tenham acesso igualitário aos serviços fornecidos a partir das suas diferenças.

Passados 26 anos da Declaração de Salamanca, marco histórico legal diretivo de orientações e reflexões, cujos preceitos abordam e indicam questões inclusivas, educacionais, para o corpo legal dos países signatários, penso que avanços e desafios ainda persistem e demandam serem ultrapassados. Nesta pesquisa, a contribuição das TICs, comprovadamente por serem estratégias facilitadoras da aprendizagem, bem como dos campos comunicacionais, é questão a ser considerada. Contudo, a interface com questões legais, qualificações e encaminhamentos profissionais, trilha por caminhos os quais ainda considero dolorosos. Mesmo sendo a Constituição, cidadã, fundamentada no Princípio da Igualdade, entendo que esta se mantém à distância das pessoas surdas. Refiro-me especificamente à questão da igualdade de oportunidades, oferta de oportunidades que garantam justiça, que sejam oferecidas considerando as vulnerabilidades que atravessam as diversas pessoas em sociedade. Mais que o discurso de igualdade, talvez falte a implementação de estratégias que assegurem justiça e autonomia às pessoas em suas diferentes vivências, experiências e especificidades. Neste sentido vale dialogar com Regiane Lucas Garcêz (2008):

A categoria cidadão ganha novos contornos. Passam a caber nela não apenas grupos que reivindicam tratamento igualitário como também grupos que querem ser reconhecidos por sua diferença. Em consequência disso, surge também uma redefinição de noção de direitos, como já dito, em que importa tanto ter direitos garantidos, como ter direitos a ter direitos. Visto desse ângulo não basta garantir acesso àquilo que a lei garante, mas o esforço de agendar novas demandas que surgem de lutas específicas. (GARCÊZ, 2008, p. 33).

O Quadro 2 explora o percurso histórico legislativo em âmbito nacional, explorando os marcos legais na composição dos novos contornos da categoria cidadão no país.

Quadro 2 – Produção legislativa nacional (início)

Ano	Produção Legislativa	Ementa/Preceitos
1961	Lei Nº 4024	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)
1971	Lei Nº 5.692	Art. 9º- Os alunos com “deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes conselhos de educação”.
1988	Constituição Federal	Art. 208- III, Art.205, Art. 206 – Educação
1989	Lei Nº 7.853	Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa com Deficiência – Corde; institui a tutela jurisdicional de interesses coletivos ou difusos dessas pessoas, disciplina a atuação do Ministério Público, define crimes,

		e dá outras providências.
1990	Lei Nº 8.069	Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.
1991	Lei Nº 8.213	Lei de cotas para deficientes.
1994	PNEE	Política Nacional de Educação Especial.
1996	Lei Nº 9.394	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).
1999	Decreto Nº 3.298	Regulamenta a Lei nº 7.853/89.
2000	Lei Nº 10.048	Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
2001	Lei Nº 10.172	Estabelece um novo Plano Nacional de Educação e dá outras providências.
	Resolução CNE/CEB Nº 2	Conselho Nacional de Educação (CNE) institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (CEB)
	Decreto Nº 3.956	Promulgou a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas com Deficiência.

Quadro 2 - Produção legislativa nacional (Continuação/fim)

Ano	Produção Legislativa	Ementa/Preceitos
2002	Resolução CNE/CP Nº1	Diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.
	Lei Nº 10.436	Reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e outros recursos de expressão a ela associados.
2005	Decreto Nº 5.626	A promulgação desse Decreto foi um passo notável na história da educação dos surdos no Brasil. Inclui Libras como disciplina curricular de forma obrigatória, indicando nesse sentido estar o Brasil um passo a frente para com a visão e prática modernas de respeito, de inclusão e acessibilidade.
2006	PNEDH	Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.
2007	PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação.
	Decreto Nº 6.094	Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, pela União Federal, em regime de colaboração com Municípios, Distrito Federal e Estado, e a participação das famílias e da comunidade, mediante programas e ações de assistência técnica e financeira, visando a mobilização social pela melhoria da qualidade da educação básica.
2008	MEC/SEC ADI	Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.
	Decreto Nº 6.571	Dispõe sobre o atendimento educacional especializado (AEE) na Educação Básica
2009	Resolução Nº 4 CNE/CEB	Orientar o estabelecimento do atendimento educacional especializado (AEE) na Educação Básica.
2011	Decreto	Vinculada à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização,

	Nº 7.480	Diversidade e Inclusão (SECADI).
	Decreto Nº 7.611	Estabelece novas diretrizes para o dever do Estado com a Educação das pessoas público-alvo da educação especial
2012	Lei Nº 12.711	Lei de cotas para o ensino superior.
	Lei Nº 12.764	Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.
2014	PNE	Plano Nacional de Educação (PNE) tem como finalidade direcionar esforços e investimentos para a melhoria da qualidade da educação no país.
2015	Lei 13.146	Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.
2019	Decreto Nº 9.465	Cria a Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação, extinguindo a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI). A pasta é composta por três frentes: Diretoria de Acessibilidade, Mobilidade, Inclusão e Apoio a Pessoas com Deficiência; Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos; e Diretoria de Políticas para Modalidades Especializadas de Educação e Tradições Culturais Brasileiras.

Fonte: Elaborado pela autora.

Esta questão apresentou-se revestida da perversidade das artimanhas da exclusão, frente a declarações obtidas em entrevistas realizadas com gestores públicos e empresários, na pesquisa de campo para a dissertação no mestrado interdisciplinar Gestão Integrada do Território²⁸. A afirmativa proferida pelos entrevistados, distante encontra-se do meu entendimento de consideração da pessoa humana em sua multiplicidade de diferenças existenciais. Esta foi no sentido de que empregam pessoas surdas por cumprimento impositivo legal além de serem menos dispersivas que os ouvintes, resultando com isso um melhor índice da produtividade. A perversidade contida nessa artimanha do cumprimento legal, associada à sustentação de uma construção simbólica perversa, de exploração de um grupo específico de trabalhadores, permite pensar que na economia capitalista, a hegemonia do humano considerado normal apenas poderia interligar-se ao surdo devido a possibilidade de um melhor índice da produtividade ante a incomunicabilidade oral. Próximo a este indicativo, Skliar (1997) já destacou em seus estudos que existe forte preconceito em relação aos surdos, além dos tantos existentes em relação à questão do desenvolvimento profissional. Assim afirma: “Ser falante é também ser branco, homem, profissional, letrado, civilizado, etc. Ser surdo, portanto significa não falar, não ser profissional, não ser letrado ser surdo-mudo e não ser humano” (SKLIAR, 1997, p.260).

²⁸ Ver nota 4.

2.5.1 A produção legislativa no Município de Governador Valadares

Como ente municipal, Governador Valadares se inscreve na federação brasileira, pactua com os outros membros federativos, sendo ente federativo capaz na autonomia de produzir ações legislativas. No sistema infraconstitucional municipal, várias são as leis e os atos normativos relativos ao alcance dos direitos, de forma inclusiva, dos municípios.

Leis e atos normativos municipais são produções legislativas oriundas da chamada repartição de competências; exercício em um poder equilibrador, tripartido do pacto federativo, democrático. Na seara da competência da pessoa, legislar é competência exclusiva do Poder Legislativo Municipal (Vereadores) e de forma atípica do Poder Executivo Municipal.

Aponta-nos Joaquim Castro de Aguiar que competência legislativa nada mais é do que o poder, conferido a uma instituição, “para ditar normas jurídicas sobre determinados assuntos” (AGUIAR, 1993, p. 4). Isto significa que a autonomia legislativa municipal é a capacidade de auto legislação que um município possui conferida fundamentalmente pela redação dos incisos I e II do artigo 30 da Constituição da República. Na seara da competência material, cabe ao município legislar sobre assuntos de interesse local²⁹ e complementar à legislação federal e à estadual no que couber.

A Lei Orgânica do município de Governador Valadares traz no Título VII, ‘Da Ordem Social’, Capítulo III, Seção VII - Da Família, da Mulher, da Criança, do Adolescente, do Portador de Deficiências e do Idoso, em seu artigo 223, a atenção para com o grupo populacional em estudo.

Art. 223 – O Município assegurará condições de prevenção das deficiências físicas, sensorial e mental, com prioridade para a assistência pré-natal e à infância, e de integração social do portador de deficiência, em especial do adolescente, e a facilitação do acesso a bens e serviços coletivos, com a eliminação de preconceitos e remoção de obstáculos arquitetônicos (CMGV, 2002, pp. 88-89).

No município de Governador Valadares a produção legislativa, de leis e atos normativos, conduz a uma interpretação em direção aos sujeitos deste estudo e seus direitos,

²⁹ A expressão ‘interesse local’ deve ser entendida como o interesse ligado de forma direta e imediata à sociedade municipal e cujo atendimento não pode ficar na dependência de autoridades distantes do grupo, que não vivem os problemas locais. (MACEDO e FERRARI, 2003).

refletindo sobre um pleno e real alcance da aplicabilidade e eficácia desses direitos, tendo como produção Portarias, Decretos e Leis Ordinárias. As portarias municipais referem-se a questões pertinentes ao Conselho Municipal de Pessoa com Deficiência (CMPD). Os decretos dispõem sobre questões mais amplas (transporte coletivo, atendimento em estabelecimentos diversos). As leis ordinárias normalizam em conteúdo geral, as questões de interesse(s) local(is).

Mesmo com esses caminhos legais apresentados, uma inquietação sobre a questão existente do descompasso entre leis e sua efetivação na prática rondou meus pensamentos. Sabe-se que ter leis de acordo com o ‘Devido Processo de Lei’ (*Due process of law*) não significa que elas serão cumpridas e que se efetivarão socialmente. Vivemos uma cultura jurídica de senso comum caracterizada por ‘fazer vistas grossas’ à realidade. E não é difícil de constatar, por leitura atenta à ideia nuclear contida nos preceitos legais, a existência do injusto, em regras abstratas, muitas vezes inexecutáveis. Costumo pensar que são ‘incoerências’ legais.

Uma incoerência que pode ser apontada tanto na produção legislativa internacional, quanto na produção legislativa nacional, nas raias das questões semióticas, são preceitos legais (textos) declarativos ‘às avessas’, onde os registros sociais, históricos, culturais grafaram a desigualdade social, miséria, pobreza existente, as quais trouxeram e trazem consequências avassaladoras para a sociedade. Nessa reflexão, penso ser necessário ponderar sobre a questão desses grafados, para além deles, a questão comunicacional em relação às pessoas surdas. Somente no século XXI (2002) se reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Libras para as pessoas surdas. Ao longo dos anos antecessores, é incômodo constatar décadas de vidas com dificuldades de comunicação. Penso que as pessoas surdas foram colocadas em situação de vulnerabilidade social devido à desproteção estatal, ineficácia legal, exclusão social, uma desumanização presente na vida desses indivíduos, colocando-os em uma situação de eminente risco físico, psíquico e social³⁰ devido à diferença de não serem ouvintes.

Nesse cenário, outra ‘incoerência’, mesclada por estigmas e perversidades, pode ser alvo de reflexão sob a perspectiva legal. Refiro-me às ações governamentais, estratégias de regularização da vida de seus administrados, sob a ótica da padronização e normalização, de todos como um todo, sem diferenças. Adriana Thoma embasa esses pensamentos com suas reflexões:

³⁰ No Capítulo 6 os relatos das entrevistas dos participantes da pesquisa empírica corroboram para a constatação da afirmativa.

No cenário contemporâneo, as estratégias de governo que buscam regular a vida da população por meio de processos de regulamentação e de normalização têm como objetivo potencializar e maximizar a vida para que todos vivam mais e com mais qualidade, utilizando, para isso, o poder disciplinar – que incide sobre o corpo individual de cada um –, conectado com o biopoder – que age sobre o conjunto da população –, a fim de promover a participação de todos. Mediante estratégias biopolíticas, a atuação do poder não ocorre apenas no corpo de cada indivíduo, mas por meio de ações que visam à subjetivação e ao convencimento de que somos todos responsáveis por nós mesmos e pelos outros. (THOMA, 2016, p.4).

A meu ver e pensar, acompanhando o raciocínio da pesquisadora, as construções do caminhar das leis “funcionam como estratégias para que as identidades e a diferença surda sejam normalizadas e governadas” (THOMA, 2016, p.4). Na esteira deste raciocínio, trago ainda reflexões propostas por Thoma (THOMA, 2016), válidas de reprodução:

A educação bilíngue que tem sido proposta pelas políticas atuais no Brasil constitui-se também de ambiguidades. Por um lado, é resultado da luta pelo direito dos sujeitos surdos a uma educação em língua de sinais e em língua portuguesa; por outro, pode ser entendida como uma prática biopolítica de governo que atua sobre a população escolar surda mediante sua inclusão na escola e no mercado de trabalho, subjetivando, normalizando e conduzindo as pessoas com surdez para serem economicamente produtivas e potencialmente consumidoras. (THOMA, 2016, p.5).

Para além dessa ordem legal a qual me parece apresentar-se eivada de utopias desumanas, as pessoas surdas e suas comunidades buscaram fazer valer, através de processos de reconhecimento ético-político, a língua dos surdos por movimentos associativos. Foi nesse sentido que, “[...] por meio do movimento surdo no Brasil que ocorreu a articulação das lutas políticas das comunidades surdas” (CLAUDIO, 2016, p.40). Esta pesquisadora enriquece meu olhar ao afirmar a importância da FENEIS colaborando com a percepção do trabalho desenvolvido e articulado por este órgão com o objetivo de alcance dos direitos dos surdos (comunicacionais), bem como com o desenvolvimento de ações de educação informal e permanente, cujos fins buscavam (e buscam) valorizar o ser humano estimulando a autonomia pessoal, a interação através de contatos com expressões e diferentes modos de pensar, agir e sentir:

O maior movimento surdo no Brasil foi articulado pela FENEIS, que sempre lutou pelos direitos dos surdos no país. A Instituição conquistou o espaço educativo comunicacional, o que foi reforçado com a oficialização das LIBRAS, finalmente reconhecida nacionalmente como a primeira língua dos surdos, pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, garantindo o

fortalecimento da comunidade surda perante a sociedade. Essa lei ampliou o direito dos surdos a uma cidadania comunicativa. (CLAUDIO, 2016, p.41)

Desta forma, para além do arcabouço legal e dos questionamentos expostos, penso que o contexto digital veio a evidenciar esse espaço social da FENEIS como favorável a propiciar posturas que realçam as potencialidades das pessoas que o acessam, em especial as pessoas surdas. Essa perspectiva me leva a considerar esse espaço, através de seus usos digitais, propício para incentivar a desconstrução de estigmas, rotulações e preconceitos pois, a partir desses usos, todos são participantes sociais da mesma comunidade sob a égide de um mesmo aparato legal fluindo para além das diferenças. E, as oportunidades de comunicação oferecidas pelas tecnologias digitais permitem novas possibilidades de interagir e de aprender com muitos outros, diferentes e singulares, que se somam, compartilham e coexistem na imensa diversidade que constrói e institui a comunicação em rede, ainda que este ambiente apresente contradições, como discutirei mais à frente (FENEIS, 2020).

3 TECIDOS TEÓRICOS: COMUNICAÇÃO DIGITAL, USOS E APROPRIAÇÕES DOS SUJEITOS SURDOS E CIDADANIA COMUNICATIVA

“[...] Mas não se trata somente de reconhecer a diferença cultural do povo surdo, e sim, além disso, de perceber a cultura surda através do reconhecimento de suas diferentes identidades, suas histórias, suas subjetividades, suas línguas, valorização de suas formas de viver e de se relacionar.” (STROBEL, 2018, p. 14).

Neste Capítulo busco tecer uma ‘rede de conceitos’ com suas fontes e contribuições para possibilitar o embasamento e a compreensão do fenômeno investigado. Isto parece significar, metaforicamente, um cuidar do coração da tese; um apertar do nó górdio da questão: articular o teórico com o empírico, perpassando as fontes que consubstanciam as reflexões teóricas. Não se trata aqui de uma peça abstrata garimpada em fontes bibliográficas, mas sim um construir, como ‘filigranas de porcelana’, acionamentos teóricos, tendo como eixos as problemáticas: mediação; comunicação digital e redes, mediações e apropriações midiáticas, cultura surdas e sujeitos surdos, cidadania comunicativa, comunidade virtual. Construção esta atenta aos fenômenos que se renovam, modificam-se e conectam-se ao conhecimento empírico, tecendo a rede, alcançando o nó para significar e ressignificar o lugar do sujeito comunicante surdo na rede social Facebook Asugov, comunidade virtual moderna; aos usos e apropriações para a construção e exercício da cidadania comunicativa. Neste segmento apresento a sistematização desta rede conceitual, suas interfaces e entrelaçamentos. Para, assim, imergir na identificação dos aspectos marcantes relativos às culturas dos sujeitos comunicantes surdos, abrangendo as suas trajetórias comunicacionais e midiáticas. Havendo, portanto, a possibilidade para observar e analisar as atividades desenvolvidas na Asugov, assim como a participação dos sujeitos surdos nos processos comunicacionais da associação.

3.1 Pensando a mediação

De partida, penso que uma primeira reflexão que me auxilia é a proposta por Armand Mattelart (1994) realizada na obra *A invenção da comunicação*. Nesta obra, o autor busca traçar a história da palavra comunicação em usos numerosos, realidades multiformes, utopias da comunicação social, pensamentos estratégicos, geopolíticos, psicologia das multidões e dos indivíduos, marketing e cultura de massas.

Mattelart (2002) apresenta a ideia de que uma sociedade regida pela informação é inspirada pela mística do número, e, neste viés matemático, indica que na sociedade ocidental as necessidades de informação são provenientes das relações comerciais (capitalismo) sendo que as mesmas se tornaram vitais para as relações estabelecidas por essa ordem econômica. Ao lado da ordem econômica, o rápido desenvolvimento de tecnologias de comunicação, principalmente com a popularização das mídias digitais, suscitou reflexões sobre a ordem comunicacional que se estabelecia na chamada midiatização (ordem de mediações socialmente realizadas), com força significativa e que dava origem a uma nova consciência e ordem cultural (MORAES, 2006).

Para colaborar com a reflexão sobre a midiatização, trago ao diálogo Eliseo Véron (2014, p. 14) que entende que “[...] midiatização é, linguisticamente falando, um substantivo que dá nome a um processo, as entidades consideradas como sujeitas a tal processo são, na maioria dos casos, as sociedades em si ou subsistemas particulares delas”. Ainda sob a perspectiva desse diálogo, Véron alerta sobre o corte temporal, histórico, estar sob o escrutínio da modernidade e podendo estar, em alguns casos, na chamada modernidade tardia. Mesmo não sendo a midiatização um processo universal, característico de todas as sociedades humanas (passado e presente), ela é resultante da capacidade de semiose humana sob diferentes formas, começando na Idade da Pedra.

A partir do ponto de vista semiótico, a comunicação deste período é entendida como “sistemas-significos secundários (comparados com os sistemas-significos como a linguagem)” (VÉRON, 2014, p. 14-15). Recorro aqui ao exemplo clássico exposto por Claude Lévi-Strauss (1973) sob a percepção de uma flecha com ponta de pedra (comportamento técnico de fabricação, uso como instrumento para obter comida) para indicar as origens da linguagem levando em conta processos semióticos implicados nas exteriorizações visuais icônicas e nas sequências indiciais das operações técnicas de produção de instrumentos. Em ambos, os processos são precedentes e qualitativamente diferentes ao surgimento da linguagem oral.

Em continuidade ao olhar histórico, observo as condições que foram dadas para iniciar a história da midiatização (ascensão da escrita, pergaminhos, códigos, livros, imprensa, panfletos, jornais, telefonia, imagens: cinema, tevê, etc.), implicando no conceito midiatização como “apenas um nome para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos institucionalizados nas sociedades humanas e suas múltiplas consequências” (VÉRON, 2014, p. 15).

Maldonado (2019) nos ajuda a pensar a midiatização como um processo histórico singular que se instaura de forma expansiva e intensa no século XX. Esta expansividade

intensa foi consequência de uma necessidade sistêmica das formações sociais capitalistas hegemônicas. Estas formações estruturaram-se através da informatização de seus modelos financeiros, industriais, comerciais, econômicos, religioso, bem como de suas novas reconfigurações culturais e sociais:

A midiatização, estruturada pelos processos históricos/econômicos/políticos, gerou formas de vida social e culturas específicas, que constituíram modelos, nos quais o campo midiático tem um lugar estratégico na configuração das sociedades contemporâneas. O midiático possui características que lhe permitem atravessar todos os outros campos, e condicioná-los e adequá-los às formas expressivas e representativas da mídia. Nesse sentido, são demonstrativos dos processos de midiatização os campos político, econômico, religioso, cultural e social. Não é possível pensar adequadamente a contemporaneidade política sem incluir, nas suas problematizações, as estratégias de informação/comunicação das redes midiáticas. Não é admissível raciocinar sobre o funcionamento das bolsas de valores, dos mercados, das finanças, do comércio, sem vinculá-los aos sistemas de informação e comunicação, que estão estreitamente vinculados, e misturados, com os seus afazeres particulares. (MALDONADO, 2019, p. 193).

Seguindo as reflexões de Véron (2014) e Maldonado (2019) entrelaço a midiatização, como um processo ‘de longo prazo’, o qual compreendo desde a perspectiva antropológica, característico de todas as sociedades humanas (as de ontem e as de hoje), como “[...] um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose” (VERÓN, 2014, p. 14). Sobre essa capacidade de semiose, que se expressa na produção dos chamados fenômenos midiáticos, os quais consistem na exteriorização dos processos mentais em dispositivos materiais, aponto a construção de um começo de raciocínio na tarefa de pensar este fenômeno como contexto constitutivo dos processos comunicacionais digitais investigados dos sujeitos comunicantes surdos.

Neste sentido, compartilhando com Maldonado (2019), entendo que o processo de expansão das mídias e sua penetração societal leva à constituição de um *bios* midiático, um sistema de objetos técnicos que penetra na vida cotidiana e alcança os sujeitos, constituindo suas percepções, cognições sensibilidades e emoções.

Esses ambientes, abundantemente constituídos por sistemas de objetos técnicos, estabelecem um *biosmidiático* que configura elementos perceptivos, sensitivos, cognitivos e emotivos, que tem a marca das *matrizes técnicas, culturais e estruturais* das mídias. Elas geram um campo de efeitos simbólicos que têm a ver com as lógicas da serialidade, penetralidade,

linearidade, sequencialidade, persuasão, matrizidade, lucidez, instantaneidade, entretenimento e redundância (MALDONADO, 2019, p. 194).

Se voltarmos nossos olhares para as sociedades primitivas e chegarmos até as atuais, veremos que os seres humanos estabeleceram relações por meio de trocas de informações com conteúdos simbólicos, representativos dessas informações. Considerando a invenção da máquina de impressão tipográfica de Gutenberg (Século XV) como um marco inicial para a reprodução de conteúdos informativos em larga escala, pode-se afirmar que, através daquelas novas técnicas, mudanças ocorreram nas formas do intercâmbio social. A oralidade dos textos comunicacionais passou à esfera do registro escrito, introduzindo a disponibilidade de acesso (mesmo que ainda reduzido àquela época), de informações, de conteúdos simbólicos representativos dessas informações. Na sociedade midiaticizada, temos a inserção da tecnologia nos diversos campos/habitats/bios sociais. A sociedade em processo de midiaticização conta com uma gama de tecnologias, sistemas de objetos técnicos que permitem, através do uso, suprir necessidades de informação, comunicação e interação social. É caracterizada pela interatividade e multimídia (PÉRSIGO; FOSSÁ, 2010).

Martín-Barbero (2015) também colabora ao refletir que essas mudanças, fluxos e complexidades configurados pelos meios geram novas formas de percepção, linguagens, sensibilidades e escrituras. Dito de outra maneira constituem-se processos complexos de produção de sentido social; produções estas não mais limitadas ao espaço-temporalmente. Também Silverstone (2002), ao refletir sobre mídias, destaca que elas são um elemento na constante mastigação da cultura cotidiana. É impossível escapar à presença, às suas representações; seja nas dimensões social, cultural, política e econômica, elas são onipresentes e contribuem para constituir nossa capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar significados. A percepção do porquê estudar a mídia, da preocupação com a mídia, pela mídia, para Silverstone tem a ver com a relevância que adquire na configuração social. Neste sentido, o autor afirma ser a vida vivida no tempo e finita; contudo, o espaço no qual se insere admite múltiplas dimensões. Esta percepção de múltiplas dimensões Silverstone (2002) concebe midiaticização, auxiliado por Manuel Castells, como: “nada mais que tempo simultâneo”, “espaço de fluxos”. Contudo, sua concepção difere do entendimento de espaços de fluxos proposto por Manuel Castells, quando afirma que considera o compartilhar um implicar em movimentos pelos diferentes espaços midiáticos, para dentro e fora do espaço da mídia (SILVERSTONE, 2002).

Torna-se pertinente, ainda, em diálogo com Verón, pensar a midiaticização como um processo não linear. Neste sentido, o autor nos apresenta três observações da não linearidade deste processo: primeira, o crescimento de um meio (ou vários) operando através de um novo dispositivo técnico-comunicacional (produção de efeitos radiais, em todas as direções); segunda, o caráter radial e transversal dos efeitos produzidos pelos fenômenos midiáticos é resultado de sua natureza sistêmica, implicando uma enorme rede de relações, de retroalimentação; e terceira, a aceleração do tempo histórico (VERÓN, 2014, p. 16).

Com base nesse autor, as tecnologias digitais (comunicação digital) nos parecem criar um conflito aparente no descompasso existente entre vida e tecnologia, confirmando a aceleração do tempo histórico, objetivando a sensação de uma ‘história do tempo passando’ (BARBOSA; 2017). Um tempo que não mais é o tempo do dia e da noite. Um tempo midiático onde as reconfigurações da sociedade, a partir das mídias sociais e suas infraestruturas, mídia como processo de algoritmos, mudam e transformam a maneira como nos comunicamos, inter-relacionadas às reconfigurações na cultura e na sociedade (HEPP 2020 *apud* DIGILABOUR, 2020).

Hepp (2020 *apud* DIGILABOUR, 2020) define esse cenário, com o uso da terminologia midiaticização profunda. Em sua visão, essa é “um estágio avançado de um processo no qual todos os elementos do nosso mundo social são intrinsecamente relacionados às mídias digitais e suas infraestruturas subjacentes” (HEPP *apud* DIGILABOUR, 2020, p.2). Dito de maneira mais didática, a chamada midiaticização profunda seria o estabelecimento de conexões entre áreas diversas, como o que atualmente ocorre através dos algoritmos, na sociedade contemporânea. Nessa linha de pensamento, Sonia Montano (2015) argumenta que:

A contemporânea é uma cultura que multiplica dispositivos de comunicação e produção, circulação e exibição de mensagens e de imagens. Principalmente dispositivos que permitam conexão a internet com a possibilidade de mobilidade para o usuário. Por isso, os dispositivos são cada vez mais leves e com transferências de dados cada vez mais potentes. (MONTANO, 2015, p. 238).

No entender de Hepp (2020 *apud* DIGILABOUR, 2020), estamos ‘acostumados a pensar a mídia como se fosse estática’. Basta olharmos a história desses meios que veremos os mesmos em um estado de constante mudança. Constantes mudanças, mutabilidades, transmutabilidades, midiaticização profunda, pensada esta de forma contínua a intensificar a natureza dos processos midiáticos.

Concebo a midiatização como um fenômeno complexo, propulsor de mudanças culturais e sociais que atravessam – ainda que diversamente – a existência e as culturas dos sujeitos comunicantes surdos e seus usos e as apropriações digitais. E pensar estes usos demanda uma abordagem sobre a atual fase de digitalização, tarefa a qual me dedico no próximo item.

3.2 Comunicação digital e redes

A constante mudança nas mídias e a contínua intensificação da natureza dos processos comunicacionais me leva a pensar os processos de comunicação digital como constituintes de uma nova estruturação social, a sociedade em rede.

O nosso mundo está em processo de transformação estrutural há duas décadas. É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60 e que se difundiram de forma desigual por todo o mundo (CASTELLS, 2005, p. 17).

Neste sentido os meios tecnológicos reconfiguram mais diversos setores da sociedade: comércio, política, serviços, entretenimento, informação, relacionamentos entendo-os como modificadores dos modelos de sociabilidade. Desta forma, entendo que essas novas tecnologias de comunicação e informação não são simplesmente ferramentas e que elas particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia, através dos processos comunicacionais desenvolvidos nas formações sociais.

Sob a égide desta nova sociedade, a internet arranja e (re)arranja pessoas, grupos que, através de conexões, desenvolvem interações e laços relacionais. Pode-se afirmar que foi por meio destes arranjos e rearranjos que aflorou as mídias sociais, que se articulam numa série de dinâmicas, promovendo uma nova configuração de interação social. Uma ambientação que é mediada por novas configurações espaço-temporais, que favorece um ambiente de fluxo comunicacional tido como redes sociais.

Essa outra maneira de comunicar e interagir acarretou, também, alterações nas capacidades dos sujeitos comunicantes, incluindo os surdos. São percebidas alterações nos modos de controlar aspectos da situação social, da produção de comunicação verbal e não verbal, dos recursos acessórios, bem como para a redefinição dos limites territoriais na interação realizada na rede.

Em articulação com Castells (2005), as redes de comunicação digital são pensadas a coluna vertebral da sociedade em rede, da mesma forma que a sociedade industrial tinha como coluna vertebral as redes energéticas. A sociedade em rede se manifesta sob diversas formas, em conformidade às culturas, às instituições e trajetórias históricas e territoriais. É neste contorno de manifestações sob formas de redes, redes globais, que a lógica dessas redes (midiáticas) “chega a países de todo planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia” (CASTELLS, 2005, p. 18).

Seguindo esta lógica, que se difunde por todo mundo, percebo que sociedade em rede não inclui todas as pessoas; embora pessoas sejam atingidas pela sua lógica, pelas relações de poder que as fazem interagir, revestindo os exercentes daquele poder com uma espécie de blindagem. Assim, com o crescimento da comunicação em rede, grupos e movimentos sociais podem ocupar lugar nas redes globais de organizações sociais, construindo no ciberespaço espaços de comunicação plurais, exercendo também poder comunicacional.

Castells (2005) registra que, estas relações em rede, não acarretaram o desaparecimento da interação ‘face a face’, ou um acréscimo do isolamento das pessoas em frente às TICs. Ocorreu e ocorre que os sujeitos comunicantes, surdos e ouvintes, desenvolvem outras configurações de sua sociabilidade, com possibilidade de ter mais amigos e contatos, ser social e politicamente mais ativos do que os não inseridos na rede. Em outros termos, a sociabilidade em rede pode estimular a construção da cidadania comunicativa como debatarei teoricamente mais adiante. Neste contexto, entendo cidadania como arcabouço de civilidades/sociabilidades que, entre outros aspectos, requer a informação como construto do conhecimento, base das relações, da vida econômica, política e social.

Nesse diálogo, é importante considerar o que Castells compreende como a emergência do individualismo como cultura hegemônica nos tempos sociedade em rede.

Contudo, existe uma enorme mudança na sociabilidade, que não é uma consequência da Internet ou das novas tecnologias de comunicação, mas uma mudança que é totalmente suportada pela lógica própria das redes de comunicação. É a emergência do individualismo em rede (enquanto a estrutura social e a evolução histórica induzem a emergência do individualismo como cultura dominante das nossas sociedades) e as novas tecnologias de comunicação adaptam-se perfeitamente na forma de construir sociabilidades em redes de comunicação auto-selectivas, ligadas ou desligadas dependendo das necessidades ou disposições de cada indivíduo. Então, a sociedade em rede é a sociedade de indivíduos em rede (CASTELLS, 2005, p. 23).

Considerando como dimensão primordial da sociedade em rede os usos e apropriações da comunicação digital, reflito que esta é constitutiva do espaço público contemporâneo, dos conhecimentos a ser edificados através de informações postadas em rede, a construir os pontos de vista dos sujeitos comunicantes, surdos e ouvintes. Dito de outra forma, os sistemas de comunicação mediados criam relacionamentos entre instituições e organizações da sociedade. Essa estrutura dinâmica da comunicação social, conexão e desconexão, em diferentes contextos, leva a resultante que a cultura da sociedade em rede é estruturada pela troca de mensagens sob modos de comunicação diferentes; uma refundação da realidade através de novas formas de comunicação socializável (CASTELLS, 2005).

Uma refundação da realidade em detrimento das sociabilidades, Castells (2005) assim acaba por apontar as transformações que vêm ocorrendo nas instituições políticas em rede. Isso se relaciona com a globalização, ou seja, com a formação de uma rede de redes globais que ligam de forma seletiva todas as dimensões funcionais da sociedade. Neste sentido, o pesquisador argumenta que o Estado gestor (Nacional) da sociedade em rede enfrenta dificuldades, vindo ser comprometida a função tripartite³¹ da democracia, por razões não funcionais, apenas para afetar assuntos relacionados à prática governamental e uso midiático (político) em desfavor das civilidades, como o caso recente das migrações venezuelanas. Estas tensões entre o global e o local, argumenta que “Não é o resultado das mudanças tecnológicas, mas a resposta à contradição estrutural entre o sistema global e o Estado nacional” (CASTELLS, 2005, p.26) isto é, globalização é a forma que toma a difusão da sociedade em rede e as novas tecnologias de comunicação, infraestrutura necessária ao processo de globalização, auxiliando a operacionalização, a um complexo e performático estado em rede. É um tempo de transição: estado-nação para um estado em rede. Nesse sentido penso que o ponto chave para a realização de projetos individuais e coletivos, expressos nas necessidades sociais e pelos valores, politicamente falando, precisa questionar o proceder nessas novas condições estruturais.

Ainda em relação a esse renovado tempo, observo que o contexto histórico em processo de digitalização traz aos debates uma questão que se coloca como base dos processos de mudança social e traz à tona um novo tipo de identidade. Identidade fundada em valores, flexível e capaz de se adaptar às mudanças nos modelos culturais, mantendo-se autônoma, mas envolvida com a sociedade que a rodeia.

³¹ Divisão dos Poderes, sistema de freios e contra pesos (*Check and balance*).

Há que se levar em conta que nos tempos atuais o ser humano inovador e produtivo, em plena crise do patriarcalismo e da família tradicional, requer reinventar-se socialmente, economicamente sob o leque pedagógico da aprendizagem em seus diversos campos. Castells (2005) não se refere a qualquer tipo de educação ou qualquer tipo de política e sim em uma educação baseada em um modelo de aprender a aprender, estimulando a criatividade e a inovação com objetivo de aplicar esta capacidade aos domínios da vida social e profissional, sob o manto transformador das sociabilidades. E sob esta perspectiva podemos conectar esta discussão às preocupações de Paulo Freire (2000), em relação à formação da consciência sobre quem o sujeito é no meio em que ele vive.

Compartilhando da ideia de estarmos vivendo um momento de transição estado-nação para um estado em rede, pensar sistemas de comunicação midiaticizada, relacionamentos entre instituições e organizações da sociedade, surgimento de pessoas em conjunto (não mais indivíduos) me faz dialogar também com Peruzzo (2018) acerca de possibilidades de apropriações do ciberespaço por coletivos e movimentos sociais. Neste contexto das apropriações, as propostas da autora permitem pensar possibilidades que a comunicação digital abre para o exercício da comunicação cidadã. Contudo, nos dias atuais, o que podemos perceber também é que vem aumentando os desfavores às civilidades nos campos midiáticos, distanciando-se a passos largos da comunicação cívica e comprometida com a justiça.

Neste sentido acompanhamos as reflexões realizadas por Peruzzo (2018), sobre as percepções que têm se formado sobre o poder da técnica e da tecnologia nas sociedades. Os discursos desenvolvidos sobre estes fenômenos versam acerca da importância da internet para sujeitos, para os coletivos e movimentos sociais. Pensamos que a tecnologia não deve ser vista como uma panaceia e nem tampouco como a varinha de condão de resolução dos males da humanidade. Nesta via, os estudos sobre os usos das redes por coletivos e ‘movimentos sociais’ demonstram a importância das mídias e redes sociais digitais, principalmente sob o olhar das apropriações das tecnologias pelos próprios movimentos. E sob este olhar, Peruzzo (2018) busca discernir as potencialidades e a importância do papel das mídias digitais para os ‘movimentos sociais’ e para grupos na constituição de sociabilidades em redes.

Peruzzo questiona as visões celebrativas do potencial da tecnologia: “Na visão otimista observa-se certo exagero na celebração do potencial e do poder emancipador da tecnologia” (PERUZZO, 2018, p. 79). É necessário considerar os limites e contradições da digitalização, como por exemplo, o poder das corporações e o controle existente e imposto por algoritmos em um espaço que se diz democrático, libertário. Nessa concepção se admite a

importância e o poder das mídias e redes sociais digitais, sem imputar-lhes caráter fetichista, defendendo a

[...] apropriação dos espaços na internet, dos sites às mídias e das redes sociais on-line em todas as suas potencialidades, formas de marcar presença no mundo, dar visibilidade a posicionamentos políticos críticos e reivindicações, promover articulações, apropriar-se das facilidades comunicativas, além de proporcionar ou favorecer os relacionamentos sociais em diferentes escalas (PERUZZO, 2018, p. 80-81).

Peruzzo (2018) busca outra perspectiva sobre o potencial emancipador da tecnologia que evite dicotomias. A perspectiva considera os limites de acesso, da desigualdade existente entre os segmentos populacionais para com o acesso à internet e dos que nem sequer conseguem usufruir das tecnologias. Basicamente a questão que envolve essa perspectiva é que a mesma corrobora para a relativização da importância da internet em decorrência de sua apropriação, em muitos casos ainda limitada ou inacessível.

Seguindo Peruzzo (2018), reconheço possibilidades e contradições em relação à comunicação digital. Como possibilidades temos, entre outras, novas formas de comunicação entre pessoas; o acesso a serviços de informação pública; o acesso ao conhecimento; a formação de comunidades e redes; a realização de negócios entre outros. Mesmo assim, penso que existe uma tendência a criar um imaginário acerca do fenômeno midiático que simplifica ou superdimensiona o papel das novas tecnologias como se não houvesse vida fora da conexão em rede entre grupos e movimentos sociais. Tendência à parte, entendo que a vida não se limita ao que ocorre no âmbito da conexão em rede, visto que ela é mais complexa quando se trata da interação na realidade do cotidiano.

Peruzzo (2018) aponta três (03) controvérsias relativas à concepção do papel das mídias em relação aos movimentos sociais modernos. As controvérsias expostas pela autora não querem dizer que a mesma não reconheça nas tecnologias fator importante de mobilização. Crítica sim, visões ufanistas e parciais sobre o papel das mídias para com as mobilizações sociais.

A importância das mídias e redes sociais digitais, dos dispositivos móveis e dos aplicativos enquanto ambiente de difusão, interação, articulação e demais aspectos que lhes são inerentes é indiscutível. A título de exemplo, é o que se pode observar no movimento de ocupação das escolas pelos estudantes secundaristas. O perfil Facebook foi importante espaço de comunicação com a sociedade, com as famílias e com outras escolas ocupadas, mas a dinâmica presencial foi o cerne do movimento (PERUZZO, 2018, p. 83).

A primeira controvérsia exposta pela autora aponta a atribuição das ocorrências das grandes manifestações públicas às mídias e redes sociais digitais, ao poder da tecnologia. As novas tecnologias, argumenta, não são fatores exclusivos para as ocorrências das manifestações populares públicas. As causas vêm de outros lugares: insatisfações, realidades díspares, contraposições e conflitos de classes, interesses diversos em jogo, etc. As mídias e redes sociais digitais são ambientes de interação e articulação. Contribuem na mobilização, contudo não são a causa de origem (PERUZZO, 2018).

A segunda controvérsia diz respeito ao sentido libertário atribuído à internet, principalmente as mídias e as redes sociais digitais. Não se duvida que a internet é importante para as pessoas, para os coletivos, movimentos sociais e grandes manifestações públicas e ou protestos. Ela é palco da liberdade de comunicação, de compartilhamentos de conteúdos e de participação civil (lugar de exposição de reivindicações) e cívica (campo de luta social para o bem comum). Contudo, esta chamada liberdade é monitorada, controlada, impedida ou usada de forma antiética, anticívica. (PERUZZO, 2018).

A terceira controvérsia reside na manifestação pública sem líder, acéfala. Deve-se observar que, as grandes manifestações e protestos de ampla magnitude se constituem no seio de processos dialéticos. Nas redes o processo não é controlável. Perfis falsos existem. Robôs manipulam dados a serviço de determinados grupos. Em consequência, torna-se temeroso considerar as tecnologias digitais como fator determinante da existência de coletivos e movimentos sociais. (PERUZZO, 2018).

Para, além disso, não se pode desconsiderar que os espaços criados na internet podem funcionar como importantes fóruns, lugares de participação, apesar das controvérsias, distorções, participações individualizadas ao exercício da autonomia do indivíduo. São espaços de diferentes matizes, assim como a sociedade o é, multifacetária e permeada de conflitos ideológicos e políticos. As redes sociais, espaços de diferentes matizes, podem também ser importantes fóruns de mobilização, articulação, troca de conhecimentos, compartilhamento de conteúdos e coordenação de ações, cerne da expressão comunicativa “como via de oportunização da conquista e do acesso à cidadania”. (SAGGIN, 2020).

Estas contribuições permitem pensar o cenário digital da Asugov, que interessa a esta pesquisa, como espaço que pode conter possibilidades para a construção da cidadania comunicativa dos sujeitos comunicantes surdos, mas que também é atravessado por contradições que a pesquisa empírica deve ajudar a discernir.

3.3 Mediações e apropriações midiáticas

No entender de Silverstone (2002), o ser humano é um ser vivente em uma sociedade midiaticizada, que faz uso das mídias de forma peculiar, ora comuns, ora individuais. As mediações (práticas comunicacionais) realizadas passam a compor o cenário midiaticizado (interações), construindo e polemizando as relações, desencadeando novos parâmetros de sociabilidade, impactando todo o processo comunicacional. Nessas interações em que o ser humano discute política, expõe suas ideias, valores, tendo os dispositivos tecnológicos como ‘meio’, Silverstone reforça nosso diálogo ao dizer “[...] é necessário perceber que a mídia se estende para além do ponto de contato entre os textos midiáticos e seus leitores ou espectadores”, para além em uma circulação de sentidos. (SILVERSTONE, 2002, p. 33).

Jesús Martín-Barbero (2015) também pontua a ideia de que mediação é circulação de sentidos, pois entre as instâncias comunicantes (emissor e receptor) há espaços para mediações de ordens sociais, institucionais, políticas e culturais. Contudo este autor apresenta como ponto crucial, a circulação cultural, que passa a protagonizar a comunicação.

Ainda em diálogo com Maldonado (2002), podemos pensar que os contextos socioculturais contemporâneos estão culturalmente em miscigenação e em contradições contínuas, apresentando fluxos dinâmicos orientados para as mídias e recebidos das mídias. Esses fluxos dinâmicos e as produções de sentido que aí se realizam, atravessados pelas mídias, por diversas mediações socioculturais, conjunturais, circunstanciais, situacionais, interacionais, temporais, (tecn)estratégicas, sociais, políticas, institucionais, religiosas, econômicas, entre outras; reforçam a ‘quase’ impossibilidade de escapar-se da presença da mídia. Pois essas se articulam no cotidiano, no espaço estratégico de realização midiática. (MALDONADO, 2002).

Nesse sentido, retomo a teoria das Mediações, construído de Jesús Martín-Barbero, pois essa designa um conjunto de constatações que, impulsiona o olhar das análises comunicacionais “dos meios para as articulações entre práticas de comunicação e os movimentos da sociedade”, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade das matrizes culturais. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 258). Neste contorno, Martín-Barbero argumenta que as lógicas dos usos não se esgotam nas diferenças entre classes sociais, e que essas diferenças articulam outras lógicas.

Nessas lógicas articuladas busco observar que os usos expressam também as competências culturais que atravessam as classes vinculadas às etnias, às culturas regionais, de gênero, geracionais, entre outras. Desse modo, os usos são inseparáveis da situação

sociocultural dos comunicantes. (SCHMITZ, 2015). Seguindo esta perspectiva, na empiria, busquei analisar os processos comunicacionais dos sujeitos comunicantes surdos considerando aspectos vinculados às suas relações socioculturais. Em sendo os usos inseparáveis dessa condição relacional, mediações podem assim serem entendidas como os lugares que configuram os processos de recepção e de produção de sentidos, como espaço de articulação entre práticas comunicacionais, na rede social Facebook Asugov.

Necessário se faz considerar a heterogeneidade daquele público: sujeitos comunicantes surdos asugovianos, sua cultura, seus conhecimentos, suas necessidades específicas. Michel de Certeau (2008) corrobora essa construção no sentido de que se deve focar as processualidades do consumo sob a perspectiva das ações dos sujeitos em relação ao que é consumido, tomando para si (o sujeito) algo a partir de referências próprias pensadas como apropriações. A reflexão foi apresentada aos nossos pensamentos através da oferta proposta por Montano (2015) a enriquecer o proposto por Certeau:

As análises de Certeau sobre a vida cotidiana partiam de uma hipótese central: é erro supor que o consumo das ideias, valores e produtos pelos anônimos sujeitos do cotidiano é uma prática passiva, uniforme, feita de puro conformismo às imposições do mercado e dos poderes sociais. No consumo dos bens culturais e materiais, existem sempre apropriações e ressignificações imprevisíveis, incontroláveis, modificadoras de pretensões previstas na origem, no planejamento e na idealização das coisas (MONTANO, 2015, p. 167).

No tomar para si, apropriar-se, reside à ideia de reelaboração, modificação que se inscreve nas maneiras de fazer, consubstanciação da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2015; SCHMITZ, 2015). Ao buscar analisar e compreender ‘os diálogos’ relativos aos posts realizados no Facebook Asugov como mediações, busco alinhar essas análises e compreensões, tanto aos ensinamentos de Silverstone quanto ao de Jesús Martín-Barbero porque os sentidos produzidos circulam com as intervenções colocando em jogo mediações. Santi (2013) também contribui à nossa argumentação quando pensa a

[...] cultura enquanto conjunto de sentidos em negociação expressos no cotidiano e materializada como espaço privilegiado de transformação do social. Nela a dimensão do cotidiano é instituída como espaço essencial de problematização, o que permite melhor prestar atenção aos distintos modos de ver, sentir, agir e consumir. (SANTI, 2013, p. 61).

Como espaço privilegiado de transformação do social, pensando as negociações cotidianas estabelecidas pelos sujeitos comunicantes (surdos e ouvintes), nas interações do dia

a dia em rede, nas práticas de resistências, a sociabilidade vem se oferecendo como liga, fermento à recepção. Neste sentido, compreendo também a mediação como um processo de sociabilidades constitutivo de apropriações midiáticas.

Hoje, mais do que nunca, essa função mediadora é realizada em sintonia com o que é próprio do comunicacional e dos seus aparatos. Em nossa leitura, há, contidos nas diferentes formas de socialidade (agora passíveis de análise), os insumos que ajudam a explicar como os sujeitos enfrentam a heterogeneidade simbólica e a destotalização do social típicas da realidade atual. Pois é conforme os preceitos dessa Mediação (a partir das novas maneiras de se juntar e excluir; de desconhecer e reconhecer) que adquire consistência social e relevância cognitiva aquilo que atravessa o comunicativo, o cultural e o tecnológico. (SANTI, 2013, p. 34).

Estas compreensões me permitem pensar as interações e postagens realizadas no Facebook Asugov, como um processo marcado por ‘usos e apropriações’, dentro do contexto cultural no qual se forma e transforma, no contexto do coletivo asugoviano: “cada vez mais da produção de sentidos nos processos de configuração das temporalidades, do ambiente, da moradia, dos modos de fazer e de viver, de conviver e de representar a realidade”. (LACERDA, 2008, p. 65).

Sem deixar-me cair em um reducionismo ou deslumbramento com as lógicas do mercado, o termo ‘usos e apropriações’ deve ser afastado da condição utilitária das coisas, dos bens. Este se configura nas interações midiáticas como possibilidade de rediscussão das contribuições oriundas do campo das mediações proposta por Jesús Martín-Barbero (2006). ‘Usos e apropriações’ são nesta perspectiva, constituídos por práticas comunicacionais em diferentes temporalidades, por diferentes matrizes culturais, e pelas racionalidades tecnológicas. O pensamento deste autor nos permite pensá-los como um movimento de ação humana produtora de sentidos. Ação não desvinculada da vida real, cotidiana; mas efetivamente criada em condições e locais reais, onde os dados são ancorados em fluxos relacionais, moldados por condições formais e técnicas oferecidas como acesso ao ciberespaço, em uma ancoragem aos fluxos dos dados. Portanto, como ação humana, compõe o conjunto de significações cujas marcas estão caracterizadas nas vivências, nas percepções e representações sociais, sem o descuido das questões éticas (LACERDA, 2008).

E, ao preocupar-me com a questão ética, Silverstone me ajuda a elucidar preocupações inerentes ao caminhar construtivo da tese, ao dizer que tudo depende da forma como compreendo o sentido da mediação, por conseguinte a questão ética da mediação. Entendo

que a questão ética se encontra intrinsecamente relacionada ao ‘Outro’ (amigos, desconhecidos, inimigos, entre outros). Vale trazer a reflexão de Silverstone neste sentido:

Vivemos entre os outros. Nisso reside a nossa humanidade. Nisso reside também a nossa inumanidade. Vivemos entre vizinhos, amigos e parentes. Vivemos como membros de maiorias e minorias étnicas, como membros de regiões e nações. Partilhamos valores, ideias, interesses e crenças e nos identificamos com quem tem valores, interesses e crenças como os nossos. Partilhamos passados e também o presente imediato: nossas biografias entrelaçadas com histórias e amalgamadas pela memória. Encontramos nossas identidades nas relações sociais que nos são impostas e nas que procuramos. Nós a vivemos diariamente. Percebemos uma necessidade de pertencer. E precisamos restabelecer a certeza de que realmente pertencemos. Construimos ideias do que essa coisa a qual pertencemos, e a definimos e compreendemos nas imagens que temos dela ou nas que nos são oferecidas. Precisamos constantemente de que nos lembrem, nos reassegurem de que nosso sentimento de pertencimento e nosso envolvimento valem a pena. (SILVERSTONE, 2002, p. 181).

Desta forma, Silverstone (2002) aponta pontos chave para o diálogo a ser construído sobre questões éticas nas mediações. A pesquisa coaduna-se ao ponto ético: dever de cuidado para com o outro (responsabilidades). O outro, o diferente, divergente ao sentido midiático, contudo devendo ter sua alteridade respeitada. Assim, busco dialogar em direção à problemática ética comunicacional, da cultura e das práticas cotidianas, ao “ser tomada enquanto prática comunicacional coletiva e como produção cultural” (SANTI, 2013, p. 57). Como prática comunicacional coletiva entendo ‘fala’ no sentido que a comunicação assume para os sujeitos, para os outros. Como produção cultural, *práxis* que expressa valores e significados promovidos por diversas instituições, pelos outros. Outro ponto ético a se pensar nesse diálogo passa pela ocorrência das apropriações sociais realizadas através das TICs, refletindo mudanças sociais edificadas através da imposição das mediações nas comunicações, do algoritmo, aos usos dos meios.

Fausto Neto (2006) contribui ao meu pensamento sobre formas de produção social de sentidos na chamada “sociedade midiaticizada”, ao apontar que esta possui estrutura e dinâmica ancorada na compressão espacial e temporal, que não somente institui como faz funcionar “um novo tipo de realidade, cuja base das interações sociais não mais se tece e se estabelecem através de laços sociais, mas de ligações sociotécnicas” (2006, p. 3). Assim o autor aponta o aparecimento de uma organização social de natureza descontínua segmentada, incompleta e complexa; afirma que mediações e apropriações midiáticas caracterizam-se entre “disjunções entre estruturas de oferta e de apropriações de sentidos” (FAUSTO NETO, 2006, p. 3). Entendo ainda sob este prisma que o consumo seria lugar de apropriações, são perpassadas

por questões diversas (sociais, culturais, históricas, sociológicas, ideológicas, filosóficas, econômicas, entre outros), acarretando novas formas projetivas de natureza humana.

3.3.1 Perspectivas para pensar as culturas e os sujeitos surdos

Nesta rede de construção conceitual, penso que os usos e apropriações estão vinculados à cultura dos sujeitos comunicantes surdos. Muniz Sodré (1984) argumenta que o conceito de cultura surge da necessidade etnoantropológica de se estabelecer uma unidade conceitual para as produções diversas dos diversos povos. Esta necessidade foi gerada por um momento específico, pelos filósofos e viajantes, o chamado pensamento etnocêntrico europeu, século XVIII. Compondo este diálogo, Muniz Sodré conceitua cultura como “Conjunto das relações de sentido (atualizadas em comportamentos, normas, valores) presentes em todas as instâncias de uma formação social” (SODRÉ, 1984, p. 119). Nesse sentido, penso que cultura se constitui nos processos de diálogo e, na contemporaneidade nas relações estabelecidas com as mídias.

Ao refletir sobre características diversas da contemporaneidade, percebo que a multiplicidade de práticas e instituições consubstanciadoras das culturas existentes, oferecem um ‘peculiar colorido’ e significações à vida em sociedade, em determinados contextos. Karin Strobel (2018, p. 21) enriquece esta perspectiva ao afirmar que na contemporaneidade múltiplas culturas interagem de forma profunda no interior delas próprias, em uma espécie cruzada de autoidentidade em vez de dissolverem-se em identidades distintas, pois cada indivíduo dispõe de uma gama ampla de referentes com os quais pode se identificar, apresenta diferentes modos de ser, de viver.

Século XVIII. Século das luzes. Marco da modernidade europeia. O corpo humano, dissecado, medido, manuseado em laboratórios pelas ciências médicas (saúde), por sequência lógica também foi medido, dissecado, manuseado pelas ciências filosóficas (humanas). Filósofos como Condillac (1715-1780) e Diderot (1713-1784) desenvolveram sensibilidades para com a surdez. No espaço acadêmico filosófico daquela época, a agonia diante das pessoas surdas voltava-se para questões do tipo: existe pensamento anterior à linguagem? Um ser pode ser “humano” sem uma linguagem? (LULKIN, 2000). Relacionada a esses cenários de questionamentos - serem ou não humanos, degenerados ou não degenerados, possuidores de linguagem ou não - trago uma citação como indicativo de agonias e percepções motivadoras ao entendimento para com a cultura surda: “[...] a concepção de que palavras são os meios mais bem adaptados à significação de conceitos. Portanto, um homem que, por ter

nascido surdo, permanece mudo, sem fala, jamais poderá atingir uma analogia da razão” (KANT, 1724-1804).

Historicamente as pessoas surdas foram escondidas, consideradas como dignas de vergonha de serem assim. E, ao mesmo tempo, como que em uma recusa em relação às definições sobre o que fosse ‘normal’ (segunda metade do século XVIII) e ‘anormal’ (início do século XIX), uma distrofia³² silenciosa foi ocorrendo, influenciando profundamente a concepção de surdez, apontando (mesmo que de maneira incipiente) para a construção da cultura surda.

Adela Cortina (2005) aponta que um problema inicial para pensar a cidadania vinculada à cultura consiste em determinar o que é uma cultura. Nesse sentido, em uma tentativa de superar dificuldades conceituais argumenta que cultura é “o conjunto de modelos de pensamento e de conduta que dirigem e organizam as atividades e produções materiais e mentais de um povo, em sua tentativa de adaptar o meio em que vive a suas necessidades, e que pode diferenciá-lo de qualquer outro” (CORTINA, 2005, p. 148). A partir desta concepção, cultura inclui dimensões comportamentais, crenças e instituições de determinada coletividade. Perlin e Strobel (2014) também refletem sobre o conceito de cultura na obra intitulada ‘História Cultural dos Surdos - desafio contemporâneo’, que contribui em nossa construção:

Os diferentes conceitos de cultura estão aí para se compreenderem as diferentes posições de cultura. Há conceitos unitários de cultura; conceitos de alta cultura e baixa cultura; conceitos referentes a múltiplas culturas. Há algumas posições mais radicais diante das culturas, por exemplo, de grupos que compartilham da afirmação de uma cultura universal onde legitimam a dominação das outras culturas. [...] Na temporalidade pós-moderna, perdemos o “conforto” de pensar a cultura como algo global, único em conceitos de diferentes culturas ou múltiplas culturas. O que significa a cultura no espaço pós-moderno presente, na temporalidade em que vivemos? O conceito pós-moderno coloca o problema como sempre: diferenças culturais, múltiplas culturas. O conceito de cultura igualmente muda e mesmo pode oscilar, sendo entendido dentro de novas tramas epistemológicas. Entramos, portanto, na presença de diferenças culturais, diferentes culturas, cada uma com sua emergência, sua história, seus usos, suas particularidades. (PERLIN, STROBEL, 2014, p. 24).

A cultura também pode ser pensada como campo de lutas em torno de significação social. Desta forma, podemos entender cultura surda como um espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças que determinam a vida de indivíduos e de

³² Consideramos o termo distrofia de forma analógica a uma degeneração muscular, onde os músculos, danificados, ficam progressivamente mais fracos.

populações. A autora Regiane Garcêz (2015) vem ao nosso encontro e dialoga neste sentido, trazendo o entendimento de cultura como um campo de lutas em torno da significação social. Isso porque, segundo a autora, ocorrem interações e debates reivindicatórios, não só em sites de associações, mas também em comunidades da rede social, como as do Orkut: “Amigos entre surdos e ouvintes” e “Pais de surdos”. Penso em outros aspectos de conversação na rede, onde esses debates são de fato travados, indicando um futuro incentivador às lutas sociais dos surdos.

Nesta linha, Claudio (2016) aborda cultura a partir do ponto de vista do sujeito, ser ator social, ser elemento humano construtor da sua cultura. Pensa a identificação do humano com o próprio identificado, em seus valores, direitos, costumes, línguas e crenças. Neste sentido afirma:

[...] podemos dizer que a cultura é a base sobre a qual a subjetividade do indivíduo está defendida, em primeiro lugar, pelo reconhecimento na própria pessoa. Isso quer dizer que os sujeitos comunicantes surdos, nos grupos sociais, podem possuir interesses diferentes, por exemplo, lutas e direitos em comum, e buscam sua identificação no pertencimento à comunidade surda. (CLAUDIO, 2016, p. 91).

Vai nesta linha a definição de Karin Strobel (2018) sobre cultura surda que, sob a ótica de quem vive a surdez, é um convite a conhecer e repensar os olhares e as imagens que construímos sobre os surdos:

Cultura surda é o jeito de o sujeito entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2018, p. 29).

Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2011) participam desta linha de reflexão. Argumentam que a concepção de cultura em oposição à natureza repercutiu na forma como os sujeitos e grupos surdos foram narrados e tratados pelas instituições ao longo da história, negando-lhes possibilidades de inscrição de suas narrativas como grupo cultural, capaz de produzir significados a partir de suas experiências compartilhadas.

A partir da estreita relação que o contexto histórico pode estabelecer com o movimento surdo, gostaríamos de ressaltar que, ao percorrermos alguns fragmentos da história do movimento surdo, percebemos também essa ligação. Em outras palavras, enquanto a Língua Brasileira de Sinais (Libras) não era reconhecida ou enquanto era proibida de ser usada nas escolas e em diferentes espaços sociais, também não existiam publicações ou o reconhecimento de cultura surda. O ensino priorizava o aprendizado da fala

e da língua portuguesa. Nas escolas, não havia espaço nem aceitação para as produções culturais em sinais. No entanto, entre os surdos circulavam histórias sinalizadas, piadas, poemas, histórias de vida, mas em espaços que ficavam longe do controle daqueles que desprestigiam a língua de sinais. Especificamente no panorama brasileiro, é possível constatar ainda que para muitas pessoas torna-se irrelevante e, para outras, decisivamente incômoda, a referência a uma cultura surda. (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN; 2011, p. 18).

Do autor Carlos Skliar (1997; 2019) incorporo elementos para pensar o conceito de cultura surda, que esta se efetiva em uma leitura multicultural, com sua própria historicidade, produções e processos, sobretudo com uma ética do reconhecimento do outro, um cidadão de direitos, sujeitos comunicantes surdos.

Ao usar o termo *surdo* refiro-me às pessoas que possuem baixa ou nenhuma experiência sonora de mundo, não como mera característica corporal, mas sim um importante componente do conjunto corpóreo a partir do qual as pessoas que vivem essa condição buscam realização psicossomática como seres únicos, singulares, ‘capazes’ de adquirir uma língua plena (LUZ, 2017, p. 18). E, ao alcance dessa capacidade³³, os sujeitos comunicantes surdos precisam experimentar a própria aparição. Nesse sentido, dialoga conosco Renato Luz:

Aparição é, no seu grau máximo, assumir-se entre outros como alguém que é a singularização de toda a humanidade, a realização plena e criativa de si no mundo comum a partir da experiência sensorial, afetiva, linguística e cultural ofertada pela presença de um outro responsável por mim enquanto rosto. (LUZ, 2017, p. 33).

Pela complexidade da expressão ‘sujeito comunicante surdo’, ‘alguém’, ‘outro’, ‘singularização’, ‘[...] precisam experimentar a própria aparição’, traço notas explicativas sobre perspectivas éticas, subjetivas, situacionais, compositoras das ideias nucleares dessas expressões.

A perspectiva ética busca conformidade em afirmar que alguém, humano, para além das funções orgânicas e de sua corporeidade, é um ser único, constituinte de si mesmo, personalização da cultura, demandante de reconhecimento ético por parte das pessoas, ser visível como o inédito. ‘O ético é o reconhecimento que transcende as características objetivas de uma pessoa’ (LUZ, 2017, p. 35). Desse modo, eticamente orientado para estar com o Outro, no mundo físico ou virtual, fundam-se as alteridades, responsabilidades essenciais de construção das subjetividades, entendidas na própria ética que se dá no próprio nó do subjetivo.

³³ Para adquirir direitos e exercê-los por si só.

A perspectiva subjetiva alimenta a singularidade fortalecendo a presença do ser comunicante surdo no mundo comum. Contudo, ligada ao aspecto psicológico da existência humana, nos faz expor nossa dependência de outros, a fortalecer o estilo próprio de cada ser: ‘[...] o indivíduo apresenta seu existir por gesto, por sonoridade, por formas visuais, por diversos meios disponíveis para constituir seu *self* e seu estilo de ser [...]’ (LUZ, 2017, p. 41) e para com as pluralidades, de ser alguém entre pessoas distintas.

A perspectiva situacional leva em consideração a realidade em um tempo, época e lugar certo. Não se trata de situações abstratas em contextos genéricos. Demanda presença de pessoas que eticamente consideram um ser humano como alguém. Desta forma, é uma perspectiva político-cultural, intrinsicamente ligada aos aspectos sociológicos presente na condição humana a construir o ser comunicante. Essa perspectiva nos é muito cara, pois a falta de acesso pleno a um idioma acarreta dificuldades sérias na realização da comunicação. Nesse sentido, Sacks (2010, p. 24) colabora com estas reflexões ao argumentar ser esta: “[...] uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações”.

As redes sociais transmutam conceitualmente o ser comunicante. Assim, voltei meu olhar para os sujeitos comunicantes (agentes sociais) participantes nos processos de comunicação, os chamados comunicadores socioculturais no contexto multimidiático contemporâneo, levando em conta a observação feita por Maldonado (2013, p. 88) de que é preciso romper “com a restrição discursiva e conceitual que nomeia essas pessoas como receptores, consumidores, usuários ou massa”. São concepções instrumentais, estruturais, funcionalistas, tecnicistas e mercadológicas, em conformidade a um enquadramento positivista, cartesiano, hegemônico ao pensamento moderno.

Nesse contorno, valem as considerações do autor acerca da instrumentalidade conceitual que reduz a concepção do sujeito comunicante aos moldes de receptor. A ideia de receptor, aquele que recebe sinais transmitidos e decodifica-os, mantém proximidade à ideia de receptor, limitando-se a questões biológica do behaviorismo, pois sugere que o sujeito comunicante pode ser manipulado à vontade pelos meios³⁴. Na dimensão política, é redutora porque exclui a dimensão do poder, do agir social configurador de modos de vida determinados, restringindo os problemas da recepção aos seus aspectos microssociais,

³⁴ A questão carece de maiores detalhamentos, pois pensamos que os meios, dispositivos sociotécnicos, na verdade devem ser considerados como continuativos do ser humano, em uma espécie de hibridismo tecnológico, e a serviço da humanidade.

culturais. Sob a dimensão sociológica e histórica, reduz a complexidade social, porque ignora o papel construtivo dos grupos, das classes, das tribos, das etnias na estruturação dos sistemas sociais. Do ponto de vista cultural, esta perspectiva reduziu as culturas à chamada cultura universal (ainda utopicamente democrática) trazendo prejuízos para o reconhecimento, a valorização, expansão e participação de formas culturais diversas em sua origem, pertença, classe, região, ideologia e configuração simbólica. No aspecto econômico-político excluiu o receptor do mundo das relações de produção e das forças produtivas, moldando-o a um ente abstrato, sem caráter social e ideológico, consumidor por consumir, amorfo em relação aos sistemas midiáticos. Em termos semióticos não considerou os processos de produção de sentido na sua riqueza simbólica histórica, cultural (MALDONADO, 2013).

Vale ainda considerar o pensamento do autor segundo o qual “as pessoas em comunicação, que se inter-relacionam contemporaneamente com os sistemas e os processos midiáticos, produzem sentido de maneira fluída, caótica, estruturada, condicionada, livre, pactuada, enquadrada e subversora” (MALDONADO, 2013, p. 90). A partir destas perspectivas, considero que os sujeitos comunicantes surdos são seres sociais viventes e experimentadores de suas práticas de sentido em contextos múltiplos, diversas esferas, múltiplas dimensionalidades de vida incluindo nelas o espaço digital. Espaço considerado como um lugar de negociação de sentidos, onde os sujeitos podem lutar por reconhecimento e ressignificação da surdez como diferença cultural (e não um problema patológico); produzir significados compartilhados; exercer o direito e construir sua cidadania comunicativa.

3.4 Cidadania comunicativa

Neste item busco construir perspectivas para pensar a noção de cidadania comunicativa. Começo problematizando a noção de cidadania cuja gênese está ligada à organização da *polis* grega, no século IV a.C. (Grécia), em uma sociedade na qual alcançava homens livres, iguais e capazes (excluídos - mulheres, crianças e escravos); que possuíam riquezas materiais e propriedades de terra; maiores de 20 anos e filhos de pai atenienses (GILISSEN, 1995).

No feudalismo, a cidadania encontrou obstáculos, havendo inúmeros aspectos que inviabilizavam sua existência. O poder no feudalismo era administrado pela igreja, exercício hierárquico e inquestionável. Sob essa estrutura não poderia existir cidadania como em sua gênese, pois para os gregos a cidadania era a igualdade entre homens, com o direito de

discussão e deliberação para resolver conflitos, enquanto no feudalismo o poder era dividido de forma arbitrária e os ditos da igreja cristã eram incontestáveis.

Com o desenvolvimento da sociedade capitalista burguesa (luta contra o feudalismo rural) é que o conceito de cidadania foi revisitado para os senhores feudais, em seus direitos de propriedade (Magna Carta). (LOPES, 2008). Neste sentido, Cortina dialoga conosco apontando o nascimento do capitalismo: “[...] A proteção dos direitos naturais da tradição medieval exige a criação de um tipo de comunidade política – o Estado nacional moderno – que se obriga a defender a vida, a integridade, e a propriedade de seus membros [...]. (CORTINA, 2005, p. 44)”.

O período do Renascimento entre os séculos XIV - XVI foi marcado pela transição do feudalismo para o capitalismo. Neste período a cidadania ressurgiu, contudo, considerando ser cidadão aquele que possuía o direito sobre as questões de cidade-estado. Desta forma enraíza-se na formação política dos Estados-nação, passando a serem considerados cidadãos aqueles que possuíam uma nacionalidade, inscritos no Estatuto legal de registro das pessoas, através do qual a pessoa pertencia e vinculava-se a um Estado (BRIGNOL, 2010). Tal direito não abrangia a todos, a cidadania continuava privilégio da elite hegemônica³⁵.

Na transição do feudalismo para o capitalismo gerou-se uma mudança radical no comportamento das pessoas. Esse processo ocorreu de forma lenta e complexa cercada de conflitos entre as classes que dominavam o Antigo Regime e o Novo Regime acarretando pensares, discussões, indicativos legais sobre a necessidade de maiores considerações acerca da cidadania, da pessoa humana. Refiro às declarações constantes em documentos esparsos com esboços de prevenção e meios de sobrevivência inerentes às PCD adquiridas no processo trabalho/máquina. Um exemplo histórico considerável pode ser apontado: a Encíclica *Rerum Novarum*, Item III, ‘A questão Social e o Estado’. Assinada pelo Papa Leão XIII, abordou a condição dos operários daquela época, esboçando mesmo que de forma tímidas diretrizes preventivas do acidente de trabalho e amparo ao acidentado.

Com a crise dos anos 1920/30, a tomada do poder por Hitler na Alemanha com a consumação verificada nos horrores dos atos durante a guerra, a Organização das Nações Unidas (ONU) proclamou em 1948 a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Este fato foi marcante, pois elevou a cidadania ao que conhecemos hoje afirmando que todos os homens (espécie humana em suas diferenças e deficiências) são iguais perante a Lei, independente de raça, credo e etnia.

³⁵ Exemplos legais de privilégios das elites: Bills of Rights, Pactos, Forais, Cartas, Declarações de direitos etc.

Como explica Cortina (2005), o conceito padrão através do qual cidadania converteu-se, foi o conceito de ‘cidadania social’, apresentado por Thomas H. Marshall.

[...] é cidadão aquele que, em uma comunidade política, goza não só de *direitos civis* (liberdades individuais), nos quais insistem as tradições liberais, não só de *direitos políticos* (participação política), nos quais insistem os republicanos, mas também de *direitos sociais* (*trabalho, educação, moradia, saúde, benefícios sociais em épocas de particular vulnerabilidade*). Assim, a cidadania social se refere também a esse tipo de direitos sociais, cuja proteção era garantida pelo Estado nacional, entendido não já como Estado liberal, mas como Estado social de direito (CORTINA, 2005, p. 51-52).

Nesse contorno, o conceito de cidadania mostrou-se aberto a interfaces com outras searas do conhecimento, com reclamos de justiça e participação política, vinculada a ideia de direitos individuais e de pertença. Contudo, pode-se apontar a existência de pelo menos dois grandes obstáculos a essa pretensão. Primeiro refere-se a questões envolvendo relações entre o cidadão e o Estado. Segundo à dualidade existente no interior do conceito de cidadania: uma concepção de ser cidadão como membro pleno de uma comunidade política particular; e de outro lado uma concepção como atividade desejável/função da participação do cidadão na comunidade. (BRETTAS DUARTE, 2018).

Em setembro de 2015, a Resolução “Transformar o Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” foi aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas. Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) assentados naquela agenda, e as 169 metas a serem implementadas por todos os países signatários até 2030, tentam oferecer uma possibilidade de resposta ao desafio contemporâneo para a promoção da cidadania. Especificamente, considero o objetivo 4 - que propõe “Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” - marco de Ação da Educação 2030, um desafio ao compromisso de formação de cidadãos, partícipes do Estado, membros plenos de uma comunidade política particular. (UNESCO, 2017).

Nesta construção sobre cidadania pode-se ainda apontar um tensionamento persistente no interior desse conceito. A tensão diz respeito ao entendimento arraigado no conceito de cidadania acerca de questões comunitaristas³⁶. Esta, oriunda da filosofia política proveniente

³⁶ Questões relativas ao tipo de sociedade. Sociedade esta que não é governada pela imparcialidade de instituições, mas sim pelo bem comum.

de Aristóteles, arrasta para questões da gênese conceitual um entendimento como cidadania ativa.

Para esta pesquisa, é interessante recuperar questões de cidadania vinculadas à coexistência de cidadãos pertencentes a grupos étnicos com culturas diferentes numa mesma sociedade. Sergio Costa contribui com esta perspectiva, ao pensar o multiculturalismo como:

[...] expressão da afirmação e da luta pelo reconhecimento desta pluralidade de valores e diversidade cultural no arcabouço institucional do Estado Democrático de Direito, mediante o reconhecimento dos direitos básicos dos indivíduos enquanto seres humanos e o reconhecimento das ‘necessidades particulares’ dos indivíduos enquanto membros de grupos culturais específicos. (COSTA, 1997, p. 159).

Ao contornar cidadãos ‘membros de grupos culturais específicos’ observo que a assertiva requer apontamentos sobre questões liberais, culturais e políticas reflexas ao reconhecimento de valores e diversidade cultural, gênese de todo Estado Democrático de Direito. O primeiro apontamento sobre *questões liberais* e cidadania se refere ao indivíduo ser capaz de se redefinir em seus próprios fins em sua comunidade política; sobre *questões culturais* concebo a relação do cidadão com os contextos culturais compartilhados em sociedade, necessária para construção da identidade coletiva. Por último, *questões políticas*, pois o cidadão encontra-se sob a égide de contratos traçados por modelos liberal, legal, entre participantes Estado e/ou pessoas, a busca de consenso, diálogo, ao desenho de possibilidades de ações comunicativas intersubjetivas (COSTA, 1997, VIEIRA, 1999). A partir desses apontamentos é interessante a concepção de cidadania expressiva em uma identidade republicana, sob qual a participação política nos negócios públicos continue elemento central na conceituação, mesmo que enfatizando por vezes a dimensão individual, desde que não rejeite a solidariedade social.

Neste âmbito, dirijo meu olhar para o contexto histórico brasileiro, sob o manto da existência de um vazio simbólico promovido pela política brasileira nas últimas cinco décadas, e vislumbro uma caminhada de debates sobre cidadania. A caminhada de debates a que me refiro movimentou e movimenta estudos científicos na seara da comunicação, e em interfaces para com searas de outros conhecimentos. Como exemplo pode-se citar em primeiras discussões sobre cidadania no Brasil, na seara do Direito, Maria Victória de Mesquita Benevides – A Cidadania Ativa (1998) sobre participações populares, através da democracia semidireta (Referendo, plebiscito e a iniciativa popular legislativa – art.1º e art.14 da Carta Republicana). Na Revista Terra Livre, número 6, Território e Cidadania – da luta

pela terra ao direito à vida, uma publicação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) de 1989, propôs repensar o território e cidadania através de contribuições de pesquisadores de diversas áreas das ciências humanas, proporcionando a apresentação de contribuições de indígenas, antropólogos, psicólogos e geógrafos em uma redação multidisciplinar. Nesta redação, território e cidadania objetivavam a compreensão do direito à vida na luta pela terra (AGB, 1989). José Murilo de Carvalho, em sua obra ‘Cidadania no Brasil – o longo caminho’ de 2001, constrói uma espécie de mapa histórico sobre a caminhada da cidadania, convidando o (a) leitor (a) um percorrer este caminho como exercício de sua própria cidadania (CARVALHO, 2001). Já Eduardo Matarazzo Suplicy em sua obra ‘Renda de Cidadania’ de 2002, indica a necessidade em se combater a pobreza com uma política econômica civilizada e justa para o Brasil, por questões óbvias da dignidade da pessoa humana (SUPLICY, 2002). Enquanto Milton Santos em sua obra ‘O Espaço do Cidadão’ de 2007, aborda em sutilezas territoriais e culturais, uma gama de interfaces relacionadas à cidadania no Brasil (SANTOS, 2007). A partir desses movimentos de construção dialógica a respeito da cidadania, observo um caminhar de conquistas, construções, onde os sujeitos se situam em campos de luta cotidiana por uma vida digna.

Nesses caminhos percorridos importa perceber, inicialmente sob a perspectiva político econômica, que a amplitude existente no que diz respeito a uma definição acabada, ‘fechada’ sobre o conceito de cidadania é inexistente. A palavra cidadania e a problemática em torno do seu conceito privilegiam perspectivas associadas aos exercícios dos direitos e deveres, garantidos aos seres humanos, de forma universal, principalmente em sociedades de regimes político democrático. Dialogando com Brignol (2010) busco apoio na linha de pensamento no qual cidadania, com a ajuda dos estudos da comunicação, firma-se em ser “um processo sociopolítico que pretende dar garantia para o exercício dos direitos humanos e para a consolidação de sociedades verdadeiramente democráticas, justas e equitativas” (BRIGNOL, 2010, p. 126). Christa Berger (2006 *apud* BRIGNOL, 2010) reforça estas concepções valorizando a capacidade explicativa do conceito de cidadania, no terreno dos estudos comunicacionais:

As palavras Popular e Alternativa estão para os anos 80, como Novo para os anos 60 (lembram do cinema novo, da bossa nova?) e como Cidadania está para os dias de hoje. O que acompanha a questão da cidadania é uma discussão sobre o significado e alcance de ser membro da comunidade em que se vive. Quem pertence e quem está excluído? E por quê? E como consertar esta divisão desigual? São os problemas em torno do pertencimento e do direito de pertencer que deram lugar a discussão das políticas de cidadania e mobilizam nossos trabalhos acadêmicos. Se a

perspectiva popular e alternativa reivindicava dar valor ao que estava no desvio, na contramão do hegemônico, a perspectiva da cidadania quer a inclusão do que está do lado de fora. (BERGER, 2006, p. 4).

Revisitando Adela Cortina (2005), esta apresenta uma análise sobre o que seja cidadania, em seus aspectos social, econômico, civil e intercultural. Justifica o escopo de seus escritos na necessidade latente das sociedades pós-industriais de gerar entre seus membros um tipo de identidade em que se reconheçam; onde valores e normas humanizadores sejam capazes de converter o conjunto da comunidade alicerçada na solidariedade da qual ninguém fique excluído. A autora nos faz refletir sobre a caminhada conceitual da cidadania. Esta requer uma colocação sobre justiça, em um primeiro passo. Não que um conceito preceda o outro, mas sim, justapõem-se e embasam o entendimento conceitual de cidadania.

Justiça, genericamente, corresponde a uma observância da lei, ao respeito para com a legislação ou as normas convencionais instituídas. Esta objetiva tanto individual quanto coletivamente, o alcance do bem comum em uma sociedade. Não está a se dizer que somente referirmos a justiça como forma de ordenamento jurídico positivado (procedimentalismos), mas também incluímos leis não escritas, universais e inderrogáveis do Direito Natural. Sob o manto da generalidade (senso comum), a sociedade determina os seus ‘justos’. E os seus atores sociais, atrelados aos seus laços de pertença (raízes históricas), identificam-se nestas raízes (etnias, religiosidades, nacionalidades, culturas, histórias) como necessárias ao alcance do bem comum (‘felicidade’). Neste sentido ao indicar que a realidade da cidadania é o sentir-se cidadão de uma comunidade, Cortina (2005, p.27) elucida:

Em princípio entende-se que a realidade da cidadania, o fato de se saber e de se sentir cidadão de uma comunidade, pode motivar os indivíduos a trabalhar por ela. Com isso, nesse conceito se encontram os dois lados a que nos referimos: o lado “racional”, o de uma sociedade que deve ser justa para que seus membros percebam sua legitimidade, e o lado “obsuro”, representado por esses laços de pertença que não escolhemos, mas já fazem parte de nossa identidade. Ante os desafios com os quais qualquer comunidade se depara, é possível apelar então à razão e ao sentimento de seus membros, já que são cidadãos dessa comunidade, algo seu.

Historicamente, o conceito de cidadania foi construído sob os auspícios latino (Civil Law), porém, com raiz história nos moldes gregos. Essa construção dual perpassa e enlaça o dilema filosófico do direito: da persona grega (identidade) às questões democráticas latinas (deveres) – o que é ser cidadão?

Atualmente, a edificação do conceito cidadania, ser cidadão, deve abordar uma questão estrutural da economia (capital/liberal), nos moldes da globalização. Pois, cidadãos

econômicos movimentam a “máquina” estatal e social nos moldes da apregoada igualdade material (mesmo que perversa e injusta para uns, porque desagrega e fomenta a desigualdade econômica existente entre os cidadãos; para outros, os comandos liberais, o fomento da desigualdade reveste-se de positividade). Neste sentido, Mata (2005) aponta que condições objetivas para o desenvolvimento da cidadania correspondem aos “[...] dispositivos econômicos, políticos e culturais, que intervêm de maneira direta no estabelecimento de um regime de direitos e o estabelecimento de modalidades comunicativas públicas em que tais direitos se expressam.”³⁷ (MATA, 2005, p. 3)

Ainda em diálogo com Cortina (2005), cidadania apresenta-se como arcabouço das civilidades, pilar da sociedade civil moderna. A resultante esperada destas civilidades seria que as pessoas aprenderiam a participar e se interessar pelas coisas públicas. E, neste interessar-se, incluir-se-iam exigências relativas ao convívio dos diferentes grupos sociais, a chamada cidadania multicultural. Essa seria um substrato para o desenvolvimento de uma cidadania cosmopolita, cujo fundamento enraíza-se na transcendência entre cidadania nacional e transnacional, e que acabaria por exigir a superação de todas as barreiras que possam existir entre nações e uniões de Estados (superações éticas políticas). Assim, a partir deste contexto de superação éticas políticas a cidadania pode ser compreendida também, sendo uma propriedade humana, resultante de uma prática educacional formal (escola) e informal (família, amigos, meios de comunicação, ambiente social) (CORTINA, 2005). Bonin e Saggin, ao dialogarem com Cortina também consideram que “[...] não basta a racionalidade da justiça para a elaboração de uma teoria da cidadania, é preciso incluir as dimensões da identidade, da emocionalidade e da ética (CORTINA, 2016, p. 9)”.

Na continuidade deste olhar, Mata (2005, p.3) contribui para pensar cidadania, apontando como condições subjetivas da mesma “aos significados compartilhados pelos integrantes da sociedade acerca dos direitos à informação e à comunicação”. Bonin (2020), em recuperando as contribuições de Martín Barbero, reflete sobre potenciais das novas tecnologias de comunicação, as redes, como lugar de emergência de um tecido social e de um espaço público remodelados em novas formas de sociabilidade, um entrelaçamento do social com o cultural e o político, de formação da opinião pública e de exercício da cidadania (que se tornam visíveis através de performances e expressividades renovadas, misturando linguagens diversas).

³⁷ Tradução autora.

Portanto, observo e afirmo que cidadania mantém seus pilares principiológicos³⁸, contudo flexibiliza-se ao entendimento no qual a ela se opera em novas forças, em novos contextos, necessitando novas configurações conceituais. Neste sentido, o avanço da tecnologia, representa um desafio para pensar a dimensão comunicativa da cidadania. É esta noção de cidadania comunicativa que será examinada no próximo item.

3.4.1 Cidadania comunicativa e apropriações das mídias digitais

Como dito, a noção de cidadania vem sendo (re)construída, tendo como mola propulsora processos de mudanças sociais aos quais o homem se submete e registra em sua história. Neste sentido, Ruscheinsky (2000, p.73) ao abordar metamorfoses da cidadania, nos ensina:

O elemento cidadania permite que a identidade social seja abordada a partir de uma vontade de fazer a história, embora sempre em condições dadas. Se existem manipulação e condicionamentos de um lado, de outro, as relações de poder passam pela ação humana, pela negociação e pelo reconhecimento das diferenças.

Uma destas formas de registros se faz na reflexão do direito de comunicação como sendo condição para o exercício da cidadania. Sobre noção de cidadania comunicativa, Mata (2006, p. 13) indica que a mesma pode ser compreendida como “[...] o reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e demanda no terreno da comunicação [...], bem como ao exercício desse direito”³⁹ ofertando elementos para se pensar certas dimensões da cidadania. Assim, direciono-me às lógicas midiáticas, como espaços inéditos para a busca do reconhecimento, de ser sujeito de direitos, para o exercício de direitos, e o empoderamento dos sujeitos. Alinho meu pensamento para com o pensamento de Bonin e Saggin (2016, p. 100) para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa, partindo do entendimento sobre relações sujeitos/mídias “[...] precisam ser situadas no âmbito do processo de midiatização, considerando que a expansão sistêmica das mídias levou à sua penetração, nos diversos campos e nas esferas sociais e à reconfiguração de suas lógicas”.

Pensar a cidadania comunicativa implica reconhecer que o direito a comunicar não pertence ao meio tecnológico de comunicação, mas a todos os sujeitos sociais, pois estes

³⁸ Políticos, econômicos, culturais, sociais, morais, históricos, sociológicos, filosóficos, entre outros.

³⁹ Tradução a autora.

exercem a comunicação, como condição humana. Penso também que é o exercício de um direito difuso, pois se refere aos direitos indivisíveis, àqueles em que não é possível identificar o destinatário, implicando na satisfação de todos. Vale frisar que o simples uso das mídias não é sinônimo de cidadania comunicativa, utilizar as mídias a partir de uma assimilação acrítica das lógicas midiáticas não significa exercer a cidadania comunicativa. Estar no espaço midiático anuindo o discurso excludente e tipificador dos grandes meios também não irá contribuir para a construção da cidadania comunicativa. Contribuir é, entre outros aspectos, buscar a visibilidade pública desses sujeitos sociais valendo-se das lógicas midiáticas. E, nesta busca de visibilidade pública, apropriar-se de mídias digitais, galgar direitos, se empoderar. Este processo nos leva a fomentar pensamentos sobre como a cidadania exterioriza-se nas apropriações que os sujeitos comunicantes surdos realizam no ambiente digital, em seus perfis pessoais e na página da associação.

Para responder estas questões, pontuo que entendo sujeitos comunicantes como seres complexos, que vivem suas trajetórias de vida em diferentes dimensões constitutivas das suas culturas. Por isso devo pensar em suas lógicas socioculturais, familiares, associativas, tecnológicas, midiáticas, sob o reflexo de cada lógica irradiada na cidadania comunicativa, articulada às apropriações que realizam das mídias digitais.

Faxina (2012, p.127) colabora com a concepção de cidadania comunicativa que busco desenvolver ao dizer que ela implica entender a “incorporação da cidadania como horizonte de uma comunicação que se democratiza a partir das narrativas”. Narrativas familiares, socioculturais, associativas, tecnológicas, midiáticas, entre outras. Atualmente, as narrativas encontram nos ambientes digitais um espaço importante de constituição. Considero que as apropriações realizadas no ciberespaço, nos sites de redes sociais existentes na internet, podem colaborar para a construção da cidadania a partir da democratização das narrativas pensada por Faxina (2012).

Nesse contexto digital, as possibilidades constitutivas à efetivação das apropriações midiáticas democratizadas a partir das narrativas, especialmente no caso dos sujeitos comunicantes surdos, vêm sendo marcadas por fortes contradições de ordens técnicas, culturais, semióticas, de vigilância e de controle. Pontuo os seguintes aspectos em relação a estas contradições, que obstaculizam a cidadania comunicativa desses sujeitos: a) a restrição (ou existência deficitária) de acesso a computadores, aparelhos tecnológicos, bem como à internet; b) o domínio de competências digitais para o uso efetivo e qualificado desses ambientes digitais; c) a existência constante de conteúdos com recursos comunicacionais de imagens e sons sem a presença da janela com intérprete em Libras; d) a presença de valores e

práticas de exibicionismo, individualismo, voyeurismo nas culturas digitais, entre outras satisfações pessoais, obstáculos a um uso equânime e cidadão das redes.

Outro obstáculo que emerge e pode-se apontar, requerendo um olhar mais atencioso, tratando-se particularmente dos sujeitos comunicantes surdos, é relativo às questões de ‘vigilância e controle’ dos usuários da rede. Neste momento de reflexão acerca da cidadania comunicativa e apropriações das mídias digitais considero o cibercontrole, sob a luz dos entendimentos de Bonin (2020), como dimensão constitutiva do ambiente digital contemporâneo e das apropriações das mídias digitais. Sabe-se que grandes corporações privadas existente na internet (Google, Apple, Facebook, Amazon, Microsoft) dominam as diversas faces da Rede. Como argumenta Bonin (2020): “Estas corporações vêm constituindo o maior oligopólio de conhecimentos gerados no ambiente digital, com capacidade para gerir fluxos de dados, informações, conhecimentos e construir acesso seletivo a nossas culturas, línguas e memórias pessoais e coletivas” (p.6).

No Capítulo 6 faço uma abordagem mais consistente das observações e análises dos usos e apropriações dos sujeitos surdos evidenciados na exposição de seus perfis do Facebook. Ainda de acordo com Bonin (2020, p.6) estes monopólios se beneficiam da “[...] exploração mercantil de dados pessoais, que muitas vezes procedem da provisão de serviços públicos gratuitos e da participação das pessoas em redes sociais”. Logo, estes usos e apropriações que os sujeitos surdos fazem do Facebook alimentam as lógicas de extração dos dados dos associados na plataforma, independentemente de suas diferenças, para antecipar e modelizar comportamentos com vistas ao consumo, uma espécie de ‘modulação’⁴⁰ que também incide nas possibilidades de construção e exercício da cidadania comunicativa.

Mesmo existentes essas dimensões que conformam obstáculos à cidadania comunicativa, as postagens observadas na pesquisa exploratória no território virtual Facebook Asugov, apontaram para potencialidades para sua construção, mesmo que tímidas. Em uma análise das observações empíricas dessa fase, visualizei a expressão de dimensões da realidade social dos sujeitos comunicantes surdos asugovianos a partir de demandas diversas desse sujeito comunicante.

3.4.2 Invisibilidade ferida (in)visível e caminhos de inclusão

⁴⁰ Uma característica da modulação é a possibilidade de criar um espaço para o individual, dar a sensação de liberdade para o indivíduo enquanto o mantém em um ambiente restrito. (MACHADO, 2018, p.47).

Os diálogos sociais, as narrativas dos sujeitos comunicantes, fundamentam-se em conceitos basilares para o entendimento das práticas sociais. Desta forma, os chamados conceitos ‘inclusivistas’ se fazem importantes para que possam ser um construtor ativo de uma sociedade inclusiva, objetivo da Carta da República vigente ao preceituar a construção de uma sociedade livre, justa e solidária que promova o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer formas de discriminação. (Artigo 3º, I e IV, CF/88) (BRASIL, 1988). Neste sentido, as movimentações para a construção de um arcabouço jurídico alcançando pessoas diferentes me levam a considerar as argumentações de Bader Burihan Sawaia (2001), sobre o sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. Sendo:

Em síntese, o sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar seu desejo e afeto. (SAWAIA, 2001, p. 104).

De acordo com essas reflexões, conhecer o sofrimento ético-político é analisar as formas sutis de espoliação humana por trás da aparência da integração social e, portanto, entender a exclusão e a inclusão como as duas faces modernas de velhos e dramáticos problemas – a desigualdade social, a injustiça e a exploração. (SAWAIA, 2001, p. 106).

Atualmente buscamos a chamada integração social. Percebe-se que a ideia de integração social ainda constitui um esforço unilateral da pessoa, diversas, com seus aliados, família, instituições e alguns grupos organizados que tenham por princípios a defesa destes. Percebendo este entendimento, a sociedade vem modificando-se para ser capaz de atender às necessidades de seus membros existentes e as dos membros por vir. A guisa de exemplo, na década de 1970/80, o contraponto da propaganda ‘gosto da vitória – Kolynos’, com corpos perfeitos, dentes brancos e sentidos humanos embutidos na refrescância do ‘ahhhhh’ com o desenho animado Gaguinho⁴¹ (Looney Tunes, transmitido no Brasil pelo canal Memória

⁴¹ Gaguinho personifica um porco e assim como já diz o seu nome, ele é gago.

Boomerang) apresenta-nos um marco indicativo da necessidade de se compreender, respeitar o outro com suas diferenças⁴².

No movimento internacional, acordos, convenções, declarações e resoluções anunciaram um despertar impositivo de não mais se fazer olhos e ouvidos de mercador para pessoas diferentes. Barreiras físicas começaram a ser eliminadas e a questão da acessibilidade passou a construir na pauta das agendas um primeiro passo em direção à desconstrução da invisibilidade dessas pessoas. A consequência lógica foi o começo de participações na vida do mundo. A classificação dessas pessoas como seres de ‘segunda categoria’ fragilizou-se em condenações declaradas. Educação, emprego, seguridade social, etc.; vida digna e independente torna-se um sonho mais próximo.

Especificamente, os movimentos sociais de luta pela inclusão das pessoas surdas na sociedade, na ondulação dos direitos versados nos documentos internacionais, contribuíram na tentativa de colocar essas pessoas não mais como coadjuvantes, e sim, como atores de si. Através da publicidade dada a este processo, principalmente pelos movimentos sociais, a compreensão sobre pessoas diversas e diferentes, capazes de realizar ações como todos, encontraram neste movimento espaço de interações.

Começa assim a desconstrução das negações históricas, estereotípias e exclusões. A inserção social verticalizada nas relações existentes entre ouvintes e surdos vem edificando espaços renovados de interações comunicacionais, entre outras. Os meios digitais, com suas redes e recursos, sob o prisma comunicacional, apontam com suas práticas nos espaços midiáticos, a inserção das pessoas surdas, o que nos parece indicar possibilidades concretas de inclusão dessas pessoas na sociedade em processo de midiaticização. Nesse sentido a pesquisa de Claudio (2016, p.62) nos ajuda a entender que:

A inserção dos sujeitos comunicantes surdos em processos midiáticos contemporâneos é uma consequência de fatores que influenciaram a nossa sociedade: o uso das mídias, as produções digitais em trocas de conhecimentos e de informações. As mídias como cinema, televisão, computador, nanocomputador e outros recursos são percebidos enquanto parte de sistemas midiáticos, que colaboram como atores digitais de bens simbólicos, e são investigados nas suas práticas cotidianas e nas circunstâncias produzidas pelos sujeitos surdos.

⁴² Apesar do marco indicativo considero também que nem inocente, nem romântica é a história do Gaguinho, pois acompanhamos a ‘pano de fundo’ o interesse das relações comerciais em conformidade ao pensamento dos autores Dorfman e Mattelart, em seus escritos ‘Para Ler O Pato Donald’ de 1971 (DORFMAN e MATTELART, 1977).

Na perspectiva desta tese, pensar invisibilidade e caminhos de inclusão, a relação entre meios de comunicação, sujeitos comunicantes surdos e mídia, nos leva refletir como comunidades surdas estão fazendo uso das redes para a construção da cidadania.

Nesse sentido, a comunidade criada na rede social Facebook pela Asugov pode estar colaborando para a inclusão do sujeito comunicante surdo asugoviano. Nesta rede, para além do *Feed* de notícias, aspectos relacionados aos direitos, educação, política, entretenimentos, saúde vem sendo expressos nas postagens interativas, vinculando cultura semiótica dos *emojis* a questões de identidade/subjetividades, transformando os sujeitos comunicantes surdos em atores sociais visíveis.

Mídias foram e são utilizadas pelos sujeitos comunicantes surdos. Mesmo assim, para o alcance da visibilidade e da cidadania comunicativa, inúmeras barreiras ainda precisam ser ultrapassadas. Em relação a essas posso exemplificar: a) existência de legenda (*close caption*) com palavras desconhecidas pelas pessoas surdas; b) o não uso da figura de linguagem onomatopeia como complemento de legenda; c) janelas de tradução muito pequenas, pouco visíveis; d) vídeos com áudio sem janela com tradutor de Libras, entre outras. São falhas, barreiras detectadas entre tantas outras, que, mesmo com a evolução tecnológica, ainda não se materializam efetivamente para ultrapassar as situações de incomunicação em relação às PCD. A falta de acessibilidade comunicativa gera incomunicação. E para além das realidades de incomunicabilidades, para que haja acessibilidade comunicativa para os sujeitos surdos (bem como para outras PCD), a surdez deve ser revisitada, retratada em todas as suas especificidades. A falta de acessibilidade e de condições favoráveis ao acesso das PCD a tudo o que lhes é garantido por lei, faz com que às garantias aos meios que colaborem com suas inserções cidadãos na sociedade não tenha efeito, restando a esses sujeitos o despreparo. Devendo este despreparo ser questionado e reparado pela sociedade que se estreita com o princípio da equidade, para que assim as PCD possam receber, atender, exercer, requisitar, almejar condições de exercício pleno de suas cidadanias.

Neste sentido, o Facebook apresenta-se como uma das redes sociais que mais promovem encontros de saberes e de informações, e se essas barreiras são uma constante, elas colaboram para a invisibilidade destes sujeitos. Nesse sentido vale trazer as argumentações conclusivas de Claudio (2016, p.244) sob a visão de seus entrevistados, pessoas surdas, a respeito do Facebook e a transposição dessas barreiras:

[...] um elemento bastante importante para os sujeitos comunicantes surdos, e que os recursos aos quais melhor se adaptaram e os quais mais adotaram

foram aqueles que possibilitaram a visualização dos assuntos que mais os atraem ou os de busca das informações do seu interesse. (p.241). [...] um espaço favorável para os compartilhamentos de informações que sejam relacionados aos seus interesses, com a finalidade de poder participar, se manter informados, defender ideias, e também, conhecer outras pessoas e outros produtos.

Desta forma, arrisco afirmar que para os sujeitos comunicantes surdos as possibilidades de interações nessa rede social podem colaborar para a construção da cidadania comunicativa destes sujeitos. As análises que empreendo no Capítulo 6 ajudarão a pensar se esta possibilidade se concretiza ou encontra obstáculos para se realizar efetivamente.

3.4.3 Facebook Asugov: comunidade virtual?

Para construir a resposta ao questionamento feito no título, vou partir do conceito de lugar. Entendo lugar como espaço é acompanhado de significações que lhes possam ser atribuídas. Em outras palavras, um espaço pode conter diferentes lugares, para além da existência geográfica, representando significados diversos. Via de regra, ao espaço, conectamos a ideia de tempo. No âmbito da presente tese, delimito a pesquisa empírica temporalmente e espacialmente⁴³. Significo como temporalidade, algum momento da história dos sujeitos comunicantes surdos, onde se dão ações comunicacionais e essas ganham um significado, passam a ter um lugar, que por sua vez se mantêm em relação ao tempo, recebendo uma significação nessa dimensão temporal delimitada pelo território virtual Facebook.

Significo lugar também como espaços de identidades. Identidade que se vincula à demarcação e ao exercício de direitos, a saberes e fazeres organizados. E dessa intersecção, penso o lugar como espaço habitado e onde relações sociais se dão quase de forma indissociável. O antropólogo Augé (1994) dialoga com esta visão ao refletir que a pessoa tem sua vida demarcada pelo território: “Finalmente, o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, se define por uma identidade mínima.” (AUGÉ, 1994, p.53).

Sob a perspectiva de pensar o lugar como necessariamente histórico, pontuo que foi a partir das principais Revoluções, a Revolução Francesa (1789) e a Revolução Industrial (1840) que a chamada modernidade iniciou mudanças com consequências definitivas para as sociedades existentes e que, a reboque dessas revoluções, ocorreu um desenvolvimento

⁴³ Limite temporal de 2018 a 2020, limite espacial Asugov e Facebook Asugov GV.

acelerado dos meios de comunicação. Este desenvolvimento acelerado pode ser atribuído ao trilema revolucionário francês: Liberdade, Igualdade e Fraternidade, principalmente levando em consideração o ideal de liberdade, liberdade de expressão, do direito de comunicar. Também, as inovações técnicas foram possibilitadas e criadas aos ‘ventos’ da revolução industrial, possibilitando conexões no mundo. Novos conhecimentos puderam ser intercambiados, e as culturas deram início a um processo de hibridização cultural mais intenso. (HALL, 1998). E com essas hibridizações, novos lugares e significados surgiram, pois os lugares tornaram-se mais acessíveis. Nesse desenho surge um novo contexto, a chamada Sociedade em Rede (CASTELLS, 2005), sociedade da informação, acarretando mudanças, e em uma delas, a separação entre espaço e lugar, fazendo com que os modos de vida passassem a ser menos dependentes dos locais físicos.

Giddens (1991) traz ao diálogo a fala de esvaziamento do espaço. Para este autor o lugar, enquanto cenário em que convergem o ambiente físico e as atividades sociais, passa a ser dissociado do espaço. Os lugares vazios de Giddens nos remetem a outro fenômeno, nomeado por Augé (1994, p.73), como não-lugares.

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico.

Augé (2019) ao revisitar esse conceito, afirma em sua entrevista⁴⁴, que o Facebook (não-lugar, lugar de memória) é um espaço no qual as pessoas gostam de ver os outros compartilhando suas mesmas ideias. As plataformas são projetadas para tentar manter-nos conectadas ao dispositivo. Indica que essa ocorrência pode estar relacionada a estarmos menos felizes como comunidade, como sociedade. Alerta a respeito da nossa dedicação ao tempo que passamos com os aplicativos em detrimento do tempo dedicado a tudo aquilo que nos torna humanos, porque os algoritmos são sedutores, nos possibilitam formas de comunicação, são um elemento invisível mediador das comunicações. O problema com esse vício, além do mais, é que não se pode remover a substância que vicia porque todo mundo está usando essas tecnologias. Destaca que as tecnologias alteram espaço e tempo, isto é,

⁴⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/31/tecnologia/1548961654_584973.html. Acesso em: 02 fev. 2019.

pode-se entrar em contato com alguém em qualquer lugar e circunstâncias, mas relacionar-se com os outros implica dedicar tempo e espaço específicos a isso.

Retorno a trilha da construção sobre o que seja comunidade virtual, e destaco em ser imperioso abordar o que entendemos por virtual. No senso comum, na linguagem coloquial, virtual é entendido como o que não está presente, intangível, contudo, gera efeitos mesmo não ocupando um lugar. Levy (1996, p. 21) nos ajuda a entender o que seja virtual:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. [...] É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui e alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a 50 virtualização lhes faz tomar a tangente. Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns “realistas”: ubiquidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela. [...] A sincronização substitui a unidade de lugar, e a interconexão, a unidade de tempo. Mas, novamente, nem por isso, o virtual é imaginário. Ele produz efeitos. [...] Os operadores mais desterritorializados, mas desatrelados de um enraizamento espaço-temporal preciso, os coletivos mais virtualizados e virtualizantes do mundo contemporâneo são os da tecnociência, das finanças e dos meios de comunicação. São também os que estruturam a realidade social com mais força, e até com mais violência.

Gilles Deleuze (2006) argumenta que virtual, é como um real latente, só lhe faltando a existência. A realização dessa existência só é possível por causa dos meios que são utilizados para alcançar um fim. O virtual não se encontra pronto, inerte, mas sim em desenvolvimento:

O virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. O virtual possui uma plena realidade como virtual. Do virtual, é preciso dizer exatamente o que Proust dizia dos estados de ressonância: “Reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos”, e simbólicos sem serem fictícios. O virtual deve ser definido como uma parte própria do objeto real – como se o objeto tivesse uma de suas partes no virtual e aí mergulhasse como numa dimensão objetiva (DELEUZE, 2006, p.294).

Sob o olhar de ser o virtual parte do real, construo o seguinte pensamento: o virtual é constituinte e constituído de sistemas simbólicos, fazendo reproduzir no espaço virtual linguagens e signos virtuais que ao mesmo tempo se tornam reais. Pode-se afirmar que uma realidade virtual, em vias de materialização por meio de uma representação simbólica, através dos meios de comunicação, permite conhecimentos e (re)conhecimentos em uma constante mutabilidade, favorecendo o surgimento de uma cultura da virtualidade em parâmetros reais. Segundo Castells (2013, p.459), a cultura da virtualidade real é “um sistema em que a

realidade é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, na qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora das experiências, mas se transformam na experiência”. De sobremaneira, não apenas o real e o virtual se relacionam de modo direto, mas também o virtual se torna cada vez mais real.

E no tornar-se cada vez mais real, vou ao encontro de Bauman (2003) ao afirmar que ‘sentimos falta da comunidade’. Mesmo imersos em um mundo fluido, flexível, competitivo e incerto, comunidade virtual embala ser um conceito moderno, trazido pela possibilidade de comunicação entre as pessoas através de redes remotas, ao uso da Internet, construindo interações relacionais, um sistema de valores comuns, um sistema de símbolos comuns, referendados por valores econômicos e políticos também inerentes ao sistema de valor comum. Nesse sentido, vale trazer Rosa e Cruz (2001, p.43), a este diálogo:

Para os surdos, isto é inserção: é poder ser surdo, sem ser discriminado, ou sem ser excluído de um mundo sonoro. Nas palavras deles: *A Internet, para os surdos, iguala todas as pessoas: pobres, ricos, surdos, ouvintes, brasileiros ou estrangeiros.* (Luís Maurício Rigato Vasconcellos, Segundo Encontro Nacional de Surdos que se Conheceram na Internet - São Paulo, 17/06/2000).

Assim, comunicação entre pessoas através de redes remotas a partir do uso da internet, a partir do ato interativo entre pessoas, através das representações derivadas das relações construídas no lugar, ajudam a definir o sentido conceitual de comunidade virtual. Vale ainda trazer ao diálogo Evans-Pritchard (2007), pois o mesmo oferece dizeres no sentido de se compreender representações derivadas das relações construídas, para se compreender comunidade:

Os membros de uma tribo têm um sentimento comum para com sua região, e, portanto, para com os demais membros. Esse sentimento evidencia-se no orgulho com que falam de sua tribo enquanto objeto de sua lealdade, na depreciação jocosa de outras tribos e na indicação de variações culturais em sua própria tribo como símbolos de sua singularidade. Um habitante de uma tribo vê os habitantes de outra como um grupo indiferenciado, para o qual ele tem um padrão indiferenciado de comportamento, enquanto vê a si mesmo como membro de um segmento da própria tribo. [...] O sentimento tribal baseia-se tanto na oposição às outras tribos, como no nome comum, no território comum, na ação conjunta na guerra, e na estrutura comum de linhagem de um clã dominante. (EVANS-PRITCHARD, 2007, p.132).

Do diálogo com o autor significo que espaço comunitário, reflexo em identidades, requer uma atenção para a percepção de um tempo localizado, associado a uma vivência

cotidiana, composta por representações simbólicas. Este tempo pode ser entendido por atos que compõem o dia: acordar, trabalhar, assim como quaisquer outras atividades cotidianas que demarcam o tempo, e o vinculam a um lugar específico. Desta maneira, aquele grupo social, que habita o lugar constrói um sentimento de pertença. Este sentimento se realiza de forma a integrar o grupo, nos compartilhamentos dos valores, hábitos e atitudes. Cada membro do grupo social nutre um sentimento comum em relação ao lugar ocupado, um sentimento de orgulho, e enfatizam sua diferença em relação aos outros lugares. A partir dessa significação depreendida do diálogo com Evans-Pritchard (2007), penso na Asugov como uma espécie de comunidade, sendo um lócus apropriado para o desenvolvimento de diálogos, interações e aprendizagens entre os sujeitos comunicantes surdos.

Avançando na construção do conceito de comunidade, considero também os argumentos de Bauman (2003, p.7-8):

Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar – estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um ‘canto’ aqui é ‘escuro’). Numa comunidade todos nós entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir – mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem.

Contudo, Bauman (2003) traz ao diálogo novas percepções acerca da comunidade física. Nesse sentido, aponta uma crítica relativa à busca por segurança no mundo atual. Destaca a necessidade de compreensão do que seja comunidade levando em consideração questões de diferenças e desigualdades. Coloca em cena que as agendas sociais deixaram de lado a questão fundamental da justiça distributiva⁴⁵. A justiça da reciprocidade social relegada diante das diferenças afasta-se da defesa da igualdade de direitos por recursos para uma grande maioria da população.

Em relação à questão provocativa constante no título *‘Facebook Asugov: nominamos comunidade virtual?’*, considero pertinente a observação de Bauman (2003) a respeito do

⁴⁵ Reciprocidade social, através da qual se expõe a ideia de igualitarismo democrático.

atravessamento das questões diferença e desigualdade para pensar a Asugov como comunidade. Contudo, vale lembrar que Baumam (2003) se refere em suas construções a uma comunidade física. Na linha da interface conceitual a qual proponho estabelecer, e pensando que a Comunicação Mediada por Computador (CMC) afeta a sociedade, para pensar a noção de comunidade, dialogo com Recuero (2009), e a recuperação que faz, em seu artigo *Comunidades virtuais: uma abordagem teórica*, de pensamentos de Rheingold (1996), Jones (1997), Primo (1998), Palacios (1998) e Wellman (1999) para definir novas comunidades geradas na CMC como comunidades virtuais. Concisamente recupero a seguir as concepções desses autores com os quais ela dialoga.

Rheingold (1996 *apud* RECUERO, 2009) afirma serem as comunidades virtuais agregados sociais que surgem da Rede (Internet), quando da existência de uma quantidade suficiente de pessoas que levam discussões públicas durante tempo suficiente, com sentimentos humanos, com objetivo de formar redes de relações pessoais no ciberespaço. Jones (1997 *apud* RECUERO, 2009) entende comunidade virtual através de usos conceituais. Um primeiro uso refere-se à comunidade virtual nas diversas formas de grupos mediados pela CMC (Virtual settlement – estabelecimento virtual); um segundo uso entende que comunidades virtuais são novas formas de comunidade, sendo essas criadas através do suporte CMC (verdadeira comunidade virtual). As ideias do autor devem ser agregadas à existência de um espaço público (senso de lugar, *locus* virtual), onde a maior parte da interação (trocas comunicativas) da comunidade se desenrole. Primo (1998 *apud* RECUERO, 2009) aponta a interação humana para compreender a interatividade na comunicação humano-computador. O humano não seria apenas o disparador de programa, e sim, a realizar interações comunicacionais mútuas (negociação entre os agentes, ações independentes, geração de interpretações, fluxo dinâmico, construção negociada) e reativas (processo de estímulo-resposta, fluxo linear e determinado, relação causal baseada no objetivismo). Desta forma, a interação será classificada pelo modo através do qual utiliza o meio (RECUERO, 2009).

Palacios (1998 *apud* RECUERO, 2009) pensa o pertencimento (associa-se ao território geográfico) como elemento da comunidade virtual (lugar determinado no ciberespaço, desencaixado do lugar-território concreto, associado ao lugar-ciberespacial da comunidade). Circunscreve o pertencimento como um sentimento de ligação. Reforça ser a comunidade constituída sobre sentimentos, sendo estes necessários para a existência de comunidade no ciberespaço, enfatizando o sentimento de pertença, de ter-se algo em comum, ser parte de um mesmo corpo, e que se sintam responsáveis pela comunidade. Já na perspectiva de Wellman (1999 *apud* RECUERO, 2009), comunidade virtual não é uma nova forma de sociabilização,

e sim, o transporte de uma comunidade tradicional para um novo suporte com objetivos de manutenção dos laços sociais.

Do diálogo com Recuero (2009, p.9) recupero a ideia de que “grande parte dos laços sociais forjados no ciberespaço sejam transpostos para a vida *offline* das pessoas”. E, nesse sentido, ao alcance de construção da resposta à questão provocativa constante nesse subtítulo, faço registrar que tanto a comunidade física Asugov como a virtual Asugov são agrupamentos constituídos de pessoas surdas e ouvintes, com vidas *online* e *off-line*, participante e circunscrita à associação. Entendo que essa especificidade indica que a Asugov não exclui pessoas em suas diversidades e diferenças. Inclui todas as que se vinculem a seus propósitos, valores, projetos mútuos em processos de cooperação ou troca. Penso nisso como amalgama significativa de sociabilização. Nessa via, repenso o diálogo estabelecido com Recuero (2009) e busco ultrapassar a polêmica por ela apresentada e ainda existente acerca da noção de comunidades virtuais. Para o posicionamento defendido pelos diversos autores apresentados, de que as comunidades virtuais nada mais do que comunidades tradicionais mantidas através da CMC, e para o posicionamento de que comunidade virtual não possui um território, portanto não seria uma comunidade *stricto sensu*, acompanho a concepção da autora Recuero (2009, p.10) como significativo a nossa compreensão e resposta: “A comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, mas é existente apenas enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais.”.

Desta forma, penso ser o perfil Facebook Asugov uma das dimensões da comunidade de cidadãos asugovianos, que vinculam os contextos social e virtual, a presença de sujeitos comunicantes em suas diferenças.

Nas páginas seguintes, nos Capítulos 5 e 6 desenvolvo considerações sobre o Facebook e a Asugov como ambientes configuradores das práticas comunicacionais dos sujeitos comunicantes surdos para pensar concretizações, possibilidades e obstáculos à construção de sua cidadania comunicativa.

4 TRILHAS DA CONSTRUÇÃO INVESTIGATIVA

‘[...] Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar (Antonio Machado)⁴⁶.

Neste Capítulo busco desenhar as trilhas percorridas na construção da investigação, em afinidade com a problemática e com a realidade investigada. A construção foi um exercício denso, de apropriações e interpretações, entre idas e vindas. A cada obstáculo inevitavelmente surgido, busquei ultrapassá-lo. Opto aqui por recuperar o percurso em uma ordenação vinculada ao seu desenvolvimento, apresentando de partida fundamentos teórico-metodológicos que alicerçaram a pesquisa.

Como pesquisadora, fui participante do que estudei e busquei me envolver no processo vivido, o que não poderia ser diferente. Procurei me inserir no grupo da Asugov, trabalhei formas concretas que possibilitassem o meu caminhar. Desta forma, busquei construir metodologias mestiças (MALDONADO, 2002; 2008), que pudessem dar conta das múltiplas dimensões da pesquisa. Foram percursos exploratórios, processo de observações na Asugov, entrevistas com os sujeitos comunicantes surdos e observações nos ambientes digitais, cujo desenho evoca um trabalho artesanal, com suas tramas elaboradas, estruturadas em desenhos manifestados sob diversas formas. Dialogo neste sentido com Charles Wright Mills (1975) para pensar que os exercícios de produção da pesquisa e de reflexão do cientista social constituem um artesanato intelectual (MILLS, 1975). Assim, nas tramas elaboradas, nos desenhos dos percursos, na transmetodologia proposta por Maldonado (2002; 2008), o aporte metodológico foi sendo construído. E, em uma contradança filosófica entre teoria e empiria como propõe Bachelard (2006), subsidiei meu caminhar.

A seguir, o leitor encontra os fundamentos da perspectiva transmetodológica que orienta minha concepção investigativa. No item seguinte, abordo os percursos da pesquisa teórica e da pesquisa empírica. Na sequência, reconstruo o percurso da pesquisa empírica, abordando os processos exploratórios de observação na associação e os percursos da fase sistemática da pesquisa, em que realizei entrevistas com uma amostra de sujeitos e observações nos ambientes digitais selecionados para investigação. Especificamente nessa reconstrução os objetivos são: identificar aspectos marcantes relativos às culturas dos sujeitos comunicantes surdos vinculados às suas trajetórias comunicacionais e midiáticas; e observar e analisar as atividades desenvolvidas na Asugov no que tange a participação dos sujeitos

⁴⁶ Antônio Cipriano José Maria y Francisco de Santa Ana Machado Ruiz – poeta espanhol.

surdos nos processos comunicacionais da associação. Dessa forma, consubstanciei elementos para evidenciar a construída da cidadania comunicativa desses sujeitos.

4.1 Fundamentos da caminhada: a perspectiva transmetodológica

Os caminhos trilhados foram norteados pelo desafio de investigar os usos e apropriações que sujeitos comunicantes surdos membros da Asugov realizam no Facebook, a partir da página dessa associação e de seus perfis pessoais, na perspectiva de constituição de cidadania comunicativa, problemática que demandou uma estratégia sensível, reflexiva, multidimensional e que foi sustentada numa estratégia transmetodológica.

A transmetodologia, como propõe Maldonado (2002; 2008) procura ir além da tendência de se pensar epistemicamente as problemáticas da pesquisa sob as perspectivas hegemônicas europeias e norte-americanas, e marca a necessidade de reconfiguração teórico-metodológica em Comunicação para dar conta das realidades socioculturais existentes. Sob o olhar do pesquisador, que fundamenta e sistematiza esta perspectiva, podemos entender a transmetodologia como:

Uma vertente epistemológica que afirma a necessidade de confluência e confrontações entre vários métodos, realizando processos de atravessamentos lógicos, desconstrução estrutural, reconstruções estratégicas, problematizações redefinidas, em cada empreendimento/projeto de investigação iniciado. Nutre-se de conhecimentos transdisciplinares, na dimensão teórica, e promove estratégias de exploração, experimentação e reformulação metodológicas. (MALDONADO, 2012, p. 31).

Neste percurso transmetodológico, cujo alcance reflete o afastamento de fórmulas repetidas, bem como preceitos generalistas e vácuos, diálogo também com reflexões de Bonito (2015) que se alinham à perspectiva aqui trabalhada:

Neste caminho, a reflexão passa pela necessidade de uma postura científica aberta, num diálogo com questões singulares e plurais, de reconhecimento das fronteiras dos saberes como dinâmicas, ao permitirem espaço para as múltiplas dimensões do conhecimento para que seja possível compreender o objeto de pesquisa, ao permitir a confluência e o atravessamento de métodos que também valorizam a subjetividade dos sujeitos. (BONITO, 2015, p. 167).

Apartando-me de fórmulas repetidas, aproximo minha reflexão à de Porto (2019) no sentido de pensar a “transmetodologia [como] uma vertente epistemológica orientadora da

práxis” (p. 105). Nesse sentido, o pensamento como orientador da *práxis*, leva-me a pensar a transmetodologia em flexibilidades (elasticidades e plasticidades) e razoabilidades (bom senso e proporcionalidades) sobre como dar conta das interfaces com outros campos do conhecimento. Pensar como uma espécie de ruptura e ao mesmo tempo um interagir com o melhor que a pesquisa comunicacional e social do século XXI nos oferece (MALDONADO, 2008).

Meu caminhar por percursos transmetodológicos se orientou por um constante diálogo com as premissas propostas por Maldonado (2008) para o desenvolvimento de concepções e estratégias metódicas de caráter transmetodológico. A primeira premissa nucleia o ser humano, a espécie, a vida bem como os outros elementos existentes, como merecedores de respeito, atenção e consideração. Nessa linha de raciocínio, busco a construção de uma ecologia científica baseada em culturas e valores diversos. Por certo, isso inclui afastar “[...] valores utilitaristas, individualistas e instrumentais do modo de vida hegemônico contemporâneo.” (MALDONADO, 2008, p. 10). A segunda premissa é que o mundo precisa ser transformado, não mais por depredações, e sim em uma transformação aberta, gerida por razões ‘multiléticas’⁴⁷, articulando revoluções culturais técnico/científicas numa dinâmica sem orientação mercantilista e sim social. A terceira premissa apresenta e define a investigação como *práxis* central do aprendizado das pessoas e a quarta aponta que a partir de uma postura construtiva transdisciplinar devemos estabelecer “[...] relações, intercâmbios, convergências, atravessamentos, reformulações teórico/metodológicas com base no conhecimento sistemático, organizado, empírico e teórico das diversas áreas do saber.” (MALDONADO, 2008, p. 12). A quinta premissa parte da assertiva que os sentidos científicos precisam dos bons sentidos culturais. A sexta premissa solicita habilidades para caminhar transmetodologicamente e de discernimento sobre quais são as problemáticas pertinentes e relevantes socialmente em nosso campo. A sétima premissa valida o caminhar transmetodológico trazendo a multidimensionalidade comunicacional como impeditiva de abordar os desafios do conhecimento de maneira unilateral. Os problemas sociocomunicacionais requerem construções metodológicas as quais implicam reformulações e configurações múltiplas. A oitava premissa parte da assertiva de que todo trabalho científico, se não assume um compromisso ético com a humanidade, não tem sentido filosófico, ético. A nona premissa parte da proposta multilética que combina *práxis* teórica e empiria. E por fim, e não menos importante, a décima premissa sustenta que a formação de

⁴⁷ Termo criado pelo autor.

um pesquisador, um cientista, deve ser de caráter complexo e multidimensional, multicultural, atravessados pelos mundos culturais, nos quais as *práxis* acontecem. Assim, a perspectiva transmetodológica abraça a fabricação de raciocínios inter-relacionados para a construção do conhecimento.

A transmetodologia apresenta-se como uma linha de pesquisa metodológica que procura trabalhar visualizações epistêmicas, concepções teóricas, desenhos e estratégias metodológicas, operacionalizações técnicas, combinando-as com o que a história, a filosofia, a sociologia e a lógica da ciência oferecem para realizações férteis. (MALDONADO, 2008, p. 22).

Maldonado (2008) chama a atenção para a necessidade de o pesquisador em comunicação ter uma visão transdisciplinar, fortalecendo os conhecimentos do campo específico, compreendendo os saberes científicos gerais, dialogando com as redes de conceitos comunicacionais, as quais suscitam resolução de problemáticas teóricas e empíricas relevantes para a vida social dos nossos países. (MALDONADO, 2008).

Tomando esta perspectiva como orientação para minha caminhada investigativa, voltei meu olhar para realidades existentes e entrelaçadas no problema de pesquisa, reconhecendo a necessidade de explorar elementos de interface com a Antropologia (sujeito comunicante surdo produtor de cultura); com a Etnografia (observações no contexto digital pesquisado); com a História (peculiaridades socioculturais da trajetória desse grupo populacional); com a Semiótica (formas e manifestações comunicacionais através de seus signos); com a Educação (acontecimentos relacionados ao campo educacional na dualidade ouvintes/surdos); com o Direito (aparato legal inclusivo); com a Comunicação (processos e práticas comunicacionais) como enlances analogicamente similares ao artesanato intelectual proposto por Charles Wright Mills (1975). Nessa visada construtiva artesanal, os exercícios de reflexão nas nuances histórica, cultural, social, educacional, legal e comunicacional reforçam a flexibilidade e razoabilidade do caminhar transmetodológicos para dar conta do desafio investigativo.

Assim faço registrar em primeiro lugar os passos trilhados para deixar “verdades do senso comum”⁴⁸ de lado e percorrer um novo caminho, sob novos olhares. Da cegueira que de certa forma me ensurdecia, comecei a tatear o objeto de estudo a que propus a pesquisar: sujeitos surdos comunicantes em inter-relações comunicativas com o perfil Asugov (digitais e presenciais na associação) e em seus perfis pessoais. De partida, ancorei-me nas ideias teóricas como formas/maneiras de explicar a realidade. No caminho tropecei-me na realidade.

⁴⁸ Significado de ‘verdades do senso comum’: noções pouco aprofundadas existentes no senso comum tidas como verdades.

Aceitei o tropeço e fui buscar em Porto (2019) a motivação para a inventividade de habilitar-me como era proposto no Kuber⁴⁹.

Neste sentido, a proposição de Bachelard (2006) sobre a necessária contradança filosófica entre teoria e empiria, em um racionalismo dialético, ajudou-me na condução da pesquisa, a multiplicar e afinar as estruturas, a um “alargamento dos quadros do conhecimento”. Desta forma, consubstanciando perspectivas de compreensão, meios e métodos de pesquisa, ancorei-me epistemologicamente em reflexões sobre o objeto proposto, sobre os modos em que eu, pesquisadora, buscava trilhar os processos de investigação e os procedimentos de edificação da pesquisa. Nesse sentido, a dança proposta foi força motriz, com lógicas dialéticas, essenciais para a problematização do objeto de pesquisa e da estruturação da tese. Cláudio (2016) aporta a este olhar, ao afirmar que é “[...] pela ciência e outras áreas do conhecimento que o ser humano almeja o seu conhecimento do mundo buscando respostas para situações e fenômenos diversos.” (CLAUDIO, 2016, p. 131).

Contradança proposta e aceita me parece produtivo apresentar aqui também elementos que permitam dimensionar a proponente do caminhar em termos de relação com a temática da pesquisa. Lembro-me de ainda adolescente, acompanhar minha mãe no exercício da catequese e nas aulas aos menores atendidos no Centro de Integração ao Menor Carente (CIAME), instituição mantida pela ordem dos Freis Franciscanos na cidade de Governador Valadares, comunidade Santa Rita de Cássia⁵⁰. Fui participante e militante de grupo de jovens o que me levou ao envolvimento com atividades sociais e políticas. Como Orientadora Educacional, mesmo que por pouquíssimo tempo, pautava meu trabalho pelo resgate de adolescentes meninas profissionais do sexo, nos entornos de bairros periféricos e do mercado municipal de Governador Valadares⁵¹. Através dos atendimentos jurídicos a pessoas com poucos recursos, pertencentes a grupos minoritários, voltei meu olhar ao não cumprimento da chamada Lei de Cotas⁵² em Governador Valadares na época do mestrado em Gestão Integrada do Território. Com formação nas áreas das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas e anos de magistério, cheguei ao Doutorado em Ciências da Comunicação com o propósito de alargar meus quadros de conhecimento. Feitos os planejamentos iniciais desenhados para a produção desta tese, trilhei por um caminho em que nada me foi dado, nada estava pronto e, portanto,

⁴⁹ Kuber é um jogo indígena, dos povos Guarani, cujo objetivo é o desenvolvimento do potencial intuitivo de cada indivíduo quando busca respostas para suas questões pessoais ou coletivas (PORTO, 2019). A autora se inspira nele para construir um percurso metodológico flexível, a fim de lidar com a realidade dos sujeitos da pesquisa e de sua realidade.

⁵⁰ Por motivos diversos a Instituição CIAME não mais existe.

⁵¹ Meu pai foi comerciante e fiscal do mercado municipal de Governador Valadares, território afetivo meu.

⁵² Lei Ordinária Nº 8.213 de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências.

não existia modelo a ser copiado (CLAUDIO, 2016). Habilidades foram se edificando, caminhos foram sendo construídos. Como observa Foletto (2011, p.192), no percurso “surge como necessário e, ao mesmo tempo desafiador, o movimento de pensar, refletir e agir no sentido de elaborar uma abordagem metodológica que possibilite um olhar amplo diversificado e qualificado daquilo que o problema-objeto demanda”.

Bonin (2011, p.31) observa a necessidade de realizarmos diálogos com os conhecimentos já produzidos, pois a “construção de novos conhecimentos se faz em relação com esse saber acumulado, por rupturas, mas também por continuidades”. Em afinidade com esta ideia, no item seguinte é dedicado à explicitação dos processos e percursos de realização de pesquisas bibliográfica, de pesquisa teórica, da pesquisa e de contextualização que participaram da produção desta tese.

4.2 Pesquisas da pesquisa, teórica e de contextualização

Sobre o processo de construção investigativa, pensando os percursos teóricos em diversos e constantes movimentos de elaborar e reelaborar, dialogar e tensionar, para tentar dar conta da complexidade da problemática aqui investigada, pontuo as práticas de pesquisa da pesquisa, de pesquisa de contextualização e de pesquisa teórica como movimentos relevantes neste processo.

O primeiro movimento metodológico nesta caminhada foi a realização de um levantamento bibliográfico que auxiliasse a traçar aspectos de contexto relativos aos caminhos percorridos pelos sujeitos comunicantes surdos no mundo ocidental. Neste processo de levantamento histórico, almejei também descobrir ‘vestígios’ da cultura surda nos primórdios da criação do território de Governador Valadares em MG. Nos anais históricos desse território, encontrei apenas um indicativo de um ‘caso de afogamento’ de uma criança com deficiência ‘de fala’, nas margens do Rio Doce, nas imediações do Quartel Dom Manoel⁵³, povoado Figueira do Rio Doce, 1937 (ESPÍNDOLA, 2005; FONSECA, 1985; OLIVEIRA, 2010; SOARES, 1992). A insatisfação gerada pela inexistência de registros históricos especificamente sobre a comunidade surda de Governador Valadares me instigou, inclusive, a tentar superá-la através de futura proposta de produção de um escrito registrando a história da comunidade surda de Governador Valadares, ancorada em entrevistas, relatos orais, narrativas

⁵³ Atual bairro São Tarcísio, em Governador Valadares (MG).

dos sujeitos comunicantes surdos e/ou sujeitos comunicantes ouvintes construtores, participantes dessa história.

Um segundo movimento metodológico foi construir um mapeamento de pesquisas já realizadas sob a problemática investigada para fundamentar o exercício de pesquisa da pesquisa, “prática relevante para tomar contato com essa produção, a fim de que as novas investigações contemplem e considerem esses desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar com e a partir deles” (BONIN, 2011, p. 48-49). A partir de palavras-chaves⁵⁴ relacionadas ao objeto de pesquisa, garimpei investigações com a finalidade de sustentar a pesquisa, ora com a possibilidade de surgimento de novos horizontes, novos rumos passíveis de serem descobertos.

Na caminhada dessa construção, um primeiro movimento foi identificar nas pesquisas levantadas eixos temáticos. Estes eixos foram assim identificados: a) História das pessoas surdas; b) Recepção e mídias digitais; c) Usos e apropriações midiáticas no Facebook; d) Cultura surda; e) Cidadania comunicativa; f) Facebook (Comunidade virtual). O corte temporal considerado com relação aos trabalhos produzidos foi de 2005 a 2020. Para os eixos história das pessoas surdas e cultura surda desconsidere o lapso temporal.

Em relação aos caminhos trilhados para as buscas, consulte os seguintes cenários: Portal de Periódicos da Capes; Scielo; Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação); Compós (Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Também realizei uma coleta, sob a perspectiva dos eixos temáticos em dissertações, teses, artigos e livros nas bibliotecas digitais das seguintes instituições: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Universidade de São Paulo (USP); Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); UNISINOS, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP); e Pontifícia Universidade Católica de do Rio Grande do Sul (PUCRS). Toda a colheita foi sistematizada em pastas, nomeadas em conformidade aos seis eixos temáticos propostos⁵⁵.

⁵⁴ Palavras-chave: mídiatização, mídias digitais, cultura surda, cidadania comunicativa, usos e apropriações, Facebook, comunidade virtual.

⁵⁵ As pesquisas foram feitas nos sites: <http://www.periodicos.capes.gov.br>; <https://www.scielo.org>; <https://bv.fapesp.br/pt/instituicao/987/sociedade-brasileira-de-estudos-interdisciplinares-da-comunicacao-intercom/>; <http://www.compos.org.br>; <http://bdtd.ibict.br/vufind>; <http://www.bu.ufmg.br/br>; <http://www.ufrgs.br/bibliotecas>; <http://udesc.br/biblioteca>; <http://www5.usp.br/pesquisa/bibliotecas>; <http://www.sbu.unicamp.br>; <http://unisinobrasil.org.br/biblioteca>; http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/index.php?tipoPesquisa=1; <http://www3.pucrs.br/portal/page/biblioteca/Capa>.

Após seleção das produções científicas encontradas, realizei uma exploração inicial das mesmas a fim de refletir sobre o que poderiam aportar para a construção desta pesquisa. Comecei considerando os resumos dos trabalhos encontrados para decidir quais daqueles seriam aprofundados através do mergulho, análise e reflexão sobre suas propostas. O Quadro 3 a seguir sintetiza as pesquisas que foram objeto de estudo e que ofereceram subsídios teórico-metodológicos, contextuais e empíricos para a construção desta pesquisa.

Quadro 3 - Registro de produções e eixos temáticos correspondentes (início)

Produção e ano	Título da produção	Autor	Eixos abrangentes
Tese 2020	Educomunicação comunitária: Horizontes para repensar a educomunicação, a comunicação comunitária e a cidadania comunicativa.	SAGGIN, Livia Freo	Cidadania comunicativa. Sujeitos comunicantes
Tese 2019	Processos comunicacionais, identitários e cidadãos: Pataxós em “territórios” de resistências e de utopias.	PORTO, Helânia Thomazine	Recepção e mídias digitais. Usos e apropriações midiáticas. Cidadania comunicativa.
Dissertação 2019	O corpo travesti – a memória dos sujeitos comunicantes.	MEDINA, Deicy Yvets Morales	Usos e apropriações midiáticas. Cidadania comunicativa.
Tese 2018	Entre as redes sociais digitais e as ruas: processos comunicacionais nos coletivos Defesa Pública da Alegria e Bloco de lutas.	ALBUQUERQUE, Marina Zoppas de	Usos e apropriações midiáticas. Cultura surda. Cidadania comunicativa.
Dissertação 2018	Projetando no silêncio: estratégias para participação de pessoas surdas em projetos de arquitetura residencial.	MEDEIROS Ana Thereza Farias de	Usos e apropriações midiáticas. Cultura surda.
Dissertação 2018	As bibliotecas e as mídias sociais: o uso do Facebook pelas bibliotecas das Universidades Federais brasileiras.	PEIXOTO, Suzane Gonçalves Duarte	Usos e apropriações midiáticas. Cultura surda. Cidadania comunicativa.
Tese 2016	A cultura dos sujeitos comunicantes surdos: construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no Facebook.	CLAUDIO, Janaína Pereira	Usos e apropriações midiáticas. Cultura surda. Cidadania comunicativa.
Dissertação 2016	Educomunicação, mídias digitais e cidadania: apropriações de oficinas educacionais por jovens da vila Diehl na produção do blog semeando ideias.	SAGGIN, Livia Freo	Recepção e mídias digitais. Cultura surda. Cidadania comunicativa.
Dissertação 2016	Os movimentos sociocomunicativos de ativistas engajadas na luta contra o câncer de mama no Brasil.	SOARES, Thais Cardoso	Usos e apropriações midiáticas. Cidadania comunicativa.
Tese 2015	Midiatização e circulação de sentidos nas manifestações de junho de 2013.	BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira	Recepção e mídias digitais. Cultura surda.
Tese 2015	Presidentes de Latino América: inter-relações entre sujeitos comunicantes e a série de entrevistas.	FOLLETO, Rafael	Recepção e mídias digitais. Usos e apropriações midiáticas. Cidadania comunicativa.

Quadro 3 - Registro de produções e eixos temáticos correspondentes (continuação/fim)

Produção e ano	Título da produção	Autor	Eixos abrangentes
Dissertação 2016	Os movimentos sociocomunicativos de ativistas engajadas na luta contra o câncer de mama no Brasil.	SOARES, Thais Cardoso	Usos e apropriações midiáticas. Cidadania comunicativa.
Tese 2015	Mediatização e circulação de sentidos nas manifestações de junho de 2013.	BEZERRA, Patrícia Rangel Moreira	Recepção e mídias digitais. Cultura surda.
Tese 2015	Presidentes de Latino América: inter-relações entre sujeitos comunicantes e a série de entrevistas.	FOLLETO, Rafael	Recepção e mídias digitais. Usos e apropriações midiáticas. Cidadania comunicativa.
Tese 2015	Processos da Comunicação Digital Deficiente e Invisível: Mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil.	BONITO, Marco Antônio	Recepção e mídias digitais. Usos e apropriações midiáticas. Cultura surda. Cidadania comunicativa.
Dissertação 2015	Memória Surda: discurso e identidade.	SANTOS, Gilmar Almeida dos	História das pessoas surdas. Cultura surda.
Dissertação 2015	Surdez no Brasil: memória, identidade e planejamento linguístico.	RODRIGUES, Veronica de Oliveira Louro	História das pessoas surdas. Cultura surda.
Dissertação 2014	Das ruas para as redes: usos, apropriações e práticas cidadãs desenvolvidas pelos fotógrafos populares da Favela da Maré.	ALENCASTRO, Bruno Schmidt	Recepção e mídias digitais. Usos e apropriações midiáticas. Cultura surda. Cidadania comunicativa.
Tese 2012	Do mercado à cidadania: O desafio das transformações dos sujeitos discursivos, das institucionalidades e das narrativas jornalísticas na TV pública brasileira	FAXINA, Elson	Recepção e mídias digitais. Usos e apropriações midiáticas. Cultura surda. Cidadania comunicativa.
Tese 2010	Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana	BRIGNOL, Liliane Dutra	Recepção e mídias digitais. Usos e apropriações midiáticas. Cultura surda. Cidadania comunicativa.
Tese 2009	Antíteses, Díades, Dicotomias no Jogo entre Memória e Apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961).	ROCHA, Solange Maria da	História das pessoas surdas. Cultura surda.
Dissertação 2000	O silêncio disciplinado: a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes.	LULKIN, Sergio André	História das pessoas surdas. Cultura surda.
Dissertação 1992	A criança surda e seu mundo: o estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias.	REIS, Vânia Prata Ferreira	História das pessoas surdas. Cultura surda.

Fonte: Elaborado pela autora.

De forma a aprofundar aspectos históricos sobre o grupo populacional estudado, visitei o *site* da FENEIS, no *link* biblioteca, onde me foram ofertados 511 filmes, 505 livros, 43 Gadgets, 11 músicas, 05 *softwares*. Voltei minha atenção aos livros. Não que as outras opções

ofertadas não pudessem me interessar, porém, a atenção para a produção bibliográfica melhor se coadunava aos meus propósitos (históricos) já estabelecidos.

Das espécies existentes nos livros ofertados, ative meu olhar aos de categoria história. Nesta constavam 23 produções de livros com referência à temática história dos surdos. Selecionei 02 produções do autor Paulo Vaz de Carvalho que se afiguraram como mais produtivas para aprofundamento (CARVALHO, 2013; 2019). Publicações que a FENEIS disponibiliza em seu *site* (FENEIS, 2020).

Nas singularidades de cada produção estudada na pesquisa das pesquisas, alimentei-me de construções conceituais ofertadas para problematizar os conceitos de midiatização, comunicação digital, mediações, tecnologia assistiva, redes sociais, cidadania comunicativa e usos e apropriações realizadas pelos sujeitos comunicantes surdos. Busquei inspiração nas metodologias trabalhadas pelos pesquisadores para inspirar o desenho metodológico da pesquisa.

Um terceiro movimento foi a de pesquisa teórica. Neste movimento, direcionei-me ao trabalho de estudo e apropriação de conceitos relevantes para a pesquisa, a partir das reflexões e atravessamentos constantes entre teoria e empiria. Sem ordem de primazia relacional entre teoria e empiria, os diálogos foram sendo estabelecidos entre searas do conhecimento das ciências sociais aplicadas e humanas. O elo motivacional e de atravessamento foi erigido sob o comando da comunicação, dos processos comunicacionais digitais como fenômeno social. Neste sentido, Bonin (2011), apresenta-nos a pesquisa teórica como linha fundamental construtiva e que, uma construção sob este olhar permite que se visualize uma rede de conceitos trabalhados em articulações para sustentar a compreensão do problema investigado. Assim, o aporte teórico foi consubstanciado em autores em cujos olhares entrelaçaram-se com os processos comunicacionais digitais, processos esses ricos de dinâmica de transformações, vivenciados em rede e articulados com a experiência comunicacional e midiatizada dos sujeitos.

Desta forma, no caminho construtivo percorrido na pesquisa teórica bibliográfica, como nas laçadas de um trabalho artesanal (MILLS, 1975), busquei pensar as processualidades midiáticas (comunicação digital, redes, mediações e apropriações midiáticas, e cidadania comunicativa) articuladas aos processos comunicacionais, elaborar uma tessitura que desse suporte à elucidação daqueles processos para sustentação teórica, para superar minha formação diversa à Comunicação.

A malha tecida por fios da problematização teórica perpassou conceitos de Midiatização. Em diálogo com Mattelart (2002), Moraes (2006), Verón (2014), Maldonado

(2019), Martín-Barbero (2015), Silverstone (2002) e Hepp (2020), procurei pensar a midiáticação como um processo histórico, que se instaura de forma expansiva e intensa no século XX como necessidade sistêmica das formações sociais capitalistas hegemônicas; como um fenômeno complexo, propulsor de mudanças sociais e culturais.

Outro fio dessa malha teórica tecida enlaça a comunicação digital e redes pensando os processos de comunicação digital como constituintes de uma nova estruturação social: a sociedade em redes. Os diálogos com Castells (2005) me permitiram pensar que esse processo multidimensional (sociedade em redes) se associa à emergência desse novo paradigma tecnológico, manifestando-se sob diversas formas, em conformidade às culturas, às instituições, trajetórias históricas e territoriais. Peruzzo (2018) me ajudou a pensar possibilidades de apropriações do ciberespaço por coletivos e movimentos sociais. Este contexto de diálogos permitiu pensar possibilidades que a comunicação digital abre para o exercício da comunicação cidadã.

Na laçada seguinte da construção teórica, trabalhei o conceito de Mediações e apropriações midiáticas começando por Silverstone (2002). A partir do pensamento do autor as mediações (práticas comunicacionais) realizadas passam a compor o cenário midiático (interações), construindo e polemizando relações, desencadeando novos parâmetros de sociabilidades, impactando todo o processo comunicacional. Jesús Martín-Barbero (2015) também pontua a ideia de que mediação é circulação de sentidos, mediações de ordens sociais, institucionais, políticas e culturais. Maldonado (2002) reforça a ‘quase impossibilidade’ de se escapar da presença da mídia. Santi (2003); Lacerda (2008), Jesús Martín-Barbero (2006; 2015) me ajudam a pensar a mediação como um processo de sociabilidades constitutivo de apropriações midiáticas, possibilidades de discussões das contribuições oriundas do campo das mediações (Teoria barberiana).

Nesta caminhada teórica busquei perspectivas para pensar as culturas e os sujeitos comunicantes surdos, articulando conceitos vinculados aos campos da história, da filosofia e questões sociocomunicacionais, e sob a perspectiva da cultura dos próprios sujeitos comunicantes surdos. Pensei a cultura como produção histórica e social dando particular atenção à constituição da cultura surda em suas múltiplas dimensões, a partir de diálogos com Muniz Sodré (1984), Karin Strobel (2018), Adela Cortina (2005), Perlim e Strobel (2014), Claudio (2016), Karnopp, Klein e Lunard-Lazzarin (2011), Skliar (1998; 2019) e Luz (2017) refere-se a questões éticas como sendo orientadoras para estar com o outro, no mundo físico ou virtual. Dialogando com Maldonado (2013), pensei os sujeitos surdos como sujeito

comunicantes, pensando-os como seres sociais viventes e experimentadores de suas práticas de sentido em contextos múltiplos, incluindo o digital.

Ainda nesta construção teórica, busquei explorei a noção de cidadania para, assim, alcançar perspectivas para pensar cidadania comunicativa. Gilissem (1995), Lopes (2008), Cortina (2005), Brignol (2010) Mata (2005) e Faxina (2012) consubstanciaram esse percurso histórico e as compreensões elaboradas para pensar a cidadania comunicativa dos sujeitos surdos em diferentes dimensões.

Na contramão dessas narrativas, e eu não poderia deixar de registrar, a invisibilidade, ferida (in)visível, que ainda reclama por caminhos de inclusão das pessoas comunicantes surdas. Pensar invisibilidade e caminhos de inclusão, a relação entre meios de comunicação e sujeitos comunicantes surdos me levou a caminhar por reflexões em torno de como comunidades surdas estão fazendo uso das redes para a construção da cidadania. Neste intento, olhar os processos comunicacionais constituídos no Facebook Asugov como conformadores de uma comunidade virtual me levou a trilhar por conceitos de lugar, território e comunidade, para então, formular uma compreensão das comunidades virtuais em diálogo com Augé (1994) Deleuze (2006) e Recuero (2009), entre outros. A partir desta discussão, concebi o perfil Facebook Asugov como uma das dimensões da comunidade de cidadãos asugovianos, que vincula os contextos social e virtual de presença de sujeitos comunicantes em suas diferenças.

4.3 As processualidades da pesquisa empírica

Neste tópico, o leitor encontra o detalhamento teórico-metodológico dos percursos percorridos para a construção da pesquisa empírica realizada na tese. No primeiro momento reconstruo percursos trilhados, desafios os quais ultrapassei e ações que realizei para inserir-me junto ao grupo observado. Apresento relatos das movimentações que fiz para imergir e articular-me junto ao território asugoviano. Registro o meu nascimento na cultura surda: nome/identidade, inspirado em uma representação, característica especificamente minha. Foi reconfortante e acalentadora a experiência de adquirir um nome representativo da minha pessoa, da minha identidade junto a eles, nome escolhido pelos sujeitos comunicantes surdos. Agora passava a me sentir parte do grupo e confortável para realizar observações na Asugov.

As observações no espaço físico Asugov foram realizadas com o auxílio do método da observação participante. A escolha se justifica pela necessidade de observar o ambiente e as relações comunicativas, assim como para aproximar-me dos sujeitos comunicantes surdos.

Foram antecedidas por passos dialogados com os procedimentos exploratórios realizados anteriormente. Após realizar os processos de observação e o registro sistemático delas, passei à tarefa de elaboração e realização das entrevistas com os sujeitos comunicantes surdos. Posso afirmar que foi uma tarefa complexa, contudo enriquecedora por diversos sentidos. Relato a seguir estes processos metodológicos de forma mais detalhada.

4.3.1 Percurso de aproximação e de imersão na Asugov

Os caminhos trilhados foram diversos e por vezes difíceis. Em 2017, após definir que o grupo a ser observado seria a comunidade surda de Governador Valadares em MG, cidade onde resido, busquei inteirar-me sobre a associação de surdos existente. A época vários incidentes, incluindo desentendimentos pessoais e desvio de verbas, fizeram com que minha chegada à Asugov fosse vista com muita desconfiança.

Estabeleci um primeiro contato com um ex-diretor da associação. Esse sujeito é surdo, oralizado, usa aparelho auditivo, possui nível superior, é professor universitário. Nas poucas vezes em que consegui ser recebida por ele, as visitas foram infrutíferas, evasivas. Buscava informações sobre a associação e sobre um perfil existente na rede social Facebook. Este perfil privado, ainda existente, é nominado ‘Associação dos Surdos de Governador Valadares – Asugov’⁵⁶ e pertence a uma pessoa física. Após três tentativas de aproximação para buscar informações sobre a associação e a página existente no Facebook resolvi desistir. Em um encontro ocasional com um ex-aluno, professor da UNIVALE, intérprete de Libras, descobri que a Asugov, entidade filantrópica, instituição dedicada à causa da cultura surda, realizava reuniões em um espaço localizado em um bairro central de Governador Valadares e que os membros da diretoria provisória eram professores na Escola Estadual Professor Nelson de Sena. Como parte do exercício do meu magistério no ensino fundamental e médio foi nessa escola, encontrei uma oportunidade e comecei minha aproximação.

Ainda em 2017, realizei visitas ao núcleo existente na Escola Professor Nelson de Sena, que preza pela acessibilidade aos alunos, núcleo especializado em atendimento a PCD. Neste local, encontrei-me com a Silvania Teixeira Coelho, responsável pelo Núcleo da Cultura Surda. Com a ajuda de um intérprete, expliquei para ela meus propósitos como doutoranda. Mesmo ‘desconfiada’, convidou-me a visitar a associação e conhecer o trabalho ali realizado. Naquele local, com ouvintes conhecidos, outros não, fiz descobertas sobre a

⁵⁶ Pesquisar endereço <https://www.facebook.com/groups/135093919963810/members/>.

necessidade de me resguardar em relação ao ex-diretor e ao ‘outro’ perfil existente no Facebook.

A princípio sentia uma espécie de insegurança para com as pessoas surdas. Aos poucos ultrapassei a barreira do medo em não ser bilíngue, em não ser pertencente à cultura surda e fui ao espaço da Asugov, às reuniões abertas ao público, buscando construir sentidos em observações sem o recurso da fala. Tratava-se de ouvir com os olhos (SKLIAR, 2016). Deste modo, o método de espera e a técnica do ultrapasse configuraram a construção incipiente da comunicação que se estabelecia. Neste contorno de ser ouvinte e não possuidora de conhecimentos básicos da língua de Libras senti a necessidade de repensar sobre o modo de acompanhar aqueles processos comunicacionais, os sujeitos envolvidos, o que ocorria naquele contexto cultural, sobre o meu desconhecimento de Libras e, portanto, revisei a pesquisa metodológica. No revisitar, recuperei a ideia de que os métodos devem dialogar entre si para redesenhar, reformular figurações epistêmico-teórico-metodológicas diante do(s) desafio(s) que se me apresentavam. (BONIN, 2013). Com o propósito de buscar suprir as dificuldades que se apresentavam, inspirei-me nos métodos cartográfico e etnográfico em uma primeira visada transmetodológica.

Durante os seis primeiros meses do ano de 2018, passei a fazer visitas regulares à Asugov com o objetivo de aproximação e exploração do contexto e aos sujeitos participantes. Não tive pressa em fazer anotações, nem registros. Participei de festas em datas comemorativas diversas e procurei me associar à Asugov. Fiz descobertas de proximidades familiares em torno de amizades que existiram entre meu pai e o pai de Sylvania Teixeira Coelho, ambos falecidos.

Com a criação de novo perfil no Facebook que representava uma revitalização da associação, associei-me a este perfil, denominado Asugov, em junho de 2018 e continuo fazendo parte desse grupo. Este é um perfil do tipo aberto, não apresentando administrador. Em junho daquele ano foi eleita nova diretoria para a associação, agora revitalizada. Considerei estes dois marcos - criação de novo perfil no Facebook e nova diretoria - como indicadores para delimitar o período para a realização da pesquisa empírica: de junho de 2018 a junho de 2020, que considerava esta nova fase da associação.

Ainda no ano de 2018, comecei a realizar observações exploratórias na associação. Nas observações realizadas nessas visitas, registrei a oferta de um curso de Libras para interessados (ouvintes e surdos). Era ofertado com o devido reconhecimento em certificado. Resolvi então tornar-me estudante do curso de Libras, na Asugov, em 2019. O modo interativo de ensinar, no próprio pátio da Asugov, entre os associados e interessados, me

pareceu um desenho dinâmico ao modo da participação construtivista (SANCHIS e MAHFOUD, 2007). Assim como me pareceu o da pedagogia centrada no diálogo e não bancária (FREIRE; 2000). Uma metodologia de ensino com uma prática educativa para construir o conhecimento com postura dialógica, aberta, indagadora, não passiva (enquanto fala ou enquanto ouve). As aulas, mediadas por um professor(a) associado(a) ouvinte bilíngue, me pareceram criar condições (estando na própria condição ouvinte e, ou surdo) para que o estudante (a) vivencie situações e atividades interativas construindo saberes. Ambiente de interação educacional que pode ser apreciado na Figura 1.

Figura 1 - Alunos e professora do Curso de Libras da Asugov, Governador Valadares (MG)



Fonte: Facebook Asugov (2019).

Assim, busquei orientar esses primeiros percursos exploratórios naquelas lógicas diferenciadas, naqueles perpasses, atravessamentos e inter-relações epistemológicas advindos de diferentes áreas do conhecimento e da minha experiência de vida, compartilhando com Bonin (2011, p.5) a ideia de que “A pesquisa exploratória se realiza através de aproximações empíricas ao fenômeno concreto a ser investigado com o intuito de perceber seus contornos, nuances, singularidades”.

Caminhei neste processo com um planejamento inicial de pesquisa aberto a um fazer/refazer constante a partir das necessidades postas pelo problema e pelas condições concretas da realidade investigada (APÊNDICE 1 e 2). Nesse sentido, o diálogo com Peruzzo

(2002, p.67) se faz pertinente: “Método não é uma fórmula, um código pronto e acabado que cabe explicar”.

Alinhada aos pensamentos de Paulo Freire, desenvolvidos nos escritos *Pedagogia da Indignação*, a posição que busquei construir na pesquisa é do tipo progressista, a favor da vida e não da morte⁵⁷, da convivência com o diferente e não da sua negação buscando diminuir, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos (FREIRE, 2000).

Eu era inicialmente ouvinte sem nenhuma formação em Libras, com pouco conhecimento sobre a cultura surda. Sabemos que as pessoas surdas estão inseridas, desde o nascimento, em um contexto no qual o português, principalmente em sua forma escrita, está completamente presente. O reverso é que me assustava, pois desde o meu nascimento, não tive contato com a cultura surda, e fui desafiada a imergir neste contexto que até então me era desconhecido e inexistente. Este movimento, causador de certa angústia, veio paradoxalmente me permitir um florescer investigativo, pois, ao me desafiar a sair da condição de ouvinte comunicadora hegemônica, para considerar a perspectiva não hegemônica surda, passei a oxigenar e desafiar meu *habitus*⁵⁸ fabricado em termos comunicacionais humanos, sobre mim, ouvinte. (MALDONADO, 2013). Vi-me com pessoas surdas comunicantes e me sentia a não comunicante. O ponto chave, nevrálgico era comunicar. Mas como? “Se não tivéssemos voz nem língua e ainda assim quiséssemos expressar coisas uns aos outros, não deveríamos, como aqueles que ora são mudos, esforçar-nos para transmitir o que desejassemos dizer com as mãos, a cabeça e outras partes do corpo?” (SACKS, 2010, p. 25). Da mesma forma que esta frase dita por Sócrates impressionou o Abade De L’Epée, busquei refletir sobre minha condição e sobre os obstáculos à comunicação. O desconhecimento da cultura surda, a invisibilidade de sua forma existencial na cultura à qual pertencem-me ‘retirava o chão’.

Em uma espécie de acalanto, a memória trouxe à tona um indicativo já pontuado por Sacks (2010) de que as pessoas, ao pensarem sobre a surdez, tendem a considerá-la menos grave do que a cegueira em uma sociedade excludente, quase nunca como algo devastador em um sentido radical. Faltou-me o chão, pois naquele momento a ‘deficiente’ na linguagem era eu. Até pensei nas benesses da cegueira em contraponto à surdez. Neste sentido revivo Sacks (2010, p.19):

⁵⁷ Uso a expressão ‘morte’, metaforicamente, pois a mesma permite um paralelo com os desmandos do nosso atual (des)governo em relação à ciência e à pesquisa nas áreas das ciências sociais e humanas. Apesar dos pesares, minha tese é uma pesquisa que se posiciona e rema contra os cortes e à escassez de recursos governamentais neste período, cortes para com toda a ciência.

⁵⁸ *Habitus* à guisa de Bourdieu: processo que passa a ser mediado pela coexistência de distintas instâncias produtoras de valores culturais e referências identitárias, que configura esquemas de ação, apreciação e valoração.

E ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações [...].

Neste processo, recorri a Strobel (2018), em seu livro *As imagens do outro* sobre a cultura surda, e busquei ancorar-me em seus ensinamentos sobre cultura (Campo de Estudos Culturais). Esta sim, ferramenta de transformação, de percepção, da forma de ver diferente, não mais de homogeneidade e sim de vida social diferente: diferentes jeitos de ser, fazer, de compreender e de explicar. Sim, eu era diferente entre tantos diferentes. Faltava-me conhecer a cultura surda, do ponto de vista da pele, do viver, do sentir.

Fui percebendo que precisava de reconfigurações em minhas concepções. Na realidade presente, necessitava ressignificar a surdez como uma diferença cultural e não um problema patológico. Dessa maneira, e em diálogo com Emiliana Rosa (2011), fui percebendo que a característica principal da comunidade surda não é a ausência do som, mas sim, a forma de comunicação que é através da língua de sinais, artefato cultural dos surdos, constitutivo de suas identidades.

[...] ao descobrir-se como parte de uma cultura, o surdo se manifesta, e movimenta o que existir ao seu redor e no seu interior. A história de um surdo é a história de muitos. É a história de uma comunidade que luta desde sempre pela queda do muro que a segrega e impede que os ventos da valorização penetrem nos campos em que habitam. É uma história de luta pela valorização linguística, lutando contra as amarras da opressão à língua de sinais, e contra a imposição da língua oral. (ROSA, 2011, p. 149).

Precisava experimentar o espanto ocorrido pela vivência da realidade atravessando a minha “pele”. Precisava ainda ser reconhecida por um nome. E então, no contexto do curso que realizei, ensinaram-me a soletração do meu nome em libras, que pode ser vista na Figura 2.

Figura 2 - Representação em Libras nome Sonia



Fonte: Google imagens (2019)

E como jeito de se fazer identificado, um nome definido pela comunidade surda substitui a necessidade de representação manualmente de cada letra. Assim, é comum que

uma pessoa ganhe um nome inspirado em seus traços físicos, trejeitos e aspectos da personalidade. A representação escolhida pelos sujeitos da comunidade surda com os quais estabeleci contato na Asugov à para mim dado foi ‘Pinta na mão’, como demonstrado na Figura 3.

Figura 3 - Representação do nome afetivo da autora ‘Pinta na mão’



Fonte: Foto arquivo pessoal da autora (2019).

Assim, começava a sentir-me parte do grupo. Tinha um nome próprio em Libras, inspirado em uma representação de uma característica específica que me identificava. Foi reconfortante e acalentadora a experiência de adquirir um nome representativo da minha pessoa, da minha identidade junto a eles, nome escolhido pelos sujeitos comunicantes surdos. Agora passava a me sentir parte do grupo e confortável para realizar observações na Asugov.

4.3.2 Observações na Asugov

Minha aproximação da associação foi calcada no método da observação participante. Em diálogo com Minayo (2016), compreendo o método de observação como o que possibilita a aproximação da realidade sobre a qual formulei uma questão central de estudo, visando interações com os componentes que fazem parte da realidade observada.

Do latim *observatio*, observação é a ação e o efeito de observar (examinar com atenção, olhar com pormenor, constatar). É uma atividade realizada pelos seres vivos para detectar e assimilar informação. O termo também faz referência ao registro de certos fatos (ou ocorrências) através da utilização de instrumentos. A maior parte das ciências recorre à observação como forma metodológica complementar aos objetivos traçados. Por sua

eficiência na obtenção de dados, a observação ajuda o pesquisador a desenvolver uma visão profunda do que está sendo visto e registrar as impressões de situações relevantes. No diálogo com Minayo (2016) pode-se afirmar que o observador é um elemento crucial nesse processo, pois colhe conscientemente os dados da realidade à qual observa, utilizando de meios diversos de armazenamento as informações percebidas dos seus sentidos: visão, olfato, paladar, tato e audição.

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. (MINAYO, 2016, p. 64).

Tendo dado ciência da pesquisa e seus objetivos à comunidade asugoviana desde o início, passei a realizar as observações na associação. Como participante nas reuniões ora realizadas às sextas feiras ora aos domingos, frequentei o espaço da Asugov até o mês de setembro de 2019. Com a autorização do Comitê de Ética, comecei efetivamente a registrar as observações nos meses de outubro, novembro e dezembro daquele ano. Utilizei um gravador de voz digital⁵⁹ e uma folha para realizar anotações sobre minhas observações relativas às interações comunicacionais ali ocorridas. A transcrição do áudio e das observações anotadas ocorria imediatamente quando chegava em casa, pois as mesmas ainda encontravam-se ao frescor da memória.

Para orientar este processo, construí um roteiro que incluía os seguintes aspectos de observação: a) Configuração das identidades culturais e dos *ethos* (costumes, práticas, rotinas) no espaço Asugov; b) Configuração do sujeito comunicante na Asugov (quem são os sujeitos da Asugov?); c) Equipamentos existentes no espaço Asugov; d) Atividades empreendidas (cursos, encontros); e) Comportamento sócio comunicacional (interno e externo): interações, tensões, instituições da sociedade de GV envolvidas, pessoas da sociedade de GV envolvidas. Utilizei estes eixos temáticos para ordenar o pensamento na escrita, pois na prática, a observação mais flexível deixou-me mais livre para tomar notas mais detalhadas. Norteava-me em meus conhecimentos prévios de reunião de grupos, e na minha experiência de vida como professora de escolas periféricas, especificamente com grupos populacionais excluídos. De certa forma, com a observação participante, pude registrar os comportamentos nas

⁵⁹ Samsung, Galaxy J7 Prime, modelo SM-G610M, RQ8J90KRMDZ

atividades realizadas naqueles encontros, observando e conhecendo a cultura do grupo observado.

O diário de campo, principal instrumento de registro do trabalho de observação, foi redigido e armazenado em arquivo eletrônico. Desta forma, revisitei as anotações sempre que necessário. Inspirações para a construção desta etapa foram colhidas do clássico trabalho de campo, ‘Os Argonautas do Pacífico Ocidental’ escrito por Bronislaw Malinowski em 1922 (MALINOWSKI, 2018). Inspirando-me em sua rica experiência e em algumas de suas bases metodológicas, compus os passos de inserção naquela realidade empírica. Ofereço aqui uma síntese das observações realizadas nesta fase para dar a ver seus processos e elementos observados. As análises serão detalhadas no Capítulo 3.

Em minha visita à associação no dia 08 novembro de 2019 a partir das 18h00, observei a presença de 14 (quatorze) pessoas adultas. Uma era visitante de Belo Horizonte. Presentes também estavam 02 (duas) crianças ouvintes. Essas conversavam o tempo todo. As atividades desenvolvidas neste dia foram as rotineiras, que eu já havia observado em outros momentos: interação entre os surdos e ouvintes presentes. Tudo transcorreu de forma tranquila e amigável. Ficamos a conversar com uma diretora e comunicante surda da Asugov, eu e duas alunas do curso básico de Libras. O assunto era sobre a história da Asugov. A diretora nos mostrou fotos de momentos diversos, interativos, entre surdos e entre surdos e ouvintes na Asugov. Eram dois álbuns de recortes da história da Asugov. Apesar do trabalho ser muito expressivo, não continha as datas dos acontecimentos. A televisão estava ligada na HBO. O assunto era envolvente e a diretora buscava, em sua simpatia e cordialidade de gestos, nos envolver de forma a nos fazer sentir confortáveis. Conversei com poucos sinais em libras, classificadores e com gestualidades corporais. Esta uma espécie de tática comunicacional entre eu ouvinte e comunicadores surdos dialoga com o que observa Karin Strobel (2018, p.51): “[...] precisamos estar atentos às expressões facial e corporal que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase”. Na Figura 4 apresento o registro de um momento destas interações neste dia.

Figura 4 - Momento (01) na Asugov, Governador Valadares (MG)



Fonte: Arquivo pessoal da estudante Cássia, cedido pela mesma (2019).

Na visita do dia 10 de novembro, às 18h00, na Asugov, estiveram presentes várias pessoas representantes da Cultura Surda vindas de uma cidade próxima de Governador Valadares. Vieram em visitação. A diretora, comunicante surda da Asugov, apresentou-nos uma visitante ouvinte que veio com sua filha surda. Embora a mãe procurasse demonstrar aceitação incondicional da surdez de sua filha, insistia para que ela aceitasse o implante coclear. Queria que nós ouvintes ali presentes a convencêssemos a realizar o implante. A adolescente nem sequer olhava para a gente. Buscava interagir com outros surdos. Com o passar do tempo, a mãe tornou-se inconveniente na forma como insistia para que orientássemos sua filha fazer o implante. Fiquei observando como as pessoas surdas têm paciência em nos ajudar a nos relacionarmos, a nos comunicarmos em Libras. Em um destes diálogos, conheci um associado pouco frequente nas reuniões, surdo, participante da Asugov. Dizia querer estudar Direito. Por questões econômicas e falta de intérprete, nem se animava a prestar vestibular na FADIVALE. As interações afetivas entre pessoas ouvintes e surdas neste dia, por meio de diálogos, gestos, mímicas e por uso correto da língua de libras, foram frutíferas e contribuíram para o crescimento de minha vinculação com os sujeitos surdos, conforme ilustra a Figura 5. As conversas foram realizadas utilizando-se a forma circular para as disposições das cadeiras. O pátio estava todo iluminado e um cheirinho de eucalipto aromatizava as poças d'água existentes indicando ter sido faxinado para receber as pessoas que conviveriam naquele espaço.

Figura 5 - Momento (2) na Asugov, Governador Valadares (MG)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

Sob a disposição das cadeiras em círculo, os diálogos foram travados. Todos ali presentes falavam com o corpo e com as mãos. A forma circular permite que o outro possa ver e decodificar, entender e responder em libras e com gestualidades complementares. Fui aprendendo concretamente nesta convivência que para a cultura surda, a ‘visão e o tato’ são elementos / sentidos que possuem um significado especial, tal como argumenta Medeiros:

Para os surdos, a visão e o tato adquirirão um significado especial, tornando-se *locus* privilegiado de sua relação com o mundo, já que o predomínio de modos visuais/gestuais de comunicação (entre os quais a linguagem de sinais) faz com que construam uma forte identidade cultural, alicerçada nessas sensibilidades e experiências partilhadas. (MEDEIROS, 2018, p. 49).

Neste dia foi proposta uma brincadeira. Por ser iniciante no curso de libras, não consegui realizar os comandos com tanta destreza como os surdos realizavam. Fui alvo de risos e gargalhadas por conta da minha dispersão. Não desisti, também não aprendi. Ao final todos vieram me confortar com um toque de mãos no meu ombro direito, pois, para os sujeitos comunicantes surdos asugovianos, após um momento recreativo com erros e acertos, o toque no ombro significa incentivo a continuar.

No dia 24 de novembro, às 18h00, voltei à associação. Várias pessoas surdas estavam presentes. No início, estava apreensiva. Como tática para me situar, fui para a cantina ajudar a fazer a merenda. Pude observar a satisfação das pessoas presentes naquele dia em me ver ali, na cozinha. As expressões eram de espanto por me verem preparando um alimento e pelo

aroma que achavam diferente, bom. Minhas visitas foram se transformando em um agradável momento de se estar juntos. As conversas com surdos estavam se tornando mais interessantes e se realizavam de forma mais interativa. Os diálogos estavam me levando a desenvolver gestualidades não exercitadas na condição comunicacional de ouvinte. Neste sentido, Oliver Sacks (2010, p.104-105) colabora ao meu entendimento sobre especificidades da língua de sinais:

A língua de sinais ainda preserva, e enfatiza, suas duas faces – a icônica e a abstrata, igualmente, de um modo complementar – e assim, embora seja capaz de elevar-se às proposições mais abstratas, à mais generalizada reflexão sobre a realidade, também pode simultaneamente evocar a qualidade concreta, vivida, real, animada que as línguas faladas, se alguma vez tiveram, há muito tempo abandonaram.

Durante minha estada na associação, foi servido um café como de costume. No balcão da cantina, sempre havia uma jarra com água, com gelos e copos disponíveis. Em uma das salas de aula da associação, no andar térreo, uma mesa de sinuca estava disponível para os associados jogarem. A televisão transmitia um jogo de futebol: o clássico entre Atlético e Cruzeiro. A torcida atleticana presente no pátio da associação levou as vantagens da comemoração. Estava ali presente uma criança ouvinte, filha de associados surdos, com maestria no domínio da língua de Libras. Neste dia não fiz registro fotográfico.

No dia 29 de novembro, cheguei às 19h00 e saí às 21h00. Presentes neste encontro estavam ouvintes e surdos. Alunos do Curso de Pedagogia da UNIVALE, do professor Edmarcius Carvalho Novaes, realizavam uma atividade de socialização. Neste dia apenas a colega Thayná, do curso de Libras, ouvinte como eu, esteve presente. Estava também uma criança ouvinte e sua mãe surda, associada da Asugov e caixa de um supermercado. Fui percebendo que a maioria dos surdos que frequentam a associação possuem filhos ouvintes. E esses filhos fazem uso do celular como auxiliar na alfabetização.

Na secretaria, questioneei a professora do curso básico de Libras (ouvinte) sobre os cinco parâmetros existentes na língua de Libras. Como resposta, ela afirmou que a Libras não compartilha dos mesmos parâmetros da Língua portuguesa, porque ambas são independentes e de raízes linguísticas diferentes. Uma associada surda presente se interessou pelo assunto, recebendo promessa de melhores explicações pela professora. No pátio ficamos em círculo, por causa da especificidade da visualidade e significação ao entendimento. A sala de sinuca funcionou com surdos associados. Uma associada surda fez uso do celular através de um vídeo chamada. Achei interessante esta possibilidade comunicacional oferecida do recurso

tecnológico de vídeo chamada IMO⁶⁰. A maioria das pessoas asugovianas faz uso deste recurso. Na Figura 6 pode ser visto um registro fotográfico que realizei de momentos relativos a este encontro.

Figura 6 - Momentos (3) na Asugov, Governador Valadares (MG)



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2019)

No dia 01 de dezembro, às 18h00, conversei com os presentes, ouvintes e surdos. Aos poucos ia conseguindo me fazer entender. Neste dia estiveram presentes visitantes ouvintes, ex-alunos do curso de Libras. A diretora associada responsável pela reunião trouxe panos de prato para serem vendidos. Outra associada trouxe chaveiros de *biscuit* para serem vendidos também. Neste dia uma mesa de baralho como forma interativa e comunicacional se fazia registrar. A alegria externada pela dupla vencedora no jogo denominado buraco foi contagiante. Também se faz pertinente registrar que a televisão estava ligada na rede Globo, no programa Domingão do Faustão. Duas crianças, filhos de um casal surdo, brincavam no pátio e depois foram usar o telefone celular, em jogos e musiquinhas, com volume alto. Eram crianças ouvintes. Uma das associadas iniciou uma discussão calorosa com outro associado sobre política, tendo a direção que intervir para apaziguar os ânimos. A expressão facial da diretora era de indignação em relação ao ocorrido. Ela batia com as mãos para fazer sinais rápidos e emitia sons altos como que se o outro fosse ouvir. Foi tenso, mas aos poucos a situação foi apaziguada.

Os registros imagéticos e narrativos das sociabilidades observadas realizados no espaço Asugov podem ser vistos como elementos que colaboram para a observação de

⁶⁰ Imo é um mensageiro gratuito para celulares Android, iPhone (iOS) e PCs com Windows. O foco do aplicativo são as mensagens de vídeo, mas o Imo também permite conversar via texto, imagens e ligações de voz.

aspectos destas realidades. O equipamento de registro fotográfico utilizado no campo foi a câmera digital do celular Samsung.

As relações estabelecidas nessa fase metodológica de observações empíricas contribuíram para uma realização profícua da fase seguinte, de realização das entrevistas com os sujeitos comunicantes surdos.

4.3.3 Entrevistas com sujeitos surdos

A rede social Facebook Asugov, um dos espaços de investigação desta pesquisa, não me era desconhecida. Os associados, possíveis participantes dela, sim. Esse momento da procura de participantes para a realização da entrevista fez valer de forma irrefutável o quanto foram valiosas as observações no espaço físico da associação. Entre caminhar, tentativas, obstáculos e ultrapasses⁶¹ na aproximação com o grupo (sujeitos surdos asugovianos), circunscrevi como universo de interesse da pesquisa os surdos participantes e assíduos da Asugov que fossem membros da Associação e do Facebook Asugov.

Vale explicitar que numa primeira tentativa de convite para a participação na pesquisa, fiz contatos individuais através do recurso atualmente denominado Messenger. Dos 100 (cem) contatos realizados, apenas 03 (três) responderam positivamente a minha proposta de participação. Diziam surdos e desejosos de participação. E ao verificar em seus perfis, dados pessoais, pude constatar que não eram surdos. Nessa busca, voltei meu olhar para a presença de pessoas frequentes nas reuniões associativas da Asugov. Considerando a repetição presencial dos associados ora as sextas, ora aos domingos e as negativas recebidas de participação nas entrevistas, pude contar com a participação de 12 (doze) sujeitos surdos associados à Asugov e ao Facebook Asugov nesta fase.

O método de coleta de dados escolhido para a realização desta fase foi a entrevista. Tomada no sentido amplo de comunicação entre partes, e no sentido restrito como método de coleta de informações sobre determinado tema científico, a entrevista é uma das estratégias mais utilizadas no processo de construção de um trabalho de campo. Neste trabalho compreendo entrevista, acima de tudo, como uma conversa a dois ou entre vários interlocutores, sempre dentro de uma finalidade voltada à construção de dados pertinentes à pesquisa. (MINAYO, 2016).

⁶¹ Chamamos de ultrapasses as persistências em idas frequentes a Asugov, espera de resolução de impasses internos, investidas em jogos com os associados, participação na pastoral dos surdos, bem como a realização do curso básico de Libras.

O método da entrevista foi desenhado para dar conta das especificidades comunicativas do grupo participante da pesquisa. Neste sentido, a principal adaptação foi no processo de realização, no qual contei com o auxílio de intérprete habilitado em Libras.

As entrevistas foram realizadas na associação, em sala climatizada, após apresentações e explicações relativas aos objetivos e às implicações da participação na pesquisa, ao teor dos questionamentos e à assinatura do TCLE (APÊNDICE 3). Foram guiadas por um roteiro de tipo semiestruturado⁶², edificada em 4 blocos de perguntas que objetivavam colher informações sobre: 1) o perfil socioeconômico dos entrevistados; 2) aspectos da sua trajetória familiar, educacional, religiosa, comunitária, cultural e política; 3) seus vínculos com a Asugov; 4) suas relações com a rede social Facebook Asugov. O roteiro da entrevista pode ser observado no Apêndice 4.

Realizar entrevistas de modo a propiciar situações de contato, ora formais ora informais, de forma a provocar um discurso mais ou menos livre, mas que atendesse aos objetivos da pesquisa e que fosse significativo no contexto investigado e academicamente relevante foi uma tarefa complexa. Partindo da premissa de que entrevista pode ser considerada um processo de interação dialógica entre o entrevistador(a) e o entrevistado(a), iniciativa esta de se estabelecer relações movidas pela palavra, o momento exigia reflexões sobre como abordar e realizar as entrevistas. Não que as palavras não existissem. Em oralidade e ações sedimentadas pela escrita às quais estava acostumada, não existiam. Existia a presença de um relacionamento de caráter ativo, dinâmico e desafiador, por visualidades. Nesse momento valeram-me as aulas do curso básico de Libras e as participações nos diversos momentos na Asugov. E a cada visualidade anotada, descrita, considerei em sinonímia correspondente ao significado de uma palavra correspondente, pois “A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais.” (BAKHTIN, 2004, p.66). Nessa visada, busquei nortear as descrições correspondentes à visualidade expressada como um ato comunicativo que não se restringia apenas a um conceitual simbólico, com sentido acabado e singular, e sim considerando o significado referente a uma determinada realidade concreta em condições igualmente reais de comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003).

E, ao aproximar-me dos sujeitos surdos, o fiz com atitude de reconhecimento e valorização de suas histórias. Nossas ações foram eivadas por sentimentos de surpresa,

⁶² A entrevista semiestruturada foi uma combinação de perguntas fechadas e abertas, na possibilidade de discorrer sobre o tema estabelecido, sem me prender a ordem estabelecida ou ao questionamento *ipsis litteris*; contudo sem fugir da temática/ideia nuclear dos questionamentos (APÊNDICE 4).

comoção, alegria por ver possível a realização de uma pesquisa acadêmica; e por identificar-me, reconhecer e apreciar o outro por suas vivências e experiências, num sentimento de reciprocidade, numa crença de que “todos somos uns para os outros e outros para uns, enquanto há alguma possibilidade de identificação, de reconhecimento.” (GARCÍA CANCLINI, 1997, p.24).

Na sala éramos, a cada entrevista, 03 pessoas: a pessoa entrevistada, o intérprete e eu. Sentado(a) à minha frente estava o(a) entrevistado(a) e ao meu lado o intérprete. Eu fazia as perguntas olhando diretamente o(a) entrevistado(a). Em seguida, o(a) entrevistado(a) olhava para o intérprete em Libras e respondia em Libras. O intérprete ia fazendo as traduções em voz alta. Seguiu a ordem da exposição, da construção do pensamento e fala do sujeito comunicante surdo. Tudo foi registrado com gravador de voz digital, depois de pedir autorização expressa para o entrevistado(a) para proceder com as gravações. Enquanto o intérprete ia fazendo as traduções, eu realizava as anotações pertinentes à gestualidade do(a) entrevistado(a), no roteiro de entrevista. Às vezes, antes de começar a próxima entrevista, realizava anotações ainda pendentes. Eram especificidades obtidas através da interação verbal (intérprete Saymon do Nascimento Martins e eu), da troca de olhares, de um leve movimento afirmativo com a cabeça, gestos rápidos em repúdio a uma lembrança ruim ou a um ato de violência sofrido, um franzir de sobrancelhas, o bater de mãos desde leves atritos a socos em repúdio a alguma lembrança ou insatisfação vivida. Desta maneira, a entrevista assumiu um caráter de dinamismo e envolvimento, tornando-se um agradável e rico momento de desabafos, de interações vividas em um diálogo assessorado pelo intérprete (ANEXO 2), direcionado pelas perguntas previamente pensadas e elaboradas, indicando compreensão, complementação entre todos os participantes. As entrevistas foram realizadas nos dias de reuniões associativas (às sextas e aos domingos), no horário das 18h às 21hs. Estabeleci a realização máxima de duas entrevistas por noite. Busquei, assim, dispensar total atenção para o(a) entrevistado(a), e para as anotações cujo objetivo resultaria a construção de um promissor relato.

No Quadro 4 exposto a seguir, apresento o perfil geral dos participantes da pesquisa. A estes atribuí nomes fictícios, em ordem alfabética, resguardando suas identidades. Pode-se ver que os participantes da pesquisa possuem em média 41,8 anos, sendo a maioria (58%) do sexo feminino. Quanto à escolaridade, a maioria possui ensino médio completo. A renda média dos participantes é de 1,08 Salários-mínimos (SM).

Nº	Nome fictício	Idade	Sexo	Escolaridade	Renda SM
1.	Ana	39	Fem.	Médio completo	02
2.	Beatriz	39	Fem.	Fundamental completo	01
3.	Carla	26	Fem.	Superior completo	02
4.	Diana	21	Fem.	Médio completo	S/R
5.	Eduarda	24	Fem.	Médio completo	01
6.	Fabiola	71	Fem.	Fundamental completo	01
7.	Gustavo	51	Masc.	Fundamental completo	01
8.	Hélio	51	Masc.	Médio completo	01
9.	Ivana	58	Fem.	Superior completo	02
10.	João	47	Masc.	Médio incompleto	S/R
11.	Lúcio	20	Masc.	Médio completo	01
12.	Mauro	43	Masc.	Fundamental incompleto	01

Fonte: Pesquisa de campo.

A partir dos relatos dos participantes, foram levantadas especificidades identificatórias e/ou semelhanças relacionadas à trajetória de vida de cada um. Ao olhar as primeiras constatações no conjunto das informações registradas, e que serão desdobradas posteriormente nos capítulos de análise, vale realizar alguns apontamentos reflexivos.

Um primeiro apontamento diz respeito à questão familiar. Com a exceção apenas de uma entrevistada filha de pais surdos, todos os outros sujeitos participantes são filhos de pais ouvintes. Sabe-se que é através das relações familiares que estruturas básicas comunicacionais vão se constituindo. E nessas as necessidades de contato e interações, responsável pelo desenvolvimento pleno de cada ser humano visa à convivência social. Dos relatos depreende-se que as famílias não eram bilíngues.

Um segundo apontamento, ainda na seara familiar, diz respeito às tensões existentes ante a dificuldade de comunicação entre pais e filhos, e familiares (não ouve, não fala). Dessa tensão vemos o surgimento do sentimento de revolta, culpa, tristeza, solidão e da não identificação entre os membros familiares nos depoimentos. A comunicação rudimentar existente e relatada acabou por construir barreiras e dificuldades de entendimento.

Um terceiro apontamento, ainda na seara familiar, diz respeito ao registro contido na fala do entrevistado sobre a percepção do medo, da insegurança dos pais ouvintes em relação às possibilidades de ocorrência de *bullying*, maus tratos físicos diversos que pudessem ocorrer com os mesmos. Uma inquietação/questionamento fica no ar: até onde essa proteção vulnerabilizou a possibilidade do exercício de resistência às imposições exercidas por outros seres humanos (grupo hegemônico, ouvintes e o próprio colega surdo) para com os entrevistados?

Um quarto apontamento diz respeito à representação da surdez para o entrevistado. A condição da surdez vivida pelos mesmos, via de regra, associa-se a coisa ruim, muito difícil, um fardo, sofrimento, gerando sentimento de culpa e dificuldade de aceitação por parte da família.

Um quinto apontamento diz respeito a barreiras existentes entre os surdos e o mundo hegemônico ouvinte, de múltiplas naturezas, que incluem: falta de comunicação (convivência), emprego, condutas excludentes dos ouvintes, discriminatórias, entre outras.

Nessa perspectiva, fica nítida a complexidade posta – não a impossibilidade – à superação dessas barreiras, de natureza política, social, cultural e comunicacional. Presentes em toda parte, em atividades comuns, aparece de forma marcante e preponderante na seara familiar nos relatos aqui mostrados.

4.3.4 Observações nos ambientes digitais do Facebook

Após as entrevistas, fiz uma primeira observação no perfil do Facebook Asugov, com uma atenção voltada às participações dos entrevistados. Nessa primeira incursão, constatee poucas participações dos entrevistados naquele perfil. Recorri aos perfis pessoais de cada um deles. Nesses percebi que a maioria dos colaboradores não possuía vida digital ativa. Apenas três dos sujeitos comunicantes surdos possuíam regularidade de atividades na rede social Facebook nos dois ambientes observados. E para entender usos e apropriações realizados pelos sujeitos surdos no ambiente Facebook Asugov, seria necessário trabalhar com uma amostra de pessoas que fizessem uso efetivo daqueles ambientes. Deste modo, as fases seguintes da pesquisa foram realizadas com estes três sujeitos comunicantes surdos cuja vida era mais ativa em seus perfis e na página da Asugov. Os sujeitos participantes da fase de investigação relativas aos usos e apropriações especificamente realizados por eles na página da Asugov e em seus perfis foram:

- Carla, mulher de 26 anos, possui o ensino superior completo e renda de dois SM;
- Eduarda, mulher de 24 anos, com ensino médio completo e renda de 01 SM;
- Lucio, homem de 20 anos, com ensino médio completo e renda de 01 SM.

Detalhadamente esses processos de observação, seja da página e das postagens gerais realizadas no perfil da Asugov, seja dos usos e apropriações específicos realizados pelos 03 sujeitos selecionados para esta fase da investigação da referida página, serão elucidados nos capítulos seguintes. Vale registrar que a inclusão dos usos e apropriações realizados por estes

sujeitos como contraponto de observação foi uma sugestão realizada na banca de qualificação para ampliar a elucidação dos usos e apropriações realizados no Facebook da Asugov.

As observações nos ambientes digitais Facebook Asugov e nos três perfis dos participantes da pesquisa foram realizadas mediante observação, seguindo o mesmo critério do lapso temporal já estabelecido. Nesta pesquisa, segundo as perspectivas teórico-metodológicas e epistemológicas que me norteiam, argumento que a flexibilidade e adaptabilidade dos métodos são exercícios necessários para confrontar as problemáticas investigadas no campo da comunicação. Nesse sentido, a abordagem netnográfica é a realizada para o estudo que envolvem ambientes digitais. A netnografia é uma modalidade de pesquisa caracterizada por ampla variedade de procedimentos fundamentados em pesquisa social (Relações sociais) via internet.

Uma vez feita esta escolha, necessário ainda se faz, para compreensão e entendimento deste caminhar em arenas netnográficas, diferenciar os termos comunidade e cultura on-line. Comunidade on-line é compreendida como “agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas empreende [...] discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço” (KOZINETTS, 2014, p. 16). A partir desta definição, busquei relacionar os elementos definidores da noção de comunidade on-line na perspectiva deste autor ao cenário da pesquisa, do seguinte modo:

- **agregações sociais:** nesses termos entendermos que a netnografia não é uma abordagem individual, para meramente analisar publicações pessoais. O foco é o coletivo; no nosso caso o Facebook da Asugov ⁶³.
- **emergem da rede:** situação específica realizada através das interações que resultam das conexões mediadas por computador, dos usos e apropriações realizados por comunicantes surdos no Facebook Asugov.
- **número suficiente de pessoas e discussões públicas:** o espaço digital Asugov conta com pessoas que estabelecem comunicação pública.
- **discussões e comunicações:** relações comunicativas estabelecidas, em tipos diversos de sistemas simbólicos humanos, digitalizados e compartilhados por meio de redes de informação.
- **por tempo suficiente:** há continuidade dos relacionamentos e em andamento, interativos e repetidos. Nesse sentido o marco temporal da pesquisa recorta-se na

⁶³ Os perfis de associados apenas corroboram ao entendimento e resposta à questão central da pesquisa.

continuidade dos relacionamentos estabelecidos no período entre junho de 2018 a junho de 2020.

- **com suficiente sentimento humano:** existem laços estabelecidos entre os membros da comunidade associativa e do Facebook Asugov.
- **para formar redes de relacionamentos pessoais:** há vínculos sociais entre os integrantes do grupo investigado (e outros associados nesta rede).

Desta forma, a noção de comunidade on-line se adequa ao grupo de pessoas pertencentes ao Facebook Asugov, como [...] “um grupo de pessoas que compartilham de interação social, laços sociais e um formato, localização ou “espaço” interacional comum, ainda que, nesse caso, um “ciberespaço” virtual ou mediado por computador” (KOZINETS, 2014, p. 16).

Cultura e cibercultura *online*, sob perspectiva de Kozinets (2014, p. 17), refere-se a um conceito entrelaçado à própria civilização, socialização e aculturação. Com o tempo, antropologicamente tendeu-se a relacionar cultura à continuidade de comportamentos e valores e aos sistemas simbólicos e idiomas através dos estudos culturais. Nesse sentido vale citar a observação registrada pelo autor: “Em a Interpretação das Culturas (1973), o antropólogo Clifford Geertz sugeriu que a cultura pode ser mais bem compreendida do ponto de vista da semiótica ou dos significados de sinais e símbolos” (KOZINETS, 2014, p. 17). Significados que comunicam tornando assim a cultura uma questão pública, de natureza coletiva relativa a um grupo. Nessa via, o termo cibercultura é entendido como: [...] “construções e reconstruções culturais singulares nas quais as novas tecnologias se baseiam e em que elas, inversamente, contribuem para moldar.” (KOZINETS, 2014, p. 19).

A análise de rede social, na perspectiva de Kozinets (2014, p. 52) é “um método analítico que focaliza as estruturas e os padrões de relacionamentos entre atores sociais em uma rede”. Nesse sentido, duas são as principais unidades de análise nas redes sociais: “nodos”, conceito este que se referem aos atores sociais de uma rede; e “vínculos”, que representam as relações estabelecidas entre esses atores sociais, composta do conjunto de atores ligados por um conjunto de laços relacionais. Os “nodos”, atores sociais que interessam a esta pesquisa são o perfil do Facebook Asugov e os 03 (três) perfis dos comunicantes surdos, escolhidos dentre o conjunto dos 12 (doze) entrevistados, conectados por relação social virtual, compartilhando informações por interesse comuns.

Os processos de coleta e sistematização de dados do Facebook Asugov se realizaram no período de junho de 2018 a junho de 2020. Devido a questões éticas e características

particulares dos sujeitos comunicantes surdos asugovianos, optei por não realizar postagens ou quaisquer manifestações no perfil Asugov durante a pesquisa.

O cenário de pesquisa no contexto digital é protagonizado pelo perfil no Facebook da Asugov. Este território digital escolhido cria de certa forma, modos de convívio e de sociabilidade entre seus associados. Utilizo aqui a noção de território digital entendido como desdobramento da construção identitária resultante de sentimentos de posse ou pertença, por parte dos sujeitos comunicantes surdos, que interagem na rede, compondo a multiplicidade de poderes que instituem o caráter do território virtual. (HAESBAERT, 2005).

Percebendo a necessidade de construção de aspectos que deveriam ser observados na rede social Facebook durante a coleta sistemática para ajudar a responder o problema investigado, elaborei um conjunto de dimensões para nortear a observação.

Busquei deixar ao alcance observacional características da personalidade dos usuários (as), desejos, opiniões, nuances diversas que compõem suas culturas. Das observações realizadas tanto na pesquisa exploratória (visitas na rede), quanto na pesquisa sistemática (coleta de dados no Facebook Asugov) registro um aspecto relevante de se pontuar: o uso das imagens grafadas em suas diversas possibilidades de escrita⁶⁴ foram e são indícios, indicativos de nuances da realidade comunicacional desses atores sociais. Como consequência dessas interessantes ocorrências, participei do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom 2020, com a apresentação do trabalho intitulado: Uso dos *emojis* no Facebook por sujeitos comunicantes surdos: relação dialógica entre sistema de signos e produção de sentido sociocomunicacional, no GP Semiótica da Comunicação, DT – Estudos Interdisciplinares⁶⁵. Neste artigo a proposta consistiu em abarcar e entrelaçar Facebook, sujeitos comunicantes surdos e o uso dos *emojis* como modo semiótico, diferente da fala e da escrita, por não operar com as mesmas unidades desses sistemas (fonemas, morfemas, grafemas), contudo promovendo interações sociais e intercâmbios de significados; produções e disseminação de significados através do meio midiático (KRESS, 2010).

Com os indicadores definidos e com base no questionamento central da tese, desenhei os passos para conduzir a construção das análises dos dados a partir das seguintes dimensões de observação: a) os conteúdos e os recursos comunicativos da Asugov; b) os usos e apropriações dos sujeitos comunicantes surdos desta página; c) usos e apropriações realizados por eles em seus perfis pessoais.

⁶⁴ Refiro-me ao uso dos *emojis* e *gifs*.

⁶⁵ Pesquisar no endereço <https://intercom2020.ufba.br/>.

A primeira dimensão de observação foi vinculada à página da Asugov, na tentativa de desvendar se os recursos oferecidos aos associados do perfil Asugov facilitariam o contato, a comunicação com os sujeitos comunicantes surdos, a construção de pertencimento, a transmissão de informações e de conhecimentos relevantes, entre outras dimensões. Nesta observação, defini como aspectos a observar os conteúdos das postagens e os recursos comunicacionais utilizados. A partir da observação e do registro do conteúdo das postagens, construí categorias temáticas das postagens realizadas.

Para investigar a segunda dimensão, relativa aos usos e apropriações dos sujeitos comunicantes surdos, entrevistados, no perfil Asugov do Facebook, realizei observação, registro e análise dos comentários realizados no período investigado. A terceira dimensão de observação, referente aos usos e apropriações constituídos nos perfis pessoais a partir do registro daquelas postagens, construí categorias temáticas as quais abrangessem o leque de assuntos postados, desde a perspectiva de constituição da cidadania, ao exercício do direito de comunicar.

Feitos os esclarecimentos sobre as trilhas da construção investigativa, narrativa epistêmico-metodológica da tese, o leitor passa aos capítulos seguintes, capítulos de análise, cuja composição foi tecida artesanalmente e não se deu imediatamente, mas “por distintas movimentações, idas e vindas, como trabalho artesanal que é articulado minuciosamente” (SAGGIN, 2020, p. 510).

5 FACEBOOK ASUGOV: PRÁTICAS COMUNICACIONAIS DIGITAIS

“Quando o muro separa uma ponte une.”
(Tapajós e Pinheiro, Pesadelo, 1972).

Aproveitando-me da epígrafe que abre este Capítulo, busco construir um caminho (ponte) para entender os usos e apropriações realizados por sujeitos comunicantes surdos no Facebook, página da Asugov, perfil Asugov. Considero o Facebook como um cenário de múltiplas dimensões articuladas: como monopólio privado; como rede social; como ambiente digital com lógicas configuradoras dos usos e apropriações; como plataforma organizativa das ações com possibilidades e restrições; como cenário de vigilância e de ação dos algoritmos; como ambiente de configuração de culturas digitais com lógicas incorporadas tanto pelos sujeitos comunicantes surdos quanto por sujeitos comunicantes ouvintes.

Neste Capítulo dedico-me especificamente, a apresentar a história da Asugov, e seu perfil existente na rede social Facebook, perfil Asugov. A partir dessa apresentação, necessária como ponto de partida da análise, desses cenários da investigação empírica, busco detalhar aspectos do perfil Asugov, percorrendo os traços de sua estrutura comunicacional, através de eixos temáticos criados especificamente para essa condução, agrupador das postagens realizadas por este perfil e perfis de amigos associados a esta rede. Em seguida apresento os processos comunicacionais realizados no Perfil Asugov, analisando a expressão quantitativa da ocorrência dessas postagens em relação aos eixos temáticos estabelecidos, detalhando em seguida cada uma dessas temáticas com a oferta de um exemplo detidamente analisado. Importante ainda registrar, para o leitor, que os dados coletados no Facebook perfil Asugov, tanto na fase exploratória quanto na fase sistemática e aqui apresentados serão costurados em análise mais consubstanciada no todo, nas reflexões finais, a estilo de ‘*escrevivências*’⁶⁶ como uma ética de pesquisa da tese.

Especificamente o objetivo observar, descrever e analisar as temáticas das postagens da página da Asugov, assim como os seus usos e apropriações realizados pelos sujeitos surdos do Facebook (na página da Asugov e em seus perfis), é construído e alcançado neste capítulo.

5.1 A Asugov e seu perfil no Facebook

Ao contar a história da Asugov, faz-se necessário pontuar 04 (quatro) pessoas entre outras tantas que contribuíram para o nascimento da Asugov. Refiro-me aos sócios remanescentes do Centro Verbo Tonal de Governador Valadares, criado nos anos de 1970, e não mais existente. Estes sócios eram: Sr. Saul Vilela, Sr. Francisco Luiz Teixeira, Sr. Juarez Barbosa e Sr. Eudes Ribeiro de Carvalho. Este centro associativo foi instituído com o objetivo de amparo e educação aos deficientes de audição valadarenses, conforme Estatuto registrado no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas de Governador Valadares, em 26 de julho de 1973, livro N° 489. Esta escola existiu apenas por dois anos, funcionou em um imóvel de propriedade do Sr. Francisco Luiz Teixeira. Por motivos diversos, entre a falta de estruturas físicas e de pessoal habilitado para trabalhar a cultura surda, a escola com seus alunos passou para os cuidados pedagógicos da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

⁶⁶ Tomo emprestado o termo da autora Conceição Evaristo, como ética de pesquisa, de investigação e produção de conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais.

Nessa instituição, os surdos de Governador Valadares conviveram por 25 anos com a metodologia educacional de promoção a atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla. Apesar de sua importância, este contexto é diverso do necessário contexto ao desenvolvimento integral da pessoa pertencente à cultura surda.

No dia 22 de julho de 1990, no salão da Escola Estadual Professor Nelson de Sena, escola existente desde os tempos em que Governador Valadares ainda era distrito conhecido como Figueira do Rio Doce,⁶⁷ foi realizada uma reunião com o objetivo de criar-se uma associação. Os propósitos que movimentavam as pessoas que ali estiveram foram pensar em possibilidades de desenvolvimento de atividades com os surdos que viessem a frequentar a associação; possibilidades de promoção de construção de conhecimentos de forma a interagir com o mundo (surdo e ouvinte), defesa e luta de direitos da comunidade surda para garantir formação de seres humanos integrais, úteis, solidários, autônomos. Naquele dia participaram da reunião de fundação da Asugov, 27 (vinte e sete) pessoas. Entre eles o sócio remanescente do Centro Verbo Tonal⁶⁸ de Governador Valadares, Sr. Francisco Luiz Teixeira e esposa, Sr^a Dinah Coelho Teixeira.

No dia 23 de maio de 2000, na residência do Sr. Saul Vilela, os quatro sócios remanescentes do Centro Verbo Tonal se reuniram com o propósito de deliberar no sentido de extinguir legalmente o Centro Verbo Tonal, e reverter o patrimônio ainda existente para a Asugov. A legalidade do ato dos sócios remanescentes encontrava amparo legal no Estatuto do Centro Verbo Tonal, em seu artigo 20, transcrito: “Art.20 - No caso de dissolução da sociedade seu patrimônio reverterá em favor de **entidades congêneres**, de fins filantrópicos, devidamente registrados” (Grifo nosso).

Com consentimentos e aprovações a reversão do patrimônio para a associação existente foi concretizada. A associação existente era nominada ‘Associação dos Surdos de Governador Valadares’, entidade de utilidade pública reconhecida por diversos órgãos, e registrada desde 13 de novembro de 1990. No Livro de Atas da Asugov, N^o 01, vinte e sete (27) assinaturas se fizeram constar como sócios fundadores, cujos nomes podem ser conferidos no Anexo 3. Os primeiros associados da Asugov, surdos e ouvintes, constantes no Livro de Atas N^o 01, eram em número de 77 e seus nomes podem ser conferidos no Anexo 4.

Durante um longo tempo, a associação realizou suas reuniões em locais diversos. Atualmente a Asugov ocupa o imóvel que há um tempo passado era de uma escola infantil denominada Pato Donald, escola esta de propriedade do Sr. Francisco Luiz Teixeira. O

⁶⁷ Um dos nomes de Governador Valadares quando ainda era Distrito da cidade de Peçanha.

⁶⁸ Não mais existente.

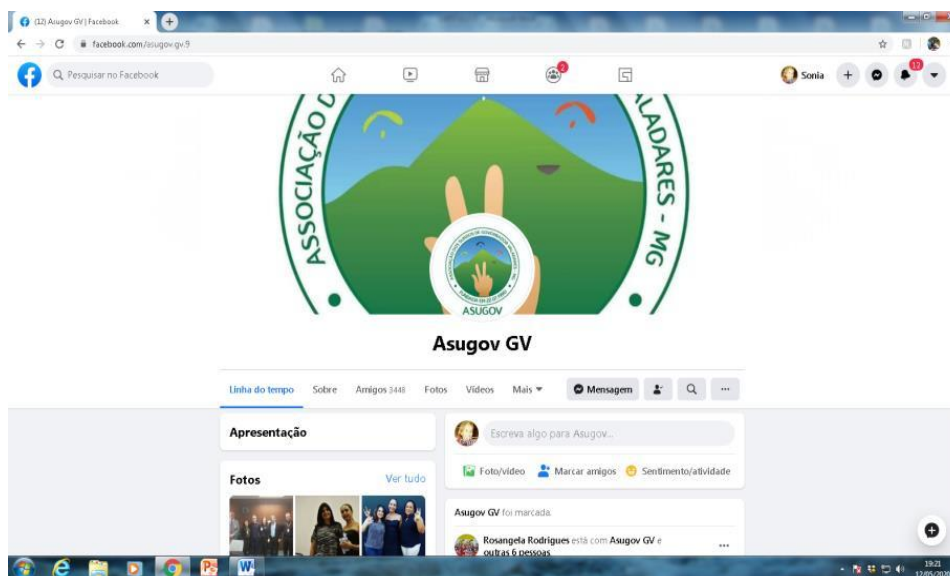


Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

O Facebook da Asugov é um perfil criado em 29 de junho de 2018. Possui aproximadamente 3500 amigos associados, conforme dados disponíveis na capa desta rede social, obtidos em maio de 2020, sendo estes sujeitos surdos e ouvintes. Na linha do tempo deste perfil consta registrado o nascimento em 22 de junho de 1990 da Asugov. Desta forma, a atual presidente da Asugov, ao criar o perfil no Facebook, fez registrar a data do nascimento da Asugov devido à importância e conexão da mesma, de forma identitária, com o perfil.

Observo que é um perfil público, aberto e as interações que procedem dos usuários são públicas, também abertas. Não existe a presença de um administrador(a), com função de moderação das postagens. Essa mídia social disponibiliza a seus associados algumas funcionalidades de uso, tais como fazer publicações, curtir páginas, participar de grupos, envio e troca de mensagens, compartilhamentos, comentários, publicar reações em páginas de amigos, usar aplicativos disponíveis na própria plataforma do Facebook, entre outros. A Figura 9 destaca a imagem do perfil da Asugov no Facebook.

Figura 9 - Imagem perfil Asugov



Fonte: *Print screen* realizado pela autora, Facebook Asugov em 2020.

Após observações preliminares realizadas na época do Exame de Qualificação (ocorrido em 21 de agosto de 2019) registrei a recorrência do uso de apenas dois recursos no Facebook Asugov: Mural e *Status*. Compreendo o recurso denominado Mural, como sendo espaço existente no perfil Asugov, que permite que os amigos postem mensagens que estejam visíveis para qualquer pessoa ver. O recurso denominado *Status*, permite a informação do usuário aos amigos, através de postagens de fotos, vídeos, comentários, etc., correspondendo assim a coisas do interesse do usuário no *Feed* de notícias desse perfil (PEIXOTO, 2018).

Observando a imagem de entrada, constante na página inicial do Facebook do perfil Asugov, atualmente moldurada em cor branca, entendo que a mesma queira ser considerada como reflexo de todas as cores do espectro, por considerar-se tribo de todos, espaço de abstrações, através do qual, significados começam a se estabelecer.

5.2 Perfil Asugov e postagens

A primeira produção midiática comunicacional da Asugov no seu perfil foi uma imagem representativa de um antigo logotipo da associação. Esta foi compartilhada por ‘amigos de amigos da Asugov’, surdos e ouvintes, com manifestações de curtidas registradas em seu *status*. Ao leitor, informo que atualmente esta logomarca não mais representa a associação. Existe novo logotipo sobre o qual teço considerações no Capítulo seguinte. A seguir, na Figura 10, reproduzo a imagem da primeira produção midiática comunicacional da Asugov.

Figura 10 - Imagem primeiro logotipo da Asugov



Fonte: Facebook Asugov, 2018.

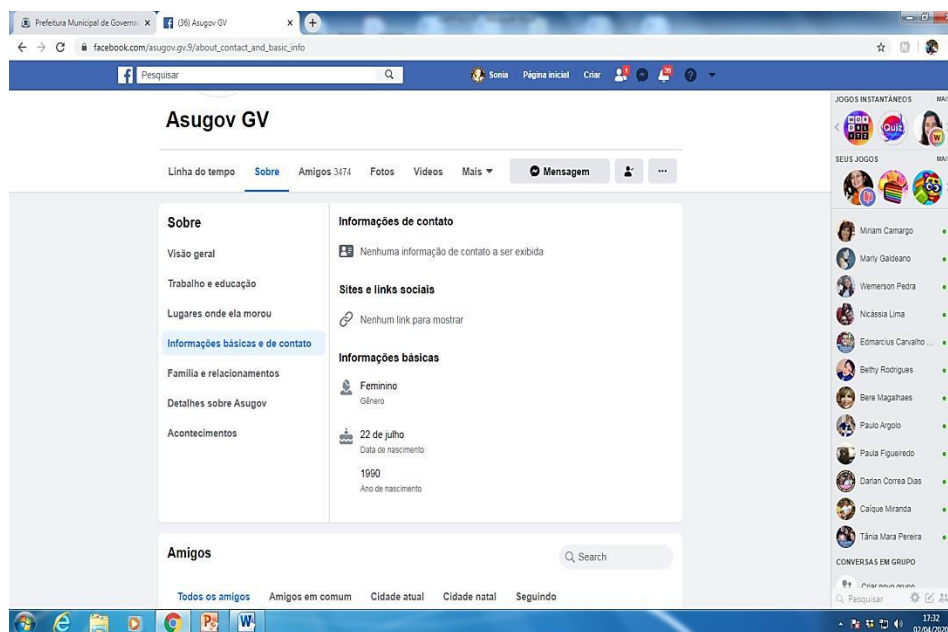
Uma singularidade pode ser apontada de início, a questão da existência identitária do Facebook Asugov ser atravessada por diversas formas de ‘existências’ da associação Asugov. Ancoro a afirmativa nos atravessamentos existentes na história entre a família fundadora da associação e atual presidente em exercício, pois a mesma é filha do sócio fundador benemérito, sócio remanescente do Centro Verbo Tonal. Essa, além da presidência, era a pessoa responsável por alimentar o perfil no Facebook. Atualmente essa tarefa encontra-se a cargo de todos, ou seja, cada pessoa posta quando tem vontade, sem nenhuma organização coletiva. Fato que acarreta a impressão de que ninguém se sente diretamente responsável pela função.

Na opção ‘**sobre**’, ao acessarmos informações básicas encontramos a informação de que o perfil pertence a uma associação⁷⁰. A palavra associação corresponde à classe gramatical dos substantivos feminino, e, no caso indica uma organização sem fins lucrativos. A palavra ‘**gênero**’ (constante na opção de informação no link sobre) parece-nos ter sido entendida como característica pertencente e diferenciadora entre a masculinidade e a feminilidade. Assim, a administradora atribuiu à associação ser pertencente ao gênero feminino, correspondente a uma determinada particularidade atribuída ao sexo, a humanos. E a data, 22 de julho de 1990, corresponde à data da reunião ocorrida na Escola Estadual

⁷⁰ Convém registrar que me parece, que a pessoa que criou o perfil desconhece a linguagem do Facebook e, ao invés de criar um espaço comunicacional INSTITUCIONAL, criou uma página de características PESSOAIS, como se fosse mais um usuário (pessoa/internauta) do Facebook.

Professor Nelson de Sena, cujo objetivo foi o retorno, a recriação da associação dos surdos. Assim, posso afirmar ter ocorrido confluências entre Asugov, perfil Facebook Asugov e administradora do perfil e diretora da Asugov. A Figura 11 faz a devida ilustração desta ambientação do perfil Asugov.

Figura 11 – *Print screen* linha do tempo perfil Asugov



Fonte: Facebook Asugov, 2020.

Em 2019, um registro imagético do novo logotipo da associação foi postado no perfil Asugov recebendo conformação com questões simbólicas representativas da associação física e do território de Governador Valadares. Nesta nova imagem, do logotipo do perfil, podem-se visualizar dados como nome próprio da associação escrita na gramática portuguesa; nome afetivo para a cultura surda (símbolo); data de nascimento da associação; símbolo de referência específico do território de Governador Valadares: o pico do Ibituruna; a presença de figuras alusivas ao esporte voo livre de asa delta. O esporte radical voo livre (asa delta) faz com que a cidade de Governador Valadares seja conhecida mundialmente pelas técnicas que favorecem a prática dos esportes de aventura. Reproduzo a seguir na Figura 12 o logotipo atual constante no perfil Asugov.

De partida, para com a imagem, considero que ela procura contemplar os sujeitos comunicantes surdos asugovianos, de forma a compartilhar o nome da associação em libras e na gramática portuguesa. Sabe-se que interpretações diversas podem ser produzidas por sujeitos que participam do mesmo tempo histórico e mesmo grupo cultural, recriando sentidos e significados. Assim, penso que a imagem busca fortalecer a dimensão identitária da Asugov, no mundo comum aos surdos e ouvintes.

Figura 12 - Logotipo atual Asugov



Fonte: Facebook Asugov, 2018.

Como se pode observar nesta imagem simbólica representativa da identidade da Asugov, observo possíveis sentidos subjetivos os quais foram gerados pelo processo de negociação de identidades (ROSA e SANTOS, 2013), para compor a imagem simbólica registrada. Um possível sentido gerado nesse processo de negociação de identidades, e ‘salta aos olhos’, é a interpretação que se pode obter sobre o contexto social compartilhado nesse espaço. Refiro-me à imagem central do Pico do Ibituruna e asas deltas, e, sobrepondo a essa a imagem, em Libras, o sinal da Asugov. Vale ressaltar que os sentidos subjetivos da imagem congregam elementos históricos (a pedra Ibituruna), sociais (local de prática mundial de voo livre) do território geofísico de Governador Valadares. Ao centro da imagem, em posição de destaque está o sinal simbólico em Libras da Asugov. Por sua vez, essa imagem pode gerar conotações específicas, as quais podem variar de sujeito para sujeito, nos seus respectivos espaços sociais. Pode parecer ser importante e significativo o esporte radical de voo livre em detrimento da cultura surda; a imagem central que representa o desenho de uma mão humana pode remeter a ideia de ‘paz e amor’ diante do desconhecimento da simbologia inerente ao nome pertencente à cultura surda. Conforme Rosa e Santos (2013, p. 57) “subjetividade social engloba uma multiplicidade de produções provenientes dos distintos espaços que compõem a sociedade e que apenas podem ser aprendidos no interior desse sistema”.

Para além dessa elucubração do processo de identidade em atenção para com a simbologia contida na imagem no logotipo descrito acima, pensando na subjetividade social dos sujeitos comunicantes surdos imersos no contexto virtual desse perfil, volto meu olhar para as produções e trajetórias comunicacionais dos sujeitos comunicantes surdos

asugovianos, aos tipos de usos, propósitos de apropriações, para caminharmos além das observações do processo de identidade.

As produções relativas à linguagem no *status* deste perfil, postadas pela pessoa responsável pela realização dos *posts* e pelos usuários amigos, via de regra, foram por *emojis*⁷¹. Essas manifestações, em uma primeira visada, foram revelando que participar dessa comunidade (Facebook Asugov) não é só ter direito de participar e sim, ser contribuinte neste universo que pertence aos sujeitos comunicantes surdos, universo de e com imagens em busca do entendimento como se os *emojis* fossem escritos da gramática portuguesa.

O uso de *emojis* como forma de interação comunicacional no espaço digital Facebook Asugov, em contrapartida aos quase que inexistentes comentários e compartilhamentos, suscitaram-nos um olhar inquieto, que problematiza questões sobre este *locus* comunicacional: seria ele um espaço suficientemente promotor da participação, interação e comunicação entre os sujeitos comunicantes surdos?

O registro quantitativo do uso das imagens dos *emojis* nas manifestações postadas no Facebook Asugov nos direcionou a analisá-las e compreendê-las sob a perspectiva de ser um conteúdo imagético que permite a inferência de comunicações relativas às condições de produção/recepção da mensagem, através daquelas imagens, apontando para apropriações comunicacionais dos sujeitos. Aos pertencentes à cultura surda, visualizo que o uso deste recurso pode estar associado a uma melhor afinidade e proximidade das Libras (visualidade) e a emissão através da imagem do *emoji*, como representativo do significado de uma palavra ou frase inteira. Nesse sentido, penso que o crescente uso dos *emojis* (tanto para sujeitos comunicantes surdos, como para sujeitos comunicantes ouvintes) vem se tornando uma tentativa de transmitir de forma mais econômica, sentidos (ou efeitos de sentidos) em determinados contextos de interação; possivelmente propiciando o surgimento de outros significados. Vale exemplificar, apontando nossas percepções em torno de ser muito mais fácil enviar um coração pulsando do que dizer para um amigo (a) "eu te amo". A inferência desse exemplo se deu, principalmente, por conta das observações realizadas nos perfis dos sujeitos participantes da pesquisa.

⁷¹ A estilo comunicacional semiótico, *Emoji* é palavra de origem japonesa, composta pela junção dos elementos e (imagem) e moji (letra), considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. Devido às constantes modificações e progresso nos *emojis* e simbologias as quais representam bem como a possibilidade ampla de comunicação/transmissão através de uma imagem, a ideia de uma palavra ou frase inteira, os cidadãos pertencentes à cultura surda, via de regra, utilizam os *emojis* nas postagens nas redes sociais às quais possam pertencer como condição bilíngue – bicultural. (PORTAL DO SURDO, 2010).

Esta ocorrência não está a dizer que haja uma desconexão entre escrita e oralidade, mas sim, conexão entre a escrita e a externalização comunicacional de um pensamento aos pertencentes da cultura surda, pelo fato de a surdez correlacionar-se com o aspecto visual da escrita como uma alternativa semiótica, e que por vezes é “subestimada no seu valor semiótico e na sua função como instrumento mediador de aprendizagem.” (REILY, 2003, p. 164). Neste sentido, dialogamos com as argumentações de Zilda Maria Gesuei, em seu artigo *Língua de sinais e aquisição da escrita*, para pensar de forma análoga em relação ao uso dos *emojis*: “Apesar de nos encontrarmos diante de novas possibilidades no processo educacional do sujeito surdo, a linguagem escrita parece ainda estar em processo de pesquisa, ou seja, ainda buscamos metodologias adequadas de sua utilização no contexto de sala de aula” (GESUELI, 2003, p. 148).

Sabe-se que mudanças ocorridas na linguagem são anúncios da existência de processo evolutivo cultural. Os *emojis* como elementos processuais evolutivos da cultura digital vem sendo considerados como um ‘alfabeto’ digital, um novo sistema linguístico de comunicação que a própria plataforma oferece como opção comunicacional. Nessa linguagem imagética, os sujeitos comunicantes estão a comunicar algo a alguém sem o uso da palavra. Desta forma o símbolo (*emoji*) deve ser de fácil entendimento, a evitar a ambiguidade e a possibilidade de ser interpretado erroneamente por quem a recebe. Assim, entendo que o uso dos *emojis* é parte da cultura de todos nós. Cultura que se consubstancia nos usos e apropriações realizados nas práticas sociais de linguagem virtual, além de *emojis* se adequarem às temporalidades aceleradas que constituem os usos de mídias sociais, que acontecem de forma complexa devido à inter-relação dos vários agentes, dos modos de produção de sentido e das tecnologias que medeiam essas práticas.

Desta forma, pode-se afirmar que a linguagem (práticas sociais de linguagem virtual) encontra-se em constante processo de mudança e se adapta às possibilidades e às restrições presentes nas tecnologias digitais. Vale trazer ao diálogo as argumentações de Manuel Castells (2013b, p.354) de que “a comunicação decididamente, molda a cultura, porque, como afirma Postman “nós não vemos... a realidade... como ‘ela’ é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossas mídias. Nossas mídias são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura” (CASTELLS, 2013b, p.354). Considerando que a interpretação dos *emojis* depende do repertório cultural e pessoal de quem a recebe, a simbologia (ideia do mesmo) deve ser facilmente identificada e compreendida por uma cultura (cultura de quem a lê), ultrapassando os limites linguísticos e verbais.

Naquelas postagens observadas, registramos um uso considerável de *emojis* correspondentes à denominação ‘curtir’; à imagem do coração ‘love’; à expressão facial ‘uau’. Sobre estes, pode-se afirmar, que lexicalmente, ‘curtir’, ‘amar’, ‘uau’ são palavras / expressões indicativas de um ato, de vontade, individual, via de regra, das afeições em geral, correlacionadas pressupostamente como táticas de negociação de identidades manifestadas por meio das opiniões postadas. (ROSA e SANTOS; 2013). A atenção com a comunicabilidade dessas palavras é que estão nucleadas no sentido de concordar, aprovando o conteúdo significativo através da postagem.

Após as primeiras observações sobre as ocorrências de uso de figuras imagéticas no perfil Asugov, voltei meu olhar para a visualidade da superfície da tela inicial e as ofertas informativas constante naquele perfil, conforme destacado na Figura 13.

Figura 13 - Imagem da superfície da tela (Linha do tempo) do perfil Asugov



Fonte: Facebook Asugov, 2020.

Em sequência ao *link Linha do tempo*, encontrei ofertas informativas denominadas **Sobre, Amigos, Fotos, Vídeos, Mais**. Entendo a funcionalidade **Sobre**, uma modalidade considerada de expressão e de divulgação de informações sobre a pessoa do perfil. Essa informação do perfil Asugov apresenta-se de forma tímida, pois apenas oferta informação nos itens **Mora em Governador Valadares, de Governador Valadares**. As informações sobre trabalho e educação, informações de contato, sites e links sociais, relacionamentos, detalhes sobre Asugov, acontecimentos, são inexistentes. As atividades **Amigos, Fotos, Vídeos, Mais**, proporcionam informações espelhadas a partir das publicações realizadas pelo perfil, de

postagens de fotos e álbuns, de vídeos bem como aos diversos assuntos constantes no **Mais**. Essas atividades ora seriam realizadas pela própria plataforma, ora seriam alimentadas pelo administrador do perfil.

Na percepção visual da tela, busquei olhá-la como componente de um processo comunicacional, considerando que não é um processo neutro nem automático. Ela requer intervenção social para sua construção, onde posso perceber que o(s) usuário(s) associado(s) também ajuda(m) a “criar” o seu próprio sistema comunicacional, eivado por conteúdos simbólicos em seus recursos comunicacionais (vídeos, textos, *emojis*, *gifs*, etc.). Por isso estabeleci a construção de eixos temáticos, descritos no item seguinte, como forma de sistematização das observações inerentes ao perfil Facebook Asugov.

No processo de construção dos dados relativos aos processos comunicacionais construídos nas postagens dos usuários no perfil Asugov, foco do item seguinte, foi necessário agir com movimentos pensados, refletidos, no sentido de construir um caminho, em conformidade com o problema-objeto da pesquisa e com as propostas epistêmico-metodológicas (MALDONADO, 2002; 2008), como já argumentado no capítulo metodológico.

5.3 Os processos comunicacionais no Perfil Asugov

Neste item busco elucidar aspectos relativos aos processos comunicacionais constituídos no cenário perfil Asugov, a partir da descrição e da análise das postagens realizadas pelo próprio perfil e por amigos associados a este perfil. Com suporte teórico-epistêmico-transmetodológico para seguir esta caminhada, quantifiquei as postagens e estabeleci duas categorias de observáveis: as realizadas pelo perfil Asugov e as realizadas por associados amigos. Nesse sentido, pude observar a repetição de assuntos, o que me levou à criação do quadro abaixo, apresentado no subitem seguinte, no qual estabeleço os eixos temáticos estruturantes desse caminhar.

5.3.1 Analisando as postagens no perfil Asugov

Este item é dedicado à apresentação e à análise dos dados gerais referentes às *postagens realizadas no perfil Asugov no período estabelecido de pesquisa (2018-2020)*. O *corpus* foi constituído por um total de cento e oitenta e oito (188) publicações, ocorridas entre junho de 2018 e junho de 2020. Do total das publicações, cinquenta e cinco (55) são

postagens realizadas pelo perfil Asugov e cento e trinta e três (133) são postagens realizadas por amigos deste perfil.

Em relação às temáticas das postagens, identifiquei a presença das seguintes: política; saúde; identidade; datas comemorativas; jogos; saúde; violência; religiosidades e relações afetivas. A explicitação do que contempla cada uma dessas temáticas é apresentada no Quadro 5 a seguir.

Quadro 5 - Eixos temáticos das publicações

Temática	Definição
Política	Corresponde a postagens que envolvem questões relacionadas a reuniões que ocorreram na associação com candidatos ao legislativo estadual; assembleias da associação; questões de direito.
Identidade	Agrupar as postagens de figuras simbólicas representativas do Município de Governador Valadares e questões que possam estar diretamente relacionadas ao eu do perfil postante.
Datas comemorativas	Inclui notícias e informações de festas, conagraçamentos, palestras, festivais e encontros sociais.
Jogos	Esta temática inclui postagens sobre jogos realizados, disputas de campeonatos, jogos interativos <i>online</i> .
Saúde	Inclui postagens que abordam campanhas de prevenção diversas, alimentos, exercícios físicos, danças.
Violência	Refere-se às postagens que apresentam cenas de violência (com humanos e/ou com animais).
Religiosidades	A temática envolve postagens sobre conteúdo bíblico e positivities.
Relações afetivas	Inclui afetos relativos à família, namoros, cenas de amizade tanto com pessoas como com animais.

Fonte: Criação da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

Para construção das temáticas, realizei um mergulho no conteúdo dessas postagens em busca dos núcleos de sentido presentes nas mesmas. Para organizar este processo, elaborei primeiro, uma ficha de registro das publicações no Facebook para extrair os dados necessários para a análise (APÊNDICE 1). Na Tabela 2 a seguir temos o percentual de ocorrências das temáticas no conjunto do *corpus* de postagens analisado (188 publicações).

Tabela 2 - Registro quantitativo do *corpus* das postagens realizadas no perfil Asugov

Temática	Perfil Asugov		Perfis associados		Total	
	Nº postagens	%	Nº postagens	%	No	%
Relações afetivas	1	0,5	42	22	43	23
Datas comemorativas	12	6	28	15	40	21
Identidade	17	9	23	12	40	21
Política	17	9	18	10	35	19

Saúde	3	1,5	8	4	11	6
Jogos	5	3	5	3	10	5
Violência	-	-	3	2	3	2
Religiosidades	-	-	6	3	6	3
Total	55	29	133	71	188	100

Fonte: Criação da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

De partida, quantitativamente, observa-se que 71% das publicações (Nº de postagens) são realizadas por perfis associados à página, sendo o restante 29% realizadas pela pessoa responsável pelo perfil da Asugov. Pode-se considerar que para cada publicação ofertada pelo perfil Asugov na rede social, outra oferta foi produzida pelos perfis associados, em resposta ou em nova provocação interativa.

As postagens quantitativamente similares realizadas pelo perfil Asugov e perfis associados circunscrevem-se às temáticas política e jogos. Nessa similaridade entendo e aproximo dos Artefatos Culturais proposto por Strobel (2018) constatando que, principalmente a vida esportiva para os surdos sinaliza uma construção de empoderamento como identidade surda, pois, os surdos são capazes de competir em grau de igualdade com atletas não surdos.

Como se pode ver na tabela apresentada, os temas **datas comemorativas, identidade e política** foram os mais expressivos quantitativamente nas postagens realizadas pelo perfil Asugov. Essas correspondem a 46 postagens das 55 realizadas. Com relação às postagens de amigos associados ao perfil Asugov, os temas que mais se destacam nos somatórios foram **relações afetivas, datas comemorativas e identidade**. Essas correspondem a 69 postagens das 133 realizadas pelos perfis associados. Destaca-se como ponto em comum em importância em ambos os perfis, as publicações das temáticas, **identidade** (postagens de figuras simbólicas representativas do Município de Governador Valadares e questões que possam estar diretamente relacionadas ao eu do perfil postante), e **datas comemorativas** (notícias e informações de festas, conagraçamentos, palestras realizadas na Asugov em razão de datas comemorativas, festivais e encontros sociais).

Começo minha consideração sobre a temática identidade, pois a mesma me leva a pensar sobre a criação do perfil Asugov no momento no qual a associação se revitalizava com uma nova diretoria, novos rumos e encaminhamentos. Totalizaram 40 (21%) postagens das 188 realizadas pelos perfis observados. Desta forma, considero que o número expressivo de postagens relacionadas à temática ‘identidade’ tem relação com aquele momento revitalizante, como se fosse momento dos postantes também. Ainda sob esse olhar temático ‘identidade’, como Strobel (2018), percebo o espaço virtual perfil Asugov lugar de formação de

identidades surdas construídas a partir do comportamento de postar na rede social, para transmitir sua cultura, valores, identidades, motivando e valorizando a condição cultural de si como sujeitos diferentes.

As postagens relativas à temática data comemorativa referem-se a acontecimentos da vida social dos sujeitos surdos. Totalizaram 40 (21%) postagens das 188 realizadas pelos perfis observados. Foram acontecimentos culturais postados principalmente por imagens (fotos) os quais nos parece estar a expor padrões de comportamentos habituais dos sujeitos comunicantes surdos. Desde a entrega de troféus e medalhas, festas/bailes na Asugov, o padrão percebido nas imagens reflete a existência de pequenos grupos de amigos e duplas de sujeitos surdos conversando ao fundo das imagens. Na forma coletiva contida na imagem ou por individualidades associa a participação significativa de sujeitos associados ao perfil nas postagens, no conjunto e nas temáticas analisadas, a sinalizar o pertencimento à cultura surda, como veremos na sequência dessa análise.

Penso que a coincidência numérica das ocorrências entre essas duas temáticas, possa estar a significar que, através do processo relacional Asugov e associados, perfil Asugov e perfis associados estabelecido em rede, o uso dos recursos midiáticos dispostos na plataforma do Facebook, e, as apropriações decorrentes desses usos, perfazem ações modeladoras e produtoras de sentidos, de representações da realidade do contexto cultural a colaborar para com a construção da cidadania desses sujeitos. Assim como exposto por Lacerda (2008) direciono-me às essas ações ‘postagens/usos/apropriações’ como espaços inéditos para a busca do reconhecimento, de ser sujeito de direitos, para o exercício de direitos, e empoderamento desses sujeitos. Empoderar-se através da informação contida naquelas ações, significando de forma complexa e profunda promoção de mudanças constituídas naquelas práticas comunicacionais.

Outra indicação que a tabela Registro quantitativo do *corpus* das postagens realizadas no perfil Asugov demonstra é a diferença quantitativa para com a pauta temática relações afetivas. O perfil Asugov realizou apenas uma postagem (0,5%) nesse sentido. Perfis associados realizaram 42 postagens (22%). Procuro compreender a discrepância numérica, em uma primeira visada, como indicativo que a temática ‘relações afetivas’ esteja ligada a afeições pessoais. Nesse sentido as temáticas violência e religiosidades não se afastam desse meu entendimento, pois a tabela registra a não ocorrência das mesmas por postagens realizadas pelo perfil Asugov. Para além das questões quantitativas e numéricas dessas ocorrências (não), compreendo nessa expressiva ocorrência de postagens que os sujeitos surdos estão a nos demonstrar seus desempenhos comunicacionais, mudanças e entendimento

de como transitar nesse binarismo existencial: surdos e ouvintes. E, esse pode ser considerado um importante fator sinalizador de mutações nesse emaranhado de relações midiáticas: sujeitos surdos (ouvintes também), abertos culturalmente, mediatizados, se permitindo aprender e se possibilitando interações comunicativas entre diferentes, no fortalecimento da cultura surda.

Em termos das relações comunicacionais na associação e âmbito no familiar, os sujeitos surdos podem, ou não, diferenciarem-se uns dos outros através do grau de sua surdez. No âmbito digital, pensamos que o grau de surdez é relativizado a partir da inclusão digital comunicativa do povo surdo (e ouvintes). Outra observação é relativa à ocorrência da inclusão de legendas na língua portuguesa escrita (independentemente da questão gramatical portuguesa) nas postagens sobre datas comemorativas, nos vídeos. Analiso que assim como para os surdos, para os ouvintes, a condição bilíngue (língua de sinais e língua portuguesa) pode estar sendo um caminho e incremento a novas possibilidades comunicacionais (garantias de melhores condições de acesso às informações e à comunicação).

Desta forma, sinalizo dois pontos relevantes nestes processos comunicacionais: o primeiro é relativo à ampliação da participação comunicacional dos sujeitos surdos, possibilitada pelo mundo digital, apesar de que já não se concebe a pessoa surda como deficiente, mas sim como alguém que participa de um grupo cultural e linguístico distinto. Segundo ponto é a questão da ampliação do vocabulário (problema comunicacional referente ao desconhecimento dos significados dos vocábulos em língua portuguesa). Atualmente a comunicação digital, e aqui concretamente os recursos existentes na plataforma do Facebook favorecem o reconhecimento de termos da língua portuguesa escrita entre diferentes regiões do Brasil e seus significados. Isso acontece em função dos aspectos culturais que influenciam as expressões verbais ou sinalizadas e, por fim, o registro escrito. Não se trata, portanto, apenas de variações linguísticas, mas também, de diferenças de ordem cultural. Desta forma, as legendas passaram a fazer com que os sujeitos comunicantes surdos, entrem em contato com palavras que não pertenciam à esfera dos seus conhecimentos, significando coisas distantes de sua realidade linguística. Além do vocabulário, passam a se familiarizar com frases em língua portuguesa escrita, com sua estrutura sintática e formas discursivas diversas. Conforme argumenta Guilherme de Azambuja Lira, esse fato está a indicar ganhos para os sujeitos comunicantes surdos de maneira geral (incluindo os ouvintes), tanto no acesso às produções midiáticas quanto no próprio aprendizado da língua portuguesa. (LIRA, 2003). Nesse sentido, penso que a utilização dos recursos comunicacionais para os sujeitos comunicantes surdos, para além do teor das temáticas observadas, possibilita aprender a

reconhecer a forma como os ouvintes escrevem e como se relacionar com esse universo hegemônico.

Contudo, a expressivo número de postagens em relação a esta temática pelos usuários amigos me leva a pensar que essas relações afetivas, essa felicidade fabricada para as redes sociais, venha a ser na verdade uma tirania da positividade. Em entrevista realizada em fevereiro de 2020, o antropólogo Michel Alcoforado⁷² afirma ser o principal problema dessa tirania da positividade é que a mesma obriga todo mundo a ser feliz independente das circunstâncias do dia a dia (ROCHA, 2020). Essa obrigatoriedade refletiria em sermos insatisfeitos, afirmando ser grande parte culpa do processo de digitalização da sociedade brasileira e também do peso que as redes sociais têm no nosso dia a dia.

Volta e meia vemos gente com cara de feliz falando sobre depressão, sobretudo os influenciadores digitais, porque o que eles vendem é felicidade. E quando em todos os minutos da sua vida você é obrigado a vender felicidade, chama muito a atenção e nos choca quando alguém não está dentro desse processo. Isso tudo tem um peso, um custo psíquico e é disso que estamos falando. (ROCHA, 2020, s/n).

De certa maneira penso que a tirania da positividade, felicidade, perpassa os processos comunicacionais dos sujeitos comunicantes surdos associados ao perfil Asugov. As imagens postadas estão a ‘vender’ para todos que acessam aquele perfil o prazer de se estar ali, que sem dúvida é a essência básica da felicidade. Entendo serem imagens comunicacionais que podem estar a simbolizar uma felicidade ilusória. Sigmund Freud (1856-1939), em seu livro ‘O mal-estar na Civilização’, afirma que o homem anseia pela felicidade e que esta é vendida no sentido de cobrir uma falta, uma falta que é constante e que, portanto, nunca será alcançada em sua plenitude (FREUD, 2011). Atualmente as pessoas costumam postar nas redes sociais imagens em simulação de uma vida esplendorosa, justamente para preencher a falta dessa vida esplendorosa, de forma a não mostrar aquilo que elas realmente são ou sentem, mas aquilo que elas gostariam de ser e que os outros que as vejam também desejariam.

Mesmo diante dessa oferta excessiva de ‘positividades’ ultrapasso e compreendo aquelas imagens como afetividades. No curso das interações comunicacionais digitais observadas, a importância que o afeto tem nas relações humanas e se deixa transparecer nas imagens, na construção do sentimento de pertença à comunidade, na constituição de vínculos afetivos, são palcos construtores da noção de indivíduo, sobretudo para a construção da

⁷² Doutor em Antropologia, Michel Alcoforado se especializou em Antropologia do Consumo pela University of British Columbia, no Canadá, onde trabalhou prestando consultorias para agências especializadas em pesquisa de mercado, comportamento do consumidor e tendências de consumo (INSTITUTO MILLENIUM, 2020).

identidade dos sujeitos comunicantes pertencentes a cultura surda, cidadãos exercentes do direito de comunicar.

Ainda em relação às postagens, observei os tipos de recursos comunicacionais nelas utilizados. Constatei que eram dos seguintes tipos: **texto** (pequeno texto escrito em gramática portuguesa e/ou frases curtas); **imagens** (fotos, desenhos, gravuras); **emojis/gifs** e **vídeos**. Nas Tabelas 3 e 4 apresentadas a seguir, podemos ver os recursos comunicacionais utilizados pelo perfil Asugov e perfis amigos associados em cada uma das temáticas analisadas e o número de ocorrências.

Tabela 3 - Recursos comunicacionais usados nas postagens do perfil Asugov por temáticas

Temáticas	Recursos comunicacionais/Nº postagens			Total Postagens
	Imagens	Vídeos	Textos	
Política	8	6	3	17
Identidade	11	6	-	17
Datas comemorativas	11	2	-	13
Jogos	5	-	-	5
Saúde	1	1	-	2
Relações afetivas	-	1	-	1
Total	37	15	3	55

Fonte: Criação da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020.

Tabela 4 - Recursos comunicacionais usados nas postagens feitas por amigos associados por temática

Temáticas	Recursos comunicacionais/Nº postagens			Total Postagens
	Imagens	Vídeos	Textos	
Política	9	6	1	16
Identidade	24	8	2	34
Datas comemorativas	18	8	15	41
Jogos	1	2	-	3
Saúde	3	4	-	7
Violência	-	1	-	1
Religiosidades	4	1	-	5
Relações afetivas	15	9	2	26
Total	74	39	20	133

Fonte: Criação da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

Por destaque quantitativo, os recursos comunicacionais usados nas postagens realizadas pelo perfil Asugov, compreendem as temáticas **política, identidade e datas comemorativas**. O recurso comunicacional imagético (fotos, desenhos, propagandas, figuras, pinturas entre outros) destaca-se em relação à quantidade de postagens. Entendo essa ocorrência como uma tradução de potenciais recursos propulsores de processos interativos comunicacionais. Processos esses fundados e fundamentados em signos e representações dos pensamentos dos sujeitos comunicantes surdos, postados pelo perfil Asugov a provocar

interações ao alcance da cidadania comunicativa. A essa percepção o leitor encontrará fundamentos mais detalhados no Capítulo seguinte.

Em relação aos perfis associados os recursos comunicacionais usados nas postagens observadas, compreendem **identidade, datas comemorativas e relações afetivas**. O recurso comunicacional imagens também foi o de maior expressão numérica. Percebo essa experiência visual, para o sujeito comunicante surdo (perfil associado), como algo fantástico e grandioso, o qual me dificulta, em parte, a descrição em análise. Foram 57 postagens imagéticas das 74 realizadas pelos perfis associados. Nessa extensão, a temática **datas comemorativas** merece considerações. Essa temática foi alcançada por todos os três tipos de recursos comunicacionais (imagens, vídeos e textos). A similitude existente entre as quantidades de postagens ao uso desses recursos comunicacionais nos leva a pensar no qual imensurável é a importância dessas visualidades. Da mesma forma que Strobel (2018) afirma ser a vida social do povo surdo acontecimentos culturais, por essa similitude afirmo ser a vida social digital desses associados um artefato cultural. Tanto ao uso de imagens, tanto ao uso de pequenos textos compreendo a importância da visualidade na constituição desses sujeitos, nas subjetividades, na identidade das pessoas surdas, e nos processos de compreensão e apreensão de mundo.

O contraponto de análise reside nas inexpressivas postagens realizadas por ambos, observáveis ao uso do recurso comunicacional texto (pequeno texto). A plataforma do Facebook oferece ao acessá-la a pergunta de como você está se sentindo. Em nenhuma das observações constatee resposta sequer. Os pequenos textos produzidos, em sua maioria, eram enunciativos para com o conteúdo imagético relativo a alguma data comemorativa. Entendo essa ocorrência proveniente das dificuldades comuns a todos em aprender regras gramaticais, ortografia e interpretação de texto. Durante um bom tempo, pós Congresso de Milão, o ensino das pessoas surdas era baseado em modelo clínico, prevalecendo técnicas da oralidade. A partir da valorização da linguagem gestual, e da existência oficial/legal da língua de sinais, a língua portuguesa começa a ser tomada de forma diferenciada. Ainda assim percebo existência de obstáculos no ensino-aprendizagem da escrita portuguesa, obstáculos referendados pelos participantes das entrevistas quanto a dificuldade que os mesmos relatam ter para com o aprendizado da mesma. Nesse sentido caminho a pensar que é preciso tomar a língua portuguesa de forma diferenciada, e em uma espécie de simbiose com a Libras. Em outras palavras, é preciso entendê-las a partir do lugar concreto que ocupam quando são materializadas (tensões históricas, discussões ideológicas, sociais, comunicacionais, filosóficas, educacionais, entre outras).

Quanto aos vídeos, identifiquei como pertencentes a três categorias em conformidade com a predominância de recursos empregados: predominância visual (em Libras); predominância em português (com áudio) e predominância em libras com legenda em português e/ou com áudio. Os resultados podem ser vistos nas Tabelas 5 e 6, pois nestas apresento a quantidade destes tipos de vídeos postados pelo Perfil Asugov e amigos associados.

Destaca-se nestes dados a ocorrência quantitativa de postagens do recurso comunicacional com predominância visual (Libras). A postagem ‘Vídeo: uma ferramenta completa para se comunicar com surdos’ no Blog Handtalk,⁷³ nos ajuda a compreender que esse recurso é uma ferramenta mais eficiente para se comunicar com surdos do que textos, pois o mesmo pode combinar legendas, janela com tradução em Libras, contexto das imagens e possibilidade permissiva de leitura labial.

Tabela 5 - Tipo de vídeos postados no perfil Asugov em relação aos recursos comunicacionais usados - 2018/2020

Tipos de vídeos	Quantidade
Predominância visual (libras)	9
Predominância português/áudio (com janela/libras)	1
Predominância libras com legenda	3
Predominância libras com áudio (música instrumental)	2
Total	15

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

Tabela 6 - Tipo de vídeos postados no perfil amigos associados em relação aos recursos comunicacionais usados - 2018/2020

Tipos de vídeos	Quantidade
Predominância visual (libras)	22
Predominância português/áudio (com janela/libras)	11
Predominância libras com legenda	2
Predominância libras com áudio (música instrumental)	4
Total	39

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

O Facebook é uma das plataformas de redes sociais mais utilizadas por sujeitos comunicantes para interagir socialmente. Ela abre novas possibilidades de comunicação para os sujeitos comunicantes surdos, por ser uma ferramenta popular, fácil de usar, não necessitando de aquisição de *software* para hospedar vídeos que os sujeitos comunicantes surdos julgam ser importante compartilhar e desta forma comunicar com outros usuários.

⁷³ Pesquisar vídeo em <https://blog.handtalk.me/acessibilidade-em-videos-para-surdos/>.

Mesmo sob esta perspectiva de fomento comunicacional, e mesmo considerando ser uma ferramenta popular, é importante considerar que as interações a partir dos diversos vídeos e conteúdos postados, estão sob a gerência algorítmica da própria plataforma. Desta forma é necessário relativizar este processo de abertura de possibilidades interacionais entre os sujeitos surdos.

As postagens dos vídeos com predominância visual (Libras) representam um recurso estratégico para a comunicação dos sujeitos comunicantes surdos e para o exercício da sua cidadania comunicativa. Penso que esse exercício contribui para promover a aceitação pela sociedade (digital ou não digital) de que o uso da língua de sinais, da cultura surda, da comunidade surda é legítimo. Infiro ainda que nos processos comunicacionais estabelecidos, os sujeitos comunicantes surdos querem ampliar a cidadania comunicativa surda, readquirindo direitos, afirmando em postagens as lutas inerentes à comunidade surda, além da espera do respeito advindo de todos, da sociedade.

No próximo subitem aprofundo as especificidades das temáticas das postagens. Para esta análise, apresento um quadro detalhando o postante, o assunto postado e a quantidade de vezes que o assunto aparece nas postagens. A coluna relativa ao número de sujeitos participantes faz registro apenas de uma única postagem que mais recebeu, quantitativamente, participações comunicacionais. A postagem de vídeo escolhida para a realização de observação aprofundada do processo comunicacional foi recortada e salva por *print screen*. Optei por analisar apenas postagens onde o perfil Asugov manifestou-se a partir do uso de recurso comunicacional predominantemente visual (vídeos). Justifico a escolha por este recurso comunicacional por considerá-los condição relevante aos pertencentes à cultura surda, porque também foram nessas postagens que se registraram participações de forma mais significativa, para além dos *emojis*, escritas na língua portuguesa. A identificação dos associados postantes foi realizada através do emprego apenas das letras iniciais, em maiúsculo, do nome do postante.

5.3.2 As temáticas e manifestações dos sujeitos

a) Política

A temática política corresponde a postagens que envolvem questões relacionadas a reuniões que ocorreram na Asugov com candidatos ao legislativo estadual e federal; a assembleias da Asugov, bem como diversificadas questões de direito. Foram identificadas

postagens de 08 imagens, 06 vídeos e 03 textos de autoria do perfil Asugov. Em relação aos amigos associados do perfil Asugov, foram identificadas postagens de 09 imagens sob essa temática, 06 vídeos e 01 texto. Construí o quadro a seguir onde busquei apresentar a partir de quem posta (perfil Asugov e amigos associados), o assunto da postagem, o número dos sujeitos participantes⁷⁴ e a quantidade de vezes que ocorreu a repetição em postagens iguais e/ou com assuntos similares.

Tabela 7 - Postagens relativas à temática política

Quem posta	Assunto da postagem	Nº de postagens	Nº de interações*
Perfil Asugov	Falta de respeito com a comunidade surda	02	24
	Legislativo municipal (candidatura)	02	36
	Assembleia geral	02	34
	Preconceito sociolinguístico	02	34
	Descaso governamental	02	57
	Feneis e associação	02	74
	Sobre direitos	02	69
	Legislativo estadual (candidatura ex-BBB)	02	52
	Importância da associação	02	70
	Prioridade professores surdos de Libras	01	54
	Dificuldades do professor de Libras	01	45
	Defesa da comunidade surda	01	28
	Descumprimento da lei de cotas	01	18
	Aulas Libras importância	01	36
Associados ao Perfil Asugov	Primeira-dama Michelle	03	31
	Legislativo estadual (candidatura ex-BBB)	02	18
	União dos surdos (grande família)	02	68
	Eleições dão maior visibilidade a Libras	01	06
	Autoescola para surdos	01	03
	Acesso a conteúdos acadêmicos	01	01
TOTAL		33	-

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

* Interação tratasse do somatório de postagens de curtidas, comentários e compartilhamentos.

Início as reflexões do Tabela 7 a partir de pensamentos que me acompanharam no processo de sistematização dos dados, angulado no sujeito comunicante postante: apenas o perfil Asugov era agente produtor de comunicação na temática política ou os associados também participavam produzindo conteúdo comunicativo? Os amigos associados são sujeitos

⁷⁴ Para esta elaboração considerei o somatório das curtidas, comentários e compartilhamentos ocorridas na postagem a qual apresentou maior quantidade de participações em relação a outras postagens sob a mesma temática.

partícipes da produção comunicacional em termos de produção de conteúdos ou seria a produção centralizada pelo perfil Asugov?⁷⁵

Os dados me levam a constatar que, quantitativamente, os números de postagens realizadas pelo perfil Asugov e por amigos associados a este perfil, nesta ordem temática, foram similares, apontando que ambos são sujeitos partícipes da produção comunicacional nesta temática. Assim, percebe-se que em torno desta temática se constitui um espaço com participação efetiva dos sujeitos comunicantes surdos asugovianos, relevante para o exercício e alcance da cidadania comunicativa.

Levando em consideração a ocorrência de postagens (última coluna do quadro anterior) a temática política não se monopoliza nas produções comunicacionais dos perfis participantes. Pensando a temática política como a capacidade do ser humano criar diretrizes com o objetivo de organizar o seu modo de vida, nesse sentido, os assuntos postados pelos sujeitos surdos e Asugov foram diversos. Nas postagens realizadas pela Asugov o leque de abordagem foi mais amplo. De questões que perpassavam a vida comunitária e institucional (falta de respeito com a comunidade surda, preconceito sociolinguístico, importância da associação, defesa da comunidade surda, aulas de libras importância, Feneis e associação); à questões institucionais da própria política (candidaturas ao legislativo municipal e estadual, descaso governamental, questões de direito como (des)cumprimento da Lei de Cotas, primeiro damismo, eleições dão maior visibilidade a Libras); à questões educacionais (prioridade professores surdos Libras, dificuldade do professor de Libras) entendo significar as mesmas que os sujeitos comunicantes surdos encontram no espaço digital um lugar de aparição e construção de suas pautas, fortalecimento de suas identidades.

Compreendo assim, a existência dessas pautas e suas ocorrências nas postagens, como relevantes para a comunidade surda no ambiente digital. As oportunidades criadas ao uso dos recursos existentes estão a provocar e transformar no sujeito surdo contribuições na construção de suas cidadanias. Percebo essas contribuições realizadas através das manifestações nos comentários, por diversas formas (*gifs*, *emojis* e textos) revelando uma apropriação a um uso crítico das técnicas e tecnologias da informação. Iniciante! Contudo a indicar ação que pode levar o sujeito surdo ao desenvolvimento da cidadania plena.

Ainda constato que os assuntos ‘Feneis e associação’; ‘importância da associação’ e ‘união dos surdos’ foram as postagens que permitiram expressivas participações com mais interatividade de associados. Compreendo estar contida na ideia nuclear da temática em

⁷⁵ Nas temáticas seguintes busquei a na logamente também responder essas questões propositivas.

questão, ‘política’, a significação em termos de ser as associações força social política. Penso ainda estar a apontar no deslocamento do espaço físico para o virtual, como espaço de participação e cidadania aos usos e apropriações dos recursos ‘facebuquianos’.

Outro destaque ocorre para o assunto postado 03 vezes, por associado da Asugov, o qual reproduz mensagens sobre a Primeira-dama Sr^a Michelle Bolsonaro e sua ‘prodigiosa’ preocupação para com este grupo populacional. Esse atravessamento, do tipo ‘oportunista⁷⁶’, entendo que conferiu meio que às avessas ao uso do espaço virtual do perfil Asugov, uma espécie de fortalecimento da apropriação da cultura surda. Nesse contorno vale trazer que, em 2016, no portal Geledés, o professor Renato de Paula⁷⁷ postou texto intitulado ‘O primeiro-damismo voltou e junto com ele o assistencialismo’, valendo reproduzir sua opinião esclarecedora em termos do fenômeno observado em relação às postagens:

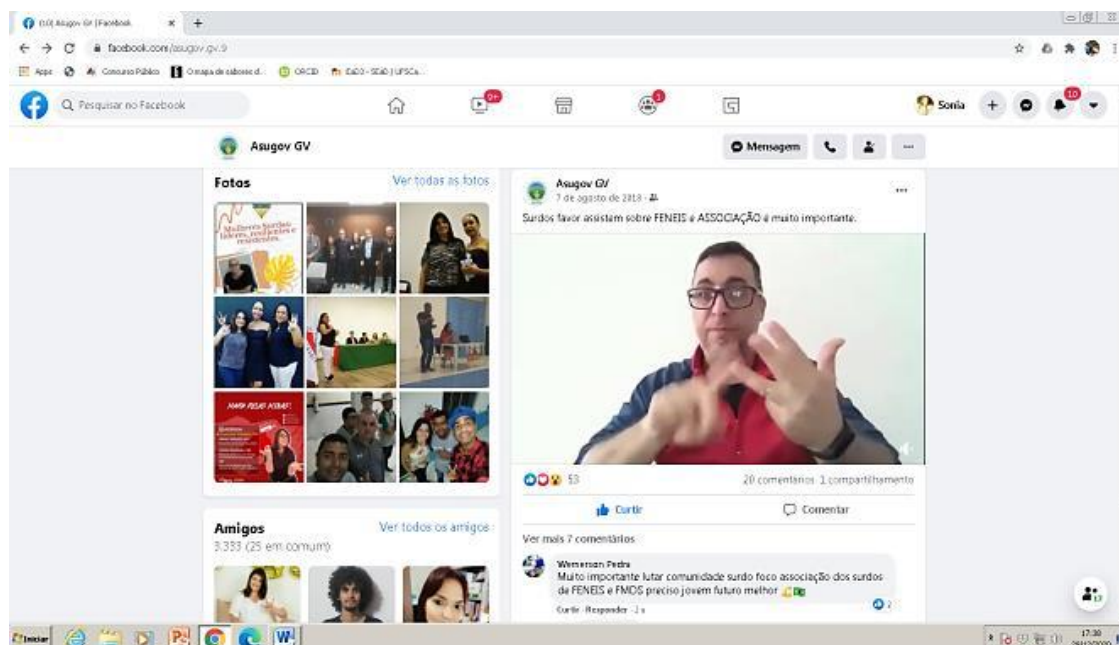
Aclamada pela mídia golpista como ‘bela, recatada e do lar’, a primeira-dama ao assumir uma função pública, não apenas consolida o nepotismo como passa a fazer parte da sórdida estratégia de tornar o direito público em favor e moeda de barganha política (e diziam que essa era a função do Bolsa Família!!!!). Sob a inspiração do antigo Comunidade Solidária, o assistencialismo de Estado volta com força total na ‘ponte para o passado’ com os resquícios da crueldade golpista: Marcela Temer conseguirá piorar o legado neoliberal de Ruth Cardoso. A nós resta resistir e esclarecer a população que mais perda de direitos virão, pois a intervenção do Estado nos nossos lares não será nada bela e recatada, será brutal e corrosiva. (PAULA, 2016, s/n).

A seguir apresento a imagem obtida por *print screen* da postagem de vídeo selecionada para análise aprofundada. O vídeo aborda a importância da participação e integração das associações locais com a FENEIS. Em seguida apresento uma descrição e uma análise detidamente do mesmo nas Figuras 14 e 15.

Figura 14 - Postagem relativa à temática Política I

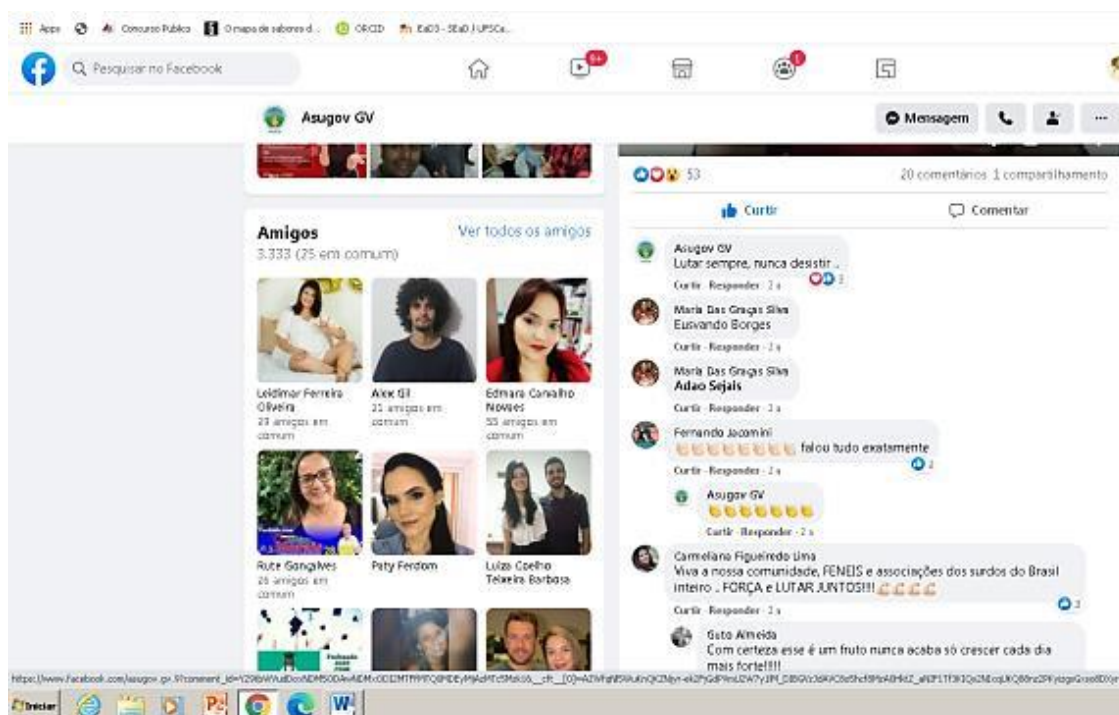
⁷⁶ Chamamos de oportunista devido ao surgimento específico dessas postagens por época do período eleitoral, e, constatação do sumiço das mesmas após término eleitoral.

⁷⁷ Professor de Ciência Política na Universidade Federal de Goiás (PAULA, 2016).



Fonte: Facebook Asugov, 2018.

Figura 15 - Postagem relativa à temática Política II



Fonte: Facebook Asugov, 2018.

Trata-se de uma postagem de um vídeo⁷⁸ feita pelo perfil Asugov onde o interlocutor ‘Hugo⁷⁹’ apresenta sua preocupação com o que vem acontecendo com grande parte das associações de surdos existente no Brasil. Ele relembra que há pouco tempo era muito bom ir à associação. Apresenta uma metáfora com a bandeira do Brasil e o hino nacional brasileiro.

⁷⁸ A tradução de todos os vídeos selecionados foi realizada pelo intérprete tradutor habilitado Saymon do Nascimento Martins (ANEXO 2).

⁷⁹ Nome fictício.

Em ambos os símbolos nacionais, Hugo diz subentender a mensagem de estarmos todos seguros, sermos iguais, uns apoiando os outros, como no início ocorria nas associações. Agora se percebe de forma muito triste e real o afastamento dos surdos das associações.

Ele ainda aponta existir no Brasil muitos problemas relacionados à presidência (presidente), mas que ele também tem valores, que o povo está de olho no nosso presidente, então precisamos perceber isso, analisar e filtrar esses termos (Hugo se refere a possíveis ‘injustiças’ e ‘*fake news*’ sobre o mesmo). Também diz que tem as pessoas que vivem na zona rural, principalmente surdos, e que não vão a associações de surdos. Aponta que, pessoas estudadas, pessoas surdas, têm que ser referência para os outros surdos. Aborda a importância de estudar para conhecer novos termos e empregá-los nas palestras relacionadas à saúde (por exemplo) para que as pessoas surdas venham à associação para assistir essas palestras, se informarem. O esporte para as pessoas surdas interagirem e ficarem mais unidas, e isso não está acontecendo, por isso se preocupa, pois o afastamento das associações não é bom. Exemplifica que é uma pessoa segura, pois se baseou nos ensinamentos da Feneis como aluno. Quando comprou a primeira revista (impressa), ainda jovem, foi uma alegria indescritível. Atualmente aponta uma preocupação com a questão cultural dos surdos: relata ter muitas revistas da Feneis e que nelas contêm relatos dos surdos e são desconhecidos. Relatos do tempo de criação das associações e dificuldades que foram superadas. Quando explica para as crianças que existem essas revistas da Feneis, elas não querem saber por que existe a internet, está tudo lá, de maneira mais fácil na internet e assim não precisariam da revista Feneis. Afirma diante dessa constatação que elas (crianças surdas) ainda não conhecem esse tipo de publicação como constitutiva da identidade surda: a publicação da Feneis. Há muita matéria boa e escritores bons como Karin Strobel, Fernando de Abreu, pessoas que progrediram com sua teoria e seus conhecimentos. São revistas bem detalhadas, bem explicadas, são ótimas. Abordam os nossos direitos, incentivam a estudar letras libras, e nos incentivam a não desistir. Admira muito a Feneis e ama a Libras, como língua materna, como direito, como identidade. Aponta a necessidade de se fortalecer as associações com participação mais efetiva em semelhança a Feneis.

O fundo da tela do vídeo é claro, de forma a valorizar a imagem gestual de Hugo em libras. O vídeo não apresenta legendas, nem áudio em português. Foram registrados neste *post* 53 curtidas, 20 comentários e 01 compartilhamento. Quanto aos comentários existentes realizados através do recurso comunicacional *emojis* demonstram aprovação do conteúdo postado. Não foi observado uso de *emojis* que significasse reprovação. Comentários textuais

ocorreram poucos. Destas ocorrências recortamos duas manifestações interessantes para nossa análise:

A usuária CFL comenta: - Viva a nossa comunidade, FENEIS e associações dos surdos do Brasil inteiro. FORÇA E LUTAR JUNTOS!!! 🇧🇷🇧🇷🇧🇷🇧🇷. (03 posts de emojis concordando com o escrito (**Asugov**, LC, GA)).

O amigo GA, além da manifestação por emoji no comentário anterior, manifesta escrevendo: - Com certeza esse é um fruto nunca acaba só crescer cada dia mais forte!!!! (01 post de emoji curtir realizado pela **Asugov**).

O usuário WP comenta: - Muito importante surdo foco associação dos surdos de FENEIS e FMDS preciso jovem futuro melhor 🇧🇷🇧🇷 (02 posts de emoji curtir realizado pela **Asugov** e LC).

Ao olhar para este vídeo, penso que a associação Asugov ao postá-lo em seu perfil, objetiva alertar tanto os associados como a comunidade surda, a questão que o interlocutor Hugo aborda e que também vem ocorrendo na Asugov: o abandono e o descaso⁸⁰. A associação dos surdos é mola propulsora para a integração social dos mesmos, além de ser agente da inclusão deste grupo minoritário socialmente. Percebo também que a associação quis provocar seus amigos associados alertando sobre a facilidade do uso da internet que, sob o entendimento do apresentador, de certa forma, mostra-se como um obstáculo ao desenvolvimento educacional, social das pessoas surdas. Também com a abordagem do interlocutor Hugo sobre a Feneis reforçando a importância deste órgão como incentivador de ganhos sociais, educacionais, etc. Nesta perspectiva, pensamos que o sentido desta postagem para as relações Asugov-sujeitos surdos, bem como para a comunidade surda, é reforçar que o sujeito surdo é digno de respeito e de direito de todos os bens sociais (físicos e virtuais).

Para além do reforço da dignidade, respeito, direitos de todos abordados por Hugo sobre a Feneis, percebo existir uma ambiguidade em sua fala em relação ao executivo atual. Hugo afirma a existência de muitos problemas relacionados com o mesmo (Fake News e injustiças). Sabe-se que no Brasil existe quase 10 milhões de pessoas surdas (CZERNIASKI, 2019). A proposta de ‘encanto’ empurrada nos discursos realizados pela Primeira-dama Sr^a Michelle, gestualidades esparsas ofertadas pelo atual representante do executivo nacional, não estaria a provocar um engodo no Hugo, na medida em que, sua postura não seria uma visão acrítica ao assistencialismo do governo, e cooptação de votos?⁸¹

Através da postagem deste vídeo pelo perfil Asugov, um processo interacional se realiza com sujeitos surdos manifestando-se em concordância com a exposição do interlocutor

⁸⁰ A afirmativa a faço em conformidade a constatação da pouca presença dos surdos nas reuniões associativas durante o período observacional.

⁸¹ Mesmo não tendo sido interesse de análise, vale o registro para possíveis outros projetos de pesquisa.

Hugo. Faço essa inferência levando em consideração a quantidade de manifestações por *emojis* (53) nessa interação comunicacional que sinalizam concordância (ok, uau, coração). Do diálogo escrito em língua portuguesa, reproduzido acima, recorto a frase em destaque: - ‘FORÇA E LUTAR JUNTOS’, e recorto também: - ‘Muito importante surdo foco associação dos surdos de FENEIS e FMDS preciso jovem futuro melhor’. Esses dizeres nos levam a visualizar o incentivo à luta pelos direitos de forma coletiva, desde a associação local (individual) a instituições governamentais para a construção da cidadania dos sujeitos surdos.

Observando, detidamente, quem seriam os sujeitos participantes dessa interação comunicacional, constatei que em sua maioria são pertencentes ao sexo masculino. Isso pode sinalizar que a temática política, ainda transita de forma mais expressiva entre os homens. As postagens cujos sujeitos participantes foram identificados como pertencentes ao sexo feminino, ocorreram em menor quantidade e manifestadamente em concordância ao conteúdo do vídeo, a partir do uso do recurso comunicacional curtir.

Historicamente, o índice de participação da mulher em assuntos relativos a esta temática sempre foi menor em relação aos homens nas democracias ocidentais, independentemente de se ser ela ouvinte ou surda. Um complexo conjunto de causas explica essa ausência. Entre elas pode-se apontar a rígida divisão entre o público e o privado estabelecida pelo pacto democrático liberal, onde o público é o lugar da cidadania e da política, e o privado da família e das relações entre os gêneros. O público se constituiu como um espaço masculino por excelência enquanto o privado – o espaço da casa – seria o espaço da mulher (PINTO, 2001). Mesmo considerando que nos dias de hoje a imposição legal para a participação das mulheres em assuntos institucionais políticos fosse ao menos contribuir para amenizar essa discrepância de participações, as postagens evidenciam ainda a existência desta discrepância em termos de participação plena dos sujeitos comunicantes independentemente do sexo.

Neste sentido, em diálogo com Mata (2006) reflito ser cidadania um conceito de vários sentidos, ofertando elementos que nos levam a pensar dimensões conectas às lógicas midiáticas, como espaço de busca e alcance do reconhecimento dos sujeitos comunicantes surdos; para o exercício de direitos e empoderamento desses sujeitos para a construção e realização da sua cidadania comunicativa.

b) Identidade

A temática Identidade corresponde a postagens que envolvem questões relacionadas a figuras simbólicas representativas do Município de Governador Valadares e questões diretamente relacionadas ao eu do perfil postante.

Para o perfil Asugov, foram identificadas 11 imagens postadas sobre essa temática, 06 vídeos e nenhuma ocorrência de texto. Para os amigos associados do perfil Asugov, foram identificadas 24 imagens postadas sobre essa temática, 08 vídeos e 02 textos. A partir desses dados, elaborei a Tabela 8 mostrada a seguir. Nesta busca, a partir do perfil postante, apresentar o registro dos assuntos das postagens pertinentes ao eixo temático, do número de postagens por assunto e dos sujeitos que se manifestam.

Tabela 8 - Postagens relativas à temática identidade

Quem posta	Assunto da postagem	Nº de postagens	Nº de interações*
Perfil Asugov	Asugov / Congresso Bilingue Regional	08	74
	Fotos da Asugov	05	35
	Curso Básico Libras e Asugov	04	73
	Apresentação membros diretoria	04	97
	Registro do nascimento do perfil	03	26
	Convite para conhecer a associação	03	17
	Logotipo	03	45
	Atualização foto da capa	03	79
Associados ao perfil Asugov	Surdos e intérpretes	02	58
	Marca Viva Libras e Asugov	02	31
	Asugov e Governador Valadares	02	31
	News Libras e Asugov	02	-
	Identidade Asugoviana (declaração)	01	01
	Surdos oralizados	01	15
	Fotos da Asugov	08	68
Total		51	-

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

* Interação tratasse do somatório de postagens de curtidas, comentários e compartilhamentos.

A temática identidade apresenta imagens dimensionadas nas fotos postadas no espaço virtual, representativas do espaço físico Asugov; imagens do registro de nascimento da associação; da apresentação dos membros da diretoria eleita; do logotipo e das atualizações da capa do perfil Asugov; das promoções da Asugov dos cursos básicos de Libras e de

congressos realizados sob o patrocínio da própria associação. São imagens que fortalecem a associação e a comunicação com a comunidade surda, com os associados ao perfil Asugov.

De partida, a temática identidade requer a remissão ao fato de terem sido as imagens postadas e colhidas após o momento de ressurgimento da associação⁸². Como se trata de um perfil associativo, as observações permitem-me apontar que a construção da sua identidade nas postagens vincula-se ao ressurgimento da associação e a questões associadas ao pertencimento à cultura surda. A partir desse momento penso Asugov que assume o lugar de sujeito social, de sua história, de seu discurso, produtora de subjetividades, diversa da imagem jurídica institucional, por entender que sua representação, práticas e interações sociais para com a comunidade surda e sociedade valadarense releva-se e elucubra-se nas demandas contidas nas postagens referentes a esta temática.

Outro assunto ocorrido nas postagens realizadas pelo perfil Asugov e associados foi fotos da Asugov. Conhecer o mundo ao desenvolvimento de um código visual particulariza os sujeitos surdos no sentido de associarem significado e significante extraídos das imagens. O primeiro artefato cultural da cultura surda é a experiência visual (STROBEL, 2018). Assim como reflete Strobel (2018) e Hall (2004) a experiência visual e sua percepção referendam a identidade cultural, o sentimento de pertencimento a cultura surda, interação com a comunidade surda nas representações e atuações simbólicas desse grupo social.

Desta forma, com a ausência da audição e do som, percebo neste assunto temático a valorização da visão em sua utilização como meio de comunicação. Nas Tabelas 2 e 3, recursos comunicacionais imagens registra-se o quantum do uso desse recurso: 51 postagens imagéticas de um total de 133. Entendo essa ocorrência como indicativo de que, a experiência visual dos sujeitos surdos alcança expressões contidas naquelas imagens, sob significações comunitárias e culturais desse grupo (exemplo nome afetivo visual), como forma de se estabelecer vínculos identificatórios culturais.

Percebo que o espaço digital está a inteirar a participação dos sujeitos surdos na sociedade como um todo, aos usos dos recursos comunicacionais existentes na plataforma do Facebook, e apropriações decorrentes desses usos. Trocando em miúdos, se a percepção auditiva favorece a distorção de acontecimentos audíveis entre surdos e ouvintes; a percepção visual das imagens postadas no Facebook não se realiza nessa diferença.

Nessa idiosincrasia, o perfil Asugov, registrou nos comentários ofertados em uma postagem realizada no dia 08 de julho de 2018, sobre a apresentação da diretoria eleita, o

⁸² Ver Capítulo 6.

comentário do amigo associado M. A., ‘chega de audismo’, uma bandeira relevante ainda a despontar no horizonte das conquistas da Asugov. A Figura 16 ilustra a questão.

Figura 16 – Chega de audismo (Ovintismo) – identidade surda



Fonte: Facebook perfil Asugov

Essa postagem articulada e provocativa obteve 03 curtidas, incluso nessas perfil Asugov. Pelo viés ouvintista, pessoas surdas estão em um constante estado incapacitante de ouvir, normaliza-se através de ensinamentos, via de regra, ofertados por professores ouvintes bilíngues, com práticas e discursos normalizadores, imperceptíveis, imprimindo formas de dominação e controle ouvintistas. Nesse sentido vale trazer à análise:

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. (...) A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade (LUNARDI; MACHADO, p. 83; 2007).

Desta forma entendo a postagem realizada por M. A., digna de atenção pois, como reforço a questões de identidade deste grupo comunicacional, reivindica e reforça uma luta bilíngue bicultural ainda a percorrer caminhos que exigirão ações, revisões, desdobramentos tanto por ouvintes como por surdos.

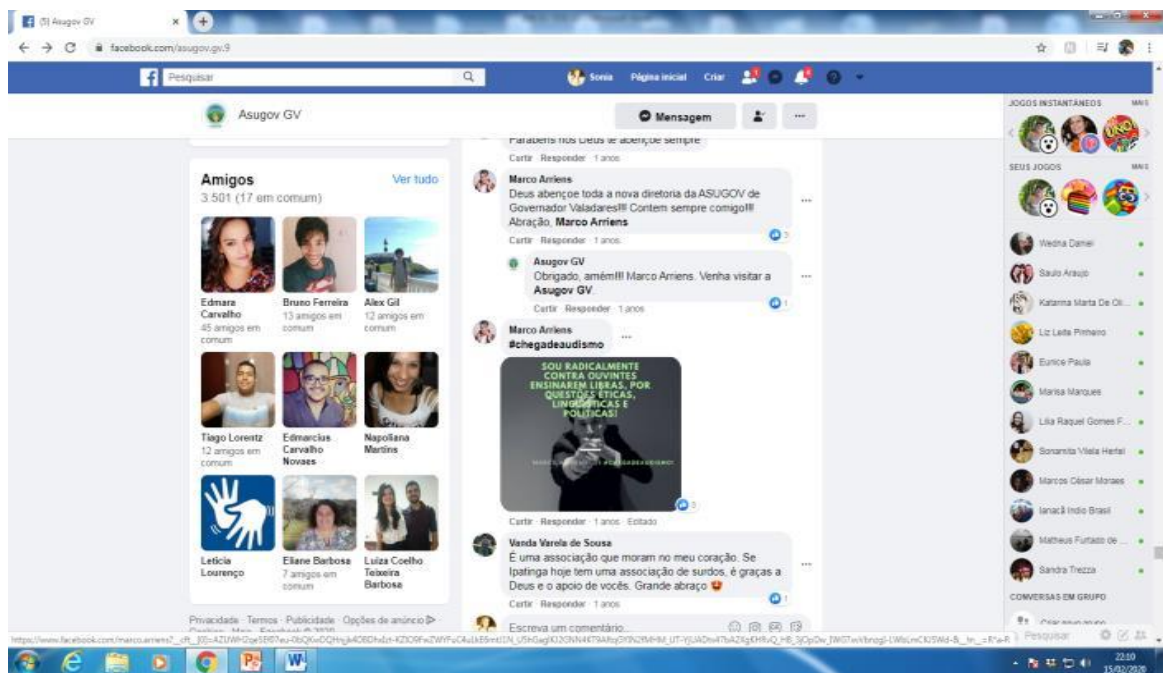
A seguir apresento as Figuras 17 e 18 obtidas por *print screen* do vídeo selecionado para análise mais detida, lembrando ao leitor que a escolha pelo recurso comunicacional vídeo se deve por considerá-los relevante aos pertencentes à cultura surda.

Figura 17 – Postagem relativa à temática Identidade I



Fonte: Facebook Asugov, 2018.

Figura 18 – Postagem relativa à temática Identidade II



Fonte: Facebook Asugov, 2018.

O vídeo apresenta os membros da diretoria da Asugov eleitos para o período de exercício biênio 2019/2020. Inauguram as apresentações a pessoa representante do cargo de presidente, em seguida temos as falas da vice-presidente, da secretária da Asugov, da diretora financeira, do diretor de esportes e da diretora social. Trata-se de uma postagem realizada por vídeo que pode ser considerado ‘amador’, com legendas em português. A tela inaugural

retrata, em fundo preto, o primeiro logotipo da associação registrado no perfil do Facebook. A imagem seguinte foi produzida em uma das salas da associação, com parede ao fundo na cor clara, e os interlocutores apresentam-se vestidos com blusa de cor preta (sólida), expondo em Libras uma ligeira apresentação do nome civil, sinal afetivo e do cargo para o(a) qual foi eleito(a). Apresentam-se com expressões faciais alegres e em pé. O olhar é firme para a câmera.

Este *post* recebeu 74 curtidas, 21 comentários e 02 compartilhamentos. Quanto aos comentários, recortamos manifestações que julgamos serem importantes para a análise. Mais do que informar sobre a diretoria eleita, entendo que a postagem do vídeo realizado pelo perfil Asugov procura essencialmente construir e inserir-se ativamente numa rede de relações sociais, experiência fundamental para a construção da sua identidade, aproveitando o ambiente digital para construir vínculo com a comunidade surda e reconhecimento social. Assim, para além da disputa e exercício de cargos eletivos, a proposta busca reforçar a identidade e o reconhecimento da Asugov o que parece acontecer em comentário da associada V. V. S que reproduzo novamente: “[...] *Se Ipatinga hoje tem uma associação de surdos, é graças a Deus e o apoio de vocês*”.

Castells (2005) considera que as redes de comunicação digital são a coluna vertebral da sociedade em rede. Analogamente considero que a rede social Facebook especificamente em relação ao grupo observado, pode ser pensada como uma dimensão constitutiva da construção da identidade da associação, dos sujeitos surdos e das suas relações interpessoais.

c) Datas comemorativas

A temática Data Comemorativa abarcou publicações sobre anúncios e realização de festa junina na Asugov; aniversários de associados; aniversário da Asugov. Alcançou também homenagens familiares (Dia dos Pais, da mulher, da mãe). Datas específicas foram registradas: setembro amarelo (prevenção ao suicídio) e setembro azul (dia do surdo). Ainda foram observadas, em menores ocorrências, publicações comemorativas do Dia do Professor; do Natal (em libras-pastoral do surdo) e sobre a relevância da lei de Libras (comemoração relativa à data da publicação dessa lei).

Para o perfil Asugov foram identificadas 11 imagens postadas sobre essa temática, 02 vídeos e nenhuma ocorrência de texto. Para os amigos associados ao perfil Asugov foram identificadas 18 imagens postadas sobre essa temática, 08 vídeos e 15 textos. A Tabela 9 mostrada a seguir detalha estes dados.

Tabela 9 - Postagens da temática datas comemorativas

Quem posta	Assunto da postagem	Nº de postagens	Nº de interações*
Perfil Asugov	Festa junina	03	23
	Aniversário da Asugov	02	64
	Família (Dia dos Pais, da mulher e da mãe)	02	50
	Aniversário de associados	01	31
	Dia do intérprete de Libras	01	45
	Setembro amarelo – prevenção ao suicídio	01	21
	Lei de Libras 10.436/02	01	74
Associado ao perfil Asugov	Festa junina	16	32
	Setembro amarelo – prevenção ao suicídio	06	15
	Setembro azul - surdez	05	46
	Dia do Professor (a)	03	12
	Natal em Libras	01	24
Total		53	-

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

* Interação tratasse do somatório de postagens de curtidas, comentários e compartilhamentos.

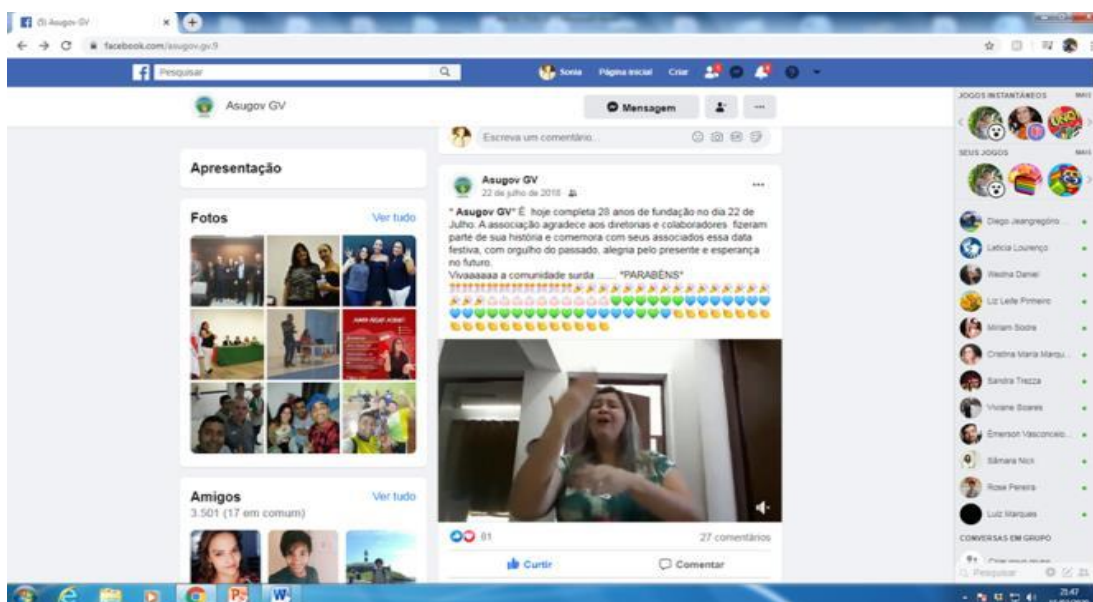
Os dados relativos às postagens sobre a temática datas comemorativas tem participações da Asugov e dos associados similares. Ambos foram sujeitos partícipes da produção comunicacional em termos de produção de conteúdos (imagéticos e/ou textuais). Destacam-se nestas postagens comemorações de datas sociais significativas, as quais reforçam a participação dos membros da comunidade surda nos ritos comemorativos mais amplos da sociedade considerada como um todo (ouvintes e surdos), legitimando valores comuns aos diversos grupos dessa mesma sociedade.

A temática datas comemorativas também trouxe assuntos vinculados a campanhas de saúde para a comunidade surda. Conhecido como o mês dos surdos, setembro se faz representar por duas cores: azul representando as pessoas surdas e amarelo prevenção ao suicídio. Durante a Segunda Guerra Mundial, os surdos e pessoas com deficiência eram considerados inferiores pelos nazistas, e para identificá-los, eles obrigavam a usarem uma faixa azul no braço. Após o fim da guerra, a cor azul ressignificou-se no não esquecimento dos surdos vítimas da opressão. Setembro amarelo remonta a uma triste história. Mike Emme (1994), um jovem americano de apenas 17 anos, tirou a própria vida batendo seu Mustang amarelo. Como forma de marcar a data, o CVV (Centro de Valorização da Vida), o CFM (Conselho Federal de Medicina) e a ABP (Associação Brasileira de Psiquiatria) criaram, em 2015, a campanha Setembro Amarelo. Desta forma, entendo que essas postagens estão a apontar e reforçar que pessoas surdas possuem questões relacionadas à saúde mental como qualquer outra pessoa.

Descrevo a seguir o vídeo selecionado para análise mais detida. Nas figuras seguintes apresento a imagem obtida por *print screen* deste vídeo.

Trata-se de uma postagem de um vídeo onde a interlocutora Ana⁸³ aborda data comemorativa dos 28 anos da associação como momento histórico e de felicitações. Ana frisa a importância da associação e de todas as outras pessoas que puderam e ajudaram na caminhada e progressão da mesma; as conquistas alcançadas, o desenvolvimento e crescimento da comunidade das pessoas surdas. Ana diz acreditar em um futuro mais promissor dessa comunidade e para todos não pensarem em desistir, para continuarem a ser uma comunidade unida. É um vídeo amador, sem legendas. O vídeo é precedido de texto em português e texto imagético composto por *emojis*. O texto em português registra ser uma data de orgulho do passado, alegria pelo presente e esperança no futuro. No texto imagético, observamos *emojis* representativos de festa (serpentina, cone com explosão de confetes) bolos com velas correspondentes à festa de aniversário, corações nas cores verde e azul (cores representativas da Asugov) e *emojis* batendo palmas. Todos os *emojis* postados correspondem à simbologia da saudação, aceitação, superação enaltecida e fortalecimento da identidade através das cores identificadoras da associação nos *emojis* corações. O vídeo foi apresentado pela presidente eleita, por época do aniversário de 28 anos de fundação da associação. Tal como ilustram as Figuras 19 e 20.

Figura 19 – Postagem relativa à temática Data Comemorativa I



Fonte: Facebook Asugov, 2018.

Figura 20 – Postagem relativa à temática Data Comemorativa II

⁸³ Nome fictício.



Fonte: Facebook Asugov, 2018.

Este *post* recebeu 80 curtidas, 28 comentários e nenhum compartilhamento. Quanto aos comentários existentes realizados através do recurso comunicacional *emojis*, registra-se que todos foram de aprovação do conteúdo postado. Não foi observado uso de *emojis* que significassem reprovação do conteúdo postado. Comentários textuais ocorreram poucos. As seguintes ocorrências exemplificam comentários presentes na postagem:

A amiga associada K. S. comenta: - Viva a Associação, a comunidade surda, a luta de cada dia, os direitos de todos! Parabéns por toda a história de todos! (01 post de emojis concordam com o escrito (Asugov)).

O perfil Asugov comenta: - K. S., muito obrigada pelo carinho. É um prazer recebê-los aqui na Asugov. (01 post de emoji coração realizado por K. S.).

Sobre aniversários, comemoração de origem pagã, essa retorna aos convívios cristãos no século IV, onde a Igreja começou a comemorar o nascimento de Cristo. Atualmente essa celebração serve para comemorar e comunicar a conquista de mais um ano de vida, indicando expressamente o reconhecimento do direito de se estar viva, incluso convívios midiáticos. Segundo Régine Sirota, a data comemorativa de aniversário, sob a perspectiva da ordem individual, aparece entre os rituais que marcam as principais etapas da biografia de cada pessoa. Na ordem coletiva, enquanto rito de integração social, suas formas se multiplicam, constrói-se nos diferentes círculos sociais, marcando a trajetória da vida do indivíduo/associação, datação própria para cada indivíduo/associação, em oposição ao ritmo do calendário coletivo idêntico para todos (SIROTA, 2008). Entendo, que a Asugov se

apropriada deste rito social comemorativo também como modo de reconhecimento dos sujeitos vinculados à associação.

Ainda neste sentido, penso que as postagens realizadas levam a expressão do reconhecimento do direito de comunicação, princípio fundamental para a democratização das sociedades, ao reconhecimento de distintas dimensões da vida e dos diversos modos de ser como componentes da construção do pertencimento e cidadania no campo comunicacional.

A produção de mensagens nesta postagem realizadas pelo perfil Asugov e amigos associados apresentaram-se em proporcionalidade quantitativa. As contribuições comunicacionais que mais se destacaram (quanto ao número de participações e em relação aos assuntos) nesta temática foram: Lei de Libras 10.436/02 com 74 participações, e, aniversário da Asugov com 64 participações. Para além da data comemorativa, registra-se a conquista de um direito social, ressoando tanto no espaço social midiático quanto no espaço real. Contudo, a ocorrência de uma única postagem sobre a Lei de Libras sinaliza uma possível limitação para a construção da cidadania comunicativa dos sujeitos surdos. Avalio que informações sobre a lei de Libras poderiam ter sido mais aproveitadas, em repetidas vezes de postagens, colaborando, construindo e transformando o perfil Asugov em um espaço de comunicações plurais, colaborando para a valorização da própria língua Libras, dimensão constitutiva da identidade e da comunicação surdas.

d) Jogos

As publicações relativas a esta temática abrangem assuntos sobre jogos realizados pela associação, disputas de campeonatos diversos e jogos interativos em Libras. Para o perfil Asugov, foram identificadas 05 imagens postadas sobre essa temática, nenhum vídeo e nenhuma ocorrência de texto. Para os amigos associados ao perfil Asugov foi identificada 01 imagem postada sobre essa temática, 02 vídeos e nenhuma ocorrência de texto. Essas totalizaram em 08 postagens. A Tabela 10 a seguir destaca estes dados.

Tabela 10 - Postagens relativas à temática jogos

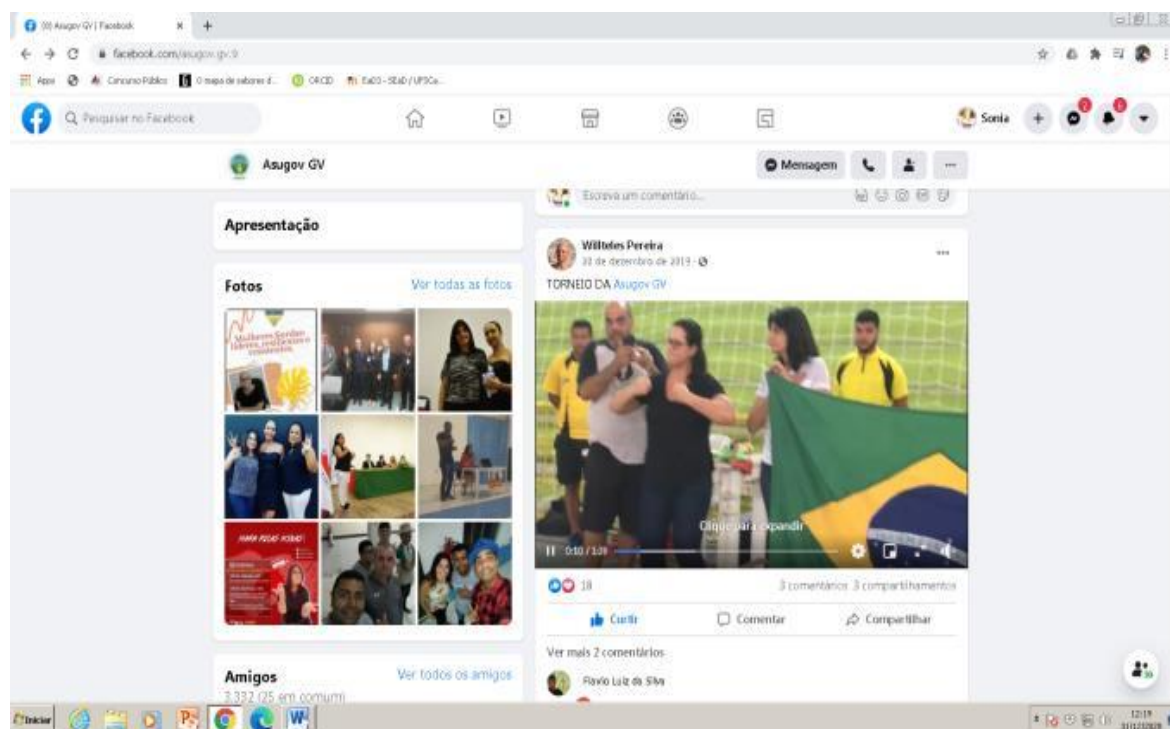
Quem posta	Assunto da postagem	Nº de postagens	Nº de interações*
Perfil Asugov	Campeonato Futsal (masculino)	03	64
	Campeonato mundial de futebol	01	17
	Campeonato Truco	01	50
Associados ao perfil Asugov	Jogos de Futsal	01	27
	Jogos de interatividade em libras	01	08
Total		08	-

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

* Interação tratasse do somatório de postagens de curtidas, comentários e compartilhamentos.

A ocorrência da quantidade de postagens foi similar para ambos os perfis postantes. Destaco a quantidade de postagens realizadas pelo perfil Asugov sobre o assunto relativo a campeonato de futebol masculino. A tradição dos surdos, por afinidade, para com jogos remonta ao fato da Faculdade de Educação Física da UFRJ estar localizada ao lado do prédio do INES. Devido a esta proximidade, os estudantes do INES sempre foram convidados⁸⁴ para disputar jogos com os estudantes da UFRJ. A seguir, nas Figuras 21 e 22, apresento a imagens obtidas por *print screen* do vídeo selecionado para descrição e análise mais pormenorizada.

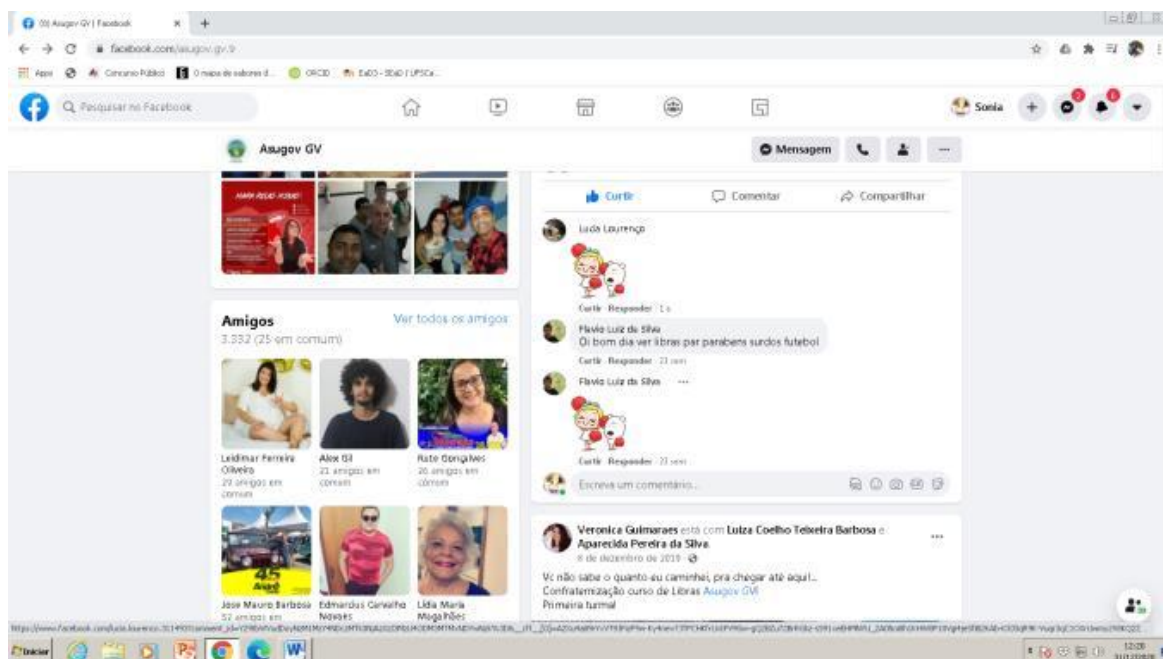
Figura 21 – Postagem relativa à temática Jogos I



Fonte: Facebook Asugov, 2019.

⁸⁴ Ver Histórico da FENEIS de 1988 (RAMOS, 2004).

Figura 22 – Postagem relativa à temática Jogos II



Fonte: Facebook Asugov, 2019.

O vídeo reproduz o momento de abertura dos jogos do torneio da Asugov. Este torneio ocorreu no ano de 2019. Antes dos jogos iniciarem, o vídeo mostra o canto do Hino Nacional Brasileiro, executado em Libras, pela intérprete Barbara⁸⁵. Os atletas das equipes participantes dos jogos, mostraram-se de forma respeitosa para com a tradução do hino nacional. O local do acontecimento foi o ginásio municipal nominado Praça de Esportes, localizado no centro da cidade de Governador Valadares. A presidente da Asugov se faz presente no vídeo segurando a bandeira nacional. Este *post* recebeu 20 curtidas, 05 comentários e 03 compartilhamentos.

A postagem relativa ao vídeo sobre o campeonato de Futsal colabora para legitimar e reforçar o reconhecimento do esporte como dimensão de lazer e integração social desses sujeitos.

e) Saúde

As publicações vinculadas a esta temática incluem assuntos relativos a campanhas de prevenção diversas, alimentos, exercícios físicos, danças. Para o perfil Asugov, foi identificada 01 imagem postada sobre essa temática, 01 vídeo e nenhuma ocorrência de texto. Para os amigos associados ao perfil Asugov, foram verificadas 03 imagens postadas sobre

⁸⁵ Nome fictício.

essa temática, 04 vídeos e nenhuma ocorrência de texto. As ocorrências totalizaram em 09 postagens. Na Tabela 11 a seguir apresento detalhamentos desta temática.

Tabela 11 - Postagens temática saúde

Quem posta	Assunto da postagem	Nº de postagens	Nº de interações*
Perfil Asugov	Prevenção câncer de mama e próstata	01	48
	Crianças <i>versus</i> perigos	01	225
Associados ao perfil Asugov	Prevenção câncer mama e próstata	04	05
	Enfrentamento Corona vírus	02	27
	Perda de peso	01	02
Total		09	-

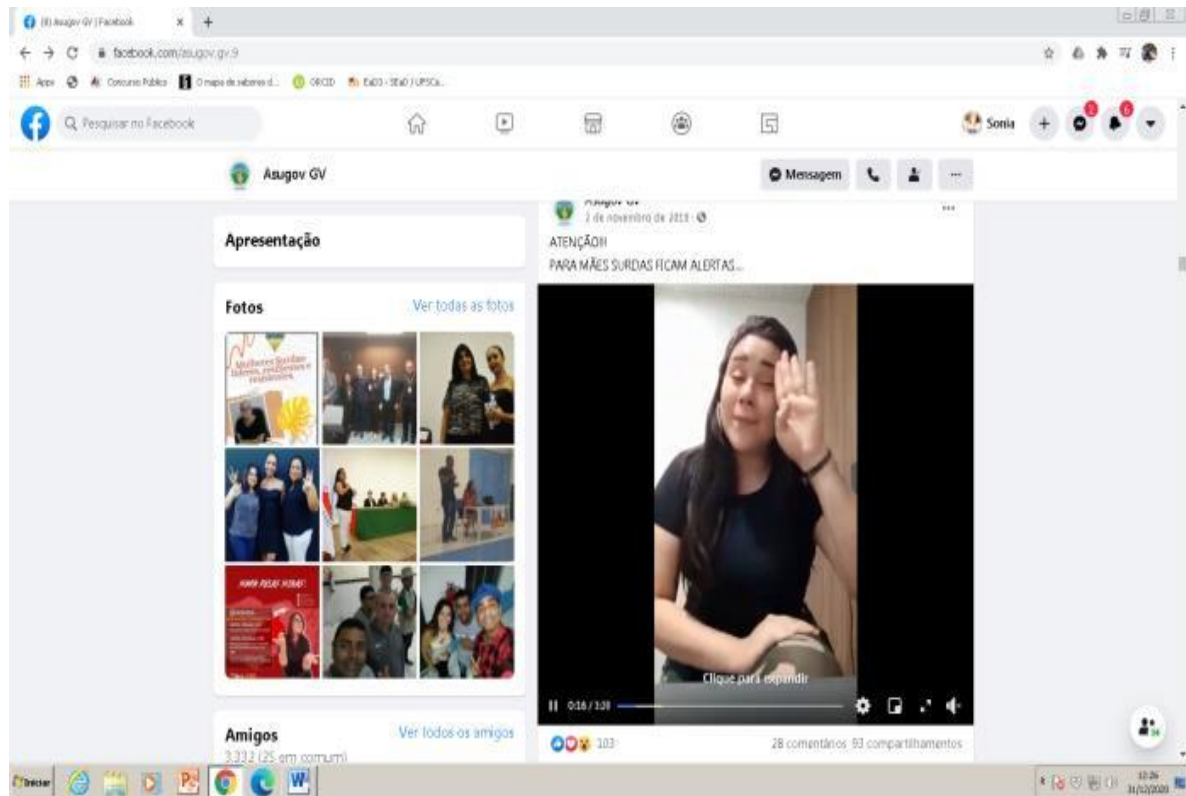
Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

* Interação tratasse do somatório de postagens de curtidas, comentários e compartilhamentos.

Nessa temática, também pude perceber que assuntos referentes à saúde envolvem o perfil Asugov e amigos associados como produtores e partícipes nas interações comunicacionais estabelecidas em rede. Especificamente o assunto que aborda criança e perigos diversos destacou-se quantitativamente com a participação da comunidade surda e amigos associados nos processos comunicacionais estabelecidos. Nos relatos contidos nas entrevistas, a maioria dos entrevistados deixa transparecer essa preocupação existente desde sempre entre perigos, pais e filhos surdos. O destaque vai ao encontro contido no relato da participante entrevistada Ana em sendo filha de pais ouvintes, Ana somente foi a escola após os 5 anos de idade. Por ser surda e única na família com surdez, os pais tinham muito medo de ocorrência de possíveis maus tratos, abusos de diversas formas.

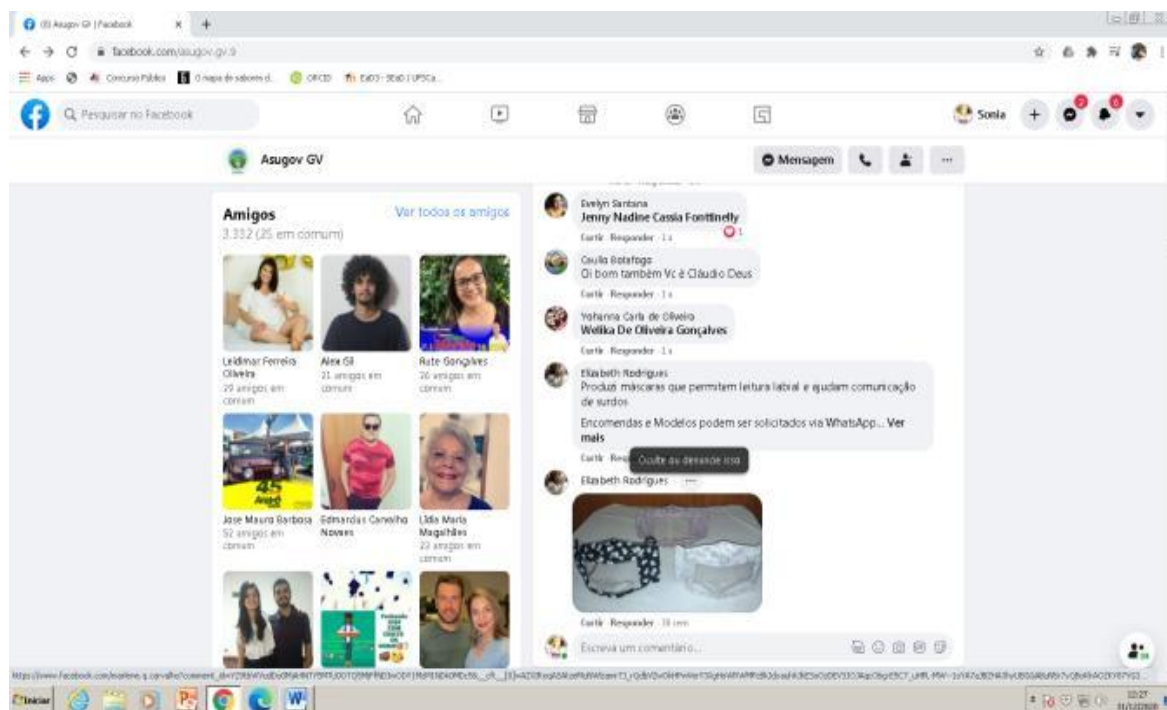
A seguir reproduzo imagens nas Figuras 23 e 24, obtidas por *print screen* do vídeo selecionado para análise sobre a temática saúde. O vídeo é precedido de uma assertiva que chama a atenção para as mães surdas ficarem alertas. Mesmo entendendo ser uma postagem onde considera-se apenas ao chamamento das mães, penso que os pais, demais familiares não se desobrigam para com o chamamento. Em seguida apresento uma descrição e análise do mesmo.

Figura 23 – Postagem relativa à temática Saúde I



Fonte: Facebook Asugov, 2019 (02 de novembro).

Figura 24 – Postagem relativa à temática Saúde II



Fonte: Facebook Asugov, 2019 (02 de novembro).

Apresentado pela interlocutora Aline⁸⁶ traz, na exposição em Libras, ser este tema em primeiro lugar uma questão de empatia com as comunidades (mães) surdas. Alerta a todas, pois se trata de uma questão que ocorre no mundo todo, com crianças surdas e ouvintes, pois essas estão a publicar nas redes sociais (Facebook e Instagram) fotos, informações diversas sobre si mesmas, como escola que frequentam, aonde vão, localização, entre outras coisas. E, quando estão publicando, existem outros tipos de pessoas, que agem de má fé, pegando essas fotos e anexando em outros *sites*, ilegais, de pornografia, além de recolher todas as informações sobre a criança. Afirmo que existem pessoas que, ao verem fotos de crianças, sentem prazer, o que a levam a pagar para que tenham relações sexuais com essas crianças. Conhece um caso em que a criança foi sequestrada e quando a mãe a obteve de volta, a mesma não conseguia exprimir o que acontecera com ela. Somente conseguiu identificar o estupro após exame no IML (Instituto Médico Legal). Reforça o pedido de atenção com a exposição de informação nas redes sociais, com informações sobre os locais determinados onde essas crianças possam estar. Desta forma evitar-se-ia que outras pessoas localizem crianças surdas, alvo fácil, para que assim nada possa acontecer de mal para os mesmos. Teme que as pessoas que possam estar vendo o vídeo pensem que se trata de uma coisa boba, distante da realidade das pessoas surdas, mas ressalta que isso acontece no mundo inteiro,

⁸⁶ Nome fictício.

para surdos e ouvintes. Este *post* recebeu 103 curtidas, 29 comentários e 93 compartilhamentos.

Retomo, para esta análise, de Cortina (2005) a ideia de cidadania que passou a ocupar nas sociedades atuais, seu papel de estabelecer a articulação das relações sociais. A partir desse diálogo penso a cidadania, entre outros aspectos, como um processo de inclusão das diferentes pessoas como partícipes da sociedade e dos bens produzidos por essa coletividade. Processo este perpassado pelo sentimento de pertencimento e de criação de um espírito de colaboração, que articule ações comunicacionais, demonstrado por possíveis ações de tolerância, coabitação, solidariedade (zelo salutar) como o exposto no vídeo onde a interlocutora chama a atenção das mães a respeito do uso das imagens fotográficas, para fins ilícitos e ilegais, de seus filhos.

Entendendo que a associação (perfil Asugov), ao compartilhar essa postagem está a dividir informações no sentido de alerta, de prevenção a fatalidades, principalmente com os filhos, seres em formação, colaborando com o cuidado e com a formação destes sujeitos.

Nessa temática pode-se perceber a ocorrência de 93 compartilhamentos.

Observamos que as respostas produzidas pelos amigos associados ao perfil Asugov foram a sua maioria expressas por *emojis* correspondendo a aplausos e ao rosto de espanto. Em relação ao *emoji* 'aplausos', entendo seu uso como aprovação em relação ao alerta no sentido de prestarem atenção com as postagens que os filhos possam estar realizando na rede social, no Facebook. E, o uso do *emoji* 'rosto de espanto' como reprovação em relação à conduta do abuso infantil. Manifestações advindas de amigas associadas neste perfil fizeram constar a remissão a nomes de mulheres, sendo entendida esta ocorrência como forma de alerta para possíveis mães (surdas e ou mãe de crianças surdas). Poucos foram os participantes com nomes masculinos, contudo fizeram estes remissão a um nome feminino, de forma também a chamar a atenção para o conteúdo da postagem realizada.

Neste processo comunicacional, registro uma postagem que considerei uma ocorrência interessante. Encontra-se ligada à temática saúde, mas não se relaciona à questão do alerta proposto no vídeo. A amiga associada E. R. fez duas inserções no processo comunicacional. Na primeira inserção, diz produzir máscaras que permitiriam a leitura labial e ajudariam na comunicação de surdos. Nesta postagem, ofertou o contato telefônico para encomendas. Na segunda inserção, Figura 25, postou a imagem do produto ofertado.

Figura 25 – Oferta produto (máscaras)



Fonte: Facebook Asugov

Embora esta seja uma postagem alheia ao tema específico discutido, um anúncio de um produto para consumo, é interessante considerar sua proposta no sentido de auxiliar no exercício do direito de comunicação e expressão dos sujeitos comunicantes surdos, além de ser um item que ajuda na prevenção da Covid 19 em tempos de pandemia. Para além da proposta, observo que, a postagem inaugural foi realizada em novembro de 2020. Considerando o momento de pandemia o qual vivemos, a postagem nos comentários sobre a venda de máscaras deve ter sido realizada no mínimo com seis meses de diferença da mensagem no *post* inicial. Penso que, as temporalidades que coexistem no espaço dos comentários realçam a desatualização da página da Asugov, demonstrando a real e latente necessidade de um(a) administrador(a) para com as postagens a serem realizadas no Facebook.

f) Violência

As publicações relativas a esta temática relacionam-se a postagens que abordam a violência em suas formas diversas de expressão, com humanos e/ou com animais. Nesta temática, somente o perfil Asugov realizou postagem através de um vídeo em Libras e sem legendas, abordando as possibilidades de ocorrência de violência contra a mulher e as atitudes que deverão ser tomadas, indicando a denúncia ao órgão competente pela agredida como forma correta. A Tabela 12 mensura a análise das postagens acerca da temática violência.

Tabela 12 - Postagens temática violência

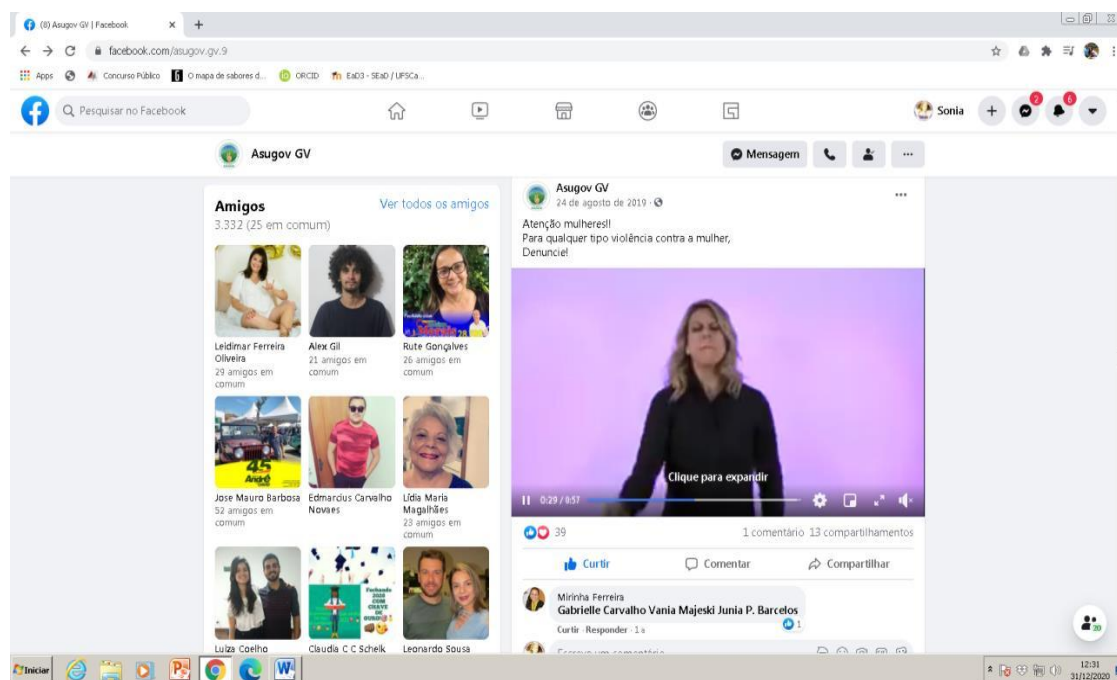
Quem posta	Assunto da postagem	Nº de postagens	Nº de interações*
Asugov	Violência contra a mulher - denuncie	01	53
Total		01	-

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

* Interação tratasse do somatório de postagens de curtidas, comentários e compartilhamentos.

A seguir reproduzo na Figura 26 uma imagem obtida por *print screen* do vídeo sobre a temática violência, lembrando ao leitor que a escolha pelo recurso comunicacional vídeo ocorre por considerá-lo condição relevante aos pertencentes à cultura surda. O vídeo é precedido de os seguintes dizeres: - Atenção mulheres! Para qualquer tipo de violência contra a mulher: Denuncie!

Figura 26 – Postagem relativa à temática Violência



Fonte: Facebook Asugov, 2019.

Trata-se de uma postagem onde a interlocutora Teresa⁸⁷ chama a atenção das mulheres surdas que estejam assistindo, que podem ser filhas, mães, irmãs, esposas, que todas estão passíveis a sofrer violência. Enfatiza a importância e o valor de cada uma dessas vidas. Pede que cada uma das mulheres surdas não se submeta à violência masculina doméstica. Que peça ajuda. Que vá a uma delegacia, que chame um intérprete para ser acompanhada, que nenhuma

⁸⁷ Nome fictício.

mulher precisa passar por isso. Incisivamente afirma: você é linda; você é digna; você é importante. Tenha coragem! Denuncie mesmo! Termina a exposição dizendo: Deus abençoe você! Após a fala da Teresa, a tela deixa registrado o seguinte dizer: Para qualquer tipo de violência contra a mulher ligue 180.

A tela apresenta-se na cor roxa como cor de fundo. Teresa, a apresentadora do vídeo, veste uma roupa de cor preta. Sabemos que na lista de fita das conscientizações, a cor roxa corresponde à luta contra a violência doméstica. E a cor preta, o clássico luto. Neste *post* foram registradas 40 curtidas, 01 comentários e 13 compartilhamentos. Neste único comentário, a amiga associada M. F. realiza o chamamento a outras 03 associadas para que atentem quanto ao conteúdo do vídeo.

Vale considerar que violência é um vocábulo de muitos conceitos. No senso comum, violência quer dizer força e refere-se “[...] as noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro” (MINAYO, 2016, p. 13). No campo das ideias o termo violência vem sendo discutido em debates acerca de sua negação de direitos do ‘outro’; como instrumento de poder; como expressão de crises sociais, articulação a questões culturais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como o uso intencional de força física ou poder, por meio de ameaça ou de fato praticado contra si próprio, outra pessoa e contra um grupo ou comunidade que resulta ou tenha grande capacidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico e prejuízo no desenvolvimento ou privação (OPAS, 2020).

A abordagem comunicacional em libras para o conhecimento da comunidade surda, em especial para as mulheres surdas releva, através do compartilhamento do vídeo realizado pela Asugov em seu perfil no Facebook, o combate a questões estruturais que incidem sobre condições de vida, condições históricas econômicas e sociais, tornando vulnerável todo grupo populacional que esteja sob essa vulnerabilidade, em especial as mulheres surdas. Ao realizar essa postagem, entendo que a Asugov buscou intervir nessa realidade, existente nas sociedades, ofertando informação com objetivo de reduzir e eliminar desigualdades proporcionadas pela desinformação.

Embora o vídeo apresente uma única ocorrência participativa por comentário registrada não devemos desconsiderar as 13 ocorrências de compartilhamentos da postagem, e as 40 ocorrências de curtidas realizadas por *emojis* de coração e *emojis* OK, em concordância ao exposto no vídeo.

Em sua maioria, os que se manifestaram nesta postagem acerca da temática violência eram sujeitos comunicantes surdos. Associados ouvintes também se manifestaram e os fizeram ao uso dos *emojis*. Em ambos os casos, eram pessoas que de alguma forma

vinculavam-se à Asugov. Esta mescla de atores sociais, surdos e ouvintes, associados e não associados à Instituição, alunos e ex-alunos do Curso de Libras, desenvolvem outras configurações de sociabilidades que colabora para a construção da cidadania comunicativa desse grupo populacional.

g) Religiosidades

As publicações ofertadas nesta temática relacionavam-se a assuntos que envolve postagens sobre conteúdo bíblico e positividade. O perfil Asugov absteve-se de realizar postagens com assuntos pertinentes a essa temática. Para os amigos associados ao perfil Asugov foram identificadas 04 imagens postadas sobre essa temática, 01 vídeo e nenhuma ocorrência de texto. As ocorrências totalizaram-se em 05 postagens. A partir dessa quantificação construí a Tabela 13. Neste busquei apresentar a partir de quem posta, o assunto da postagem, o quantum dos sujeitos participantes e a quantidade de vezes que ocorre a repetição em postagens com assuntos similares. Os dados consubstanciam e direcionam nossos olhares acerca dos processos comunicacionais desenvolvidos e o alcance dos mesmos para a construção da cidadania comunicativa dos sujeitos comunicantes surdos asugovianos.

Tabela 13 - Postagens temática religiosidades

Quem posta	Assunto da postagem	Nº de postagens	Nº de interações*
Associado	Mensagem com referência a Deus (texto bíblico)	01	25
	Pastoral dos surdos	04	126
Total		05	-

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

* Interação tratasse do somatório de postagens de curtidas, comentários e compartilhamentos.

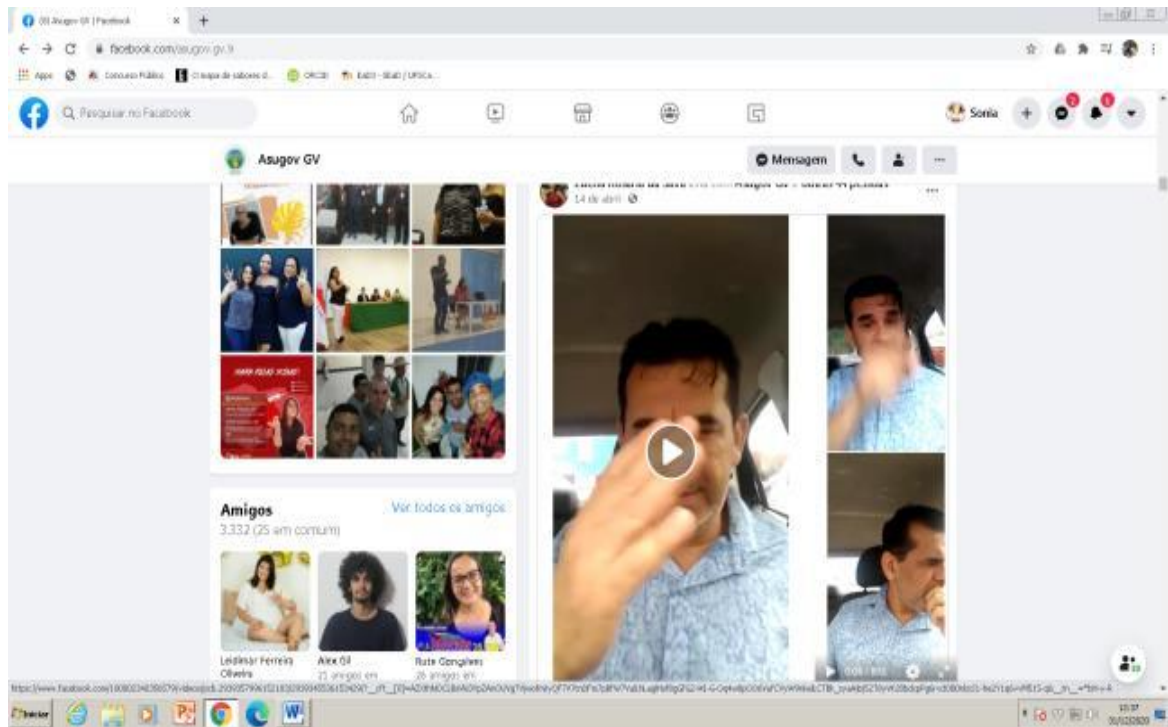
A seguir reproduzo nas Figuras 27 e 28, por *print screen*, imagens do vídeo selecionado para análise sobre a temática religiosidades. Trata-se de 03 momentos postados por vídeo. Em todos os vídeos, o interlocutor Renato⁸⁸ aponta a necessidade de se evitar as *conversinhas*, informações negativas postadas em outros grupos de pessoas surdas existentes na rede. Interpela a todos os sujeitos comunicantes surdos usuários de qualquer rede social (em especial Facebook e Instagram), a evitar tecer críticas desconstrutivas e perdoar uns aos outros. Porque o mais importante é a vida, ainda mais se considerarmos o momento vivido

⁸⁸ Nome fictício.

pela pandemia, pela existência de um vírus terrível. Aponta que por conta da pandemia tem pessoas passando fome e ficando tristes. Que precisam do nosso apoio. Afirmar ser uma pessoa sempre disposta a ajudar. Como cristão, acredita que Deus ensinou a todos uma coisa, que é seguir o exemplo dele, amar os outros. Com muito amor, com carinho, temos que ajudar, temos que ser solidários. Relata ficar emocionado quando faz estes gestos e quando doa cesta básica a famílias que estão precisando. Acredita que quando não mais estiver na terra Deus reconhecerá o esforço para quando for morar com ele. No barrado da tela que hospeda o vídeo constam os dizeres: “POVO SURDOS PRECISAMOS UNIÃO E PAZ, SER VERDADEIRO NÃO FALSO. VAMOS TRABALHAR PARA DEUS ... GRANDE ABRAÇOS - CURTA ESPALHE PARA O BRASIL TODO POR FAVOR.”. Neste post foram registrados 20 curtidas, 04 comentários e 03 compartilhamentos.

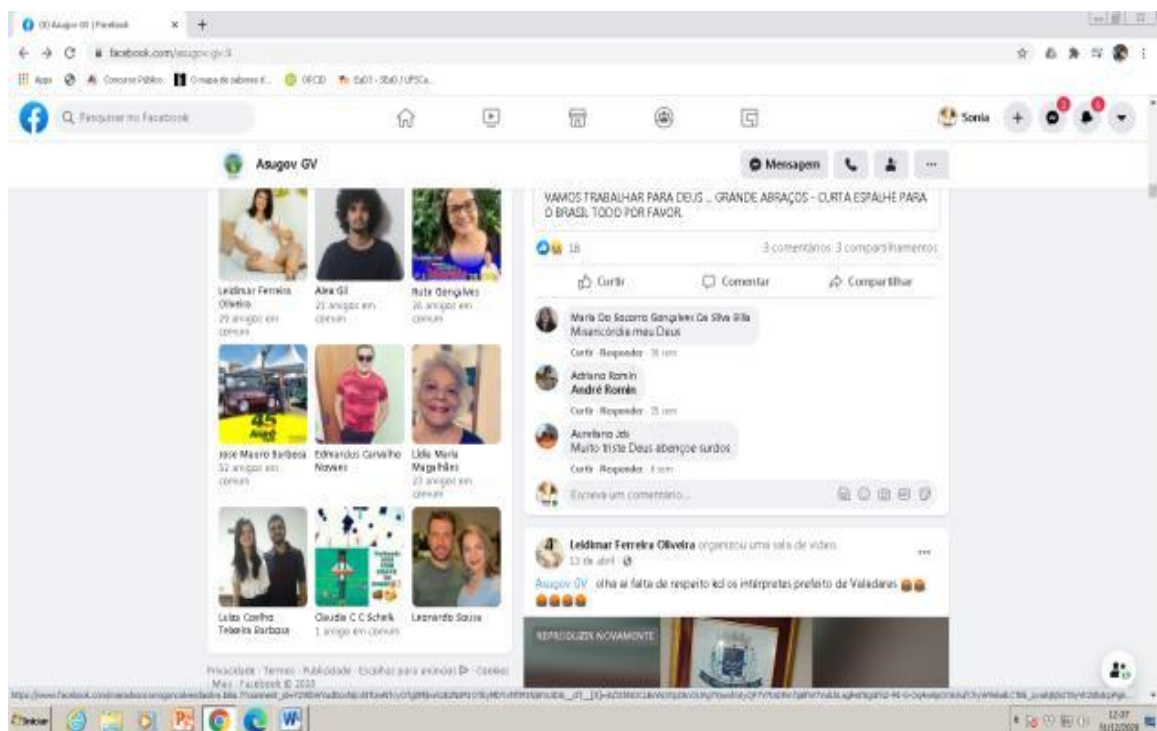
Inauguro minhas observações fazendo notar a ausência de postagem nesta temática pelo perfil Asugov. Desta forma, a Asugov deixa o exercício comunicacional sobre esta temática aos amigos associados. Os (sujeitos surdos e ouvintes) partícipes desse processo comunicacional vinculam-se à Asugov de formas diversas: como amigos, alunos, ex-alunos, associados, pertencentes à cultura surda, etc. Interessante foi constatar que as únicas 03 postagens com comentários fazem alusão à misericórdia de Deus em relação ao fato descrito no vídeo. São amigos associados ao perfil Asugov oriundos de outros Estados brasileiros, pertencentes à cultura surda.

Figura 27 – Postagem relativa à temática Religiosidade I



Fonte: Facebook Asugov, 2020.

Figura 28 – Postagem relativa à temática Religiosidade II



Fonte: Facebook Asugov, 2020.

Seria ingênuo desconsiderar a importância de manifestações comunicacionais cujo conteúdo de postagem abordasse questões sobre religiosidades (com implícitas questões éticas e políticas). Avalio a conduta da Asugov (perfil Asugov) em manter-se afastada como

conduta garantidora das liberdades. E neste sentido, a Instituição busca fortalecer as relações Asugov-sujeitos surdos, Asugov-comunidade surda, numa dimensão laica, da identidade, da sociabilidade, da própria crença, da cidadania e urbanidade. Não se trata de crer em um Deus, nem tão pouco de identificar-se com Ele. O sentido da postagem vai ao encontro que não se pode afastar dimensão religiosa como possível fonte de sentido para a vivência cidadã, nem mesmo negá-la.

Pensar a postagem como um todo, como os sujeitos responderam a esta proposta comunicativa, e se esses processos comunicativos provocados colaborariam (ou não) para a construção da cidadania dos sujeitos surdos é pensar que valores religiosos influenciam na construção das esferas comunicacionais, sociais, de maneira a possibilitar (respeito e exercícios de direitos) ou a constranger (proibição de exercício de direitos) o exercício da cidadania. A diversidade de participantes expressa nas postagens (curtidas, comentários, compartilhamentos) sinaliza ser também uma dimensão importante para o exercício da cidadania desses sujeitos participantes deste processo comunicacional.

h) Relações afetivas

As publicações vinculadas a esta temática relacionam-se a assuntos que incluem abordagem sobre afetos familiares, namoros, cenas de amizade tanto com pessoas como com animais.

Para o perfil Asugov, foi identificada apenas a postagem de 01 vídeo sobre o tema. Para os amigos associados ao perfil Asugov, foram identificadas 15 imagens postadas sobre essa temática, 09 vídeos e 02 ocorrências de texto. Essas totalizaram em 27 postagens. No quadro a seguir apresento detalhamentos sobre estas postagens.

A Asugov produziu em seu perfil apenas uma comunicação temática relativa a relações familiares do casal Maria Inês e Luiz⁸⁹. Amigos associados postaram 26 vezes comunicações com essa temática. A participação dos amigos associados nos leva a poder afirmar que os partícipes da produção comunicacional nesta temática foram sujeitos plenos na produção dessas postagens, deixando a mostra que a associação não monopoliza a comunicação nesta rede social. Quanto as postagens da temática relações afetivas, a Tabela 14 faz a devida demonstração.

Tabela 14 - Postagens temática relações afetivas

⁸⁹ Nomes fictícios.

Quem posta	Assunto da postagem	Nº de postagens	Nº de interações*
Asugov	Amizade com a Asugov	01	02
Amigos assoc.	Amizade com a Asugov	14	16
Amigos assoc.	Homenagens familiares	02	32
Amigos assoc.	Amizade com pets	01	03
Amigos assoc.	Apresentação de teatro	06	06
Amigos assoc.	Maratonas de cursos (autoajuda)	03	12
Total		27	

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook Asugov – 2018/2020

* Interação tratasse do somatório de postagens de curtidas, comentários e compartilhamentos.

A seguir reproduzo na Figura 29 imagens da postagem do vídeo selecionado para análise sobre relações afetivas.

Figura 29 – Postagem relativa à temática Relações Afetivas

Fonte: Facebook Asugov, 2020.

O vídeo é precedido de um pequeno texto com os dizeres: “*Olá, pessoal. Esta é minha família que, durante tantos anos, uniu-se a tantas outras famílias, à sua, a você. Essa*

dedicação vem do nosso ideal de vida. O conhecimento de meu pai nas questões de Políticas Públicas, Marcos Regulatórios, representação das entidades sociais surgiu no seio de nossa família, que sente 'na pele' o quanto ainda precisamos avançar. Compartilho e abro minha casa, minha vida à você, meu irmão e minha irmã.”

O texto introdutório pode conduzir, em uma primeira visada, o leitor a pensar que o vídeo melhor seria classificado sob a temática política. Contudo, ao ouvirmos o vídeo com a tradução do intérprete habilitado em Libras percebemos se tratar de um depoimento familiar. O vídeo inaugura com a imagem de Maria Inês e Luiz relatando que se casaram muito jovens. Tiveram o primeiro filho autista. Há 33 anos. Por época do nascimento do filho, não existia nem mesmo o conhecimento da dimensão da palavra autista. Foi necessário muito amor para a família seguir em frente. Se não houvesse o amor haveria o abandono. Depois veio a filha Luciana⁹⁰. Luciana é intérprete de Libras. Está no vídeo a interpretar a fala do casal. O irmão autista, Michael⁹¹ estudava em uma escola regular e foi uma alegria poder estudar nessa mesma escola com o irmão, relata Luciana. Luciana agradece aos pais Maria Ines e Luiz pela família que eles deram aos filhos e pelos pais que são. Neste *post* foram registrados 54 curtidas, 11 comentários e 28 compartilhamentos. São *emojis* de concordância, *gifs*, e frases positivas.

A postagem sinaliza que a Asugov, enquanto Instituição e enquanto perfil de rede, busca defender um relacionamento de respeito dentro da ética, dos valores contributivos à edificação da cidadania de todos os sujeitos (participantes ou não das postagens). Lembrando Freire (2000): “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético, e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (2000, p. 141), traduzindo-se como escopo instituído nas relações Asugov-sujeitos surdos e comunidade surda, para além dessa postagem.

Quanto aos comentários existentes, recortamos manifestações no sentido de agradecimento em relação à existência da família da Maria Inez e do Luiz. Quanto aos *emojis*, registramos uso do *emoji* ‘ok’, ‘coração’, ‘rosto com olhos em formato de coração’ para como manifestação ao relato ofertado sobre essa família. Também *gifs* com figura de ursinho carinhoso e de figura feminina que apresenta a plaqueta com nota 10. É possível pensar que grande parte dos laços sociais forjados no ciberespaço foi transportada da vida off-line das pessoas, e vice-versa (RECUERO, 2012), dimensionando e colaborando para a construção da cidadania dos sujeitos comunicantes surdos em suas diferenças.

⁹⁰ Nome fictício.

⁹¹ Nome fictício.

Reconhecer a associação com suas práticas comunicacionais, sua página virtual como uma esfera de importância, enriquecedora da cultura surda, me leva a considerar que os processos comunicacionais desenvolvidos na página da Asugov indicam vinculações concretas e construtoras da cidadania dos sujeitos surdos.

i) Análise

Analisar o Facebook e suas práticas comunicacionais digitais, como estes processos se vinculam à construção da cidadania comunicativa dos sujeitos surdos, em um contexto complexo de perpasses de interculturalidades, exigiu-me um caminhar no sentido indicado por Coelho (2014), a passos rumo ao horizonte para pensar as relações construídas a partir dos temas estabelecidos naquelas postagens.

As temáticas estabelecidas (relações afetivas, datas comemorativas, identidade, política, saúde, jogos, violência, religiosidades) expressa anseios da comunidade Asugov. Pensar sobre essas temáticas é pensar também a constituição das mesmas⁹² na constituição da comunidade surda asugoviana sob o ponto de vista da cidadania destes sujeitos.

Um primeiro caminho a mim exigido foi o ultrapasse do entendimento do conceito de cidadania para além das perspectivas políticas, dos traçados oriundos dos modelos liberal, das formalidades do direito. Pensando este grupo específico, os sujeitos comunicantes surdos, a cidadania inclui uma interatividade relacional de compartilhamentos necessária à construção das identidades (individuais e coletiva). Nesse sentido as reflexões propostas por Bonin (2020) acerca dos potenciais das novas tecnologias de comunicação (redes), para a constituição do tecido social do espaço público ao remodelar as formas de sociabilidade, faz-se ver que este cenário permite que os sujeitos possam ser reconhecidos socialmente.

Um segundo caminho a mim exigido foi compreender a interatividade comunicacional estabelecida nas postagens sob a ótica do reconhecimento dos sujeitos surdos como cidadãos e de demandas pela sociedade. Este caminho recebeu contribuições propostas por Cortina (2005); Mata (2005) e Bonin (2020) pensando as subjetividades contidas nos significados compartilhados acerca dos direitos à informação e à comunicação.

Um terceiro caminho de análise registro ter a acuidade necessária para com a circulação do que é postado, mediante o desconforto de se saber que o Facebook entende o que seria interessante para os usuários naquele momento. Essa possibilidade de se estar sendo

⁹² Pertencem a relações abstratas; cujas vontades perfazem ao indivíduo ou referem-se a sociedade (AZEVEDO, 1974).

configurado pelas lógicas algorítmicas leva a pensar que, independentemente da condição ouvinte ou surdo, os pilares principiologicos da cidadania não se coadunam, com essa ingerência algorítmica, contudo flexibiliza-se ao entendimento da necessidade de se operar em novos contextos. Neste sentido, o avanço da tecnologia, representa um desafio para (re)pensar a dimensão comunicativa da cidadania sob parâmetros conceituais legais, sociológicos, políticos, econômicos no contexto digital.

Nas práticas comunicacionais digitais realizadas pelos sujeitos participantes da rede social Facebook, um sujeito foi representado pelo perfil Asugov e outro por amigos associados a este perfil. As interações comunicativas vinculadas aos usos e apropriações dos recursos comunicacionais disponíveis nesta plataforma foram observadas nas manifestações colhidas nas postagens. Curtir, comentar e compartilhar apresentaram-se como recursos possíveis de usos e apropriações que colaboram para a constituição da cidadania comunicativa desses atores no sentido do fortalecimento da comunidade surda asugoviana.

Contudo, ao analisar as temáticas das postagens, penso existirem lacunas em relação a assuntos também importantes que não foram pautados, questões que poderiam ser aprofundadas para a formação crítica desses sujeitos, que podem ser sintomas da ausência de uma gestão profissional da página (remunerada ou voluntária). Para além dos assuntos abordados, penso que pautas sobre as condições físicas da associação; questões de acessibilidade; recursos financeiros; questões relacionais entre associação e familiares de associados; questões relacionais entre associação e sociedade valadarense; parceria entre associação e projetos de extensão e pesquisa com as universidades poderiam ter sido alvo de debates, como propostas construtivas da identidade cultural deste grupo populacional, formativa de cidadãos. Dimensões vinculadas às lutas cidadãs dos sujeitos surdos poderiam também ganhar maior presença neste cenário.

Vejo também, que as discussões promovidas nas práticas comunicacionais foram tímidas. Assim como Strobel (2018), Sacks (2010) penso que a cultura surda possui vários significados, simbolizando aquilo que é aprendido e compartilhado entre os seus. A cultura surda inclui o jeito do sujeito entender o mundo e modificá-lo em função de suas percepções visuais, experiências e trajetórias de vida. As manifestações de uso de recursos imagéticos nas postagens exauriam-se no diálogo imagético (*emojis*), sem reflexos/comentários/debates críticos mais amplos, sem manifestações de novas ocorrências de interatividades sociais consubstanciadas em posicionamentos diversos.

Outro aspecto que ainda posso indicar como ambíguo é a falta de debate para poder se refletir criticamente sobre a posição do atual governo em relação aos sujeitos surdos e,

principalmente àquele pensamento apresentado por Hugo (item 5.3.2.1) sobre o representante do poder executivo nacional ser alvo de *'fake news'* e injustiças. Penso que, isso é fortalecido pela ausência de problematização do cenário pandêmico pela página e seus impactos, sobre PCD, e, especificamente sobre sujeitos(as) surdos(as).

Para além das especificidades da Internet, de seus múltiplos ambientes, vale ressaltar que os usos e as apropriações construídos nas postagens realizadas na rede social Facebook no perfil Asugov, se manifestam em distintas dimensões. Demandas pontuadas nas esferas temáticas (política, identidade, datas comemorativas, jogos, saúde, violência, religiosidades, relações afetivas), nos processos comunicacionais estabelecidos, no uso dos recursos comunicacionais imagens, vídeos e textos são elementos relevantes nos processos interativos, na perspectiva de usufruir o direito de comunicar, de encontrar possibilidades de expressão (contestações, rejeições, críticas, limites, redesenhos dos significados), compreendendo que a cidadania comunicativa se vincula ao reconhecimento e ao exercício de direito a comunicação; independentemente da diferença culturalmente estabelecida entre surdos e ouvintes.

Nesse caminhar de observações (2018 a 2020) entendo as ações comunicacionais realizadas nas curtidas, nos comentários e compartilhamentos como uma dinâmica das apropriações que reflete a história dos sujeitos surdos asugovianos, ressignificando e reconfigurando sentidos socialmente partilhados. Assim, os processos comunicativos estabelecidos na página da Asugov colaboram com a inclusão social (sentimento de pertencimento) e com o reconhecimento e exercício do direito à comunicação.

Nos processos comunicativos observados, foram percebidos ainda outros obstáculos para a construção da cidadania comunicativa dos sujeitos surdos. Como toda construção social, essa conquista é um processo. Um processo de conscientização. Em relação a isso, noto uma limitada existência de discussões, de debates tanto no espaço institucional Asugov, quanto no ambiente digital perfil Asugov sobre ser cidadão comunicacional. A discussão da comunicação como um direito social precisa ganhar eco no cotidiano, institucionalmente e virtualmente.

No Capítulo seguinte, o leitor apreciará aspectos relativos às trajetórias de vida dos sujeitos comunicantes surdos participantes da entrevista, assim como de suas relações com a Asugov, nas dimensões presencial e digital.

6 OS SUJEITOS SURDOS E O FACEBOOK: USOS E APROPRIAÇÕES E CIDADANIA COMUNICATIVA

Neste Capítulo, convido o leitor a conhecer a trajetória de vida dos sujeitos comunicantes surdos asugovianos participantes da pesquisa, nos ambientes físico e digital. Esses territórios foram pensados como constitutivos de suas culturas, em múltiplas dimensões. Aqui, busco compreensão de seus atravessamentos nos usos e as apropriações realizados, pensados na perspectiva da cidadania destes sujeitos, assim como entendimento acerca do cidadão comunicante, da cidadania comunicativa nas possibilidades, concretizações e mesmo restrições nestes usos e apropriações.

O caminhar foi conduzido por inquietações em como pensar esses usos, a partir dos questionamentos: são meramente usos? Existem apropriações? De que natureza? Quais são as lógicas que os atravessam, no ambiente físico Asugov e seu ambiente digital? E quais são as lógicas culturais concretas constituídas nesses múltiplos ambientes e cenários vividos pelos sujeitos colaboradores da pesquisa? Evidentemente, não é possível alcançar respostas definitivas sobre estas questões. Ainda assim, a tese construída caminha para apresentar possibilidades de entendimento a abertura às questões relacionadas aos sujeitos comunicantes surdos e à cidadania comunicativa.

Neste intuito, abordo neste Capítulo as práticas sociais comunicativas na Asugov e aspectos da cultura surda dos sujeitos comunicantes asugovianos. Apresento o relato dos entrevistados a partir da tradução do intérprete Saymon, através do qual percorro as trajetórias dos sujeitos surdos e suas relações com a Asugov através do seu perfil digital. Desta forma, analisar as possibilidades, concretizações e limites destes processos comunicacionais para a constituição da cidadania comunicativa destes sujeitos, que se trata do objetivo específico, fica contemplado.

6.1 As práticas na Asugov e os sujeitos surdos: aspectos da cultura surda

A forma como os sujeitos surdos asugovianos configuram suas culturas é de importância fundamental para o entendimento das relações comunicacionais construídas no Facebook. Compartilho da argumentação de Sá de que

A(s) identidade(s) de surdo/dos surdos não se constrói(oem) no vazio, forma(m)-se no encontro com pares e a partir do confronto com novos ambientes discursivos. No encontro com os outros, os surdos começam a narrar-se, e de forma diferente daquela através da qual são narrados pelos

que não são surdos. Começam a desenvolver identidades surdas, fundamentadas na diferença. Estabelecem, então, contatos entre si e, através destes, fazem trocas de diferentes representações sobre a(s) identidade(s) surda(s). Assim, autoproduzem significados a partir de informações intelectuais, artísticas, técnicas, éticas, jurídicas, estéticas, desenvolvendo, então, certa cultura; é a partir dessa autoprodução que surgem as culturas surdas. Quando as pessoas surdas se conscientizam de que pertencem a uma comunidade/cultura diferente, ou de diferentes, essa consciência as fortalece para oferecer resistência às imposições de outras comunidades/culturas dominantes. (SA, 2006, p. 126).

Entendo que neste caminhar para pensar aspectos da cultura destes sujeitos no contexto da associação, é produtivo, de partida, analisar o logotipo da Asugov, sua identidade visual, aqui pensada como uma forma de atribuição de significados, ou de uma determinada representação. É uma imagem que procura construir a ideia de que pertencem a uma comunidade, a uma cultura diferente, através da estampa impressa no desenho existente no logotipo da associação⁹³, que remete à linguagem de sinais e, também, a elementos que procuram situá-los como cidadãos valadarenses. A Figura 30 repete o logotipo da Asugov, a título de reapreciação.

Figura 30 – Repetição do Logotipo da Asugov



Fonte: Facebook Asugov, 2019.

Em uma primeira visada, a Figura 30 representando o logotipo da Asugov, permite ao leitor visual produzir um deslocamento da imagem central para a imagem predominante do voo livre. Considero que o deslocamento visual que se faz a partir da imagem simbólica, do

⁹³ Na coleta de visualidades sobre logotipos de associações de surdos na internet, percebemos que a maioria das associações apresentam seus logotipos de forma a trazer na estampa, em destaque, o símbolo em libras nominativo a associação em suas imagens identificatórias e a bandeira do ente federativo ao qual pertencem.

sinal correspondente ao nome Asugov em Libras, para a imagem do Pico do Ibituruna, ponto geográfico que identifica terras valadarenses por sediar eventos relacionados ao esporte voo livre, valorizam mais a faceta da identidade valadarenses do que propriamente o pertencimento à cultura surda. Ao valorizar mais a construção desta identidade como valadarenses, penso que a representação resvala em uma questão histórica, relacionada ao binarismo surdo/ouvinte, que desvaloriza sua diferença cultural.

Karnopp (2006, p.100), ao abordar questões sobre literatura surda, contribui ao alertar sobre: “[...]os perigos da fixidez e do fetichismo de identidades no interior da calcificação da cultura surda, no sentido de trazer um romanceiro celebratório do passado ou uma homogeneização da história do presente”. Com o pensamento no conteúdo imagético da identidade visual da Asugov, questiono se esta representação não acaba por produzir uma identificação redutora da cultura surda, ao dar relevância aos símbolos da identidade local vinculada a um “passado celebratório”. Reflito isso levando em conta que atualmente Governador Valadares não mais detêm a titularidade de capital mundial desse esporte. Se a identidade visual da Asugov deve incluir elementos representativas da cultura surda, os atributos territoriais de Governador Valadares vinculados à titularidade de capital do voo livre tornam-se uma referência desconectada da realidade e das complexidades do ser surdo.

Ainda assim, a forma identitária constante no logotipo da Asugov apresenta alguns elementos que remetem à pluralidade e à hibridez. Pluralidade no sentido de que busca afirmar-se no local de cultura, em uma configuração mista, um deslocamento não muito feliz na valorização da imagem do relevo da cidade em detrimento da imagem de identificação do nome em libras da Asugov, mesmo fazendo-se constar na frente da imagem em exposição. Hibridez porque envolve, assim, facetas distintas da cultura e remete às culturas ouvinte e surda.

Karin Strobel (2018), ao afirmar que contemporaneamente múltiplas culturas interagem produzindo cruzamentos de culturas e identidades, auxilia em nosso entendimento acerca da imagem em análise como uma possível representação da identidade asugoviana e da sua cultura. Contudo, questiono até que ponto esta imagem colabora para dar visibilidade à diversidade destas culturas, não como algo localizado, fechado, demarcado, mas tomado por significações diversas, fronteiro, a produzir de relações de sentidos, a produzir um convite a uma cruzada ao relacional, a uma produção de cultura em oposição às questões históricas consideradas ‘naturais’ - questões essas que repercutiam na forma do como os sujeitos e grupos surdos foram narrados e tratados pelas instituições, negando-lhes possibilidades de inscrição de suas narrativas como grupo cultural, capazes de produzir significados a partir de

suas experiências compartilhadas (KARNOPP, KLEIN E LUNARDI-LAZZARIN, 2011). Como argumenta Perlin⁹⁴ (2010), não existe uma identidade/cultura surda universal, pois como toda comunidade humana, a comunidade surda também é plural.

Outro aspecto pensado como constitutivo das culturas dos sujeitos surdos asugovianos é o uso da *língua de sinais*, compartilhada no espaço físico da associação. Sabe-se desde os idos de 1960, principalmente através dos trabalhos de William Stokoe, que as línguas de sinais são consideradas línguas que apresentam estrutura gramatical própria, portanto completas e naturais (SANTANA, 2007). Oliver Sacks ajuda nesta compreensão ao afirmar que “[...] a língua de sinais é muito expressiva, capaz de enunciar de modo essencial qualquer coisa que possa ser dita na língua falada.” (SACKS, 2010, p. 71).

Para Quadros e Karnopp (2004), a principal diferença das línguas de sinais, com relação às línguas orais, é a simultaneidade dos elementos existentes nessa e não somente a sua modalidade viso-espacial. Dito de outra maneira, é pela modalidade de percepção e produção que os sinais são percebidos pela visão e produzidos ou articulados pelas mãos, possuindo total autonomia se comparada com as línguas orais. Sob essa perspectiva, podem-se destacar três aspectos existentes na autonomia das línguas de sinais. O primeiro é sua autonomia estrutural, correspondendo a que os sinais que representam o léxico das línguas de sinais não são um soletramento ou mesmo uma tradução das palavras; ao contrário, possuem um alto grau de iconicidade e de independência em relação a outros tipos de representações. O segundo aspecto é a autonomia geográfica e os limites territoriais próprios. O terceiro é a autonomia funcional, isto é, é a modalidade visual inerente à língua de sinais, que promove as diferentes circunstâncias de uso e de disponibilidade possibilitados pelo uso do espaço em frente e ao redor do corpo sinalizador (CAPOVILLA, 2002).

Sobre o aspecto relacionado à questão da autonomia geográfica e dos limites territoriais próprios, vale trazer a linha de pensamento de Karnopp (2006) quando em diálogo com os autores Kyle & Allsop (1982) aborda esta questão:

A comunidade surda é diferente de outras comunidades linguísticas em muitos aspectos, já que os surdos não estão geograficamente em uma mesma localidade, mas estão espalhados em várias partes do mundo. Pessoas surdas não trabalham em um mesmo local. Em alguns centros urbanos, eles encontram seus pares surdos somente duas ou três vezes por semana e passam a maior parte de seu tempo em um mundo ouvinte. Esse fato produz um padrão de comunidade em que o tempo que os surdos permanecem juntos é fragmentado; por outro lado, são extremamente próximos uns dos

⁹⁴ Classificações das identidades: Identidades surdas, Identidades surdas híbridas, identidades surdas de transição, identidade surda incompleta, identidades surdas flutuantes (PERLIN, 2010).

outros. Essa característica social faz com que pessoas surdas mantenham suas vidas na comunidade surda, participando da associação de surdos, realizando atividades conjuntas, estudando em uma mesma escola, empreendendo lutas e reivindicações conjuntas. (KARNOPP, 2006, p. 162).

Vale apresentar aqui, através do registro fotográfico constante na Figura 31, um momento de um dos encontros na associação, que mostra um fragmento viso-espacial, de percepção e produção de sinais percebidos pela visão, produzidos ou articulados pelas mãos.

Figura 31 – Uso do espaço Asugov e corpo sinalizador



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

Dos encontros na associação e dos relatos oferecidos pelos entrevistados, colhidos no momento de entrevista (fase sistemática da pesquisa empírica), uma triste realidade me foi relevada, que considero perversa em relação à lógica da construção do ser comunicante surdo. Refiro-me à aquisição tardia da língua de sinais, um aspecto que impacta na construção da cultura surda. Oliver Sacks ajuda a fundamentar meu argumento, ao refletir que:

A surdez em si não é um infortúnio; o infortúnio sobrevém com o colapso da comunicação e da linguagem. Se a comunicação não pode ser obtida, se a criança não é exposta à língua e ao diálogo apropriado, verificamos todos os reveses ao mesmo tempo linguísticos, intelectuais, emocionais e culturais. (SACKS, 2010, p. 101).

Negar ou minimizar a importância da língua de sinais é reforçar as representações sociais acerca do ser comunicante surdo como uma alteridade deficiente ou anormal. Nesse sentido, posso ainda citar Skliar (2019, p. 152) quando afirma que “[...] a diferença não é um sujeito, mas uma relação [...]” e, sob essa triste realidade de descondições, uma grande maioria dos membros asugovianos erige suas culturas, compartilham-na entre si, deixando definirem-se, ao longo do tempo, como se ‘uma normalidade fosse’ a aquisição tardia da língua de sinais, do mundo cultural surdo, dos pertencentes a essa comunidade.

No ambiente da Asugov, registramos aspectos da configuração das culturas surdas em ocorrências diversificadas. O primeiro elemento observado diz respeito a surdos que nasceram em famílias de surdos. Estes comumente são inseridos de forma natural na língua de Libras e a adquirem no período ideal. Essas observações foram constatadas durante as visitas regulares e durante a observação participante.

Outra ocorrência observada refere-se a crianças ouvintes, filhas de pais surdos. Essas também têm acesso desde cedo à Língua de Sinais, mas evitam demonstrar essa particularidade de serem bilíngues bimodais. A vergonha foi fácil de perceber. Desde cedo os filhos ouvintes de pais surdos asugovianos agem como se renegassem os pais em favor do mundo ouvinte, do mundo hegemônico, o considerado ‘normal’. Nesse sentido, observei a não participação desses filhos em reuniões e atividades sociais; eles sequer pertencem à rede social Facebook Asugov. Essas crianças, que aprendem as duas modalidades linguísticas, são consideradas bilíngues, nomeadas e conhecidas pela sigla em inglês CODAS⁹⁵.

Outra inquietação faço registrar: as poucas crianças ouvintes, filhas de pais surdos, presentes vez ou outra nos pátios da associação, usavam o celular de forma preocupante. Essas crianças, ouvintes (CODAS), faziam uso do celular em alto volume, tendo amplo acesso à internet; permaneciam em geral isoladas dos demais durante a estada nos pátios da Asugov.

Outra observação, que faz pensar sobre a configuração da cultura surda, é a presença de surdos adolescentes, filhos de pais ouvintes, frequente no curso de Libras ofertado pela associação que não frequentam a mesma. Estes chegam à associação após o período ideal para a aquisição da língua de sinais e em geral aprendem-na rapidamente. Essa forma tardia de acesso à Língua de Sinais me parece ser indicativa da não aceitação dos pais ouvintes em relação a essa realidade, de ter filhos surdos e, ou de desconhecimento da cultura surda.

⁹⁵ Child of Deaf Adults – Filho de adultos surdos

Na Asugov, conheci apenas um sujeito surdo que fez implante coclear. A possível não existência de implantados frequentes na associação pode estar relacionada, entre outros fatores, ao custo elevado da aquisição e implantação do aparelho, pois é preciso registrar que a grande maioria dos surdos asugovianos pertence a famílias de baixa renda⁹⁶. Surdos oralizados são poucos, exercem mais a condição de sinalizantes. Surdos com outras deficiências também são poucos. E nas reuniões realizadas na Asugov, a condição da existência de outras deficiências pareceu-me não ser relevante para se estar ali. A surdez sim.

Para Strobel (2018), a cultura surda se define pela sua história cultural. E a expressão “cultura surda”, segundo a autora, não se resume ao uso dos sinais, vai além disso: inclui o uso das expressões faciais e corporais; de desenhos; de histórias; de jogos; de autobiografias publicadas e de mecanismos visuais que os surdos utilizam para estabelecer a comunicação. Em minhas observações, registrei a presença de jogos e campeonatos que a associação participa ou oferta em suas reuniões interativas para seus associados, como momento de lazer, como brincar com os jogos de mesa. Considero que estas atividades contribuem o desenvolvimento social, cultural, intelectual, emocional dos associados através de ritualidades importantes que promovem vínculos interculturais. As Figuras 32 e 33 registram momentos relacionados aos jogos interativos.

Figura 32 – Jogos interativos

⁹⁶ Os dados recolhidos pelo IBGE, em 2017, consideram os domicílios de Governador Valadares com rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, e nesse sentido no município tinha 35.3% da população nessas condições, o que o colocava na posição 508 de 853 dentre as cidades de MG e na posição 3505 de 5570 dentre as cidades do Brasil (IBGE, 2018).



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

Figura 33 – Reunião Asugov para organização de campeonato de futebol



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019.

Esses momentos de jogos incorporam-se à vida cultural dos surdos asugovianos como necessários e vitais. As reuniões, convocadas por assembleias para tomada de decisões sobre participações da associação em jogos diversos, principalmente em campeonatos de futebol, fomentam discussões sobre possibilidades econômicas, entre outros aspectos, organizando-se de acordo com as habilidades dos associados para a produção dos jogos.

DaMatta (1990) argumenta que a prática esportiva do futebol se configura como uma modalidade profundamente vinculada ao lazer, ao modo de vida e às tradições da cultura

brasileira, tendo como características distintivas o fato de serem vivenciados no espaço/ tempo de lazer, como uma espécie de ritual;

[...] os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover identidade e construir seu caráter. É como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural de uma sociedade, na sua ideologia dominante e no seu sistema de valores. Porque é o ritual que permite tomar consciências de certas cristalizações mais profundas que a própria sociedade deseja situar como seus 'eternos'. (DAMATTA, 1990, p. 24).

Entendo assim, a manifestação cultural dos campeonatos (jogos) como uma espécie de ritual, de vinculação cultural através do valor dos jogos, dos campeonatos, na formação sociocultural e comunitária da Asugov. A Figura 34 registra momento do campeonato de futebol de dezembro de 2019.

Figura 34 – Campeonato de futebol Asugov – dezembro de 2019



Fonte: Facebook Asugov

Socioculturalmente os jogos realizados nos pátios da Asugov direcionaram meu entendimento a percebê-los como espaço de exercício da dimensão lúdica, de interações grupais, de aprendizado, de reforço ao sentimento de vinculação das pessoas entre si, de pertença dos sujeitos à associação; de inclusão de ouvintes e surdos.

Vale ainda trazer aqui a importância da existência de espaços associativos, como forma de reforço às observações apontadas, sob os olhares de Skliar (2016, p.17) quando o mesmo afirma ter ocorrido o surgimento das associações de surdos como forma de resistência ao poder ouvintista (territórios livres do controle ouvinte sobre a deficiência, os matrimônios

endogâmicos, a comunicação em língua de sinais nos banheiros das instituições, o humor surdo, etc.). Desta forma, penso que a Asugov colabora para a constituição de territorialidades e território de resistências à imposição da cultura ouvinte.

Os jogos de mesa (cartas, sinuca) realizados nos encontros na Asugov se apresentam como uma possibilidade real de aprendizado da própria cultura dos surdos, através dessas brincadeiras, como também uma possibilidade de fortalecimento dos sentimentos de pertença e convivência do povo surdo.

Contudo, pude constatar uma limitação à integração de todos na realização desses jogos, uma espécie de ‘monopólio’ dos jogadores participantes: ora são os mesmos na sinuca, ora são os mesmos nas cartas. Outros associados se dedicavam a assistir TV, jogar pelos celulares individualmente e a conversar. A ocorrência pode indicar a não existência de coordenação, planejamento, para os encontros a serem realizados na associação. Apenas abrem-se as portas ao associado, ao visitante. Reflito que o envolvimento da diretoria, enquanto associação poderia caminhar mais no sentido de apoiá-los com as especificidades inerentes, promovendo ações interativas e envolventes no sentido de favorecer a identificação a integração e a ampliação do seu repertório cultural.

Para além do ensino da língua Libras e dos jogos, outros processos de interações sociais e culturais realizados na associação também foram observados. Refiro-me aos encontros preparatórios das comidas típicas, prendas, ensaios de dança para a realização de festa junina. Os saberes que circulam na cultura alimentar de festa junina, produzidos e valorados por quem se habilitou em fazê-los, saberes práticos, em um primeiro momento se fez estranho para mim. Venho de uma metódica da cultura culinária ouvinte. Tudo aconteceu de maneira silenciosa, guiando-se por sensações, por cheiros, gestos onde a comunicação era feita por sinais. Mesmo fazendo parte desta dinâmica interativa constatei fragilidades que ao serem superadas podem contribuir com a cultura surda desses sujeitos verticalizando-se em uma possibilidade de construção para com a cidadania comunicativa.

Em relação à observação das dinâmicas vinculadas ao “território cozinha” da Asugov, registro alguns aspectos. Nos dias de preparação alimentar para as comemorações juninas, aos associados surdos permitiam-se apenas participações com o carregamento dos gêneros alimentícios e montagem das barraquinhas. No território cozinha não era permitido a participação deles.

Ao pensar o poder de integração que o espaço cozinha pode propiciar, me vi a produzindo pensamentos indicativos para que reuniões vindouras sejam mais produtoras no sentido de contribuir para a inclusão e construção de cidadania dos sujeitos surdos: a) a partir

das receitas, pode-se produzir uma aula de linguística com direito a todos os signos; b) a receita como texto de gênero popular, do cotidiano das pessoas pode ser usada como meio recursal de interação social (divisão e realização das etapas/modo de fazer); c) as medidas podem ser trabalhadas em correspondência a outras medidas; d) valores nutricionais dos alimentos podem ser abordados nesta dinâmica; e) a origem, uso, combinações, substituições dos alimentos também podem ser abordados; f) pode-se estimular a degustação, aroma, formato, textura das especiarias, erva, das farinhas a fim de se instigar os sentidos que contribuem para estimular diferentes sabores e saberes.

Enfim, pensava na receita inclusiva: conhecimento e diversidade temperam conforme reflete Stuart Hall (2003) a percepção que também pode residir em uma simples receita como, por exemplo, a receita de pé de moleque: significando e ressignificando símbolos culturais. Assim, visualizo limitações nas práticas em termos de produzir maior integração, participação, valorização de saberes e construção de aprendizados conjuntos.

Ainda neste sentido, realizei observações sobre como foram construídas essas práticas e definidas essas ações, e que as mesmas merecem acuidade. Em relação às comemorações de datas específicas, reuniões preparatórias desde a elaboração à execução foram realizadas a contento pela diretoria. Para as reuniões associativas semanais, não existe planejamento sobre possíveis atividades a serem desenvolvidas com os associados. Não há uma programação específica para jovens e crianças. Há apenas a determinação, de maneira vertical pela direção, do responsável pela abertura e pelo fechamento do espaço associativo e controle da cantina (prestação de contas).⁹⁷

Penso que a maneira como a diretoria assume o protagonismo da Asugov colabora para repetir a conduta assistencialista dos ouvintes. Conduta esta que acaba por se constituir como prática de dominação e de subserviência dos associados. O objetivo nuclear e as práticas da associação deveriam estar vinculados à inclusão e à participação dos sujeitos surdos. Logo, se não existe ou são deficitárias suas práticas sociais, premente se faz uma reorganização do funcionamento do espaço associativo, afastando personalismos e práticas assistencialistas para que possa contribuir para a construção e o exercício da cidadania dos sujeitos surdos.

6.1.2 Os relatos dos entrevistados

⁹⁷ A esta observação enlaço o relato contido na análise do vídeo da temática política, apresentação do interlocutor Hugo, onde o mesmo aponta sua preocupação com o que vem acontecendo com grande parte das associações de surdos existente no Brasil: abandono, descaso (ver página 154).

Considerando a especificidade do trabalho com os sujeitos surdos, e que as interações com eles nas entrevistas se deram com a participação de um intérprete habilitado, realizo aqui uma reescrita dos relatos dos entrevistados que me foram traduzidos para então elaborar análises que atendam aos objetivos da tese.

Considero relevante recuperar aqui os relatos dos sujeitos colaboradores da pesquisa pois, desta forma, posso dar voz a eles, em sua especificidade de ser pertencente à cultura surda, com seu próprio modo de pensar, com seu sistema de valores, representações sociais, emoções, afetividades, através dos seus próprios meios de expressão descritivos sobre o que lhe foi perguntado. Nesse sentido, posso afirmar que realizar a reescrita e a análise dessas entrevistas foi uma tarefa muito delicada. O diálogo com Bardin é de certo modo elucidativo em relação a isso:

Qualquer pessoa que faça entrevistas conhece a riqueza desta fala, a sua singularidade individual, mas também a aparência por vezes tortuosa, contraditória, “com buracos”, com digressões incompreensíveis, negações incômodas, recuos, atalhos, saídas fugazes ou clarezas enganadoras. Discurso marcado pela multidimensionalidade das significações expressadas, pela sobredeterminação de algumas palavras ou fins de frases. Uma entrevista é, em muitos casos, polifônica⁹⁸. (BARDIN, 2010, p. 90).

Na sequência de cada relato, descrevo as participações dos sujeitos surdos entrevistados no Facebook Asugov, ilustrando-as com *print screen*. Apresento também a rede de contato do entrevistado em relação a todos os participantes entrevistados.

1) Ana

A entrevistada possui 39 anos. É filha de pais ouvintes, casada, branca, tem ensino médio completo, trabalha em uma entidade prestadora de serviços voltados à venda de planos de saúde, recebendo dois salários-mínimos. Foi à escola após os 05 anos de idade. Por ser surda e única na família com surdez, os pais tinham muito medo de possíveis maus tratos e *bullying*,⁹⁹ principalmente no ambiente escolar.

Quando começou a frequentar a escola, não existia a língua de sinais. As tentativas foram no sentido de oralizá-la. Somente aos 16 anos aprendeu libras. Este aprendizado foi na Asugov porque uma amiga de sua avó materna falou sobre o lugar, sobre aprender libras. Foi

⁹⁸ Consideramos ser polifônica no sentido atribuído por Mikhail Bakhtin (2003), em sendo a presença de outros textos dentro de um texto.

⁹⁹ Bullying é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas.

neste espaço que conheceu o marido que também é surdo. Os filhos do casal são ouvintes. Com certa angústia a entrevistada reclama da falta de compreensão dos familiares com a surdez e a dificuldade de aceitarem a língua de sinais. Treinou libras muito tempo em casa, de forma escondida por causa da falta de conhecimento dos familiares sobre a língua de Libras e não compreensão dos mesmos sobre o que é a surdez, sobre ser surda.

Frequenta a pastoral dos surdos de uma Igreja Católica da cidade. Nasceu na cidade de Ipatinga/MG e reside em Governador Valadares há 37 anos. Conhece a história da Asugov, as etapas construtivas da associação. Vale trazer aqui o relato traduzido pelo intérprete das suas colocações sobre este ponto:

“Faz parte da Asugov há 23 anos. Conhece a história da associação, pois se sente parte dela. Sempre ajuda a organizar as festas de datas comemorativas, artes, congressos, na intenção de incentivar as pessoas a enxergarem a Asugov. Aponta como ponto negativo a superar pela associação a falta de planejamentos para realização de melhorias do espaço físico para realização de cursos diversos. Também aponta a falta de interesse por parte do governo em ajudar, principalmente o governo municipal. Já participou de cargos de diretoria da associação.” (Ana, 2019).

Ana conhece o espaço virtual Facebook Asugov. O relato a seguir, traduzido pelo intérprete, expressa as colocações dela sobre esse espaço, seus anseios e considerações:

“Quando visita o Facebook, diz que gostaria de encontrar nas postagens mais questões sobre a cultura surda, sobre acontecimentos rotineiros na associação. Não faz reclamações no espaço virtual Facebook porque se o fizer e usar a língua portuguesa, os outros surdos associados não irão entender. Por isso usa emojis e gifs. Posta vídeos em libras e textos diversos neste espaço comunitário. Considera pouco frequente as visitas ao Facebook Asugov. Atualmente prefere os grupos de Whatsapp. Acessa o Facebook através do celular e pelo computador de mesa do local de trabalho.” (Ana, 2019).

Considerei o quadro temático das postagens em suas definições e desta forma pude verificar que a ela hospeda em seu perfil, majoritariamente, conteúdos relacionados à temática saúde, especificamente sobre alimentos. As outras temáticas se fazem presentes em termos de poucas postagens. Para além dessas postagens, também pude constatar, que Ana faz uso do recurso ‘localização’ de forma excessiva. Esse recurso permite o compartilhamento de informações sobre a localização de uns com os outros. Essa permissividade para acessos e exposição de localização nos remete a uma dúvida: estaria o sujeito comunicante surdo devidamente informado das ‘possíveis’ consequências desse recurso ‘localização’? Ou apenas

faz uso dos recursos contidos nesta plataforma sob a égide do conhecimento e da curiosidade? Por certo que não se trata a presente tese voltada para essa resposta, mas sim, vale o registro para alcance em propostas de novos estudos.

No *print screen* apresentado na Figura 35 a seguir, registro uma postagem de vídeo feita por Ana no Facebook perfil Asugov sobre um seminário de cultura surda chinesa.

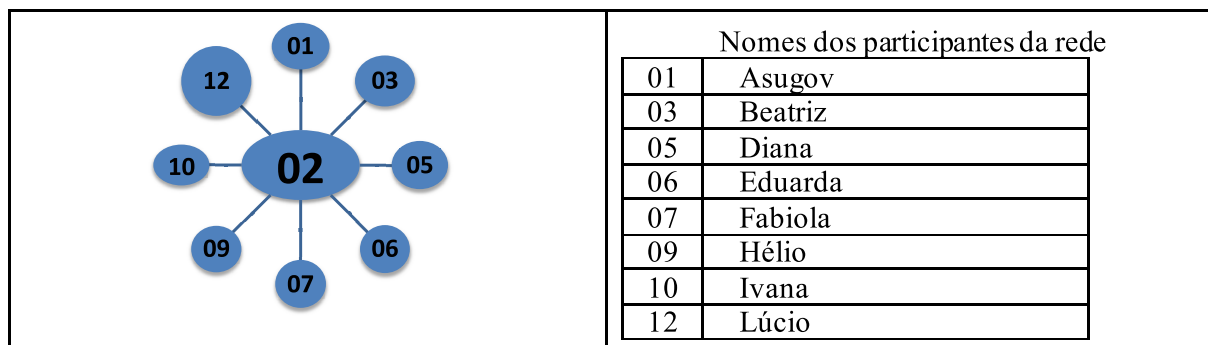
Figura 35 – Postagem de vídeo de Ana no perfil Asugov



Fonte: Facebook Asugov – 2019

Dos 12 participantes das entrevistas realizadas na fase exploratória, a entrevistada relaciona-se com oito. Na Figura 36 apresento um esboço dessa rede, construída a partir da verificação dos amigos em comum, existentes no perfil da entrevistada.

Figura 36 – Rede de amigos entrevistada 02 e participantes do perfil Asugov



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook - 2020

2) Beatriz

A entrevistada possui 39 anos, é solteira, branca, oralizada, cursou ensino fundamental completo (8ª série). Recebe mensalmente uma renda de 01 salário-mínimo oriunda de aposentadoria¹⁰⁰. É filha de pais ouvintes e irmãos ouvintes. Nasceu na cidade de Conselheiro Pena/MG e aos 05 anos de idade veio para Governador Valadares.

Desde sua primeira infância, frequentou escolas particulares¹⁰¹ e estaduais¹⁰², as quais estimularam seu aprendizado. Também foi muito estimulada pelos familiares ao aprendizado na forma de oralização. Contudo, achava o ensino da matemática muito difícil e por isso não deu continuidade aos estudos quando terminou o primeiro grau (ensino fundamental).

Frequenta a missa aos domingos e a pastoral dos surdos da Igreja Católica Nossa Senhora de Lourdes durante a semana. Aversa à política, frequenta o Clube Filadélfia e participa da Asugov desde 1999. A proibição materna de ir a clubes, sair sozinha ou mesmo de ir à associação só foi suspensa quando se tornou capaz de oralizar. A mãe tinha muito medo de que algo ruim pudesse lhe acontecer. Mais especificamente temia que se tornasse alvo de abuso sexual por parte dos homens.

A entrevistada Beatriz, ao ser perguntada se conhece a história da associação mostrou-se indecisa entre conhecer ou não conhecer. Mesmo assim ofertou suas colocações traduzidas pelo intérprete:

“Frequenta a associação assiduamente, porém não gosta dos assédios por parte dos surdos. Conhece um pouco da história da associação. Pensa que a associação é muito boa para aprender libras, conversar com outros surdos, para

¹⁰⁰ Trata-se de benefício governamental sobre o qual deixou transparecer nas observações participantes o repúdio a este tipo de ganho.

¹⁰¹ Instituto Imaculada Conceição.

¹⁰² Escola Estadual Professor Nelson de Sena.

muita coisa. Duas associadas surdas foram quem convenceram a mãe da entrevistada a deixá-la frequentar a Asugov. Não possui cargo na diretoria e irrita-se quando a chamam para participar. Opina que a Asugov precisa de muita coisa, como por exemplo, fonoaudióloga, cursos de português, esportes, etc.” (Beatriz, 2019).

A entrevistada conhece o espaço virtual Facebook Asugov. O relato a seguir, traduzido pelo intérprete, oferta as colocações dela sobre esse espaço:

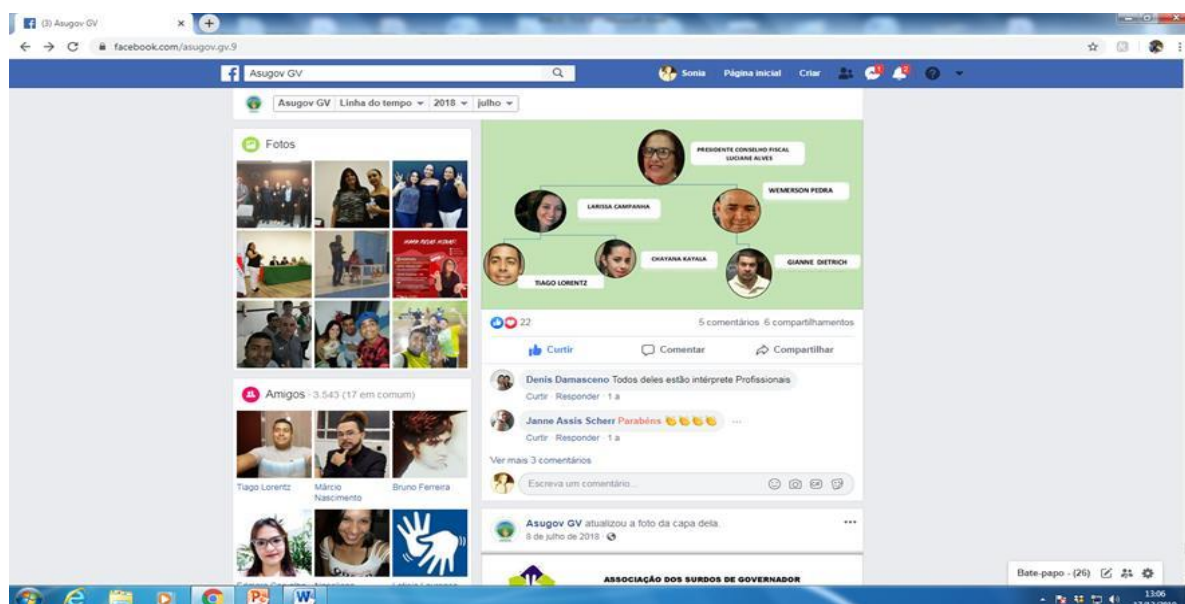
“Conhece o Facebook da Asugov e acha-o muito bom, pois divulga a associação. Não é muito frequente nele, pois prefere o Whatsapp individual. Gosta de ver fotos e vídeos no Facebook da Asugov. Usa um pouco os emojis e gifs, prefere escrever em português. Acessa o Facebook através do celular.” (Beatriz, 2019).

Quanto a algum ponto negativo que possa relatar existente na Asugov, Beatriz refere-se, com alteração gestual (corpo, mãos e balançar a cabeça agitadamente) a um associado que causou distúrbios internos na associação e que ainda se reflete até os dias de hoje num mal-estar entre os associados, um mal-estar de fofocas e desconfianças.

Sobre o tipo de conteúdos, em geral, que ela posta em suas publicações, pode-se verificar que a mesma hospeda em seu perfil somente conteúdos relacionados a temáticos jogos (jogos interativos *online*).

No *print screen* apresentado na Figura 37 a seguir, registro o uso de *emoji* (bater palmas) em uma manifestação realizada pela entrevistada no perfil Asugov, a uma postagem sobre a posse da diretoria eleita biênio 2018/2020.

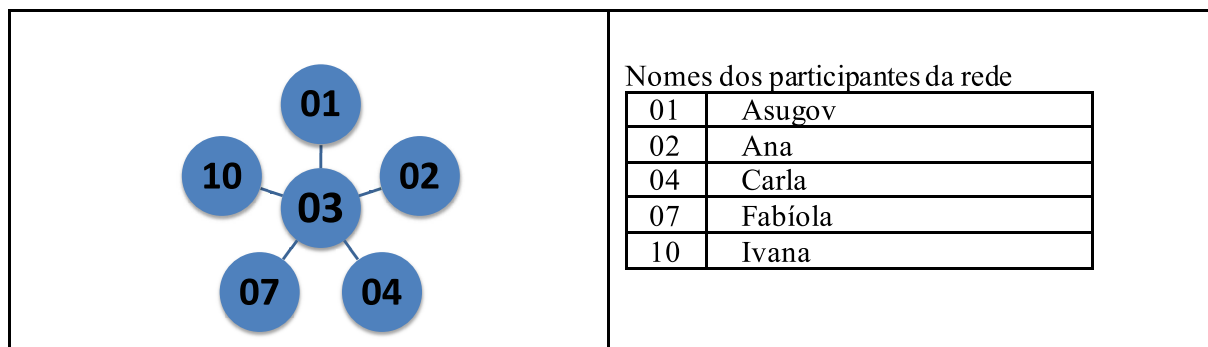
Figura 37 – Uso do recurso *emoji* postado no perfil Asugov por Beatriz



Fonte: Facebook Asugov – 2018

Dos treze componentes da rede de entrevistas, a entrevistada relaciona-se com cinco participantes. Em seguida apresento um esboço linear dessa rede.

Figura 38 – Rede de amigos entrevistada 03 e participantes do perfil Asugov



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook – 2020

3) Carla

A entrevistada possui 26 anos, é solteira, nascida e residente em Governador Valadares. Declara-se parda e cursa atualmente uma segunda graduação: Letras libras. Trabalha em uma loja de prestação de serviços de internet, recebendo dois salários-mínimos. É filha de pais surdos, oralizada.

Participa da pastoral da Igreja Católica Nossa Senhora de Lourdes porque, além da convivência com outros surdos, pode aprender sinais diversos relacionados ao conteúdo bíblico. Conta que foi gestada durante o período do exercício da presidência de sua mãe na associação. Por isso, costuma dizer que desde sempre tem contato com a comunidade surda sinalizante. Aprendeu desde cedo com os pais que existiam dois mundos a transitar: o dos ouvintes e o dos surdos. Neste sentido, conversa com familiares na forma oral e a partir de leitura labial. Dificuldades ocorreram com familiares, contudo os pais a ajudaram a sobreviver a elas. Trabalha na associação como professora do curso básico de libras desde 2012.

Carla, ao ser perguntada se conhece a história da associação oferta o seguinte relato traduzido pelo intérprete sobre suas colocações:

“Considera-se como parte da história da associação. Se identifica com a mesma como sendo extensão de sua pessoa e foi o avô materno quem doou para a Asugov o imóvel com as benfeitorias existentes. Por isso, pretende ainda conseguir fazer muito pelos surdos de Governador Valadares e pelos ouvintes, como por exemplo, estimulá-los a evoluir na língua de sinais porque é muito importante evoluir na comunicação entre pessoas. O entrave maior que julga existir na associação é a falta de verba que o governo poderia destinar à mesma.”

Como frequentadora assídua da associação, faz parte da diretoria atual, deseja um maior diálogo com a sociedade valadarense, realização de oficinas de trabalhos sobre economia doméstica, de ensino de português, mais no sentido educacional, pois percebe que os surdos são muito carentes neste sentido. Atualmente tem como luta pessoal a criação de uma escola bilíngue na associação.” (Carla, 2019).

Carla conhece o espaço virtual Facebook Asugov. No relato a seguir, traduzido pelo intérprete, podemos ver suas colocações sobre esse espaço:

“Quanto ao Facebook da associação, conhece-o e participa com frequência no mesmo. Posta fotos, vídeos, e propagandas de datas comemorativas. Considerou muito positiva a presença do intérprete ao lado da primeira-dama em um vídeo postado no Facebook da associação pelo fato de não ser uma janelinha na barra do vídeo, pois esta janelinha dificulta prestar atenção na expressão do ouvinte e na tradução do intérprete, com o vai e vem do olhar para as imagens. Assim, ao lado, no mesmo plano visual, achou muito positivo. Já marcou pessoas em postagens (uso do @). Usou muito os emojis e atualmente prefere os gifs. Acessa o Facebook tanto pelo celular, quanto por computador doméstico ou da empresa onde trabalha.” (Carla, 2019).

A entrevistada Carla possui uma vida social digital ativa. As postagens por ela realizadas em seu perfil abordavam questões relacionadas a assembleias da Asugov; notícias e informações de festas, palestras, encontros sociais na Asugov; receitas diversas com a preparação do alimento; cenas de namoro, amizades e afetos relativos à sua família. Poucas postagens relativas à pastoral do surdo e nenhuma postagem de cunho violência.

No *print screen* da Figura 39 a seguir apresento o uso do recurso vídeos em postagem realizada pela entrevistada no Facebook Asugov.

Figura 39 – Postagem de vídeo feita por Carla no perfil Asugov

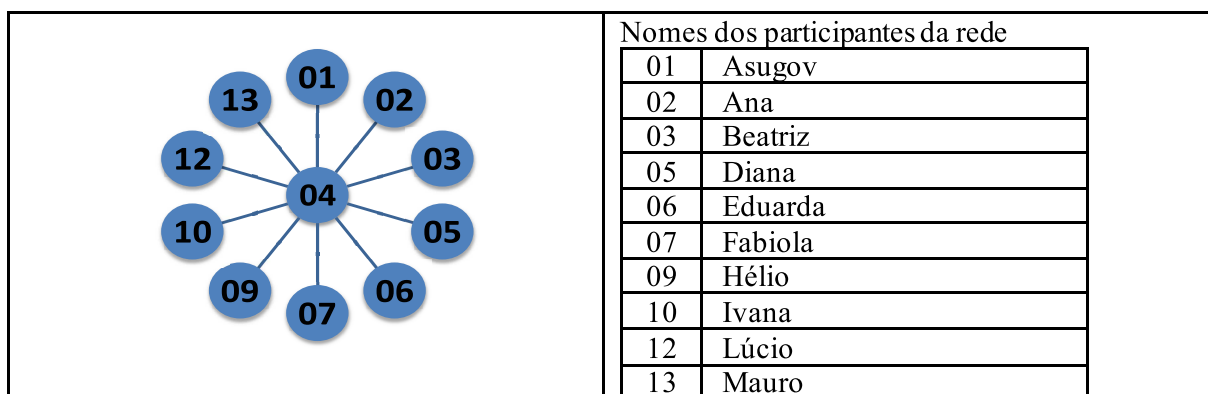


Fonte: Facebook Asugov – 2019

A postagem refere-se ao dia 26 de setembro, quando se comemora o Dia Nacional dos Surdos no Brasil. A afirma ser um dia no qual se celebra as conquistas da Comunidade Surda e sua luta pela inclusão dos surdos na sociedade.

Dos doze componentes da rede de entrevistas, Carla relaciona-se com dez participantes, como se pode ver no esboço linear dessa rede na Figura 40 a seguir.

Figura 40 – Rede de amigos entrevistada 04 e participantes do perfil Asugov



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook – 2020

4) Diana

A entrevistada possui 21 anos, é solteira, parda, e não quis declarar o gênero. Depois de dizer que possuía o ensino médio completo, declarou-se ser mulher. Também não quis dizer o valor da renda mensal. Fez questão de dizer que não recebia benefício governamental algum, que não era ‘encostada no governo’.

Foi adotada e a avó (ouvinte) foi uma pessoa marcante na vida da entrevistada. Os familiares, no geral, eram indiferentes. Nasceu em um distrito de Governador Valadares, veio para esta cidade com 01 ano de idade.

Há oito anos conheceu a associação e faz parte da mesma desde então. Não é muito frequente na associação, mas gosta de ir à mesma para buscar informações sobre estudos, interações com outras culturas surdas, aproximar-se dos ‘meus iguais’. Nesse sentido, também relata que pelo computador, vem interagindo com surdos pertencentes a outras culturas, como por exemplo os surdos pertencentes à *Manmin Central Church*¹⁰³. Esta é uma igreja cristã protestante fundada em Seul, Coréia do Sul.

Quanto a questões específicas sobre a associação, esquivou-se de responder justificando que existe muita conversa diversa do propósito que ela busca ali. Convive com poucos surdos que frequentam a associação. Não possui cargos na diretoria e nem quer participar. Pensa que a associação precisa de muitas coisas, desde reforma no local com cores e espaços mais atrativos, bem como cursos para os surdos sobreviverem melhor no mundo dos ouvintes.

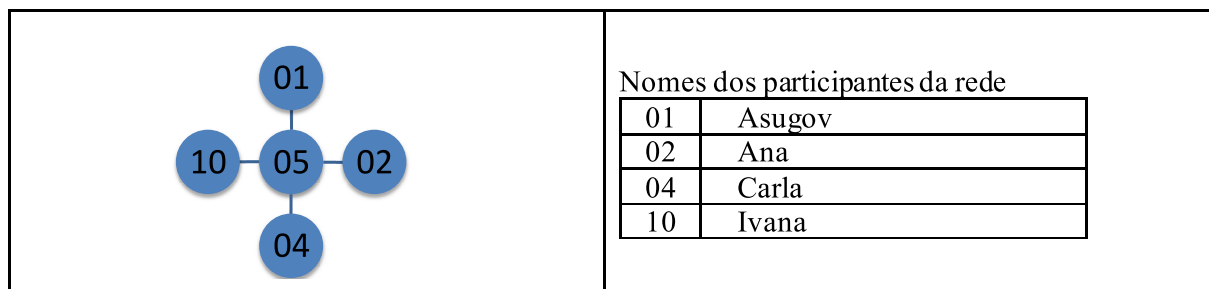
A entrevistada Diana ao ser perguntada se conhece a história da associação relatou não conhecer. E sobre o espaço virtual Facebook perfil Asugov, faz as seguintes colocações, traduzidas pelo intérprete:

“Quanto ao Facebook Asugov, avalia o espaço como muito bom, contudo nunca postou nele. Prefere usar o Facebook pessoal. Acessa o Facebook pessoal através do celular. Visita a página da associação apenas para ficar informada sobre a mesma. Gostaria que tivesse mais informações inclusive sobre a história da associação porque a conhece pouco.” (Diana, 2019).

No perfil pessoal da entrevistada encontramos somente publicações de atualizações de foto de perfil. Por não termos encontrado postagens nem manifestações no perfil Asugov, realizadas pela entrevistada, apresento apenas um esboço de sua rede em relação aos 12 componentes da entrevista, conforme ilustrado pela Figura 41.

Figura 41 – Rede de amigos entrevistada 05 e participantes do perfil Asugov

¹⁰³ Manmin significa 'toda a criação; todas as nações; todas as pessoas.



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook – 2020

5) Eduarda

A entrevistada possui 24 anos, solteira, negra, fez questão de se declarar mulher, e que possuía o ensino médio completo. Sua renda de 01 salário-mínimo é proveniente de benefício governamental. Nasceu no Rio de Janeiro, em Duque de Caxias. Veio para Governador Valadares recém-nascida.

A família ouvinte custou a perceber que era surda. Em decorrência disso, conta que foi alvo de ações violentas oriunda dos próprios familiares, para que correspondesse a contento como criança ouvinte. Manteve-se isolada o máximo que conseguiu. Quando começou a estudar, ao convívio dialógico gestual, comunicava conforme entendia. Era em uma escola estadual, inclusiva, e para ouvintes. Residiu sempre em bairro de periferia, e através daquela mesma escola conheceu a associação. Sempre buscou movimentar-se e sobreviver ao mundo dos ouvintes apenas com gestos. Aprendeu o português com muita dificuldade. Foi um esforço muito grande para o estudo.

Quando começou a frequentar a associação era muito difícil. Era menor e a mãe a acompanhava. Isto foi no ano de 1995. A partir dos 15 anos, devido à autorização da mãe para ir e voltar sozinha para a Asugov, vivenciou seu maior período de crescimento e emancipação.

Pesquisa na internet as coisas e figuras correspondentes para melhor entender seus significados. Quando tentava oralizar, emitia o som da voz muito alto. Como as pessoas reclamavam, deixou de oralizar. Usa aparelho, mas prefere libras, pois não sabe o que quer dizer determinadas palavras. Gosta muito de matemática, detesta história, geografia e filosofia, pois não consegue entender os conceitos destas disciplinas.

Conhece a história da associação e sugere que deveriam ser mais bem divulgadas as atividades realizadas. Vale trazer aqui o relato traduzido pelo intérprete das suas colocações sobre este ponto:

“Pensa que a Asugov é muito importante para os surdos que também moram aqui. Que é um lugar para interação e diversas coisas. Também promove acessibilidade, para o mercado de trabalho, às escolas, aos cursos, então é um local de imensa ajuda para os surdos que isso também promove campeonatos, para os surdos, que os surdos vão viajar para outros lugares. Têm locais que não aceitam os surdos trabalharem, então a associação busca os direitos dos surdos, faz todos os procedimentos jurídicos, faz todas estas propostas que têm as parcerias e vai motivando e incentivando o surdo a trabalhar, a estudar, a participar os esportes, também quer criar um projeto para ensino de algumas disciplinas, como a matemática, também dar conselhos de vida, tem diversas coisas. A Asugov se importa, depende da sua história como pessoa surda. Gosta bastante da associação, mas não gosta de ser voluntária. Gosta que seu trabalho seja valorizado. Não se sente tão bem em trabalhar voluntariamente. Precisa também de um incentivo. Antes tinha muito prazer em participar voluntariamente, mas hoje em dia percebe que não é tão gratificante para ela. Frequenta às vezes, não tem cargo a diretoria, está afastada hoje em dia, se afastou muito. E, esses cargos são geralmente para pessoas que são sócias, não é sócia então não participa.” (Eduarda, 2019).

Conhece o espaço virtual Facebook Asugov e gosta muito de ver as fotos postadas sobre eventos dos jogos ou cursos que aconteceram na associação.

“Participa do Facebook da Asugov. É muito bom porque traz informações, principalmente por imagens, também mostrando cidades vizinhas, e dos eventos que ocorrem aqui, todas as coisas, todas as movimentações que a Asugov fornece, também sobre informações, tudo que acontece aqui dentro, e o grupo posta, divulga e isso é muito importante para que as pessoas tenham conhecimento de todo o trabalho que fazemos. Aqui também sempre tem palestras, por exemplo, teve o dia das mulheres, sobre câncer de mama, câncer de próstata, diversas coisas, então é muito importante que haja a divulgação da informação.” (Eduarda, 2019).

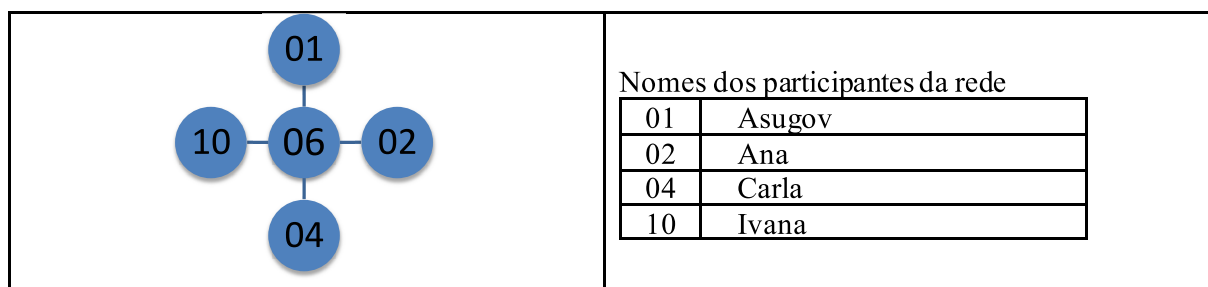
Embora frequente na Asugov, não quis manifestar aspectos positivos e/ou negativos que possam existir na associação. Faz usos dos *emojis* e atualmente dos *gifs*. Não se manifesta no Facebook utilizando a língua portuguesa porque entende que tem muitos surdos que não compreendem direito a gramática e muitos termos usados. Seria bom se usassem metáforas. Acessa o Facebook através do celular.

Eduarda possui uma vida social digital ativa. Quanto aos tipos de conteúdos geralmente postados no seu perfil no Facebook, a preferência vincula-se a postagens cujos assuntos envolvam violência (maus tratos) com animais como primeiro destaque, seguido de postagens com conteúdos sobre alimentos e sobre relações afetivas problemáticas entre

familiares. Os temas religiosidade, política, identidade, datas comemorativas, jogos aparecem de forma esparsas nas postagens.

Na busca no Facebook perfil Asugov por postagens/manifestações realizadas pela entrevistada, não encontrei nenhuma. Dos doze entrevistados, ela se relaciona apenas com quatro participantes, como se pode ver na Figura 42.

Figura 42 – Rede de amigos entrevistada 06 e participantes do perfil Asugov



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook - 2020

6) Fabíola

A entrevistada possui 71 anos, é do sexo feminino (achou ruim o questionamento sobre qual sexo pertence, usou da ironia dizendo “[...] não está vendo que sou mulher?”) Viúva, parda, estudou até o ensino fundamental completo. Atualmente recebe 01 salário-mínimo proveniente de aposentadoria rural. Nasceu em Governador Valadares.

Na idade de 10 anos, uma mulher que a levava para a escola falava para a mãe da entrevistada que ela era uma menina difícil. A família, quando percebeu que a mesma ouvia muito pouco de um ouvido, e com o tempo a surdez total seria inevitável, a internou em um espaço onde se tratava pessoas com doenças mentais em Belo Horizonte. A entrevistada contava com 16 anos nessa época. O pai dela morava em Belo Horizonte. Foi um período muito ruim, pois a ela não entendia o que estava fazendo ali. Via todo mundo com deficiência e ela no meio deles. Depois de 01 ano neste internato foi para uma escola especializada¹⁰⁴ e tornou-se oralizada. Tudo isso em Belo Horizonte (Capital mineira). Quando chegou a esta escola, ficou boba (boquiaberta), pois viu um surdo sinalizar pela primeira vez. As primeiras sinalizações foram ensinadas por uma colega dessa escola no horário do recreio.

Após a morte do pai, a entrevistada teve de retornar para GV. Com isso parou de estudar. Logo após, a ela foi arrumado um casamento. O marido, além de não querer suprir as

¹⁰⁴ Colégio Imaculada Conceição – Belo Horizonte / MG.

necessidades econômicas de um lar, não fazia nenhum esforço para se ter uma convivência pacífica. E a filha surda, oriunda desta união, foi o motivo para que a entrevistada viesse para Governador Valadares, abandonando o marido pois aqui teria mais recursos econômicos fornecidos por familiares.

Questionada se conhece a história da associação, Fabíola oferta o seguinte relato, traduzido pelo intérprete:

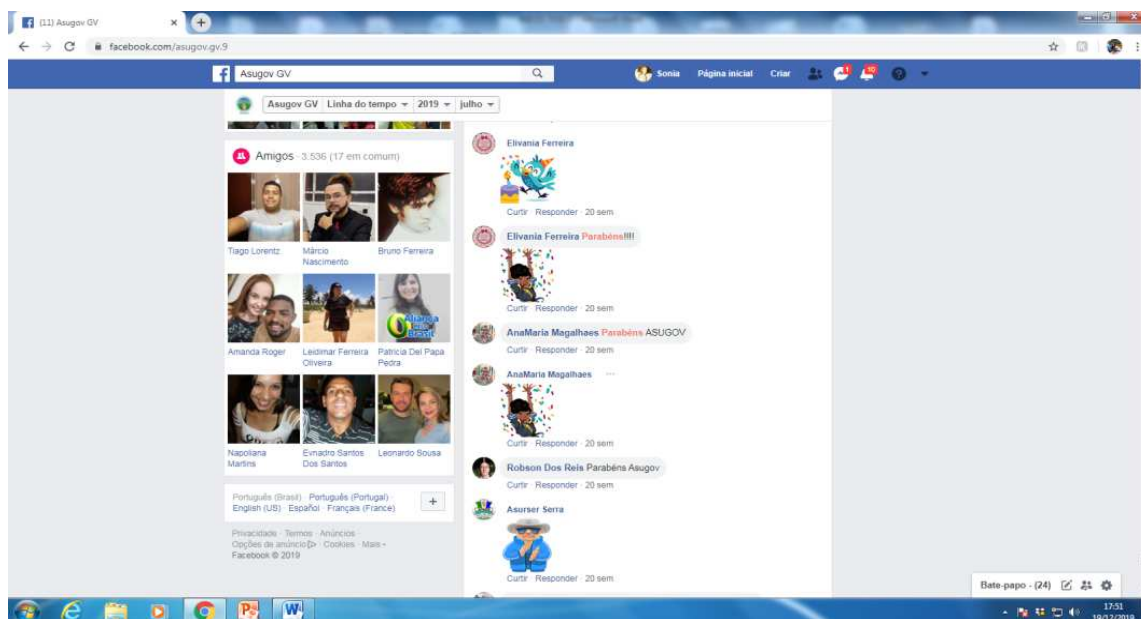
“Não conhece a história da associação, contudo frequenta-a desde o início de sua fundação. Considera a associação um lugar muito bom, mesmo tendo sido alvo de conversas inconvenientes ditas por um associado para desviar a atenção sobre determinados atos errados deste associado. Atualmente ajuda na cantina da mesma nos dias abertos à comunidade. É frequentadora assídua da Asugov, já teve cargo administrativo em gestões passadas e considera o espaço associativo como algo muito importante para o crescimento dos surdos. Gostaria que a Asugov pudesse passar por uma reforma boa em suas salas, demolindo algumas e construindo outras, com isso de cores mais bonitas. Gosta muito de ver as conversas entre os surdos, não tendo assunto em especial que a agrade. Sente-se muito feliz na associação, não gosta de brigas que às vezes ocorrem no pátio. Gosta muito da festa de Natal da associação. Sonha com uma escola bilíngue a ser criada na Asugov.” (Fabíola, 2019).

Participa do Facebook, entretanto não quis opinar sobre o mesmo. Cita como chato, inconveniente, por conta das brigas existentes naquele espaço. Faz usos dos *emojis*, *gifs* para as manifestações nas postagens e não conhece outros recursos que possa ter naquele espaço virtual. Usa o celular, mas prefere o computador.

Fabíola, em seu perfil pessoal posta jogos, filtros pedindo impeachment do atual presidente, fotos de apoio ao ato de vacinar. Posta atualizações de foto da capa do perfil, aniversários e comemorações de festa junina na Asugov.

No *print screen* apresentado na Figura 36 registro o uso do recurso *emojis* e *gifs* em uma manifestação a um post no Facebook Asugov pela entrevistada. A postagem realizada pela Asugov é sobre a data comemorativa de 29 anos de existência da Asugov (julho de 2019). Dos doze entrevistados Fabíola se relaciona com seis participantes como pode ser conferido na Figura 43.

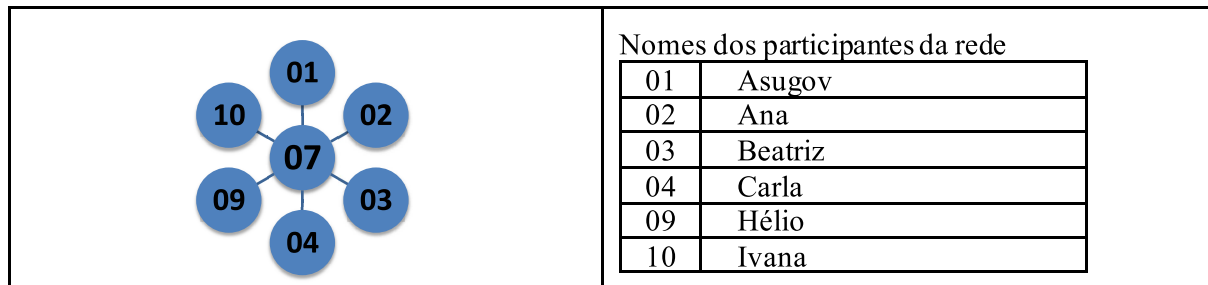
Figura 43 –Uso recurso *emoji* postado no perfil Asugov – participante 07



Fonte: Facebook Asugov – 2019

No que se refere a rede de amigos do participante 07, a Figura 44 destaca tal ambientação.

Figura 44 – Rede de amigos entrevistada 07 e participantes do perfil Asugov



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook - 2020

7) Gustavo

O entrevistado possui 51 anos, é do sexo masculino, união estável, pardo e possui ensino médio completo. Sua renda mensal é de 01 salário-mínimo, proveniente do trabalho que exerce em um escritório de contabilidade. Nasceu e reside em Governador Valadares.

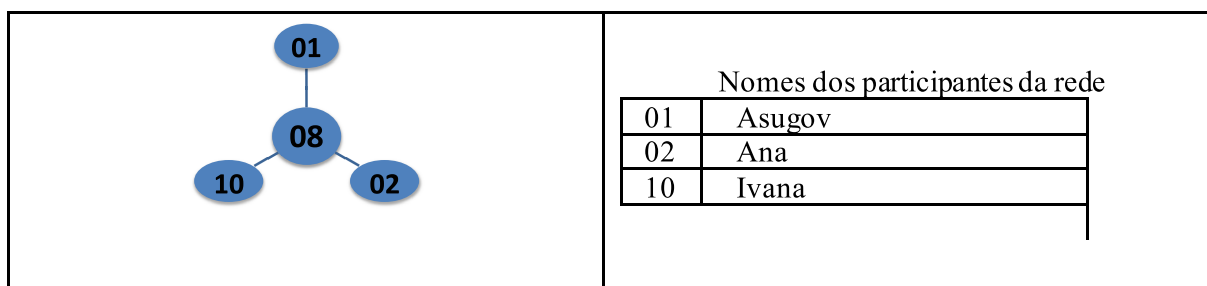
O entrevistado começa relatando que é muito difícil ser surdo. Tenta conversar com a família, mas ser surdo é muito difícil. Não consegue se comunicar com ninguém, então deixa a conversa pra lá. No serviço também é assim e por isso participa da associação dos surdos porque é muito melhor. A esposa é surda e a filha é ouvinte. Vez ou outra frequenta a Igreja Nossa Senhora de Lourdes, pois a mesma possui uma pastoral para surdos. Como cidadão surdo, já buscou conversar com representantes políticos da cidade, mas não conseguiu nada.

Frequenta a associação desde 1997 e não conhece a história da mesma. Aprendeu libras a partir da frequência à associação e participa dos jogos de futebol. Afirmar ter de bom os torneios de futsal realizados pela Asugov. É frequentador assíduo e sugere que poderia haver mais jogos (esportes) e mais palestras, bem como que a associação tenha uma escola bilíngue para as crianças surdas. Também reforça a questão de um associado que criou determinados distúrbios internos como algo de ruim na Asugov.

Faz parte do Facebook da associação, contudo nunca postou neste espaço. Aos questionamentos sobre o que lhe chama atenção naquele espaço referiu-se a festas e fotos. No trabalho, diariamente, acessa o Facebook da associação. Prefere o celular para acessar tudo na rede. Para com as perguntas restantes não quis responder.

As postagens realizadas no perfil particular do entrevistado referem-se a jogos, disputas de campeonatos de futebol realizados pela Asugov e fotos de atualizações do perfil. Mesmo com a afirmativa do entrevistado de não ter realizado postagem/manifestação alguma no Facebook da associação, buscamos por postagens no perfil Asugov, entretanto não encontramos nenhuma. Dos doze entrevistados, ele se relaciona com três, como se pode ver na Figura 45.

Figura 45 – Rede de amigos entrevistada 08 e participantes do perfil Asugov



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook - 2020

8) Hélio

O entrevistado possui 52 anos, é sexo masculino (fazendo questão de frisar que era homem, de forma áspera, mesmo demonstrando saber que era apenas um dado de identificação), solteiro, branco e ensino médio completo. É aposentado, recebe 01 salário-mínimo mensalmente. Além da surdez apresenta outros distúrbios locomotores devido à falta de oxigenação no momento do parto. Nasceu em Governador Valadares sendo os pais de origem estrangeira, ouvintes.

Considera ser surdo uma situação muito difícil e angustiante para se comunicar. Conseguiu locomover-se, após muita fisioterapia e isto foi somente depois dos 05 anos de

idade. Teve muita dificuldade na escola com o aprendizado por causa principalmente da função motora que não dominava. Sempre quis aprender muito e no início pensava que era ouvinte também. A mãe foi quem percebeu que ele não comunicava. A mãe buscou todos os recursos para o filho e para ela se entender, comunicarem. Foi através de outro surdo que conheceu libras. A igreja também foi um lugar de aprendizado. Frequenta a Igreja Nossa Senhora de Lourdes.

Hélio, ao ser perguntado se conhece a história da associação, oferta o seguinte relato traduzido pelo intérprete:

“Faz parte da Asugov desde 1992. Conhece e buscou conhecer a história da associação desde sua criação no espaço educacional Pica-Pau Amarelo (não mais existente). Sobre os desvios de conduta de um diretor, o qual se recusou a gestualizar o nome, também conhece. Sente muito orgulho das lutas e caminhadas da associação até os dias atuais. Percebe a associação como um espaço do bem, para todos, surdos e ouvintes, espaço muito bom. Já teve cargos na diretoria da associação, mas devido a conversas evita pertencer aos quadros de participantes na administração. Gosta de conversar com outros surdos frequentadores da Associação. Apesar das dificuldades existentes entre sociedade, governo e associação, gostaria de ver um governo mais interessado na causa dos surdos, com destinação de verbas principalmente, vínculos com a Asugov. Espera ainda ver na associação realização de cursos de português para surdos com professores ouvintes e professores surdos. Espera também ainda ver um dia a associação reformada visualmente, com cores alegres, criação de novas salas e com jogos diversos para os surdos.” (Hélio, 2019).

Hélio conhece o espaço virtual Facebook Asugov e faz o seguinte relato sobre seus usos e visões sobre espaço, traduzido pelo intérprete:

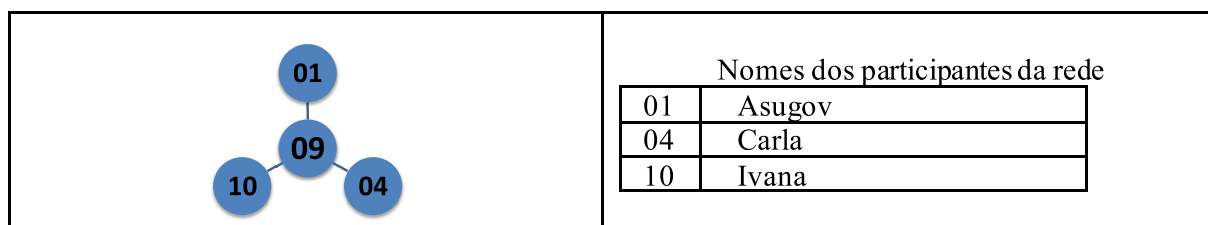
“Frequenta o espaço virtual Facebook Asugov. Procura não postar nada devido à dificuldade na escrita. Entende que os recursos emojis nem sempre querem dizer o que realmente é, mas mesmo assim faz usos dos mesmos e do recurso gif. Já reivindicou/reclamou neste espaço, contudo nunca obteve retorno. Afirma usar computador, mas prefere o celular porque é melhor para acessar a rede social.” (Hélio, 2019).

Em seu perfil particular na rede social Facebook, Hélio apresentou tímida vida social. Em suas poucas postagens, a temática abarcou jogos de futebol, datas comemorativas (aniversário) e religiosidade.

Mesmo com a afirmativa do entrevistado sobre não ter realizado nenhuma postagem ou manifestação no Facebook da associação, busquei por postagens naquela plataforma, e de

fato não encontrei nenhuma. Em seguida, apresento na Figura 46 um esboço da rede do entrevistado constituída por três dos entrevistados.

Figura 46 – Rede de amigos entrevistada 09 e participantes do perfil Asugov



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook - 2020

9) Ivana

A entrevistada possui 58 anos, é do sexo feminino, casada, parda e tem ensino superior completo. Possui uma renda em torno de 02 salários-mínimos. Nasceu em Governador Valadares. É filha de pais ouvintes. Em casa a mãe falava com gestos com ela e ela entendia. Com os parentes tinha que tentar falar. Tinha um exercício na frente do espelho, com vela que era muito ruim. Se não fizesse direito ganhava castigo.

Estudou em escola especializada em Belo Horizonte até os 15 anos. Retornando para Governador Valadares, estudou em uma escola inclusiva, mas considera este período como muito difícil. Aos 19 anos voltou para Belo Horizonte, para uma escola especializada com fonoaudiólogo e aprendeu a oralizar. Retornou a Governador Valadares e teve vontade de parar com os estudos. Trabalhava em uma loja de roupas e aos 26 anos casou-se com um surdo. Neste percurso, começou a pensar em criar uma associação, pois conhecia outros surdos que viviam em Governador Valadares sem um espaço para os mesmos. Desenvolveu os estudos e atualmente é professora intérprete.

Ivana, ao ser perguntada se conhece a história da associação, faz o seguinte relato traduzido pelo intérprete sobre suas colocações:

“Sonha para a Asugov em ser uma escola bilíngue. Como fundadora da Asugov e parte da história da mesma, idealiza-a como uma construção de espaço bilíngue, encontro e lazer. Aponta como problema na associação os desvios de conversa (fofocas, desentendimentos) entre os surdos frequentes.” (Ivana, 2019).

Ivana conhece o espaço virtual Facebook Asugov. No relato abaixo, traduzido pelo intérprete, podemos ver as considerações dela sobre esse espaço:

“Frequente no espaço virtual Facebook, considera-o muito importante para divulgação de informações sobre os eventos para a comunidade surda. Gostaria de ver sempre os comentários, respostas, interações no Facebook da Asugov; contudo reconhece que são poucos. Usa os recursos emojis e gifs por entender que são mais fáceis do que a escrita, evitando assim desvios de mensagens mantendo-se dentro de uma conduta ética. Acessa o Facebook tanto pelo celular quanto por computador de mesa.” (Ivana, 2019).

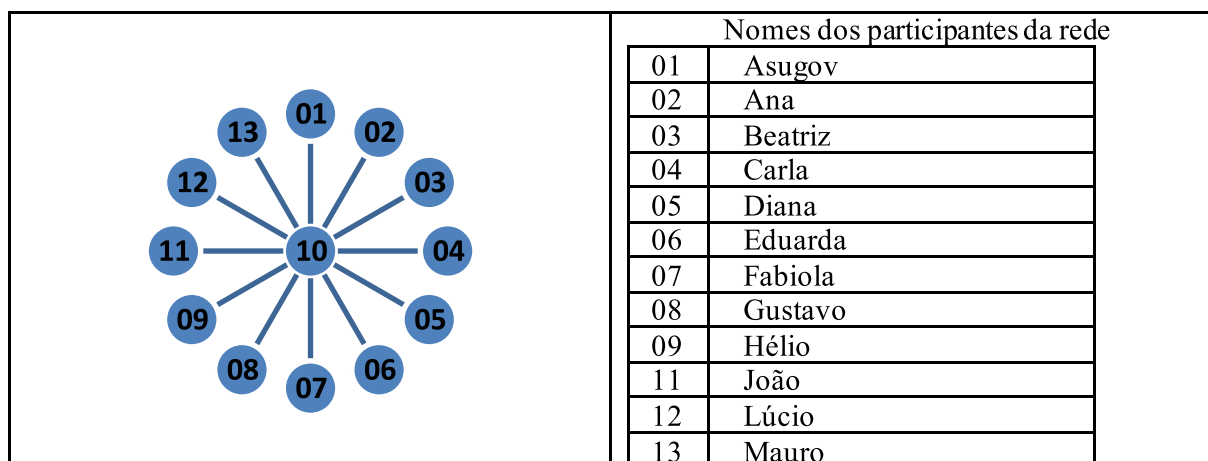
A entrevistada Ivana, em seu perfil particular no Facebook, apresentou uma vida social ativa. As postagens realizadas com assuntos pertinentes a política, identidade e datas comemorativas foram as que mais se destacaram quantitativamente. Disputas de jogos, campeonatos realizados pela Asugov, campanhas de prevenção para com doenças diversas também se fizeram registrar nas postagens realizadas por Ivana em seu perfil. A temática violência não aparece em suas postagens. No *print screen* exibido na Figura 47, apresento o uso do recurso de *gifs* e na Figura 48 um esboço da rede da entrevistada.

Figura 47 – Uso do recurso gifs postado no perfil Asugov – participante 10



Fonte: Facebook Asugov – 2019

Figura 48 – Rede de amigos entrevistada 10 e participantes do perfil Asugov



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook – 2020

10) João

O entrevistado, do sexo masculino, possui 47 anos, é solteiro, pardo e possui o ensino médio completo. Disse não possuir renda como também não quis declarar o meio de sobrevivência. Revelou que encontra muita dificuldade, barreiras, limitações em ser admitido em um trabalho. Nasceu em Governador Valadares e reside na cidade desde o nascimento.

Estudou na Escola Estadual Professor Nelson de Sena, onde finalizou o segundo grau. Frequenta a Igreja Adventista.

Faz parte da Asugov desde 1991, desde os primeiros encontros realizados na escola Infantil Pica-pau Amarelo¹⁰⁵. Em relação ao questionamento de se conhece a história da associação, João dá o seguinte relato, aqui traduzido pelo intérprete:

“Conhece a história da Asugov, suas lutas e movimentos realizados em prol dos surdos. Entende que a associação é um espaço muito bom. No início tinha mais surdos, com o tempo diminuiu bastante. Aprendeu na Asugov sinais de palavras novas, considerando estes momentos ótimos para troca de conhecimentos. Por isso sempre chama os outros surdos à participação na associação para que possam se comunicar de forma melhor. Sobre o que poderia ser melhor, pensa sempre na possibilidade de reforma no imóvel, com cores vibrantes, com cursos para todos os surdos. Pensa que os campeonatos, olimpíadas e jogos despertam a atenção dele por ser um momento muito bom de alegria e aprendizado. Contudo não gosta das conversas ruins, fofocas, disse já até ter acostumado. Atualmente ocupa o cargo de secretário de esportes da associação.” (João, 2019).

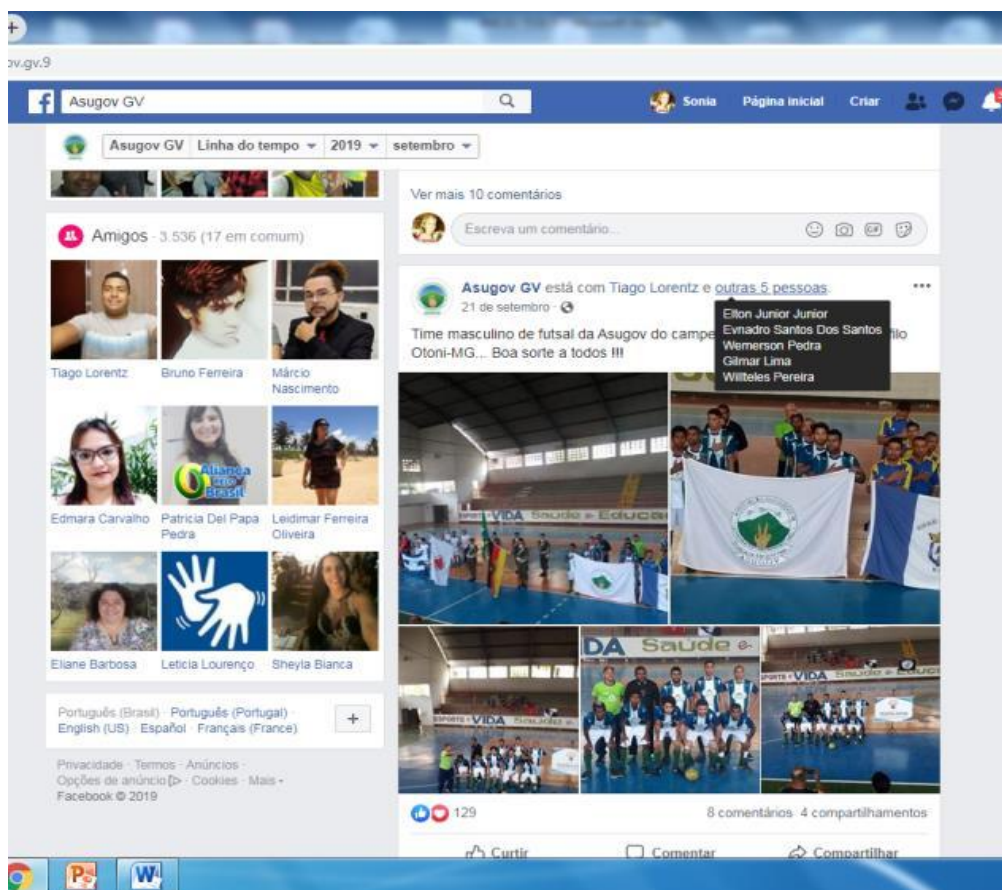
João não frequenta mais o Facebook da associação. Justifica o abandono dessa rede social porque consegue se comunicar mais rápido com outros surdos através do Whatsapp. No relato abaixo, traduzido pelo intérprete, podemos ver suas considerações sobre este ambiente:

“Disse já ter postado no Facebook da Asugov fotos de campeonatos. Não gosta das conversas ruins (fofocas) que já foram geradas, desnecessárias, naquele espaço. Gosta sempre de ver fotos e manda no Whatsapp para os amigos e ou grupos de amigos aos quais pertence. Nunca reclamou ou fez constar alguma forma de descontentamento com alguma publicação a qual encontrou no Facebook da Asugov. Também não quis dizer por quê. Faz uso dos emojis e gifs. Os usa pelo fato de serem mais fáceis o entendimento, contudo acha esses recursos muito difíceis de serem usados. Quanto ao uso do @, pensa ser mais difícil ainda este recurso porque se comunica com as pessoas surdas e faz uso sempre do sinal da pessoa ficando assim muito difícil lembrar o nome; e no Facebook o @ está ligado ao nome escrito na gramática portuguesa.” (João, 2019).

No *print screen* apresentado na Figura 49, registro o uso do recurso marcação de amigos realizado pelo entrevistado João em uma postagem no perfil Asugov sobre a realização de campeonato de futebol. Em seguida, apresento um esboço da rede do entrevistado, de apenas 2 entre os 12 participantes das entrevistas, Figura 50.

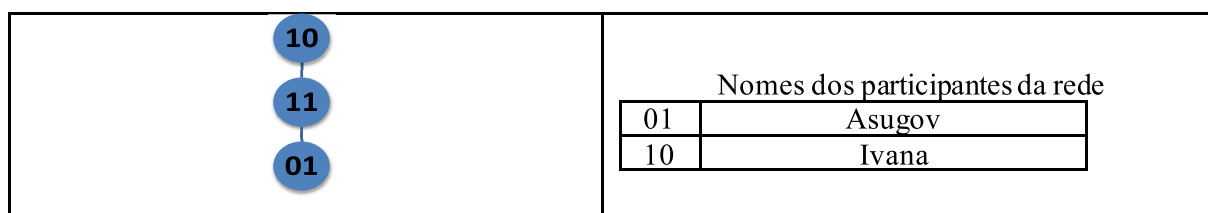
Figura 49 – Registro de marcação amigo perfil Asugov feito por João

¹⁰⁵ Não mais existente esta escola.



Fonte: Facebook Asugov – 2019

Figura 50 – Rede amigos entrevistado 11 e participantes do perfil



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook - 2020

11) Lúcio

O entrevistado, do sexo masculino, possui 20 anos, é solteiro e negro. Possui o ensino médio completo e declarou ter uma renda mensal de R\$800,00, contudo revelou não se sentir confortável para dizer a fonte. Filho de pais ouvintes relata não tem nada a dizer se é bom ou ruim ter pais ouvintes, pois não conversa com eles mesmos. Conforme a entrevista foi sendo desenvolvida, declarou trabalhar na oficina com o pai e que o mesmo recebe pelos serviços de

mecânico a referida quantia que disse ser sua renda. Nasceu em Governador Valadares e reside na cidade desde o nascimento.

Faz parte da Asugov desde 2015. O entrevistado Lúcio relatou-nos que não conhece a história da Asugov. Entende que a associação está ‘de boa’. Quando vai a associação vai para ‘bater papo’ com outros surdos. Considera a convivência entre surdos e ouvintes na associação como ponto positivo e como negativo as conversas do tipo fofoca que existem. Estas versam sobre desconfianças da gestão, sobre pagamentos, e sobre assuntos os quais ele não interessa e por isso não quis citar. Não possui cargo na diretoria e repudiou veemente na gestualidade a possibilidade de vir a ter ou sequer ser candidato.

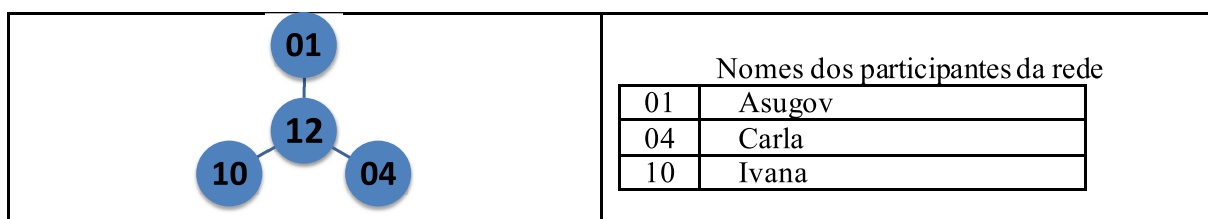
Lúcio conhece o espaço virtual Facebook Asugov. No relato abaixo, traduzido pelo intérprete, podemos ver suas colocações sobre este ambiente:

“Conhece o Facebook da associação e o avalia como um espaço bom. Frequenta semanalmente e fica atento a publicações as quais informam sobre os eventos que estão ocorrendo na associação bem como na sociedade como um todo. Não vê nada de negativo neste espaço, nunca o utilizou para reclamar/reivindicar e ou falar de dificuldades. Justificou-se pelo fato de que a gramática português é muito difícil. Nesse sentido, usa os emojis e gifs. Faz uso exclusivo do celular para os acessos a rede social Facebook.” (Lúcio, 2019).

O entrevistado Lúcio apresentou uma vida digital social ativa. As postagens realizadas em sua maioria abordam assuntos vinculados a relações afetivas. São postagens com imagens alusivas a afetos relativos à família, namoros, cenas de amizade. Em menor número de vezes há ocorrência de postagens com assuntos vinculados à temática identidade: são observadas com imagens diretamente relacionadas ao eu do perfil postante. Atualizações de foto de perfil ocorrem com uso do recurso filtro do Snapchat.

Mesmo com a afirmativa do entrevistado em nunca ter realizado postagem/manifestação alguma no Facebook da associação, fiz uma busca naquele perfil e não encontrei de fato nenhuma. Em seguida, na Figura 51 apresento um esboço da rede do entrevistado. Dos doze componentes da rede de entrevistas, o entrevistado relaciona-se com apenas três.

Figura 51 – Rede amigos entrevistado 12 e participantes do perfil



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook - 2020

12) Mauro

O entrevistado, do sexo masculino, possui 43 anos, é solteiro, declarou-se branco, estudou o ensino fundamental de forma incompleta. Por conta da baixa visão, deixou os estudos e continuou morando na propriedade rural dos pais. Como renda recebe mensalmente 01 salário-mínimo oriundo de benefício governamental. Nasceu em outra cidade e reside em Governador Valadares desde os 05 anos e atualmente mora sozinho, em uma residência central, em Governador Valadares. Os pais, ouvintes, foram morar em Florianópolis e o irmão, ouvinte, é imigrante nos EUA. Relata sempre viver sozinho.

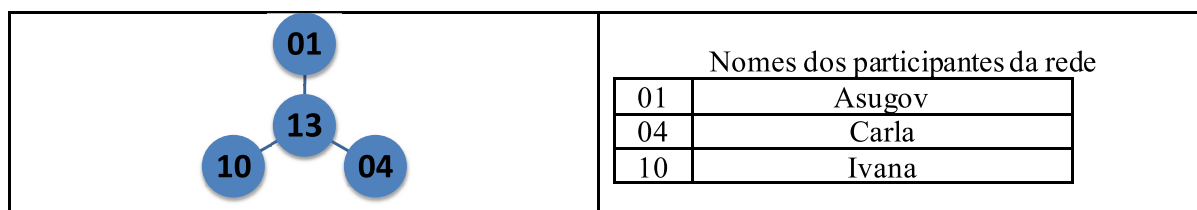
Não recorda muito, mas pensa pertencer/frequentar a associação desde os anos de 2002/2003. Não conhece a história da associação. Pensa que está tudo bem com a mesma e por isso não tem nada a reclamar ou a sugerir. Gosta de ir naquele espaço para aprender ‘mais sinais’. Não possui cargo na administração da associação e nem pretende possuir devido a conversas do tipo fofoca que se estabelece entre os associados, principalmente os surdos. Não quis fazer sugestões rejeitando responder este questionamento.

Mauro conhece o espaço virtual Facebook Asugov e no relato abaixo, podemos ver seus usos e considerações sobre ele:

“Conhece e gosta do espaço virtual Facebook Asugov. Avalia o mesmo como bom e é um frequentador assíduo. Procura sempre ver as publicações com fotos, sobre jogos, cursos e datas comemorativas. Espera sempre encontrá-las quando acessa o Facebook. Não participa quando encontra, às vezes, algum escrito em português, pois não os entende. Usa somente emojis. Ama as carinhas e o sinal de ok com o dedo polegar para cima. Não conhece nenhum outro recurso o qual possa utilizar e apropriar-se do seu significado. Pensa serem muito difíceis tais conexões. Usa o celular para tudo.” (Mauro, 2019).

O entrevistado Mauro posta em seu perfil assuntos pertinentes ao eixo temático violência e datas comemorativas, especialmente a do seu aniversário. Foram poucos registros. Não foi encontrada postagem alguma do entrevistado no Facebook Asugov, nem participações através de manifestações. Em seguida, na Figura 52 apresento um esboço da rede do entrevistado. Dos doze componentes da rede de entrevistas, o entrevistado relaciona-se com três.

Figura 52 – Rede amigos entrevistado 13 e participantes do perfil



Fonte: Criação da autora a partir de observações no Facebook – 2020

6.1.3 Análise: trajetórias dos sujeitos surdos e relações com a Asugov e seu perfil digital

Início esta análise dos dados coletados a partir da entrevista considerando aspectos sobre o perfil socioeconômico dos entrevistados. Em seguida trabalho a análise a partir de quatro dimensões: socioeconômica; trajetória familiar e educacional; vínculos com a associação Asugov e vínculos Facebook Perfil Asugov.

a) Perfil socioeconômico

O conjunto de informações socioeconômicas estão consolidados na Quadro 6 a seguir, sintetizando os dados coletados.

Quadro 6 - Perfil socioeconômico dos entrevistados

Naturalidade	Nº	%	Sexo	Nº	%
Gov. Valadares	9	75	Masculino	5	41
Outro munic.	3	25	Feminino	7	59

Idade	Nº	%	Estado Civil	Nº	%
18-29 anos	4	33	Solteiro	8	67
30-39 anos	2	16	Casado	2	17
40-49 anos	2	16	Viúvo	1	08
50-59 anos	3	25	Divorciado	0	00
60 ou mais	1	08	União estável	1	08

Renda	Nº	%	Escolaridade	Nº	%
Sem rendimento	2	16	Sem escolaridade	0	00
Até 01 SM	7	58	Fundamental Incompleto	1	08
De 01 a 02 SM	3	25	Fundamental Completo	1	08
Sem declaração	0	00	Ensino médio Incompleto	0	00
			Ensino médio Completo	8	67
			Superior Incompleto	0	00
			Superior Completo	2	17

Fonte: Entrevistas (2019).

Como podemos ver no Quadro 6, a maioria dos entrevistados é de Governador Valadares (75%), do sexo feminino (59%) e declarou receber 01 salário-mínimo (58%), sinalizando que boa parte dos sujeitos surdos entrevistados possuem limitadas condições econômicas. Os microdados obtidos no último censo realizado pelo IBGE em 2010, dados referentes à população residente por tipo de deficiência (deficiência permanente – auditiva), segundo a situação do domicílio (Governador Valadares/MG), sexo (homens e mulheres), grupos de idade (15 a 64 anos) registrou-se 147 homens surdos valadarenses e 180 mulheres surdas valadarenses (IBGE, 2020). O cruzamento dos dados entre variantes sexo e idade, em conformidade ao último censo, vão ao encontro dos dados obtidos e espelhados no quadro acima, cujo destaque aponta para a prevalência do sexo feminino no grupo entrevistado.

Segundo este mesmo instituto, em 2019 o Brasil registrou um rendimento domiciliar per capita de R\$1.438,67; sendo o salário-mínimo atual (2021) no valor de R\$1.100,00 (IBGE, 2020).

Mesmo com a constatação das limitadas condições econômicas, a maioria dos entrevistados afirmou acessar a rede social através de seus celulares. Pesquisas desenvolvidas pela rede Diálogo Regional sobre a Sociedade de Informação (DIRSI)¹⁰⁶ apontam o telefone celular como uma das tecnologias que permite o maior acesso à internet devido ao baixo custo na sua aquisição e manutenção, levando em consideração computadores.

No trabalho apresentado no Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia (SEGeT), em Rio de Janeiro de 2020, intitulado ‘O uso do celular na inclusão social e digital: uma análise de agrupamentos’, artigo que objetivava buscar entender o papel do celular como instrumento de inclusão digital e conseqüentemente social para o público de baixa renda, em uma interface dialógica com nossos objetivos, vale trazer ao diálogo as argumentações de Pranzetti (2020 *apud* BACHA *et al*, 2020):

[...] considera de grande importância o debate da questão da inclusão social tendo como eixo o tema da inclusão digital e a relação entre as duas. O mesmo autor argumenta que o mundo digital vem ocupando espaço e tornando-se imprescindível em diversas atividades humanas, assim fazer parte dessa nova situação passou obrigatoriamente a ser um movimento fundamental para a inserção social. Possuir computador passou a ser necessidade, possuir endereço eletrônico passou a ser imperativo para se comunicar e conhecer pessoas, como também usar a Internet tornou-se uma obrigação e uma forma privilegiada de estar em contato com o mundo.

¹⁰⁶ Rede de profissionais e instituições especializadas em políticas de TIC e de pesquisa na América Latina (DIRSI, 2020).

Nesse sentido, reforço o entendimento da necessidade de acesso a tecnologias de informática e de comunicação para fomentar o exercício da cidadania, capacitar esse exercício.

A amostra trabalhada ainda registra uma diversidade em termos de sexo, idade e escolaridade. Sinalizo que existem variações dos dados coletados nas entrevistas em relação ao que observei nas reuniões associativas durante a fase de observação participativa e durante as aulas regulares do Curso de Libras. Essas variações foram confirmadas nas conversas informais com a secretária da associação Marilza¹⁰⁷ e com a professora ouvinte especialista Zélia¹⁰⁸: a maioria dos surdos frequentes na associação possui o ensino fundamental completo e sobrevive de renda oriunda de benefício governamental. Os dados dos entrevistados destoam na escolaridade, a maioria dos participantes da pesquisa tem ensino médio completo. Quanto à faixa de renda são similares: prevalece a renda de 01 salário-mínimo e com fonte de Benefício Governamental.

A lei Orgânica da Assistência Social – LOAS (Lei N° 8.742/93) prevê o Benefício de Prestação Continuada (BPC) às pessoas com deficiência cuja família não tem como prover suas necessidades em função de renda insuficiente. A Lei N° 8213/91 (Lei de cotas) prevê que empresas com 100 ou mais funcionários tenham entre 2% e 5% de trabalhadores portadores de deficiência. No senso comum, na época da realização da pesquisa empírica de mestrado¹⁰⁹, as pessoas com deficiência participantes das entrevistas não tinham clareza sobre o alcance do BPC. Muitas das vezes o entendiam como uma aposentadoria para deficientes ou como um direito que todas as pessoas com algum tipo de deficiência, independentemente de renda, deveriam receber e assim não precisariam trabalhar. Compreendo esse entendimento estabelecido no senso comum como uma lógica perversa e ilusória. Especificamente em relação os sujeitos surdos, entendo que a percepção garantidora da renda de 01 salário-mínimo oriunda de ação governamental para com os mesmos, entrevistados ou não, uma forma ‘legalizada’ de perpetuação da ideologia ouvintista assistencialista. Entendo que essa situação atua como empecilho para aquisição, acesso, uso e gozo dos bens educacionais, sociais, culturais construtores da cidadania. Vicia e estagna o sujeito surdo em condições de ‘benefício legal’ fazendo com que o mesmo não exija seus direitos e não cobre a realização do conjunto integrado de ações de iniciativa da sociedade, para garantir o atendimento de suas

¹⁰⁷ Nome fictício.

¹⁰⁸ Nome fictício (plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6038618491329019>).

¹⁰⁹ Ver Introdução.

necessidades básicas, conforme artigo primeiro da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS).

A questão implica e pede maiores e melhores análises sob a égide da dignidade, sob a lógica do ganho de um salário digno que possibilite melhorias nas condições socioeconômicas, educacionais, dos sujeitos surdos, de todos. Por enquanto ainda traduzo a LOAS como um mal necessário.

b) Trajetória familiar e educacional

A construção e o exercício da cidadania estão vinculados ao aprendizado. Como reflete Adela Cortina (2005), aprendemos a ser cidadãos. Este aprendizado ocorre por intermédio da educação, que tem na família e na escola duas instituições fundamentais, mas também em outros cenários da sociedade civil. Concretamente, os ambientes familiares de educação formal, religiosos, comunitários, culturais, políticos vivenciados pelos sujeitos podem oferecer possibilidades para a construção e para o exercício da cidadania e/ou representar limites aos mesmos.

As trajetórias familiares dos sujeitos entrevistados revelam aspectos da realidade familiar ouvinte ou surda. Considerando que a maioria dos entrevistados é nascida de família ouvinte, ambiente onde se estabelecem as primeiras relações de comunicação, os relatos vão ao encontro das constatações de Silva (2007) de que, inicialmente, uma família ouvinte com um membro surdo tende à resistência, o que começa a ser modificada com o passar do tempo, num processo de adaptação a essa realidade. Nesse sentido, reproduzo novamente trechos dos relatos sujeitos surdos oriundos de família ouvinte entrevistados, traduzidos pelo intérprete, que revelam uma ‘não aceitação’ da surdez do filho escamoteada na aceitação dessa diferença conformada em uma inclusão limitada¹¹⁰ desses sujeitos no âmbito familiar.

“Por ser surda e única na família com surdez, os pais tinham muito medo de possíveis maus tratos e bullying,¹¹¹ principalmente no ambiente escolar”. (Ana, 2019).

“Foi adotada e a avó (ouvinte) foi uma pessoa marcante na vida da entrevistada. Os familiares, no geral, eram indiferentes”. (Diana, 2019).

¹¹⁰ Refiro-me a inclusão limitada como algo existente, contudo de forma reduzida, limitada, pequena.

¹¹¹ Bullying é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas.

“A família ouvinte custou a perceber que era surda. Em decorrência disso, conta que foi alvo de ações violentas oriunda dos próprios familiares, para que correspondesse a contento como criança ouvinte. Manteve-se isolada o máximo que conseguiu”. (Eduarda, 2019).

“A família, quando percebeu que a mesma ouvia muito pouco de um ouvido, e com o tempo a surdez total seria inevitável, a internou em um espaço onde se tratava pessoas com doenças mentais”. (Fabiola, 2019).

“O entrevistado começa relatando que é muito difícil ser surdo. Tenta conversar com a família, mas ser surdo é muito difícil. Não consegue se comunicar com ninguém, então deixa a conversa pra lá”. (Gustavo, 2019).

“É filha de pais ouvintes. Em casa a mãe falava com gestos com ela e ela entendia. Com os parentes tinha que tentar falar. Tinha um exercício na frente do espelho, com vela que era muito ruim. Se não fizesse direito ganhava castigo”. (Ivana, 2019).

“Filho de pais ouvintes relata não tem nada a dizer se é bom ou ruim ter pais ouvintes pois não conversa com eles mesmo”. (Lúcio, 2019).

“Os pais, ouvintes, foram morar em Florianópolis e o irmão, ouvinte, é imigrante nos EUA. Relata sempre viver sozinho”. (Mauro, 2019).

Os relatos dos sujeitos surdos entrevistados revelam dificuldades no processo de aceitação, de inclusão sujeitos surdos no âmbito familiar e de comunicação, vinculadas ao sentimento de negação, rejeição, solidão e isolamento. Ao lado desses relatos, das dificuldades existentes nos processos comunicacionais a partir do âmbito familiar, outro indicativo de existência de abandono, ou mesmo a opção do sujeito entrevistado em se isolar, pode ser observado no depoimento do entrevistado Mauro. Especialmente, quando ele afirma sempre viver sozinho, reveberando a incomunicabilidade escamoteada em uma inclusão limitada. Entre os múltiplos fatores que concorrem para os problemas de comunicação Sacks (2010) nos ajuda a compreender a questão da aquisição da linguagem:

[...]os que têm surdez pré-linguística, incapazes de ouvir seus pais, correm o risco de ficar seriamente atrasados, quando não permanentemente deficientes, na compreensão da língua, a menos que se tomem providências eficazes com toda a presteza. E ser deficiente na linguagem, para um ser humano, é uma das calamidades mais terríveis, porque é apenas por meio da língua que entramos plenamente em nosso estado e cultura humanos, que nos comunicamos livremente com nossos semelhantes, adquirimos e compartilhamos informações. (p. 19).

Os relatos demonstram a existência do sentimento de constrangimento de se ter um filho (a) surdo(a) em uma família ouvinte. Os familiares podem também apresentar resistência ao uso da língua de sinais por entenderem que, à percepção do senso comum, quem usa a língua de sinais é visto como deficiente. Vale citar a autora Sílvia Andreis Witkoski cujo pensamento reforça nossa linha de análise:

Nesse sentido, é importante considerar que 95% das crianças surdas são filhos de pais ouvintes, e a forma como é descoberta a surdez, por meio de exames audiológicos e imersos nos discursos clínico-terapêuticos, constitui-se em um dos importantes fatores da aceitação e perpetuação do rótulo estigmatizante do surdo como deficiente. (WITKOSKI, 2009, p. 06).

No relato da entrevistada Carla, cujos pais são surdos, a percepção do mundo, do ser pessoa surda releva-se em uma ação inclusiva dos pais, integrativa nos perpasses entre mundo ouvinte e surdo, tanto com os familiares ouvintes quando com a sociedade como um todo. Pensamos nesta ação dos pais de Carla como uma ‘tática de sobrevivência’ e exercício comunicacional fundamentado na realidade humana. Abaixo reproduzo o relato, a partir da tradução do intérprete, da entrevistada Carla que corrobora com essa análise:

“Conta que foi gestada durante o período do exercício da presidência de sua mãe na associação. Por isso, costuma dizer que desde sempre tem contato com a comunidade surda sinalizante. Aprendeu desde cedo com os pais que existiam dois mundos a transitar: o dos ouvintes e o dos surdos. Neste sentido, conversa com familiares na forma oral e a partir de leitura labial. Dificuldades ocorreram com familiares, contudo os pais a ajudaram a sobreviver a elas.” (Carla, 2019).

Sacks (2010) observa que o primeiro uso da linguagem, a primeira comunicação, geralmente se dá entre mãe e filho(a); sendo assim, a língua adquirida emerge entre os dois. Nesse sentido vale reproduzir seus ensinamentos:

“A mãe- ou o pai, o professor, ou na verdade qualquer um que converse com a criança- conduz o bebê passo a passo a níveis de linguagens mais elevados; ela o inicia na língua, e na imagem do mundo que a língua personifica (a imagem do mundo da mãe, pois a língua desta; e, além disso, a imagem do mundo vinculada à cultura a que a mãe pertence).” (SACKS, 2010, p. 59)

Para além de ser Carla filha de pais surdos, percebe-se a importância do âmbito familiar que promove a socialização entre surdos, surdos e ouvintes, contato com comunidade sinalizante desde cedo, de maneira a considerar a existência de mundos diferentes a superar

dificuldades, assimilar hábitos, funcionabilidades, transpondo barreiras através das vias comunicacionais.

Os relatos dos entrevistados também expressaram suas trajetórias educativas. Reproduzo trechos destes relatos a partir da tradução do intérprete, para buscar pistas sobre os processos educativos dos entrevistados e sobre o aprendizado da língua de sinais:

“Quando começou a frequentar a escola, não existia a língua de sinais. As tentativas foram no sentido de oralizá-la. Somente aos 16 anos aprendeu libras. Este aprendizado foi na Asugov porque uma amiga de sua avó materna falou sobre o lugar, sobre aprender libras. [...] Com certa angústia a entrevistada reclama da falta de compreensão dos familiares com a surdez e a dificuldade de aceitarem a língua de sinais. Treinou libras muito tempo em casa, de forma escondida por causa da falta de conhecimento dos familiares sobre a língua de Libras e não compreensão dos mesmos sobre o que é a surdez, sobre ser surda”. (Ana, 2019).

“Desde sua primeira infância, frequentou escolas particulares e estaduais, as quais estimularam seu aprendizado. Também foi muito estimulada pelos familiares ao aprendizado na forma de oralização. Contudo, achava o ensino da matemática muito difícil e por isso não deu continuidade aos estudos quando terminou o primeiro grau (ensino fundamental)”. (Beatriz, 2019).

“Quando começou a estudar, ao convívio dialógico gestual, comunicava conforme entendia. Era em uma escola estadual, inclusiva, e para ouvintes. Residiu sempre em bairro de periferia, e através daquela mesma escola conheceu a associação. Sempre buscou movimentar-se e sobreviver no mundo dos ouvintes apenas com gestos. Aprendeu o português com muita dificuldade. Foi um esforço muito grande para o estudo”. (Eduarda, 2019).

“A família, quando percebeu que a mesma ouvia muito pouco de um ouvido, e com o tempo a surdez total seria inevitável, a internou em um espaço onde se tratava pessoas com doenças mentais. [...] Foi um período muito ruim, pois a ela não entendia o que estava fazendo ali. Via todo mundo com deficiência e ela no meio deles. Depois de 01 ano foi para uma escola especializada e tornou-se oralizada. Tudo isso em Belo Horizonte (Capital mineira). Quando chegou a esta escola, ficou boba (boquiaberta), pois viu um surdo sinalizar pela primeira vez. As primeiras sinalizações foram ensinadas por uma colega dessa escola no horário do recreio”. (Fabiola, 2019).

“Teve muita dificuldade na escola com o aprendizado por causa principalmente da função motora que não dominava. Sempre quis aprender muito e no início pensava que era ouvinte também. A mãe foi quem percebeu que ele não se comunicava. A mãe buscou todos os recursos para o filho e para eles se entenderem, se comunicarem. Foi através de outro surdo que conheceu libras”. (Hélio, 2019).

“Estudou em escola especializada em Belo Horizonte até os 15 anos. Retornando para Governador Valadares, estudou em uma escola inclusiva, mas considera este período como muito difícil. Aos 19 anos voltou para Belo Horizonte, para uma escola especializada com fonoaudiólogo e aprendeu a oralizar. Retornou a Governador Valadares e teve vontade de parar com os estudos”. (Ivana, 2019).

A primeira observação analítica a faço referenciada no relato da entrevistada Fabíola. Nascida em 1949, se viu internada pelos familiares em uma Instituição para pessoas com doenças mentais. Em sua lucidez via todos ali, internos, PCD e ela confundia-se a eles, como reflete Lobo (2008)¹¹² por falta de uma comunicação eficaz. Depois foi oralizada (Fico a imaginar os treinamentos à base do behaviorismo – estímulos e respostas – para a aquisição da oralidade). O espanto quando teve contato com um surdo sinalizante (ficou boquiaberta), e as primeiras aprendizagens de sinalizações se deram no pátio escolar (recreio), longe da sala de aula, dos traçados pedagógicos que deveria ter.

Via de regra, os relatos que apontaram para uma aquisição tardia da Língua de Libras, para a rejeição e dificuldade de aceitação da língua de Libras pelos ouvintes (familiares ou não); para um treino das Libras de forma escondida por conta da reprovação dos ouvintes; para um estímulo da oralização em detrimento das Libras; para a existência da gestualidade como forma de sobrevivência; para dificuldades vividas nos processos de aprendizado. Neste sentido, vale trazer ao diálogo os ensinamentos de Strobel (2018) de que o importante para os sujeitos surdos foi e é o pertencimento ao grupo usando a língua de sinais e cultura surda, que ajudam a definir as suas identidades surdas.

Nos relatos dos entrevistados encontramos também, registro de um espaço presencial, além da Asugov, muito importante para os mesmos, que é o das igrejas, especificamente da Pastoral do surdo, uma ação da Igreja Católica. Oficialmente, a Pastoral dos Surdos iniciou seus trabalhos em 1950 sob o impulso do Padre Eugênio Oates e do Monsenhor Vicente Penido Burnier¹¹³. Entre os objetivos desse movimento, para a nossa análise, conectamos ao propósito da Pastoral contido em: “Buscar uma vida de comunidade, eliminado o preconceito, o individualismo e a acomodação que deixam os surdos excluídos da sociedade e da Igreja de Cristo”, e, “Respeitar o jeito de entender o mundo do mundo, através da sua língua (Libras) que é um dos meios essenciais para a sua comunicação” (PASPED, 2020).

A metade dos entrevistados afirmou frequentar este espaço. As falas de dois dos entrevistados, aqui trazidas na tradução feita pelo intérprete, sinalizam ser a pastoral dos

¹¹² Ver Capítulo 1.

¹¹³ Ver Capítulo 2.

surdos um cenário que contribui para o reconhecimento dos sujeitos surdos, de exercício comunicacional (das Libras), de relações interacionais que cidadania comunicativa dos sujeitos surdos.

“Participa da pastoral da Igreja Católica Nossa Senhora de Lourdes porque, além da convivência com outros surdos, pode aprender sinais diversos relacionados ao conteúdo bíblico”. (Carla, 2019).

“A igreja também foi um lugar de aprendizado. Frequento a Igreja Nossa Senhora de Lourdes”. (Hélio, 2019).

c) Os vínculos com a associação Asugov

Neste item procuro analisar os relatos dos sujeitos surdos entrevistados sobre suas relações com a Asugov, tanto presenciais quanto digitais e suas avaliações sobre estes ambientes. Nesse sentido, um primeiro ponto que se pode visualizar é o vínculo de pertencimento que a maioria dos sujeitos entrevistados expressou em relação à Asugov, o sentir pertencente àquele lugar e que ao mesmo tempo o lugar lhe pertence.

Para além da ideia de direitos individuais, conceito de cidadania vincula-se também à noção de ‘vínculos de construção de identidade e pertencimento social com uma comunidade particular’. É neste sentido que a autora Cortina (2005) afirma o ser, sentir e relacionar-se como membro participativo de um grupo (comunidade – Asugov), que a pessoa adquire a condição de cidadão. Assim a autora apresenta o conceito de cidadania em uma interseção entre a razão individual, valores e normas que a sociedade entende como humanizadores. Isso devido estar cidadania profundamente vinculada à necessidade humana de construir uma identidade dentro de um grupo, ser parte do mesmo, possuidor de deveres e benefícios. A autora resguarda uma cidadania ideal na possibilidade de uma comunidade universal e universalizante, sem bairrismos, isolacionismos e segregações. Ou seja, cidadania como “ponto de união” entre o sentimento de pertença a uma comunidade e o de justiça dentro dela e a busca pelos elementos universalizantes dentro de todas as culturas; corroborando deste modo para que todos os processos comunicacionais interculturais contribuam para um aperfeiçoamento civil, econômico, político e social. Vale trazer ainda a análise que a questão dos valores levantada por Cortina (2005) alcança considerações em qualquer área do conhecimento, especialmente na comunicação. A proposta de uma cidadania cosmopolita, que dissemine os valores de liberdade, igualdade, respeito e diálogo a todos sem descaracterizá-

los, só poderá ser efetuada, nas sociedades atuais, com o auxílio da comunicação (CORTINA; 2005).

A Asugov existe há 30 anos. Em relação ao tempo de vinculação dos 12 entrevistados com a Asugov temos a seguinte distribuição: entre 20 a 30 anos - 07 associados; entre 05 e 10 anos - 03 associados; não responderam ou não quiseram responder - 02 associados. Entre os entrevistados, 03 estão vinculados à Asugov desde o início de seu ressurgimento: Hélio, Ivana e João. Todos os três já participaram de cargos da diretoria da associação. Atualmente Ivana foi eleita presidente, mandato 2021/2022.

O Quadro 7 sistematiza as avaliações positivas expressas pelos sujeitos surdos entrevistados sobre o espaço Asugov. A partir das avaliações positivas ofertadas, é possível argumentar que os sujeitos surdos entrevistados vêem a Asugov como um espaço associativo da comunidade surda, de aprendizados, participamente da língua de sinais, de lazer e integração, com destaque para os jogos. Um espaço que promove ações interacionais, comunicacionais, entre surdos, e entre surdos e ouvintes, entre culturas diferentes, acessibilidade para o mercado de trabalho (cumprimento da Lei de Cotas).

Quadro 7 - Avaliações positivas dos entrevistados em relação à Asugov

Participantes	Aspectos Positivos
Ana	–
Beatriz	- Aprendizado de Libras
Carla	–
Diana	- -Interações com outras culturas Proximidade com os surdos
Eduarda	- Espaço de interação - Promoção de acessibilidade para o mercado de trabalho - Promoção de campeonatos para os surdos - Busca de atendimento jurídico para os surdos - Luta pelos direitos de inserção dos surdos junto ao mercado de trabalho valadarense - Aconselhamentos pessoais
Fabíola	- Espaço associativo da comunidade surda
Gustavo	- Os torneios de futebol (campeonatos)
Hélio	- Espaço do bem
Ivana	–
João	- Aprendeu sinais de palavras novas - Espaço de troca de conhecimento - Jogos, campeonatos
Lúcio	–
Mauro	- Aprender sinais de palavras novas

Fonte: Entrevistas – 2019

Os relatos indicam que a Associação vem colaborando para a construção e o exercício da cidadania dos sujeitos surdos. Destaca-se nos depoimentos o reconhecimento da Asugov como cenário de construção de vínculos entre os surdos, de aprendizagens, particularmente em relação à Libras, e de opções de lazer e integração, principalmente relativas ao esporte.

Interessante observar que a entrevistada Eduarda apresenta avaliações positivas para além do espaço de lazer, construção de vínculos, aprendizagens (Libras) e esportes como os outros entrevistados. Em sua percepção avaliativa de positividade atribuiu a Asugov a promoção de acessibilidade para o mercado de trabalho (inserção dos surdos junto ao mercado de trabalho valadarense), busca de atendimento jurídico para a comunidade surda, e aconselhamentos pessoais. Eduarda foi uma das entrevistadas que relatou ter sido vítima de violência e abusos diversos por parte dos familiares. Relatou-nos também ter sido a Asugov, além da escola estadual a qual frequentou, uma espécie de refúgio a estes momentos ruins. Penso que por essas nuances a mesma tenha percebido a associação de forma mais intensa devido a busca de sua independência para com o núcleo familiar o qual pertencia.

O Quadro 8 destaca as avaliações negativas destacadas pelos participantes acerca da relação com a Asugov.

Quadro 8 - Avaliações negativas dos entrevistados em relação à Asugov

Participantes	Aspectos Negativos
Ana	- Falta de planejamento para as reuniões - Mau aproveitamento do espaço físico da Asugov
Beatriz	- Assédio por parte de surdos que frequentam a Asugov
Carla	- Falta de verbas
Diana	-
Eduarda	-
Fabíola	- Fofocas - Brigas no pátio
Gustavo	- Distúrbios criados por um ex-diretor
Hélio	- Desvios de conduta de um ex-diretor - Falta de verbas
Ivana	- Fofocas (na associação e fora dela)
João	- Fofocas
Lúcio	- Fofocas
Mauro	-

Fonte: Entrevistas – 2019

Nos relatos manifestam-se também avaliações negativas em relação à Asugov. Entendo-as como indicativo de contradições presentes na associação que sinalizam para aspectos que obstaculizam a construção da comunidade surda, a promoção de suas culturas, de integração e de sua cidadania.

O aspecto mais negativo apontado pelos entrevistados foi o denominado fofoca. Percebo fofoca como uma comunicação sobre uma pessoa que não está presente no momento da exposição desse entendimento. Necessariamente não quer dizer algo ruim. Pode ser uma comunicação útil para a cooperação social, para a consolidação de vínculos entre pessoas. Contudo nos relatos dos entrevistados, fofoca sobrecarrega-se de aspectos negativos. O elemento nuclear desse ato comunicacional revestia-se em debates acerca da má conduta/distúrbios vinculados a um ex diretor, cuja administração foi pautada por nenhuma transparência e ausência de participações dos associados na gestão.

Outro aspecto negativo apontado pelos entrevistados refere-se a brigas e assédio (sexual) ocorridas durante a estada no pátio da associação. As associações são espaços de comportamentos controlados, sendo de absoluto interesse coibir atitudes como as relatadas que possam prejudicar a sua imagem. Um aspecto visível, óbvio nas situações relatadas e ocorridas na Asugov é que, geralmente ocorreu entre desiguais, gênero masculino *versus* feminino, onde prevaleceu o poder machista do associado asugoviano. Essas práticas (violência) é o resultado da complexa interação de vários fatores: individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais. Brigas e assédio sexual não são práticas novas de ocorrência em associações no Brasil. Penso que à medida que a sociedade se democratiza, indivíduos, surdos (ouvintes, cegos), aliados a um maior acesso à informação, (re)interem-se e conscientizam-se de seu papel como cidadãos, extirpando elementos nocivos à construção das relações da comunidade surda.

Ainda vale registrar a avaliação negativa ofertada pelos entrevistados acerca das limitações de investimentos na associação. A Asugov é uma associação que sobrevive de esparsos pagamentos de seus associados. Recursos governamentais são praticamente inexistentes. Além disso carece de maior visibilidade junto à sociedade valadareense em seus diversos campos: educacional, empresarial, filantrópicos, etc.

Entre os aspectos apontados, estão ainda a falta de planejamento para as reuniões e o mau aproveitamento do espaço físico da Asugov, pontos que contribuem para o afastamento dos sujeitos comunicantes.

As sugestões feitas pelos entrevistados, sistematizadas no Quadro 9, permitem ver que para além das reuniões existentes, os sujeitos surdos têm aspirações e demandas concretas à associação.

Quadro 9 - Sugestões de melhorias na Asugov apontadas pelos entrevistados

Participantes	Sugestões
Ana	-
Beatriz	- Adquirir fonaudióloga - Promover cursos de português - Mais esportes
Carla	- Realizar oficinas sobre economia doméstica - Promover curso de português instrumental - Criação de uma escola bilingue na Asugov
Diana	-
Eduarda	-
Fabíola	- Reforma arquitetônica - Escola Bilingue na Asugov
Gustavo	- Mais jogos, mais palestras.
Hélio	- Curso de português com professores ouvintes e surdos - Reforma da associação com cores alegres
Ivana	- Escola bilingue na associação
João	- Reforma do imóvel - Oferta de cursos diversos
Lúcio	-
Mauro	-

Fonte: Entrevistas – 2019

Como se pode ver no quadro, as demandas educativas são as mais marcantes e incluem a criação de cursos diversos (Português instrumental, economia doméstica, entre outros), de uma escola bilingue, de palestras. Há também aspirações por mais opções de lazer (diversificação de esportes/campeonatos, para além do futebol), além de demandas estruturais relativas à reforma do espaço físico do imóvel.

Existe um Movimento Surdo em defesa das Escolas Bilíngues para Surdos ao longo dos últimos anos. Esta forte presença de demandas no campo da educação nasce a partir da ameaça de fechamento do INES, em 2011, provocando uma mobilização sem precedentes para a inclusão das Escolas Bilíngues para Surdos no Plano Nacional de Educação (PNE), Lei

Nº 13.005/2014. Este ponto salta aos olhos nas falas dos entrevistados. Todos compartilham o discurso de lutas por uma Política Nacional de Educação Bilíngue condizente para a formação da Identidade Linguística da Comunidade Surda, garantida pela Convenção Internacional sobre Direitos das Pessoas com Deficiência, que reconhece a importância da Língua de Sinais e da Cultura Surda para as Pessoas Surdas.

Outra demanda advinda por meio de sugestões de melhorias é a relativa a por mais opções de lazer. Entendo essa demanda em diálogo com Strobel (2018) como pedidos por mais acontecimentos culturais, pois em sendo a vida social (lazer e esportes) artefato cultural do povo surdo, requer desta forma produções do/para o sujeito surdo que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo.

Ao longo da história, pessoas surdas foram e são tratadas como deficientes incapazes de realizar muitas atividades, privadas dos mínimos direitos de cidadãos por não se comunicarem oralmente e por não fazerem parte da cultura ouvinte. Entendo a manifestação daquelas demandas como ação a possibilitar ao surdo (e aos ouvintes também) uma reflexão, e uma possibilidade de encontro com a realidade social na qual se inserem, com os conflitos e crises que os permeiam. Mesmo existindo a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), no seu Art.1º- '[...] destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais para a pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania', esta ainda se apresenta como norma de aplicabilidade limitada. Muitos dos seus preceitos carecem de outros atos regulatórios. A consequência escancara-se em barreiras arquitetônicas, urbanísticas, das edificações, dos transportes, comunicacionais e atitudinais.

Nesse sentido, a Asugov se propõe a responder à questão recorrente sobre o que cada um pode fazer para contribuir em processos de transformação social, construção de cidadãos. Caracteriza-se como pessoa jurídica de direito privado, sob a forma de associação, sem fins lucrativos, de caráter filantrópico, beneficente, educativo, cultural e de assistência social que tem por finalidade principal a inclusão dos surdos em todos os segmentos da sociedade, ao contorno de membros de um grupo cultural específico. Ainda assim, entendo que essas dimensões/demandas apresentadas se constroem sobre questões culturais e políticas vinculadas ao reconhecimento de valores e diversidade cultural, gênese de todo Estado Democrático de Direito.

Quanto à demanda de pedido de reforma do espaço Asugov, percebo como algo a fortalecer o empoderamento dos sujeitos surdos, a visibilidade e inserção destes na sociedade valadarense, entendendo a Asugov como espaço legítimo de pertencimento.

As diferentes trajetórias que encontrei nessas análises revelam que a maioria dos sujeitos surdos que apresentaram as pautas reivindicatórias de ações representativas e construtoras da cidadania desse grupo populacional possuíam ou já possuíam cargos na Asugov, e, tinham um nível de escolaridade mais elevado.

A vida social (festas juninas, datas comemorativas) permite, como artefato cultural do povo surdo, a ampliação do campo de trocas e experiências culturais, em diferentes graus, modalidades, nuances e acessos. Nesses momentos de vida social, a presença do grupo familiar foi mais marcante.

Outra revelação em relação à cultura surda que essa incursão na pesquisa de campo me proporcionou foi o entendimento da existência e presença de comunicação por um mecanismo particular de elaboração simbólica: Libras. Esta revelação particulariza a meu ver a noção de ‘cultura surda’ e os mecanismos utilizados pelos agentes para a produção de seus significados ao fortalecimento da ideia de “comunidade surda” e de “cultura surda”.

Outro dado observado relacionado ao fortalecimento da cultura surda, foram como igrejas evangélicas e católicas constituem-se em espaços de sociabilidade para este grupo populacional. Ficou claro que, neste terreno os indivíduos surdos tiveram seus valores e sua cultura (re)conhecidos e vivenciados por outras pessoas não pertencentes à comunidade surda, o que colabora para promover a inclusão e o exercício da cidadania junto aos ouvintes.

O que julguei importante pensar, é o que os dados revelaram existir em relação às culturas surdas analisadas e sobre suas relações com a Asugov: são espaços (físicos e/ou digitais) onde os sujeitos surdos se movem, constroem sociabilidades, participam da cultura surda e da luta pelo acesso à igualdade de direitos.

d) Vínculos com o Facebook da Asugov

Nesta dimensão, examino os vínculos dos sujeitos surdos com a Asugov a partir dos relatos obtidos nas das entrevistas a partir da tradução do intérprete. A partir da observação atenta nos relatos, procurei observar aspectos que permitissem qualificar as formas de participação dos sujeitos nos processos comunicativos ocorridos neste ambiente. Apresento nos quadros e tabelas mostrados a seguir os aspectos sistematizados, a saber: a) *Forma de Acesso*, aspecto que sistematiza o modo de acesso (TICs) dos entrevistados ao perfil Asugov; b) *Frequência de navegação*, onde registro se o entrevistado é frequente ou não frequente no

perfil Asugov; c) *Formas de expressão*, onde registro se o entrevistado faz uso da escrita em português ou das imagens *emojis, gifs* nas postagens que realiza no perfil Asugov; d) *Tipos de postagens realizadas*, onde elenco os assuntos das postagens que o (a) entrevistado (a) hospeda no perfil Asugov e *temas que esperam encontrar*, que sinalizam as expectativas dos sujeitos em relação ao que esperam da página.

Em relação à forma de acesso dos entrevistados à internet e ao perfil Facebook Asugov, como se pode ver na Tabela 15, verifica-se que quase a totalidade dos participantes das entrevistas tem acesso valendo-se de telefones celulares. Apenas Fabíola, entrevistada de 71 anos, faz preferencialmente uso do computador de mesa para este fim. Os outros entrevistados que responderam acesso via celular, usam esse recurso tecnológico, pela mobilidade e flexibilidade de uso.

Tabela 15 - Forma de acesso ao Facebook Asugov

Entrevistado	Dispositivo	
	Celular	Computador
Ana	x	x
Beatriz	x	
Carla	x	x
Diana	x	
Eduarda	x	
Fabíola		x
Gustavo	x	
Hélio	x	
Ivana	x	x
João	x	
Lúcio	x	
Mauro	x	
Total	11	4

Fonte: Entrevistas - 2019

Tabela 16 - Frequência de navegação no Facebook Asugov

Entrevistado	Dispositivo	
	Frequente	Não frequente
Ana	x	
Beatriz		x
Carla	x	
Diana		x
Eduarda		x
Fabíola		x
Gustavo		x
Hélio		x
Ivana	x	
João		x
Lúcio		x
Mauro		x
Total	3	9

Fonte: Entrevistas – 2019

Os dados apresentados na Tabela 16 permitem ver que apenas 03 dos entrevistados, acessam, navegam e postam regularmente, portanto são frequentes no perfil da Associação. A maioria dos entrevistados não é frequente no perfil Asugov. Como razões apontadas para este acesso pouco frequente, trago os relatos dos entrevistados Beatriz, Fabíola e João: *“não é muito frequente nele, pois prefere o whatsapp individual.”* (Beatriz, 2019); *“Participa do Facebook, entretanto não quis opinar sobre o mesmo. Cita como chato, inconveniente, por conta das brigas existentes naquele espaço.”* (Fabíola, 2019); *“Não gosta das conversas ruins (fofocas) que já foram geradas, desnecessárias, naquele espaço. Gosta sempre de ver*

fotos e manda no Whatsapp para os amigos e ou grupos de amigos aos quais pertence.” (João, 2019). Por outro lado, a maioria dos entrevistados relatou usar a internet diariamente.

Os sujeitos entrevistados deixam explícitos dois fatores relacionados à não frequência de navegação neste perfil. O primeiro refere-se à possibilidade da extensão e continuidade das conversas desnecessárias (fofocas) que existiram a respeito da má administração de um gestor. O outro é a preferência por outra rede social, o Whatsapp. A popularidade desta rede talvez tenha a ver com fatores como sua simplicidade, a agilidade de seu uso, o fato de não exibir anúncios (no Facebook, a intervenção dos algoritmos neste sentido pode ser um desestimulante à continuidade de associação nesta rede), a possibilidade de ver a última movimentação que o amigo associado fez na mensagem (possibilidade que no Facebook não existe). Podemos pensar também no fato de as mensagens serem criptografadas (o que ofertaria uma ‘frágil’ sensação de segurança em comparação ao Facebook). Como recurso comum às redes Facebook e Whatsapp, o sujeito comunicante surdo pode enviar arquivos (música, vídeo, imagens/fotos). Ambas as redes possibilitam a inclusão comunicativa destes sujeitos, em comunidades e grupos existentes na *web*.

Aos entrevistados foi perguntado o que eles postam no perfil Asugov e o que eles esperam encontrar nas postagens realizadas pelo perfil Asugov na rede. O Quadro 10 sintetiza estes dados. Em relação ao que postam no perfil Asugov, é necessário relacionar este dado com a frequência de navegação. As 03 entrevistadas frequentes no perfil Asugov são Ana, Carla e Ivana. Elas postam aí conteúdos referentes a vídeos (Libras); fotos; propagandas de datas comemorativas; informações sobre eventos para a comunidade surda. Além delas, o entrevistado João também diz postar fotos de campeonatos realizados pela Asugov.

Quadro 10 - Tipos de postagens realizadas pelos entrevistados e temas que esperam encontrar no Facebook Asugov

Entrevistado	Tipos de postagens	Temas que espera encontrar nas postagens
Ana	Vídeos em Libras	Informações sobre a Asugov e Cultura surda
Beatriz	–	Fotos e videos da Asugov
Carla	Fotos, videos, propagandas de datas comemorativas.	Videos com o interprete na tela e não na janelha (barra do video)
Diana	–	Informações sobre a Asugov (História)
Eduarda	–	Informações por imagens
Fabíola	–	Fotos de festa Asugov
Gustavo	–	–
Hélio	–	–
Ivana	Informações sobre eventos para a comunidade surda	–

João	Fotos de campeonato	Fotos, imagens
Lúcio	–	Informações sobre a Asugov
Mauro	–	Fotos, jogos, cursos e datas comemorativas

Fonte: Entrevistas – 2019

Em relação ao que os entrevistados esperam encontrar nas postagens realizadas pelo perfil Asugov, as respostas mostram que eles buscam postagens relativas a informações sobre a Asugov (História da Asugov); fotos (festas, jogos e campeonatos da Asugov); fotos de datas comemorativas; vídeos onde conste o intérprete na tela e não na janelinha (barra do vídeo); informações por imagem pertinente à cultura surda. Esses apontamentos sobre a necessidade de informações diversas sobre a Asugov dialogam com questões relacionadas à cultura surda e com a constituição da cidadania comunicativa desses sujeitos.

As formas predominantes de interação ocorridas nas postagens podem ser vistas no Quadro 11. A maioria respondeu que faz uso das imagens (*emojis* e *gifs*) nas curtidas ou em forma de comentários nas postagens realizadas pelo perfil Asugov.

O uso da escrita aparece em pequenos textos, precedentes aos vídeos ou a imagens informacionais. Considero que os entrevistados Diana, Eduarda, Fabíola, Gustavo, Hélio, João, Lúcio e Mauro, que não são frequentes no perfil, não realizam postagens, fazem uso do perfil Asugov apenas como consumidores das postagens. Vale ainda repetir, que as entrevistadas Ana, Clara e Ivana, as únicas que responderam acessar a internet (redes sociais e o perfil Asugov) tanto por celular, quanto por computador de mesa, sendo frequentes na navegação no perfil Asugov, fazem uso dos recursos comunicacionais imagens e escrita (com exceção da Fabíola que prefere imagens). O Quadro 11 destaca as formas de expressões dos entrevistados no Facebook Asugov.

Quadro 11 - Formas de expressão dos sujeitos surdos no Facebook Asugov

Entrevistado	Escrita português	Imagens (<i>emojis</i>, <i>gifs</i>)
Ana	Textos em português	<i>Emojis, gifs</i>
Beatriz	Textos em português	<i>Emojis, gifs</i>
Carla	Textos em português	<i>Emojis, gifs</i>
Diana	–	–
Eduarda	–	–
Fabíola	–	<i>Emojis, gifs</i>
Gustavo	–	–
Hélio	–	–
Ivana	Textos em português	<i>Emojis, gifs</i>
João	–	<i>Emojis, gifs</i>
Lúcio	–	<i>Emojis, gifs</i>

Mauro	–	<i>Emojis</i>
-------	---	---------------

Fonte: Entrevistas - 2019

Sabe-se que imagens são formas de expressão e comunicação humana desde a pré-história. Como forma de comunicação especificamente para com os sujeitos surdos, releva-se a percepção visual. Nesse sentido, compartilho das reflexões de Strobel (2018) de que o sujeito surdo encontra o mundo com os olhos, pela experiência visual, que favorece a comunicação com o meio. A respeito dessa assertiva, Carlos Skliar argumenta que,

[...] a surdez é uma experiência visual [...] e isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual. Não é possível aceitar, de forma alguma, o visual da língua de sinais e disciplinar a mente e o corpo das crianças surdas como sujeitos que vivem uma experiência auditiva. (SKLIAR, 2016, p. 28).

Apesar de considerar o uso de recursos imagéticos disponíveis na plataforma do Facebook pouco explorado em sua diversidade de existência pelos entrevistados, entendo que a imagem aparece como um recurso comunicacional relevante para o sujeito surdo.

Os dados sinalizam limitações relativas à participação digital mais efetiva neste ambiente pelos entrevistados. Um primeiro aspecto que assinalo tem a ver com o uso de recursos ofertados pela plataforma. O relato do entrevistado João aponta os esforços para superação de dificuldades relativas ao domínio de uso de recursos da plataforma: *“Faz uso dos emojis e gifs. Os usa pelo fato de ser mais fácil o entendimento, contudo acha esses recursos muito difíceis de serem usados.”* Já o entrevistado Hélio aponta limitações relativas a estes recursos para expressar efetivamente o que quer dizer: *“Entende que os recursos emojis nem sempre querem dizer o que realmente quer, mas mesmo assim faz usos dos mesmos e do recurso gif.”*

Outro obstáculo sinalizado, a partir dos relatos dos entrevistados, em relação à participação digital de forma mais efetiva, tem a ver com a apreensão de ideias, da escrita de palavras na língua portuguesa. A problemática envolve questões da gramática portuguesa ouvinte, palavras homógrafas (entre outras), o que pode resultar em um mal-entendido linguístico. É possível ver isso no relato da entrevistada Ana: *“Não faz reclamações no espaço virtual Facebook porque se o fizer e usar a língua portuguesa, os outros surdos associados não irão entender.”*; da entrevistada Ivana: *“Usa os recursos emojis e gifs por entender que são mais fáceis do que a escrita, evitando assim desvios de mensagens mantendo-se dentro de uma conduta ética.”* e do entrevistado Lúcio: *“Justificou-se pelo fato*

de que a gramática português é muito difícil.”; estes relatos apontam para a necessidade de se buscar, enxergar o funcionamento da linguagem estabelecida no campo das relações sociais virtuais a evitar ruídos, independentemente das diferenças culturais e comunicativas.

Entre os obstáculos à participação comunicativa digital, é importante considerar a falta de competências digitais, como sinaliza o depoimento de Mauro *“Ama as carinhas e o sinal de ok com o dedo polegar para cima. Não conhece nenhum outro recurso o qual possa utilizar e apropriar-se do seu significado. Pensa serem muito difíceis tais conexões.”*

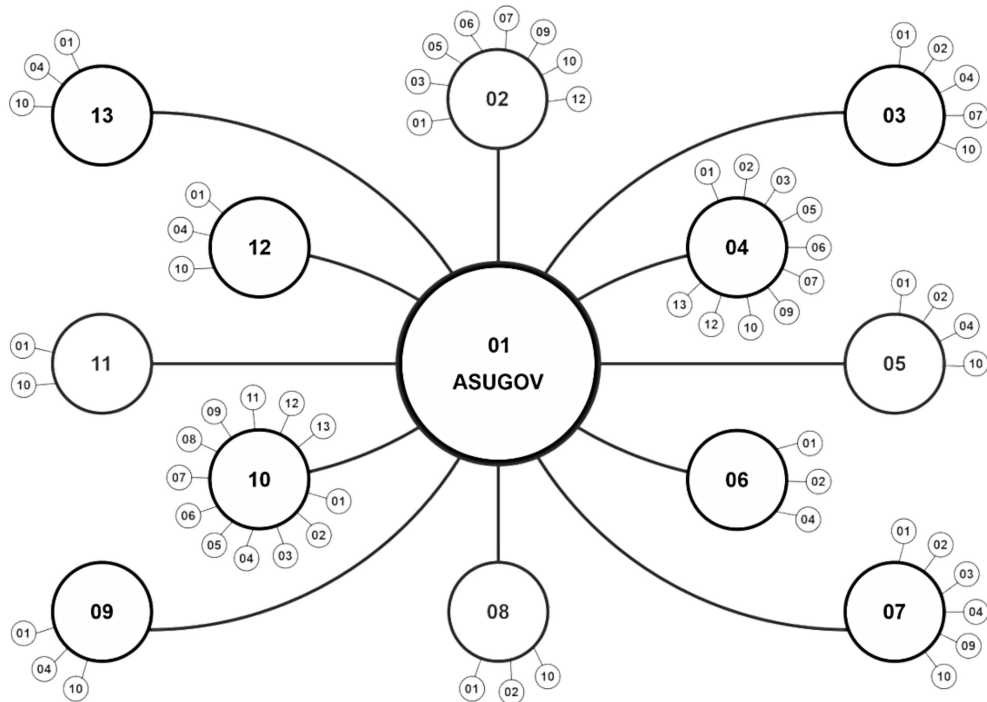
O relato de João também aponta este aspecto: *“Quanto ao uso do @, pensa ser mais difícil ainda este recurso porque se comunica com as pessoas surdas e faz uso sempre do sinal da pessoa ficando assim muito difícil lembrar o nome; e no Facebook o @ está ligado ao nome escrito na gramática portuguesa.”* É importante considerar que o nome implica a necessária oralidade para a sua fixação na cultura ouvinte. Aos pertencentes à cultura surda, o nome usual, o afetivo, corresponde a um sinal, viso-espacial. Para além desse detalhe (o teclado mesmo sendo universal não alcança a grafia viso-espacial) questões relacionadas a todo o processo educacional dos sujeitos surdos (alunos, professores, escola, sistema educacional e governos), de ensino aprendizagem caminha ainda para transpor desafios e obstáculos de diferentes gamas inerentes ao processo educacional.

Nesse sentido, entendemos estar a ocorrer com os sujeitos surdos, desde 1990, a vivência de significativas transformações em sua vida social, em conquistas pessoais e caminhos legais¹¹⁴, assim como de abertura de possibilidades dadas pela comunicação digital. Contudo, ainda encontramos limitações para que se efetivem apropriações cidadãs como as que contatamos na pesquisa.

Apresento imagens nas Figuras 53 e 54 correspondentes ao esboço da rede do perfil Asugov e amigos (entrevistados); e um gráfico do Perfil Asugov e amigos, para compreensão das relações estabelecidas nas redes Asugov e entre participantes **entrevistados**.

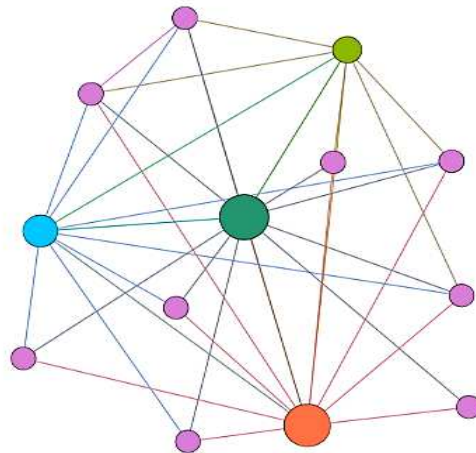
¹¹⁴ A Declaração de Salamanca (1994), avanço documental oficial que preceitua que o sistema educacional (planeado e implementado) deve incluir alunos que tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias; Lei de Libras (2002) a qual reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Libras.

Figura 53 – Esboço da rede de inter-relações entre o Perfil Asugov e dos sujeitos entrevistados



Fonte: Criação da autora através de coleta no Facebook Asugov – 2020

Figura 54 – Gráfico de inter-relações entre o Perfil Asugov e dos sujeitos entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa de coleta no Facebook Asugov – elaborado através do Software Gephi (2020)

Em sua essência, as redes visam integrar e conectar pessoas, objetos ou ideias, com vistas a descentralizar e estabelecer relações potencialmente mais horizontais entre os integrantes. A construção dessas imagens tem propósito puramente demonstrativo, para dar a ver os vínculos relacionais dos componentes daquelas redes, neste caso, das inter-relações entre Perfil Asugov e entrevistados e entre estes últimos.¹¹⁵ Ao observarmos o número de pessoas que compõem cada rede (tamanho das redes), consta-se que a rede da Asugov é composta por 3318 amigos associados. Entre os entrevistados, Ana, Carla, Ivana, que são participantes da rede, possuem entre 1600 e 2500 amigos em sua rede pessoal. Todos os outros participantes registram em suas redes menos de 500 amigos.

Os dois nós de rede que possuem maior número de conexões (densidade) são o representativo da Asugov e da entrevistada Ivana. Ambos se conectam a todos os componentes da rede. Carla possui 10 conexões e Ana possui 08 conexões de relacionamentos contidos na rede perfil Asugov. Ana, Carla e Ivana são as entrevistadas que acessam e são frequentes no perfil Asugov. Os entrevistados que possuem a vida social digital mais ativa (publicações) são Carla, Eduarda e Lúcio.

Sob a perspectiva de vínculos e funções na relação com a Asugov e frequência de contato tanto no espaço físico quanto no perfil Asugov as entrevistadas Ana, Carla e Ivana sinalizam serem as mais frequentes neste sentido. São assíduas nas reuniões, já foram eleitas para cargos da diretoria. Elas espriam suas relações entre os sujeitos surdos da comunidade asugoviana, em seus perfis particulares e perfil Asugov. Neste sentido pode-se pensar que indivíduos bem conectados podem ser mais influentes nas redes; podem, através das postagens, explicar como eles veem o mundo e como o mundo os vê. Podem conhecer as características das pessoas dessa comunidade (Asugov), assumir esforços para que essas relações se transformem a favor do próprio grupo, da construção de suas cidadanias, da comunidade surda comunicativa e cidadã, tanto na rede social Facebook quanto na Asugov. Podemos pensar também que os vínculos estabelecidos em rede, podem contribuir para a construção, o reforço e a manutenção de vínculos sociais da comunidade surda asugoviana.

6.2 Usos e apropriações do Facebook

¹¹⁵ Para a construção, fizemos a figura a partir do recurso 'elemento gráfico SmartArt.' A elaboração do gráfico baseou-se na preparação dos dados referentes aos nós (Perfil Asugov e entrevistados) e às relações entre si, para posteriormente finalizar a representação visual através do software Gephi. Gephi é um pacote de software de análise e visualização de rede de código aberto escrito em Java na plataforma NetBeans.

A humanidade, no desenho de sua história, constrói de forma exponencial uma produção simbólica, quer seja por meio de diversos artefatos, simbologias, construções culturais que se combinam e se reconfiguram infinitamente, e que hoje em dia, podem ser digitalizadas e disponibilizadas na internet.

Nas mídias sociais, as redes são moldadas, transformadas pela mediação de tecnologias e principalmente pela apropriação delas para a comunicação, para realização de interações entre sujeitos e grupos sociais. Nesse sentido, Recuero (2012) contribui para pensar que estes espaços interacionais adquirem contornos similares àqueles da conversação ‘face a face’ visando estabelecer e/ou manter laços sociais, descrever e analisar os modos de como os sujeitos surdos colaboradores da pesquisa fazem uso e se apropriam da página da Asugov e de seus perfis no Facebook, pensar essas novas formas sociais e interativas entre indivíduos. Vale elucidar que o olhar sobre seus perfis permite fazer um contraponto com os usos e apropriações da página da Asugov, e abrir possibilidades mais para o entendimento dos usos do Facebook por estes sujeitos.

Os colaboradores incluídos nesta etapa da pesquisa foram três, selecionados entre os 12 sujeitos surdos participantes assíduos da Asugov e associados ao Facebook Asugov, mais ativos na rede social Facebook. A seguir apresento informações do perfil destes sujeitos e de suas páginas no Facebook.

1) Carla

Do gênero feminino, com superior completo em Ciências Contábeis, atualmente cursa Letras Libras. Tem 26 anos. É solteira, trabalha em um escritório prestador de serviço de internet. Recebe dois salários-mínimos. É católica. Possui cargo eletivo na atual administração da Asugov. É professora de Libras.

Tem sua página no Facebook¹¹⁶ desde março de 2019. Nesta faz constar o nome civil completo e deixa público algumas informações a seu respeito, como educacionais, lugares onde morou, de contato através de e-mail, relacionamento e membros de sua família (todos com fotos e apelido). Possui mais de 02 mil amigos associados em sua rede.

Apresenta uma foto do perfil com a pessoa que tem um relacionamento sério, e como foto de capa uma imagem à beira mar, onde aparece sozinha, sentada numa pedra, de frente para o mar, de costas para quem acessa essa imagem.

¹¹⁶ Pesquisar no perfil <https://www.facebook.com/luiza.coelhoteixeirabarbosa>.

2) Eduarda

Do gênero feminino, tem ensino médio completo. Tem 24 anos. É solteira. Recebe auxílio/benefício governamental. Não possui cargo eletivo na atual administração da Asugov.

Tem sua página no Facebook¹¹⁷ desde setembro de 2011. Nesta faz constar o nome civil completo e uns dizeres atribuídos a William Shakespeare. De forma pública, deixa algumas informações a seu respeito, como profissão de cabeleireira desde 2013, informações educacionais, lugares onde morou, contato através do Instagram, relacionamento e, em detalhes, reforça citações bíblicas. Possui 200 amigos associados em sua rede.

Atualmente, apresenta uma foto de perfil ao lado de uma pessoa e relata em sua apresentação estar em um relacionamento sério. A foto não sugere o uso do recurso filtro. A anterior foto de capa espelhava uma imagem de fundo em cor lilás com degradê púrpura e roxo, estilo nuvens¹¹⁸ com a escrita em letras garrafais ELE ESTÁ VIVO. Atualmente a foto de capa é inexistente (espaço clean). E os dizeres bíblicos *‘A resposta sincera é sinal de uma amizade verdadeira. Provérbios 24:26’* consta logo abaixo do nome de Eduarda.

3) Lucio

Do gênero masculino, tem ensino médio incompleto. Tem 20 anos. É solteiro, trabalha com o pai em uma oficina mecânica, recebendo em torno de 01 salário-mínimo. Tem sua página no Facebook¹¹⁹ desde 2013. Possui mais de 700 amigos associados em sua rede. Nesta faz constar o nome civil incompleto e deixa público informações educacionais e lugares onde morou. Não informa contato, relacionamento, nem membros de sua família. Apresenta como foto de perfil uma na qual faz uso do recurso filtro para com a cor dos olhos. Como foto de capa, uma imagem de fundo de uma moto esportiva atual, potente do tipo de corrida.

Em uma primeira observação, faço referência às escolhas das imagens nas fotos e capas dos perfis. De alguma forma elas correspondem a dados identificatórios dos participantes, que ajudam a constituir sua identidade virtual. É possível pensar que os sujeitos surdos, ao escolherem as imagens que compõem sua representação em suas páginas, oferecem indícios acerca de seus gostos, valores e preferências, deixando nas ‘entrelinhas’, significantes atrelados à vida real dos mesmos. Os três participantes da pesquisa se identificam com seus verdadeiros nomes, incluem fotos pessoais, com uso do filtro em algumas dessas imagens.

¹¹⁷ Pesquisar no perfil <https://www.facebook.com/paulinhamaria17>.

¹¹⁸ Do tipo altocumulus, i. e., chuvas médias, de aspecto fibroso e difuso, com coloração mais cinzenta e quando aparecem, podem indicar trovoadas.

¹¹⁹ Pesquisar no perfil <https://www.facebook.com/luizcarlos.amorim.3158>.

Muito antes do aparecimento da comunicação *online*, Erving Goffman (1988) escrevia sobre a apresentação do “eu” enquanto representação, consciência de uma identidade múltipla, composta ou flexível. Atualmente, esta apresentação do ‘eu’ tem nos ambientes digitais um cenário privilegiado.

Desta forma, considero que os sujeitos surdos observados procuram individualizar-se, pela diferença ou pela semelhança, em relação aos restantes amigos associados participantes, conviventes em um mundo hegemônico ouvinte. A plataforma oferece recursos para alcançar esse fim (arquiteturas de espaço, adereços, cores, funções), com maiores ou menores possibilidades para a apresentação do “eu”. Sinalizo nesses usos de recursos um primeiro exercício de sociabilidade edificado nessa apropriação recursal, na apresentação visual do ‘eu’ ou aparição, conforme Luz (2013) reflete em seu livro “Cenas Surdas: os surdos terão lugar no coração do mundo?”.

Um lugar no mundo exige ainda um pensar sobre essa construção da página pessoal desses participantes na rede social Facebook, a que se pode chamar de adequação “do produto ao consumidor”. Dito de outra maneira, as expressões/fotos representativas que os sujeitos surdos observados postaram em suas páginas pessoais com vistas a seus afins, demais associados, são critérios que os identificam segundo ideais, valores e normas vigentes, instituídas e difundidas coletivamente, portanto, socialmente desejadas e/ou repudiadas. Aqui vale a pena dialogar com Morin (2003), acerca desta questão, considerando seu conceito de autonomia como auto-organização, através do qual se infere que o sujeito é autônomo, mas em rede não tem liberdade absoluta, emancipada de qualquer dependência:

[...] uma autonomia que depende de seu meio ambiente, seja ele biológico, social ou cultural. Assim um ser vivo, para salvaguardar sua autonomia, trabalha, despende energia, e deve obviamente, abastecer-se de energia em seu meio, do qual depende. Quanto a nós, seres culturais e sociais, só podemos ser autônomos a partir de uma dependência original em relação à cultura, em relação a uma língua, em relação a um saber. A autonomia não é possível em termos absolutos, mas em termos relacionais e relativos (MORIN, 2003, p. 118).

Para além dessas observações imagéticas, o Quadro 12 a seguir sintetiza outros aspectos (simetrias) relativos ao perfil Asugov e dos perfis dos sujeitos surdos.

Quadro 12 - Dados comparativos perfil Asugov X perfis dos sujeitos

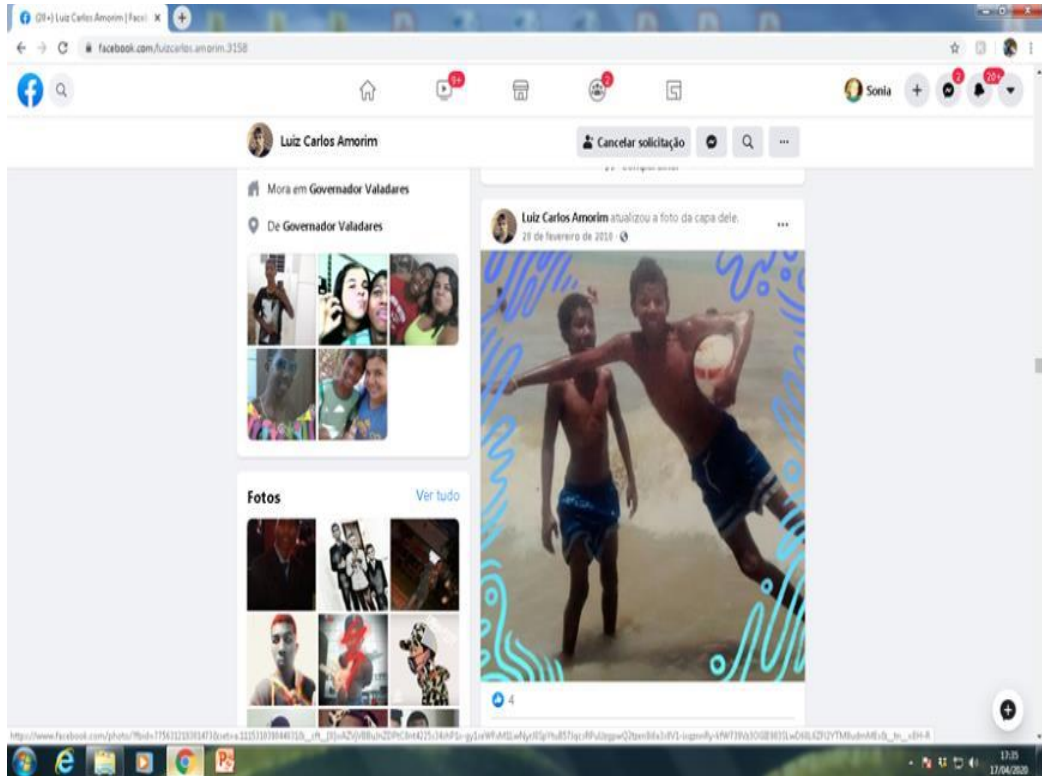
Perfis	Nº amigos Facebook	Relacionamentos com os demais	Critérios para adição de novos amigos
Asugov	3000	Carla, Eduarda, Lúcio	Não adota critérios
Carla	2000	Asugov, Eduarda e Lúcio	Preferência por conhecidos, mas busca pesquisar sobre a pessoa
Eduarda	200	Asugov, Carla e Lúcio	Preferência por conhecidos
Lúcio	700	Asugov, Carla e Eduarda	Preferência por conhecidos.

Fonte: Facebook Asugov e entrevistas – 2019

Os dados comparativos permitem constatar que os sujeitos participantes desta fase da pesquisa interagem uns com os outros. Carla, Eduarda e Lúcio adotam como critério para adição de novos amigos a preferência por conhecidos. Somente Carla relata que busca pesquisar sobre a pessoa solicitante para depois aceitá-lo na condição de novo amigo. Quanto à associação e seu perfil, entendemos que a não adoção de critérios para adição de novos amigos pode ser uma possibilidade de expansão e alcance dos sujeitos surdos para que venham transitar no espaço virtual e conseqüentemente no espaço físico também.

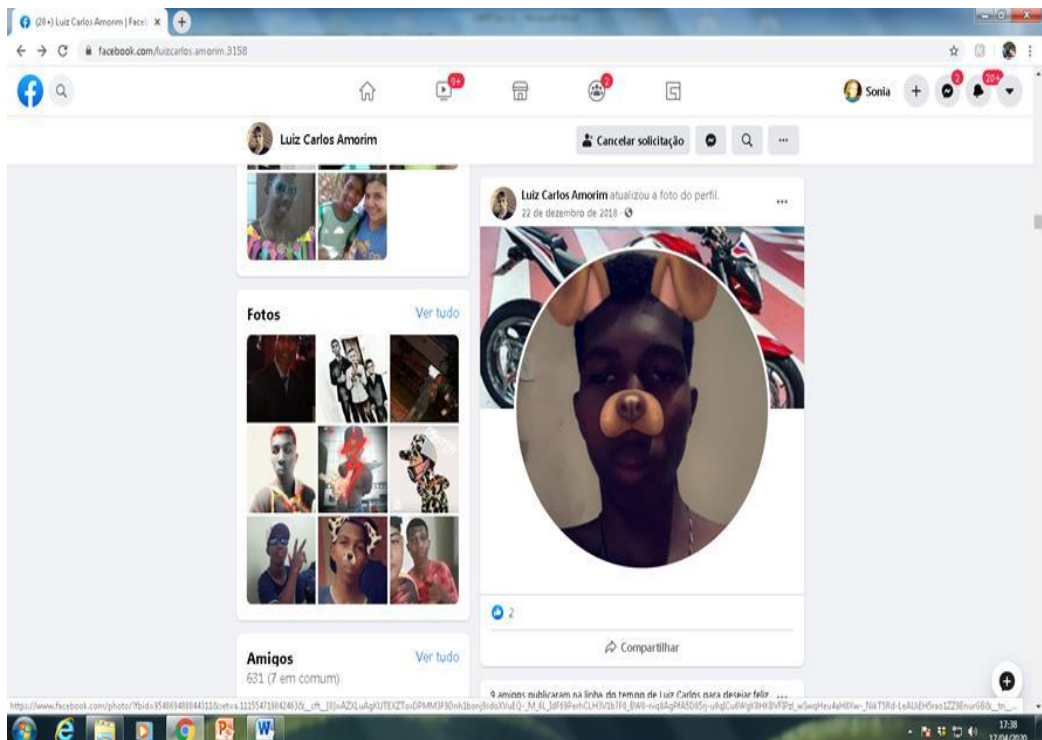
A observação das páginas pessoais aponta algumas proximidades em termos de práticas entre os participantes: todos estão ativos no Facebook, acessam a mídia social diariamente. Outra proximidade observada através dos relatos dos entrevistados diz respeito ao dispositivo utilizado para acesso à mídia social: o smartphone foi apontado por todos os participantes como o principal instrumento de acesso ao Facebook e a outros serviços e/ou aplicativos de comunicação, tais como Whatsapp, Messenger, Instagram e Snapchat. Nos perfis desses participantes, o uso dos recursos como filtro do Snapchat, edição de foto, vídeos, links e fotos tiveram ocorrência considerável. As Figuras 55 até 61 destacam estes usos de recursos.

Figura 55 – Uso do recurso edição de foto



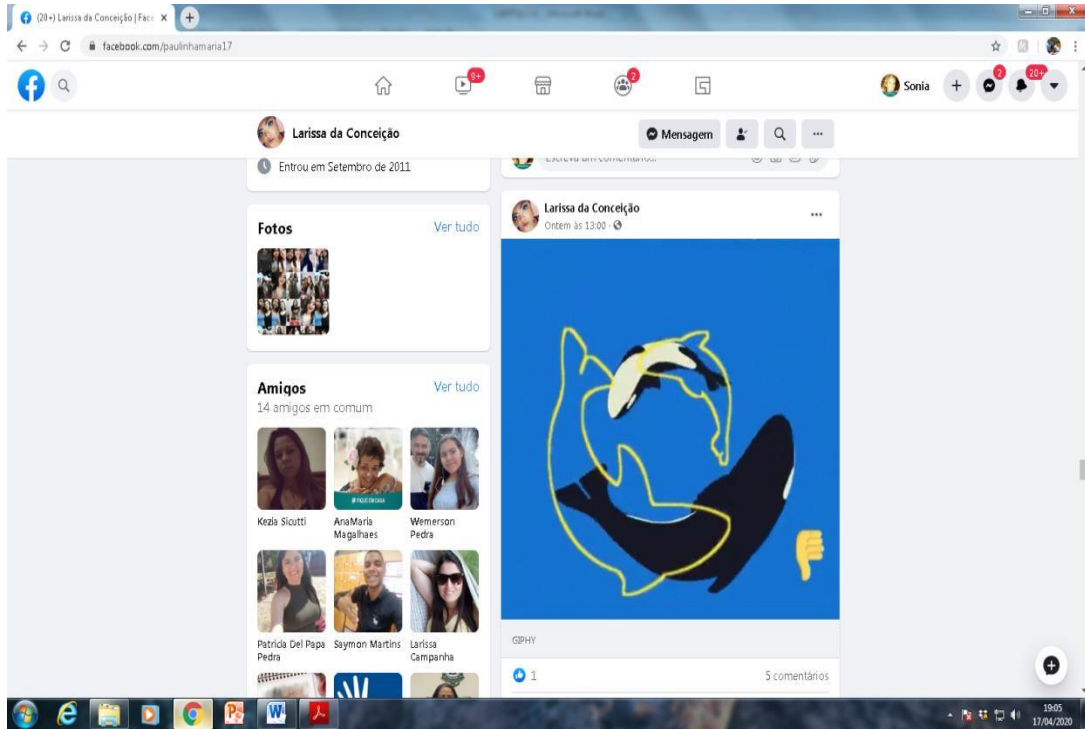
Fonte: Facebook – perfil Lúcio – 2018

Figura 56 – Uso do recurso Snapchat



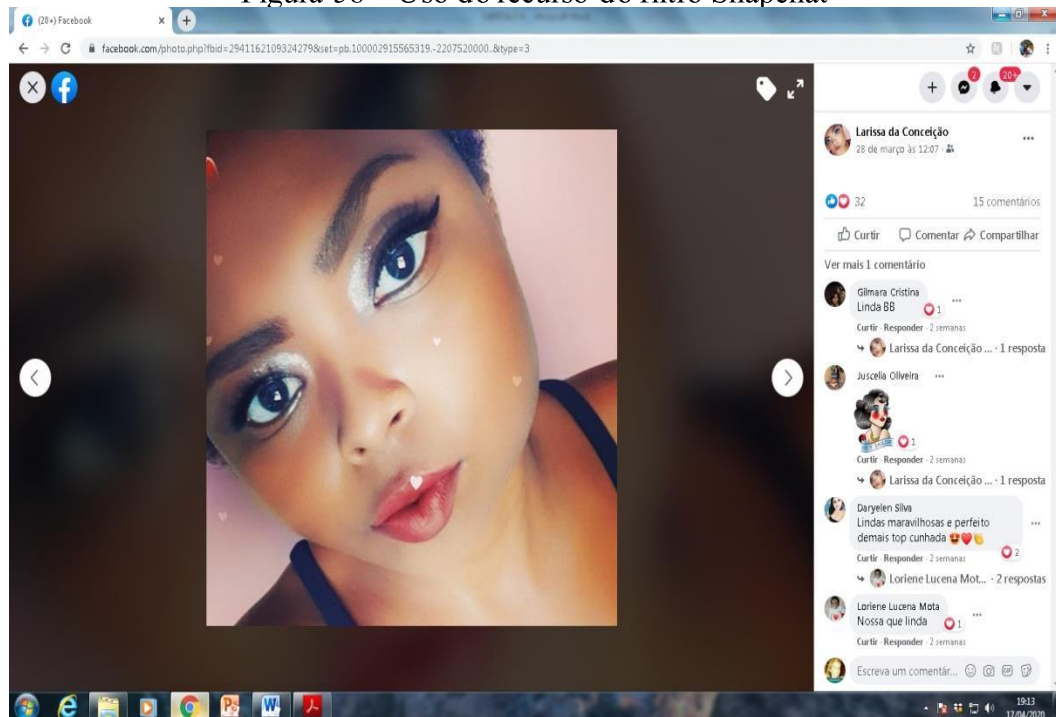
Fonte: Facebook – perfil Lúcio – 2019

Figura 57 – Uso do recurso gif



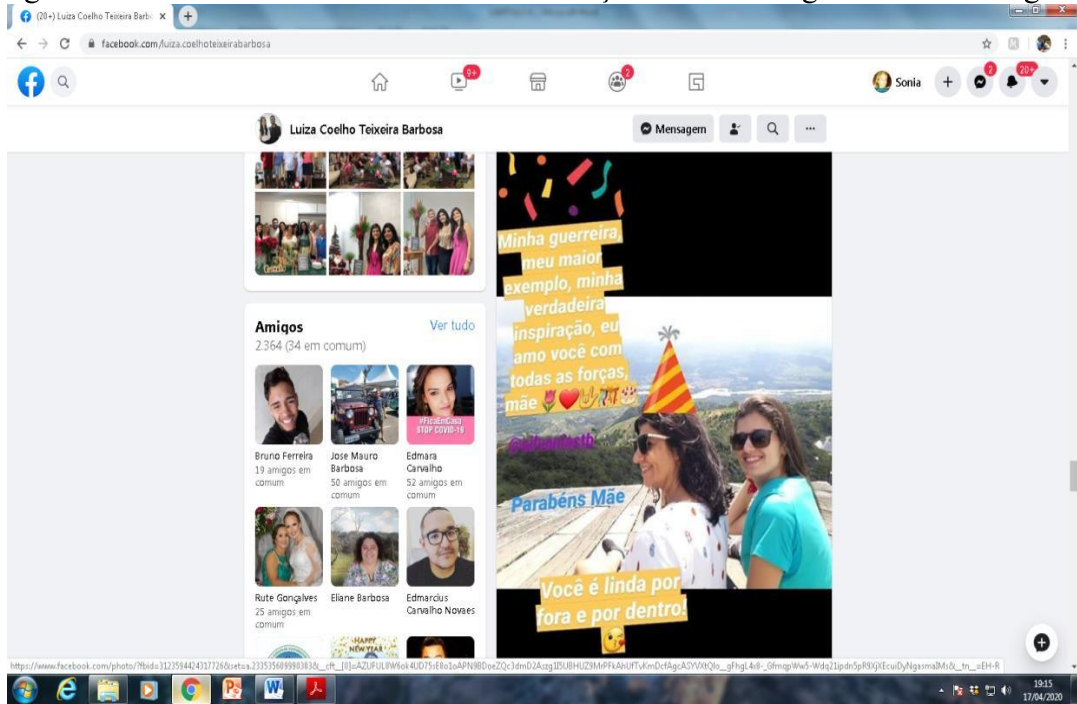
Fonte: Facebook – perfil Eduarda – 2020

Figura 58 – Uso do recurso do filtro Snapchat



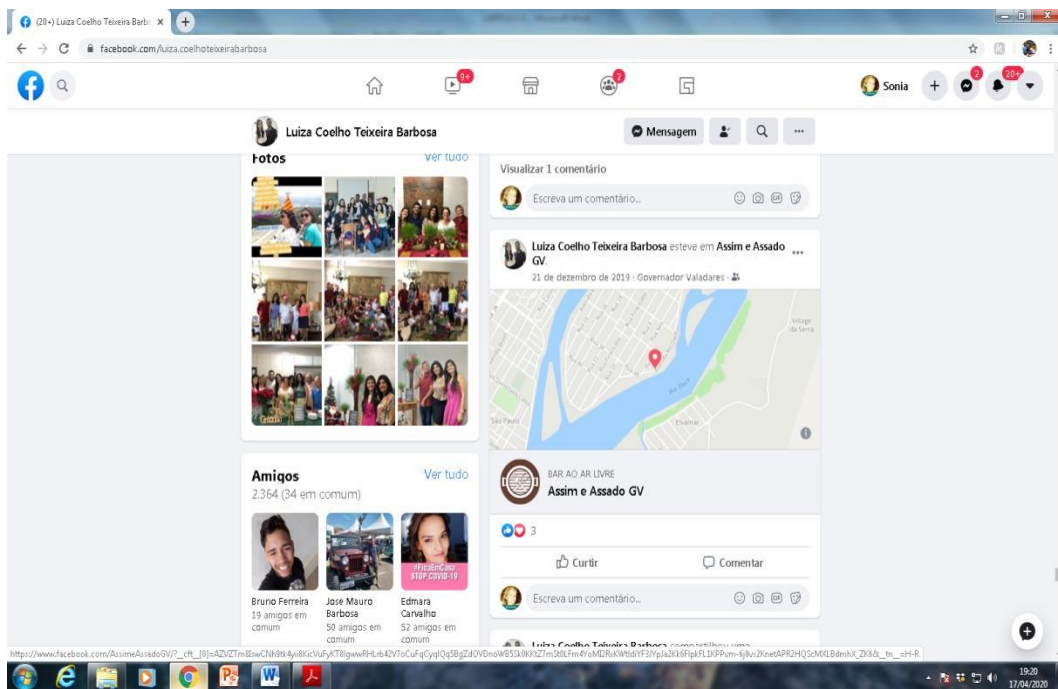
Fonte: Facebook – perfil Eduarda – 2020

Figura 59 – Uso do recurso edição de texto e figurinhas do Instagram

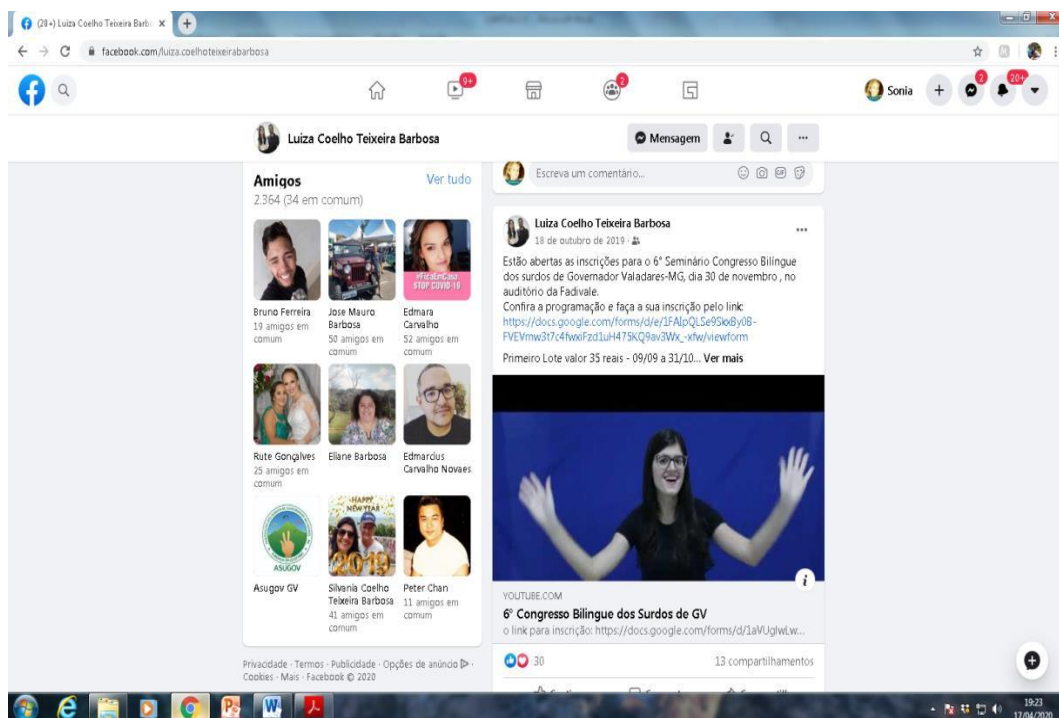


Fonte: Facebook – perfil Carla - 2020

Figura 60 – Uso do recurso localização do Facebook



Fonte: Facebook – perfil Carla – 2019

Figura 61 – Uso dos recursos vídeo e *link*

Fonte: Facebook – perfil Carla – 2019

É interessante perceber que Carla, Eduarda e Lúcio desenvolveram competências relativas ao uso do filtro Snapchat, do recurso de edição de fotos, localização, vídeo com link. Esses usos indicam que esse universo faz parte de suas realidades. São práticas que demonstram sua vinculação com elementos das culturas digitais, para tornar suas apresentações atrativas.

A partir dessas observações foi possível verificar ainda que a elaboração das informações de perfil nas páginas pessoais concretizou-se por meio da publicização de dados e de fotos, já que eles deixam em aberto a opção de privacidade em todos os perfis. As postagens em geral (descrições, relatos do dia a dia, comentários, links, citações, mensagens curtas, vídeos, fotos, entre outros) também se encontram desbloqueadas, permitindo o compartilhamento por quem quer que as acesse.

Um modo de uso comum, nos perfis observados, foi a constatação de que raramente uma postagem foi realizada no período sem o suporte visual. Por suporte visual me refiro a produções imagéticas realizadas pelo responsável do perfil, postagens de imagens existentes na rede ou na internet. Outro elemento comum nas interações é o uso dos recursos *emojis* e

gifs. Entendo que esse uso se tornou comum nas interações digitais no Facebook e, em conformidade com as entrevistas realizadas, é também uma forma a suprir o não domínio de conceitos e da gramática portuguesa.

Outro uso comum é relativo aos recursos ofertados *curtir, comentar e compartilhar*. São ações comunicacionais distintas e podem produzir consequências diversas. Para um melhor entendimento dialogo com Emediato (2015) e apresento definições sobre as opções *curtir, compartilhar e comentar*, as quais são pertinentes para tecer considerações no subitem seguinte sobre como estes usos estão atravessados por modelações do próprio Facebook. Assim, a ação do uso da opção *curtir*, pura e simples, pode ser entendida como uma resposta gestual, tratando-se de um sinal eletrônico que pode estar, ou não, precedido de aceitação sobre o que foi postado. A publicação pode ser entendida como resposta apreciativa, positiva ou negativa, de concordância ou discordância, um julgamento axiológico conforme o caso. *Compartilhar* é um recurso que permite amplificar a divulgação da publicação inicial. Recobre-se esse uso de uma adesão mais intensa, isto é, torna-se uma expressa concordância com a publicação, uma espécie de aderência à publicação e amplificação de sua divulgação. *Comentar*, além da exposição do pensamento, entendo ser também espaço comunicacional de exposição de comentários, opiniões, fatos de diversas naturezas (político, social, econômico, cultural, religioso, filosófico, antropológico, entre outros); de diversos materiais provenientes de outras fontes, sob a égide apenas da ética pessoal¹²⁰. Nesse sentido vale registrar o falso sentimento de poder que a rede social, via de regra, permite ao usuário usufruir: a liberdade de expressão com consequente direito a incivildades, e a possibilidade de apenas comentar em idiomas de audistas. (EMEDIATO, 2015).

No que se segue, busco demarcar nuances e singularidades observadas nos usos e apropriações realizados pelos sujeitos do Facebook em seus perfis. Sinalizo em uma primeira mirada que esses usos não se constituíram apenas como um recurso para o estabelecimento de novas amizades, e sim, para a manutenção das existentes, propiciando desta forma um espaço relacional para exposição de aspectos relativos às suas identidades e subjetividades.

Um sentido possível de se apontar em relação a estes usos foi manifestação de ideias, o que sentem, desejam, servindo-se desse ambiente para representarem-se como indivíduos únicos, plurais, em uma sociedade conectada, revelando-se como vitrines de produtos e produtores que transformam e são transformados na medida em que compartilham, postam e

¹²⁰ Ainda existe pouca regulamentação jurídica nesse sentido.

relevam seus gostos, preferências, culturas, ideologias, filosofias de vida, as quais são transmitidas e fluem entre as interações na mídia social (EMEDIATO, 2015).

Contudo, pode-se observar que as redes sociais da Carla, Eduarda e do Lúcio tem seus contatos majoritariamente constituídos por pessoas as quais já se conhecem, às vezes anteriores ao Facebook, às vezes não. Aponta-se assim que, embora a plataforma propicie uma ampla rede de contatos, a tendência desses sujeitos é limitar os vínculos relacionais com algumas, e não com todas as pessoas que conhecem. Assim, a modelação de oferta de amizades pela plataforma do Facebook parece que, em relação aos perfis observados, exerce pouca influência. O contrário ocorre no perfil Asugov. Talvez por ser entidade jurídica e por apresentar um atravessamento entre as identidades associação, presidente e pessoa responsável por alimentar o perfil. O perfil associa qualquer um que requisite fazer parte de sua rede ou que seja ofertado pela plataforma. Desta forma, a modelagem algorítmica do Facebook para o perfil Asugov é fator de considerável influência.

A seguir apresento um Quadro 13 que sistematiza os temas que agrupam as postagens realizadas por Carla, Eduarda e Lúcio em seus perfis particulares.

Quadro 13 - Categorias de análise

Temas	Definição
Amizade	Envolvem questões relacionadas a momentos familiares, amigos, com animais (pets).
Pessoa	Corresponde a postagens sobre a pessoa do postante (identidade), aniversário, e participação na pastoral dos surdos.
Política	Incluem questões relacionadas a políticos; assembleias da associação; reivindicações; questões de direito (inclusive os educacionais).
Lazer/esporte	Correspondem a postagens de figuras simbólicas representativas de momento de lazer, jogos (presenciais, <i>online</i>), campeonatos diversos.
Alimentação	Abrangem postagens cujos assuntos giram em torno do alimento <i>in natura</i> , em cocção, e mensagens conexas à nutrição.
Violência	Refere-se às postagens que apresentam cenas de violência (com humanos e/ou com animais).

Fonte: Elaboração da autora a partir dos dados coletados no Facebook – 2018/2020

6.2.1 Observações sobre usos e apropriações dos sujeitos entrevistados Carla, Eduarda e Lúcio na página da Asugov e em seus perfis

As postagens observadas correspondem ao mesmo período de tempo recortado para a análise das postagens da página da Asugov (julho de 2018 a julho de 2020).

a) Perfil Carla e postagens

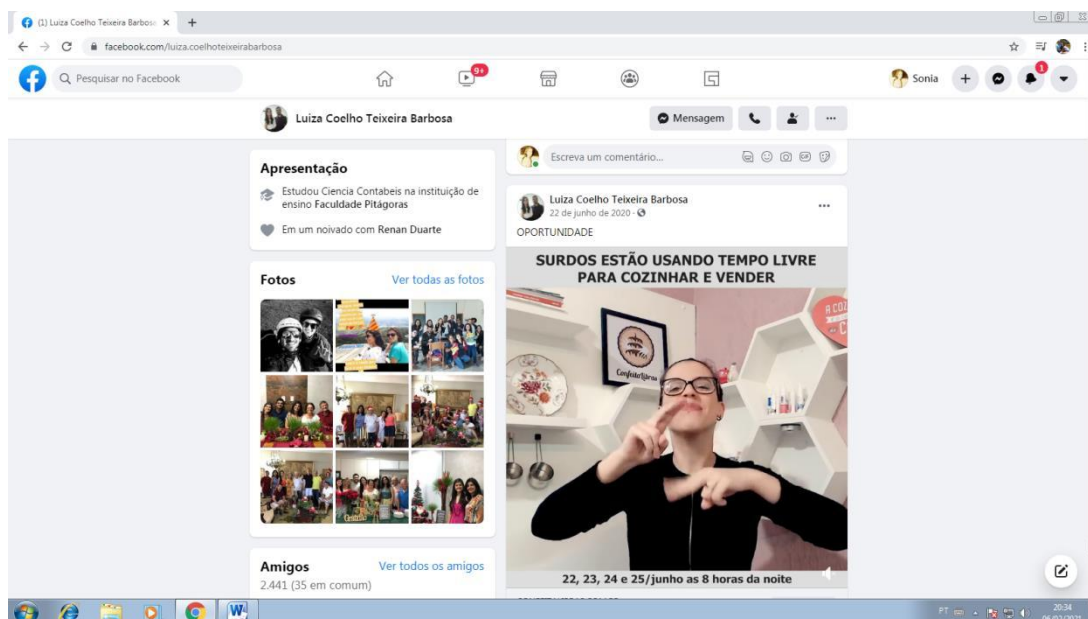
Carla mantém as mesmas fotos de capa e de perfil¹²¹. Na aba existente na plataforma do Facebook denominada apresentação, Carla registra estar ‘*em um noivado com R. D.*’ A partir deste registro, percebi que as postagens mais recentes realizadas por Carla (último semestre de 2020 e primeiro semestre 2021), em sua maioria, retratavam o assunto do noivado (festa do noivado, passeios com o noivo). Com vida ativa na rede social Facebook, Carla mescla postagens alcançando quase todas as categorias previamente definidas, de forma equânime.

Com uso do recurso comunicacional vídeo, Carla realizou postagens sobre a temática *Alimentação*. Os vídeos apresentam, em sua maioria, receita legendada, com áudios de música instrumental. Considerando que os progenitores de Carla são surdos, e a maioria de seus familiares são ouvintes, a escolha e uso do recurso comunicacional vídeo foi compreendida no intuito de ser o mesmo um recurso pedagógico visual mais atraente e efetivo para as pessoas surdas, alcançando os ouvintes também.

Em todas essas postagens ocorreram manifestações de curtidas indicando a aceitação do que foi postado; comentários em sua maioria com o uso do recurso *emoji* e *gifs* de forma a reforçar a aceitação do conteúdo postado (receitas de produção de alimentos diversos), e poucos compartilhamentos. A postagem de um vídeo com o assunto sobre cozinhar e vender, especificamente para os sujeitos surdos chamou-me a atenção, conforme Figura 62.

Figura 62 – Vídeo empreendedorismo para surdos

¹²¹ Desde 10 de setembro de 2018.



Fonte: Facebook perfil Carla (22 de julho de 2020)

Trata-se de um vídeo precedido por uma expressão em letras garrafais OPORTUNIDADE, ofertada por Carla. Na tela constante no vídeo também se encontra a assertiva em destaque: SURDOS ESTÃO USANDO TEMPO LIVRE PARA COZINHAR E VENDER. O vídeo foi produzido por ‘confeitilibras.com.br’¹²², e tem como temática doces e salgados para festa junina. Na barra da postagem/imagem, no ícone saiba mais, ao clicar o amigo associado é redirecionado a uma tela ‘Boleiro surdo 3K’. Nesta, além de informar que o curso era grátis, mantinha uma tarja em destaque com os dizeres: ‘Quero ganhar dinheiros com bolos’. Entendemos a postagem realizada por Carla como um convite para a comunidade surda como oportunidade de empreendedorismo. As manifestações nessa postagem, são de poucas curtidas (*emojis*) mas presumo que as visualizações podem ter sido quantitativamente mais expressivas.

Afastadas as questões positivas e negativas inerentes a todo e qualquer empreendedorismo¹²³, entendo a postagem como oferta informacional de possível caminho a ser percorrido para mudanças de paradigmas como possibilidades e formas de exercer a

¹²² No perfil Confeita Libras, na aba ver todos os vídeos, constatamos número considerável de visualizações dos vídeos produzidos em <https://www.facebook.com/confeitilibras/videos>.

¹²³ Através da postagem percebo que o empreendedorismo para os sujeitos surdos surge como uma ferramenta a possibilitar geração de rendas, a possibilitar criação de empregos entre os sujeitos pertencentes a cultura surda. Sabe-se que um empreendedor deve atender a algumas competências: ser um indivíduo com conhecimento explícito, ter habilidade e experiência naquilo que se propõe a realizar, ter percepção individual e crítica da situação e, sabere entender a rede em que está inserido.

cidadania (comunicativa) em plenitude para com a dignidade humana (GARCÍA CANCLINI, 2001).

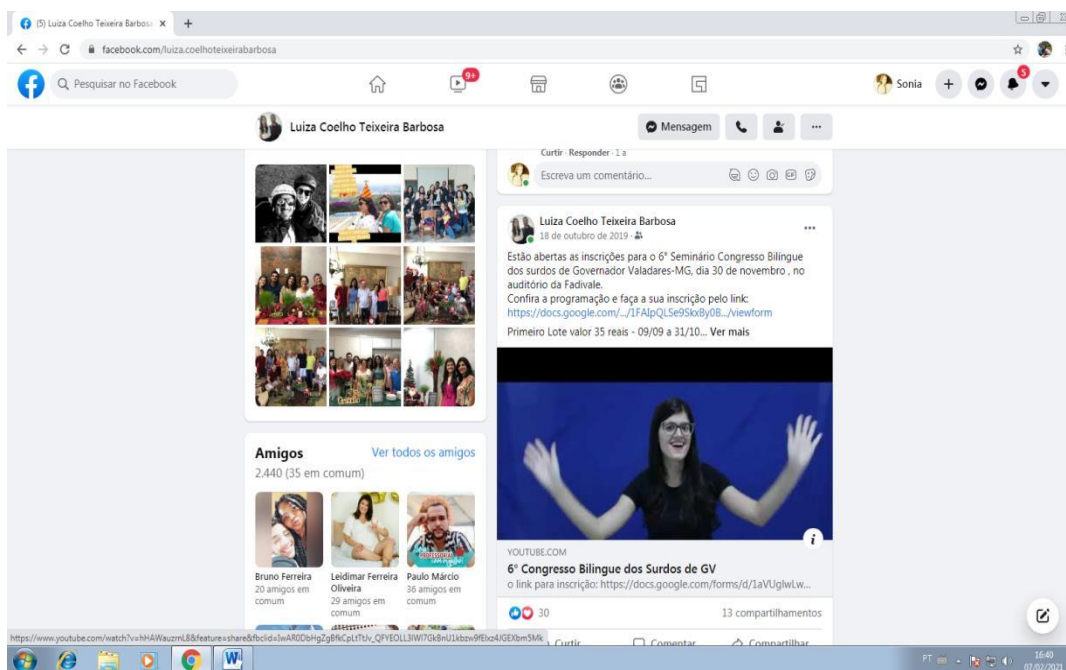
Através do uso do recurso comunicacional imagens, Carla realizou postagens relativas ao tema *'amizade'* também de maneira expressiva incluindo fotos familiares (momentos diversos); diversos passeios com amigos; momentos Asugov; congressos e comemorações diversas. Os temas *'pessoa'* e *'lazer/esporte'* se deixam registrar em pouquíssimas ocorrências. Foram imagens fotográficas de comemorações de aniversário; de participação na pastoral do surdo na Igreja Católica Nossa Senhora de Lurdes e fotos individuais de Carla. Para a categoria *'violência'* não foi identificada postagem alguma durante o período estabelecido.

Em relação ao tema *'política'* selecionei uma postagem por imagem, sobre chamada para o 6º Seminário Congresso Bilingue Regional no auditório da Fadivale (Faculdade de Direito do Vale do Rio Doce). A postagem oferecia link para conferir a programação e realização da inscrição (link: <https://docs.google.com/.../1FAIpQLSe9SkxBy0B.../viewform>). Este vídeo recebeu 30 curtidas.

Conforme Recuero (2014) essas manifestações por curtidas podem ser vistas como uma forma de apoio e visibilidade, no sentido de mostrar para a rede que se está ali. No registro das curtidas, localizei o nome do perfil da Eduarda. Não existem manifestações de Lúcio e nem da Asugov. Contudo, registra-se o nome da presidente da Asugov praticamente em todas as postagens realizadas por Carla. Nesta também não foi diferente. O nome da Ivana se fez constar. Vale lembrar ao leitor que a confusão que assim aparece, entre as pessoas associação/presidente, associação/administradora do perfil Asugov, me leva a considerar a manifestação de curtida da Ivana como se o perfil Asugov fosse. Nenhum comentário foi registrado. Nesse sentido tomo emprestado e trago ao diálogo os ensinamentos de Raquel Recuero: *“O botão “curtir” parece ser percebido como uma forma de tomar parte na conversação sem precisar elaborar uma resposta”*. (2014, P.119).

Ocorreram 13 compartilhamentos. Verifiquei os compartilhamentos deixados como públicos. A entrevistada Fabíola consta na lista dos compartilhamentos de vídeos. Reproduzi na Figura 63, por *print screen*, a imagem da postagem:

Figura 63 – Chamada 6º Congresso Bilingue Regional



Fonte: Facebook perfil Carla (18 de outubro de 2019)

O perfil Asugov vinculou diversas postagens no perfil da Carla. Contudo, em seu perfil, Carla não compartilhou nenhuma postagem realizada pela Asugov em seu perfil.

Mídias sociais como o Facebook possibilitam, além de obter informações, ações para alcance de um objetivo político específico, como no caso da postagem analisada, a qual objetiva especificamente a implantação de escolas bilíngues para crianças surdas.

Nessa interatividade, a postagem realizada por Carla explora a mediação informacional cívica provocando no amigo associado que acessa o seu perfil, que expresse seu interesse em estabelecer diálogo, como se fosse uma espécie de perpasso no dia a dia dos cidadãos associados em rede, em suas relações sociais digitais e que fazem parte do cenário de discussões políticas, mais especificamente do repertório de conversação cotidiana política dos indivíduos. (ROSSETTO, CARREIRO, REIS, 2015, p.2).

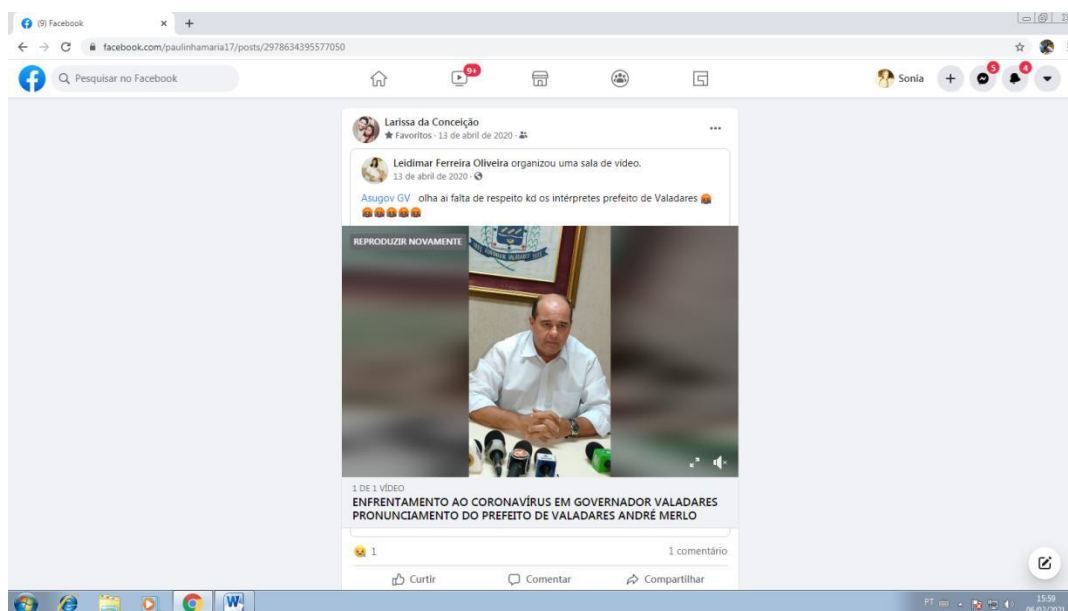
b) Perfil Eduarda e postagens

As postagens realizadas por Eduarda podem ser definidas como ecléticas, pois se constroem por estilos diversos, abrangem assuntos variados e são quantitativamente expressivas. Eduarda realiza, em média, de 20 a 40 postagens por dia e nessas recebe pouca ou nenhuma manifestação de amigos. As categorias **‘Violência’**, **‘Amizade’** e **‘Alimentação’** foram as mais postadas com o uso, quase que exclusivo, do recurso comunicacional vídeo.

Sobre o tema ‘**violência**’ ela realizou postagens sobre roubos de carro, violência doméstica, traição entre conviventes, discriminações sociais, preconceitos raciais, maus tratos a animais. Esses vídeos, em sua maioria, eram audíveis, e, às vezes apresentavam legendas. Em nenhuma dessas postagens pude constatar a presença, na barra do vídeo, da janela com intérprete. Em relação ao tema ‘**alimentação**’ identifiquei nas postagens realizadas por imagens ou por vídeos referências somente a alimentos calóricos. Nesses constata-se nenhuma ou pouca manifestação de curtidas, comentários e compartilhamentos. Na categoria ‘**amizade**’, nos *posts* por imagens e vídeos, cenas de considerações afetivas com os animais foram observadas. Também receberam pouca manifestação de curtidas. Comentários são inexistentes e compartilhamentos também.

Em relação ao tema ‘**política**’, Eduarda realizou uma única postagem onde chama a atenção da associação (Asugov) para a ausência do intérprete em uma postagem de um vídeo o qual considerei de utilidade pública. Neste vídeo, o Prefeito de Governador Valadares, Sr. André Merlo, fala para a população sobre o enfrentamento ao Corona vírus, sem a presença do intérprete em Libras, o que hoje em dia é inadmissível. Reproduzo a seguir na Figura 64, por *print screen*, imagem do vídeo onde o leitor pode observar a nítida ausência da janela com intérprete.

Figura 64 – Vídeo enfrentamento Coronavírus



Fonte: Facebook Asugov – 13 de abril de 2020

Este *post* recebeu apenas uma curtida através da imagem do *emoji* ‘triste’ e um único comentário da amiga associada L. F. O.: “Sou surda, Libras na TV, Minas Gerais, eu apoio”. Em setembro de 2020, Priscilla Gaspar, secretária nacional dos Direitos da Pessoa com

Deficiência, em entrevista à Agência Brasil, declarou que a pandemia de covid-19 elevou e expôs as vulnerabilidades que os surdos enfrentam: “Antes, os surdos já enfrentavam dificuldades mesmo cobrando nas esferas municipal, estadual ou federal a atenção em relação às políticas públicas. Nós levamos um susto e vimos mais ainda as necessidades dessas pessoas” (GASPAR 2020 apud PEDROSA e FERREIRA, 2020, s/p). Expressamente o artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil preceitua que o acesso à informação é um direito fundamental de todos (Art. 5º- inciso XXXIII). Intimamente relacionado ao direito de informação e ao princípio da dignidade da pessoa humana, o acesso à informação atua positivamente especialmente em tempos pandêmicos, contribuindo para a realização de outros direitos, como no caso, o direito à saúde. A maior preocupação em relação aos sujeitos surdos é a falta de informação. Assim, a acessibilidade comunicacional é um aspecto chave para a constituição da cidadania dos sujeitos surdos. Desde janeiro de 2011 que foi instituída a obrigatoriedade de inclusão do tradutor intérprete em repartições públicas.

Segundo o site do Observatório da Imprensa¹²⁴, no Brasil existe cerca de seis milhões de pessoas com problemas relacionados à surdez (LAGE, 2007). Dessas, cerca de 170 mil se declararam surdas e apenas 15% são capazes de entender a língua portuguesa. A porcentagem dos 15% dos sujeitos surdos que são capazes de entender a língua portuguesa, representa a minoria que consegue captar as notícias jornalísticas divulgadas pela mídia. A maioria, por não ser oralizada, fica excluída do mundo da informação. Dilema perverso perpassado por questões comunicacionais, informacionais, políticas sociais e culturais.

Para buscar vinculações do perfil de Eduarda com perfil Asugov, ou seja, se existe postagens advindas do perfil Asugov e que são compartilhadas por Eduarda, recorri ao recurso existente na plataforma ‘pesquisar perfil’, e o alimentei com o nome Asugov. Obtive dois indicativos de vínculos com o nome de Eduarda. O primeiro referia a uma postagem realizada pelo perfil Asugov onde fez constar em uma imagem relativa à convocação para participar do encontro com a candidata à deputada estadual Mara Telles, na Asugov. Nesta postagem, o perfil Asugov usou do recurso marcação para dar destaque ao perfil da Eduarda entre outros, conforme destacado no Figura 65.

¹²⁴ ISSN 1519-7670 - Ano 21 - nº 1123.

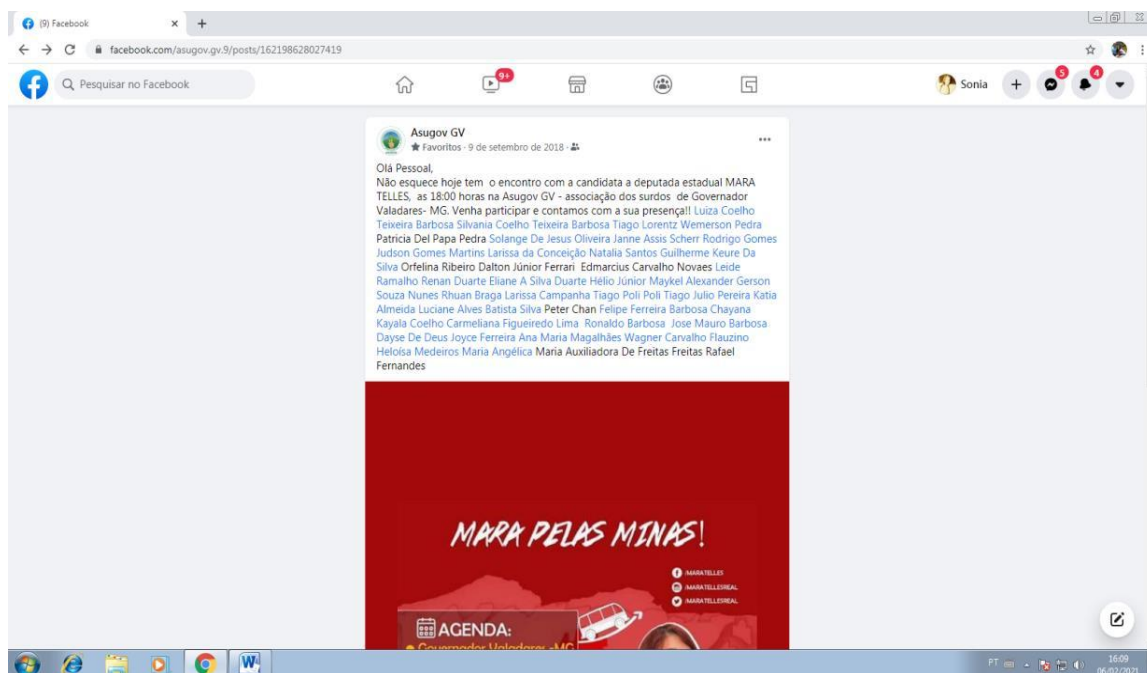


Figura 65 – Uso do recurso marcação perfil Asugov I

Fonte: Facebook, 09 de setembro de 2018.

O segundo vínculo apareceu na postagem sobre a oferta do Curso Básico de Libras, através do uso do recurso marcação pelo perfil Asugov para dar destaque ao perfil da Eduarda, entre outros, conforme Figura 66.

Figura 66 – Uso do recurso marcação perfil Asugov II



Fonte: Facebook, 18 de janeiro de 2019

c) *Perfil Lúcio e postagens*

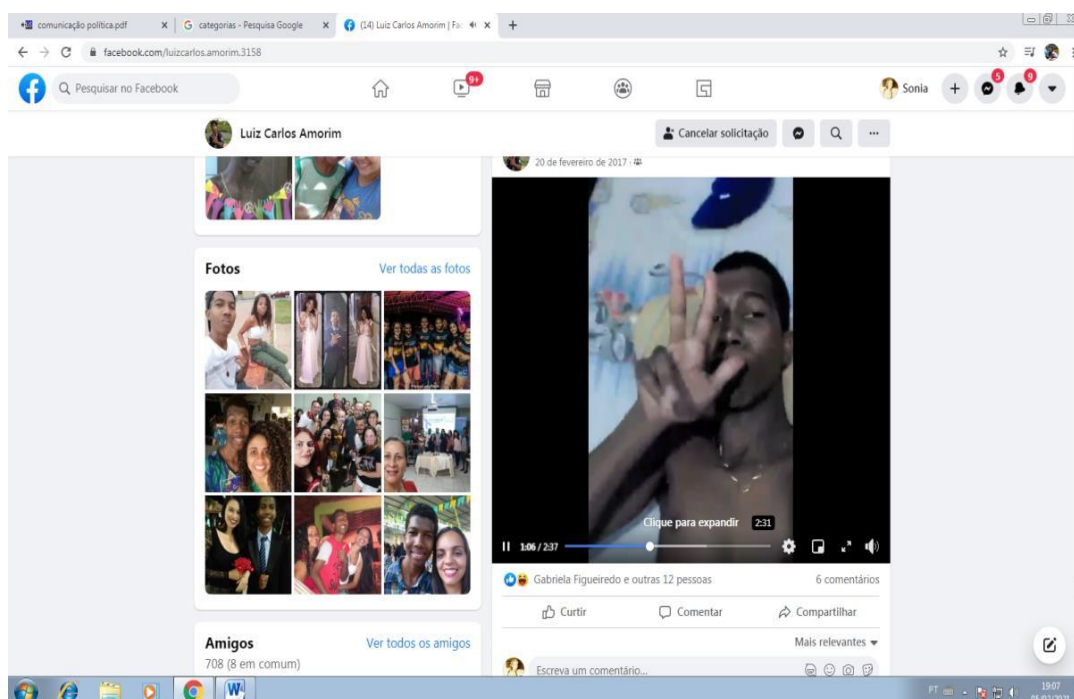
As postagens realizadas por Lúcio, preferencialmente, foram com uso do recurso comunicacional imagens e vídeos.

Em relação ao tema '*Pessoa*', as imagens fotográficas relativas à visualidade corporal do Lúcio foram as que mais se destacaram. Essas estão a indicar uma relação de existência/aparição do 'eu', do perfil postante. Destacam-se o uso de recursos filtro e edição de fotos. As atualizações da foto da capa, em momentos diversos, incluíram estampas de carros, caminhões e motos possantes. As atualizações da foto de perfil apresentam ao fundo imagens de motos modernas. Em sobreposição a essas a imagens aparece a imagem de Lúcio. Produções imagéticas (fotos) as quais reproduzem momentos de comemoração de aniversário do Lúcio, e momento de participação na Pastoral dos surdos também foram registradas. Via de regra as manifestações a estes posts foram por *emojis*.

Quanto aos vídeos relativos ao tema '*Pessoa*', constatei a postagem de um vídeo com maior número de curtidas e comentários, realizado com a câmera na forma frontal, à época por transmissão ao vivo, onde Lúcio promovia uma espécie de monólogo com mensagens avulsas, uma apresentação de si mesmo. Neste vídeo, Lúcio aparece realizando gestualidades diversas. Essas ora correspondiam em Libras à expressão surdo, eu te amo; ora eram

gestualidades comuns a surdos e ouvintes correspondentes a expressão paz e amor; mandar beijos; exposição da língua a dizer ‘zoação/felicidade’ por estar vivendo aquele momento. Em todas as gestualidades, a expressão facial do Lucio correspondia à expressão gestualizada. Era um vídeo do tipo amador, sem áudio, sem legendas. Esse vídeo recebeu 15 curtidas, 06 comentários e nenhum compartilhamento. A Figura 67 destaca o vídeo citado.

Figura 67 – Vídeo temática *Pessoa* perfil Lúcio



Fonte: Facebook – 2019

Outro tema que destacou nas postagens do perfil do Lúcio foi a nominada *‘amizade’*. Essas foram produções imagéticas (fotos) relativas a cenas de amizade tanto com pessoas como com animais. Essas imagens foram dispostas em forma de álbuns, e, todos os álbuns de fotos foram intitulados. A postagem do uso do recurso comunicacional vídeo nesta temática apresenta a interação de dinâmica de exercícios físicos entre um cachorro e um humano. Vídeo sem áudio, sem legendas, sem janela com tradutor.

Sobre a categoria *‘lazer/esportes’* as postagens foram realizadas por vídeo, cujo assuntos são futebol e corrida de carros com controle remoto. Nesta temática Lúcio ofereceu em postagem por texto os dizeres a respeito de jogos interativos *online*: IGN Brasil – site: media.giphy.com.

As categorias *Política, Violência e Religiosidades* não foram identificadas entre as postagens realizadas. Ao recurso de busca ‘pesquisar perfil’ não encontramos nenhuma forma de manifestação participativa da Asugov, do perfil Carla e do perfil Eduarda.

Como relatado na entrevista do Lúcio e verificado no perfil Asugov não existe postagem e participação (curtir, comentar, compartilhar) realizadas por Lucio no perfil Asugov. Mesmo assim, realizei buscas, mas não encontrei nenhuma. De fato, não existi o vínculo de amizade virtual entre Lúcio e Asugov mesmo sendo ele um membro da Associação. O uso nas interações comunicativas em comum aos 03 perfis foram imagens *emojis* e *gifs* (animados ou não). Esses usos nas interações digitais no Facebook estão a suprir o não domínio da gramática portuguesa pelos sujeitos surdos observados. Vale observar que desde 2004 essas imagens vêm sendo liberadas à hospedagem no Facebook, e os 03 perfis possuem conta em data posterior a essa liberação, o que implica também, de certa forma, um considerável uso.

O uso nas interações comunicativas em relação aos 03 perfis e o perfil Asugov diferenciaram-se nas temáticas datas comemorativas, religiosidades, saúde e alimentação. Similares são os usos correspondentes às temáticas amizade/relações afetivas, pessoa/identidade, política, lazer/esportes/jogos, violência. Os perfis analisados indicam usos mais vinculados à representação de si, vínculos afetivos e interesses pessoais. A presença de temas e demandas da comunidade surda são menos presentes nestes perfis (independentemente de ser ou não advindos de postagens do perfil Asugov). Percebo este fato a significar que estes sujeitos não entendem ser este um espaço para falar dessas demandas, espaço possível de atender diversas demandas, de participação cidadã.

Os temas ‘*amizade*’ e ‘*alimentação*’ e estão presentes nas publicações dos 03 perfis. Apenas no perfil da Eduarda foi possível localizar vínculos com o perfil Asugov. As práticas comunicacionais comuns aos perfis Asugov, perfil Carla, perfil Eduarda e perfil Lúcio circunscrevem-se ao tema ‘**política**’, nos assuntos referentes a questões de direitos. Essas existentes em uma sociedade hegemonicamente audista, se manifestam-se em diversos problemas de acessibilidade comunicacional e atitudinal.

Como se pode constatar, a conectividade entre os perfis da Asugov e pessoais deixa a desejar. Nesta análise penso conectividade como sinônimo de compartilhamento de informações, porque curtidas e comentários, mesmo que poucos, existiram. Compartilhar como forma de alcance de outros sujeitos surdos (ouvintes inclusos também). Esta possibilidade é pouco explorada pelo perfil Asugov, pelos entrevistados, pelas pessoas da cultura surda pesquisadas. Enquanto todos os observados compartilham informações de

outros perfis, sites, *links* e não compartilharam postagens realizadas pelo perfil Asugov, penso existir um descompasso entre essas interatividades.

Nesse sentido, penso que um ponto frágil reside no próprio perfil e sua administração. Uma melhoria em termos de produção das postagens é necessária e premente. A consequência pode ser o alcance de outros sujeitos surdos através do exercício informacional contido no conteúdo postado. A distribuição comunicativa de postagens diversas realizadas pelo perfil da Asugov é uma forma que buscou promover acessibilidade comunicacional, contudo considero o espaço de comentários um fator limitador às interações e debates. Talvez o Facebook não tenha a melhor arquitetura para mobilizar o público interno da associação, pois não oferece muito para além da lógica audista. Neste sentido resta um questionamento para futuras respostas: podemos considerar o Facebook uma plataforma comunicacionalmente acessível, se restringe comunicação e interação entre pessoas no idioma Libras na seção dos comentários?

REFLEXÕES FINAIS

O Doutorado foi um tempo que ficará na minha memória, emoldurado por quatro anos de estudos, de pesquisa, de idas e vindas entre montanhas de Minas Gerais e campos gaúchos. Da mesma forma que Saggin (2020) expôs ao finalizar sua tese a sensação de incompletude que rondava os seus sentimentos, me fez ronda a necessidade de ouvir estrelas buscando completude em sensações:

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto ...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

(Olavo Bilac, Soneto XIII - Via Láctea, 1888)

Para construir essa última tarefa, escolhi estes versos pela qualidade poética da escuta a que o autor se propôs, que analogamente, se relaciona com a escuta¹²⁵ que tive de aprender e fazer, na tentativa de transpor meu lugar de ouvinte para buscar entender aspectos da cultura surda, a partir do seguinte questionamento: *Como os sujeitos surdos participam dos processos comunicacionais na Asugov e no Facebook (página da associação e perfis pessoais) e como estes processos se vinculam à construção da cidadania comunicativa destes sujeitos?*

Para encarar os desafios colocados por esta proposta investigativa, busquei cultivar uma sensibilidade para perceber o silêncio. Penso que isso me ajudou a me colocar nas conversas com pessoas pertencentes à cultura surda de forma mais sensível. Confesso que ainda preciso aprender mais. Amei cultivar, através dos meus olhos, a percepção dos gestos corporais, manuais, para delinear no meu pensamento uma identidade surda, para fazer acontecer essa pesquisa, vivendo um pouco a realidade da comunidade surda asugoviana,

¹²⁵ Ver Capítulo 2.

aprendendo com os sujeitos surdos sobre suas culturas e suas formas de comunicação, entre outros aspectos.

Ainda que o leitor possa considerar o tempo do escrito poético com o qual introduzo esta reflexão (século XIX) um pouco fora do tempo desta pesquisa, o alcance daquelas palavras e seu sentido perpassa o tempo. Posso afirmar que, muitas vezes, fui considerada *tresloucada* por pares que não conseguiam ver sentido em diálogos com pessoas surdas, pois consideravam¹²⁶ que o mundo do silêncio dos surdos não se conecta ao mundo ruidoso dos ouvintes. Parafraseando Belchior (Divina Comédia Humana; 1978): “[...] *ora direis, ouvir estrelas, certo perdeste o senso, eu vos direi, no entanto, enquanto houver espaço, corpo, tempo e algum modo de dizer não eu canto [...]*”, aqui encontro o meu modo de dizer não: elaborei esta tese.

Realizar um trabalho de pesquisa, em nível de doutoramento, é desafiar-se epistemologicamente, teoricamente, metodologicamente, empiricamente, entregando-se a um processo de construção, de aprendizados, por caminhos, trilhas, vestígios e provocações estimuladoras. A interrogação proposta objetivou investigar, na perspectiva de constituição de cidadania comunicativa, a participação dos sujeitos surdos nos processos comunicacionais da Asugov e na página dessa associação em inter-relação com seus perfis pessoais no Facebook. Alimentada por perspectivas como as de Gaston Bachelard (2006), Charles W. Mills (1975), Efendy Maldonado (2019), Jiani Bonin (2011), entre outras tantos interlocutores que contribuíram nesta viagem, teci um artesanato intelectual para realizar descobertas concretas, por caminhos e métodos diversos, flexibilizando e conectando diferentes pensamentos às minhas elaborações. Busquei, assim, construir um percurso de processualidades metodológicas flexíveis, na perspectiva transmetodológica, procurando atar questões comunicacionais presenciais e digitais, relacionando-as aos contextos socioculturais e às trajetórias dos sujeitos surdos.

Foi um caminhar processual de consideráveis amadurecimentos. Desde as primeiras tentativas de estabelecer contato com os sujeitos surdos, as dificuldades e possibilidades comunicacionais foram se descortinando, me levando ao contato com experiências diversas, enriquecedoras, desafiadoras no sentido de ser eu ouvinte, sem conhecimento da cultura surda e que se propunha a trabalhar com sujeitos surdos. Esse desafio me levou a considerar, para além da simples observação das postagens no Facebook, que existem sujeitos comunicantes,

¹²⁶ Algumas vezes, a percepção para com o outro ainda sinaliza para existência dessa possibilidade.

entre o ir e vir através de suas narrativas virtuais, nas marcas tatuadas nos usos e apropriações, nos enlaces entre vivências associativas e vivências virtuais.

O desafio me conduziu a buscar construir um percurso metodológico ‘mestiço’ (MALDONADO, 2019, p.207) buscando materializá-lo como um real transmetodológico comunicacional no tecido intersticial da tese (MALDONADO, 2019).

O trajeto da tese me permite ver que a inserção dos sujeitos surdos ocorre em meio a um contexto sociocultural, político, educacional, econômico e legal que marca suas condições concretas de existência. Um aspecto que marca tal inserção são as dificuldades desses sujeitos relativas à comunicação, as quais são majoradas pelas condições socioculturais em que estão inseridos. Além da dificuldade da oralidade, aprende-se Libras tardiamente, assim como a escrita. Tudo isso restringe as possibilidades comunicacionais, porém, estas dificuldades não são intransponíveis, conforme constatado junto aos associados da Asugov. Isso porque, tal como explicitado por Sacks (2010), a surdez por si não é um infortúnio, sendo este sim quando há para estes sujeitos um colapso ou dificuldade em se comunicar. Complementa-se tal via de pensamento com Perlin (2010), que considera que não deve existir uma ruptura de identidade dos sujeitos surdos em relação à sociedade, haja vista que são parte da pluralidade da comunidade humana.

Ainda mais, atentando-se para o fato de que atualmente as tecnologias comunicacionais aproximaram as pessoas, quebrando inclusive limites comunicacionais vinculados à própria surdez fazendo, por exemplo, com que o entrosamento dos sujeitos surdos com o mundo majoritariamente ouvinte seja facilitado, ainda que não haja conhecimento de Libras pela maioria da sociedade. No ambiente virtual inundado por redes sociais, como o Facebook, é comum o uso da imagem na comunicação, fato compatível com a cultura dos sujeitos surdos, que tem a visão um componente crucial na orientação de sua comunicação através da Libras, escrita ou imagens como *emojis* ou *gifs*.

Os ambientes digitais, nos quais se posicionam sujeitos surdos e sociedade, oferece possibilidades renovadas para estes sujeitos se expressarem, seja em seu caminho educacional, em seus pensamentos políticos, em sua ascensão profissional, em suas aquisições culturais ou em suas reivindicações enquanto cidadãos com direitos.

Sob esta perspectiva, é importante destacar o tecido intersticial, híbrido visualizado nos processos comunicacionais estabelecidos entre territórios físico e virtual; entre sujeitos surdos (Asugov) e rede social Facebook Asugov. Estes *territórios* não são desconectados, separados, e sim híbridos, como sujeitos comunicantes nos processos comunicacionais e midiáticos vinculados à Asugov e aos seus ‘usos e apropriações’ realizados na rede social.

Desta forma, propus um desenho de investigação flexível, que pudesse abarcar traçados do contexto sociocultural, político, educacional, legal e comunicacional dos sujeitos surdos, cujo pensamento orientador da *práxis*, levou-me a pensar a transmetodologia em flexibilidades (elasticidades e plasticidades) e razoabilidades (bom senso e proporcionalidades) sobre como dar conta das interfaces com outros campos do conhecimento. Analogamente ao artesanato proposto por Mills (1975), busquei pensar a tese e explorei elementos de interface com a Antropologia (sujeito comunicante surdo produtor de cultura); com a Etnografia (observações no contexto digital pesquisado); com a História (peculiaridades socioculturais da trajetória desse grupo populacional); com a Educação (acontecimentos relacionados ao campo educacional na dualidade ouvintes/surdos); com o Direito (aparato legal inclusivo); com a Comunicação (processos e práticas comunicacionais).

Isto significou descobrir que os processos comunicacionais midiáticos nos quais se envolvem os sujeitos surdos e a Asugov apresentam-se em uma *aparente* simplicidade. As interrelações entre os *territórios* físico e virtual dos sujeitos surdos, a partir das processualidades comunicacionais, desenham e redesenham a configuração social destes atores sociais. A configuração foi ofertada nas entrevistas, em cada uma das histórias, não como uma exposição rotineira de situações vividas, mas como relatos que expressam seus lugares socialmente estabelecidos e constituídos neste ir e vir entre os mundos ouvinte e surdo, nos processos comunicacionais e digitais.

Os indivíduos entrevistados, em sua maioria, tiveram o incentivo de familiares que os apoiaram e conduziram na busca por uma via comunicacional e, por conseguinte, na condução educacional. Mas também ocorreram casos junto aos entrevistados em que a demora em aceitar a surdez na família trouxe um adiamento no desenvolvimento de possibilidades comunicacionais. No entanto, tal como exposto por Adela Cortina (2005), o exercício da cidadania está atrelado ao aprendizado, portanto a família e a escola fundamentam o sujeito surdo, assim como outras instâncias da sociedade. Tal como visto nas manifestações dos entrevistados, há em suas vidas também o amparo de congregações religiosas e de associações em específico a Asugov. Estes cenários, como foi visto nesta pesquisa, abrem possibilidades que colabora, para a inserção social destes indivíduos e para o exercício da cidadania.

Ressalto que os entrevistados tiveram um percurso educacional que permitiu a eles o domínio da escrita, além da Libras, possibilitando-lhes interação comunicacional e, conseqüente, ascensão escolar, incluindo a caminhada de alguns ao ensino superior. Além disso, a comunicação dos entrevistados expressa, não só na entrevista como nas suas páginas pessoais no Facebook, suas preocupações e sentimentos em relação ao mundo. Demonstra

que eles estão preocupados com a interação com familiares e amigos, assim como em se manifestar politicamente, em jogar, em adquirir informações sobre saúde e em ficarem atentos às situações de violência com humanos e animais.

Logo, em relação ao cenário concreto rede social Facebook, descobri ser este um ambiente onde o sujeito comunicante surdo (sujeito produtor de relações de sentido) se dá a ver e realiza interações sociais, como condição constituinte daquele espaço, através de investimentos simbólicos, onde toma posse da palavra imagética (*emojis*), estabelecendo relações entre diálogos e situações concretas.

Desta forma, neste cenário investigado, considerei a rede social Facebook como um ambiente que oferece possibilidades comunicacionais renovadas aos sujeitos surdos, compreendendo-os como seres sociais viventes e experimentadores de suas práticas de sentido em contextos múltiplos, em diversas esferas, múltiplas dimensionalidades de vida no espaço digital.

Pensar a rede social Facebook, sob a dinâmica comunicacional que acontece no perfil Asugov e nos perfis dos sujeitos observados, demandou perceber que através dos elementos corporativos da configuração da plataforma e de suas lógicas, modelações também alcançaram os usos e apropriações dos sujeitos surdos, a partir dos algoritmos. Para além deste dilema relativo à ‘dominação algorítmica’, visualizei usos e apropriações dos sujeitos surdos em seus perfis e perfil Asugov, sob a perspectiva da hibridez, da possibilidade de constituição da cidadania comunicativa, como revitalizadora da identidade desses sujeitos, de expressão e luta por demandas e direitos.

A Asugov, existe sob um contexto físico associativo e digital, representada por sua página no Facebook. O perfil da associação existente no Facebook estende essa imagem. Contudo emerge no cenário virtual Facebook Asugov ainda com tímidos passos fortalecedores da cultura surda asugoviana. Afirmo tal proposição fundamentada na constatação das poucas postagens realizadas pelo próprio perfil Asugov; na ausência de um administrador do perfil e na falta de incentivos continuados aos diálogos propostos nas postagens, entre outras funções passíveis de realização pelo administrador.

Ainda assim, observei as interações físicas e virtuais realizadas, para identificar elementos fomentadores de possibilidades e, ou restritivos à construção da cidadania comunicativa desses sujeitos. Para além da clássica teoria conceitual da cidadania em suas dimensões jurídica e econômica, busquei pensar a cidadania através de dimensão cultural (inter), midiática, comunicativa. A participação do sujeito comunicante surdo asugoviano na rede social Facebook Asugov e em seus perfis pessoais, por usos e apropriações dos recursos

ofertados nas plataformas, facilita a construção cidadã do informar-se, comunicar-se, opinar, dividir experiências, dividir narrativas de vida, promover encontros, estabelecer vínculos, visibilizar demandas. Desta forma, a cidadania comunicativa não se reduz à visibilidade midiática ou ao acesso à mídia desses sujeitos e de suas demandas. É a possibilidade real, concreta de vivências, de visibilidade, de reconhecimento da cultura surda, de constituição do pertencimento, de apropriações dos meios de comunicação para a constituição da cidadania, para o exercício do direito de comunicar.

Nos processos midiáticos observados, no perfil Asugov e dos participantes, diversas informações foram ofertadas, com interações materializadas nas ações ‘curtir, comentar, compartilhar’, no sentido de construção da cultura surda asugoviana. Esses processos apresentaram também ambivalências.

No período de realização das observações empíricas (fase sistemática), um possível exemplo de processo sociocomunicacional da cultura surda asugoviana ambivalente, ficou marcado nas percepções constituídas. Este se relaciona ao fenômeno denominado ‘primeiro damismo’¹²⁷. Reconheço a ambivalência apontando suas duas faces: em uma primeira face percebo um lampejo de fomento ao empoderamento comunicacional dos sujeitos surdos. Trata-se da publicação de vídeos e imagens onde o protagonismo da primeira-dama registra-se em função de poucas sinalizações em Libras, como alguém que se mostra em um interesse desprendido em relação a este grupo populacional. Vejo neste fato possível fomento sim, porém direcionado a futuros eleitores. Por parte dos sujeitos surdos a expressão ‘salvadora da pátria’ melhor definiria esse contexto.

Uma segunda face emerge do engodo de ser o fato incrementador do exercício do direito de se comunicar, da apropriação da cidadania comunicativa, em um fugaz momento de empoderamento. A ilusão peremptória do empoderamento via primeiro damismo, corporifica-se levando em consideração os relatos de descon siderações específicas registradas ao longo do contexto sociocultural, político, educacional, legal e comunicacional dos sujeitos surdos abordados na construção teórica histórica da tese. E, subliminarmente, mesmo não tendo sido alvo de nossos estudos, o vislumbre de possibilidades futuras de efetivação de políticas públicas em relação a esse grupo populacional advindas do encanto do primeiro damismo, o que na verdade representa a meu ver, o interesse na cooptação do voto desses atores sociais.

Nos três perfis observados (Carla, Eduarda e Lúcio) dos sujeitos surdos participantes da pesquisa, os processos midiáticos intensificam-se na constância do exercício do direito de

¹²⁷ O primeiro damismo na assistência social: uma análise crítica. Camilla Bastos Lopes, Fabiana Regina Silva Grossi. Disponível em <http://www.fasb.edu.br/revista/index.php/cic/article/view/482>.

comunicar, nas ações expressivas de suas opiniões, anseios, diálogos e debates. Observei nos três perfis a ocorrência do uso do recurso ‘filtro’ em suas imagens pessoais. Nessas, Carla, Eduarda e Lúcio em suas produções imagéticas, disfarçaram, consumiram e reproduziram identidades nos seus ‘eus’. Entendo que tudo isso pode levar a uma fixação por essa aparência computadorizada, podendo distanciar-se muito da realidade da aparência do usuário, representar riscos físicos e psicológicos.

Entendo ainda que as descobertas realizadas sobre os usos e apropriações efetivados pelos sujeitos surdos entrevistados em seus perfis particulares no Facebook, através das ações de postagens imagéticas, de vídeos acerca dos diferentes modos de utilização do espaço físico da associação para além de espaço de lazer, denotam *locus* de empoderamento sociopolítico, cultural e comunicacional. O sentido exposto nas imagens apontou o entrelace do uso simbólico daquele espaço como fortalecedor da cultura surda. Foram imagens dos encontros diversos, realizados sob forma de palestra na associação; dos campeonatos dos jogos; das realizações de festividades e datas comemorativas; das reuniões administrativas; dos momentos em que reivindicações por uma visibilidade efetiva por meio de políticas inclusivas e públicas foram realizadas (mesmo que tais reuniões pudessem ter conotação de oportunismo político, porque, via de regra, os encontros ocorreram exatamente em período eleitoral de 2018).

Vários registros imagéticos postados pelos sujeitos surdos asugovianos observei que foram traduções representativas de vivências e experiências de vida desses sujeitos de forma concreta. Foram registros de momentos em que os entrevistados e associados obtiveram a possibilidade de vivenciar direitos e exercê-los, compartilhando-os através de mediações na rede social Facebook. Da mesma forma que avistou Albuquerque (2018) entendemos neste ato de compartilhamento um elemento continuativo, articulador entre os diferentes atores sociais, em rede, sob a intencionalidade de continuidade de circulação e mediação de um determinado tipo de comunicação/informação. De certa forma, penso existir uma intencionalidade subentendida naquelas postagens, na insistência de continuidade dessa circulação de comunicação/informação. Entendo a intencionalidade como garantidora e vinculada ao exercício da cidadania comunicativa como possível reconhecimento dos sujeitos surdos, como cidadãos produtores e mediadores dos processos comunicacionais asugovianos.

O espaço Asugov é um lugar de acolhimento e compartilhamento de vivências e experiências de vida. Neste espaço de convivência e troca, percebi que as pessoas ali conviventes, ouvintes e surdos, têm a possibilidade de vivenciarem dimensões vinculadas à cidadania política, cultural, comunicacional; de expressarem suas lutas, na busca de sua

emancipação, reforçando os laços de pertencimento. Ainda assim, é um cenário não isento de conflitos e contradições que demarcam limites a maiores possibilidades de participação e de conquista de cidadania destes sujeitos.

A ínfima participação no território virtual nos pareceu indicar a confirmação de que os sujeitos surdos asugovianos entrevistados valorizam mais a comunicação ‘face a face’ do que a proposta de fazê-la em rede. Pode também ser decorrente das peculiaridades históricas do trajeto existencial da Asugov, das condições socioeconômicas dos entrevistados em não suportar aquisição de meios eletrônicos mais versáteis e atualizados, ou mesmo da fuga do meio familiar composto em sua maioria por ouvintes. Efetivamente, a comunicação ‘face a face’ gestualizada impera na vida dos entrevistados. Contudo, nos relatos percebo que a cultura digital dos entrevistados apresenta-se em um engajamento, para além do Facebook, com o Whatsapp. Essa nova cultura tem apelo emocional e induz ao imediatismo de respostas e informações, privilegia análises superficiais e traz diferentes modos de dizer e argumentar.

Destaco que a página no Facebook Asugov tem seu potencial comunicante subestimado, justo por haver inúmeras possibilidades de aproveitamento, seja no esteio da comunicação com a comunidade que representa ou na propagação do conhecimento favorável à inserção social, cultural, econômica e política dos sujeitos surdos.

Talvez a falta de um administrador da página dificulte o seu melhor aproveitamento, pois caso existisse poderia incluir nas postagens demandas expostas pelos entrevistados, tais como a necessidade de se planejar as reuniões da associação; denunciar ocorrência de assédio de surdos; expor a falta de verbas da instituição; e criar transparência organizacional para sanar eventuais fofocas. Além disso, outras demandas poderiam ser incentivadas por meio do Facebook da Asugov, evitando que a página seja apenas um cartão de visita, tais como: buscar voluntariado para ofertar atendimento de fonoaudiologia; ofertar curso *online* de língua portuguesa e outras; oferecer *online* (vídeos ou ao vivo) cursos e palestras direcionados aos interesses da comunidade; e buscar doações para financiar empreitadas como a reforma do imóvel da associação. Tudo isso, sem deixar de lado a necessidade de divulgar os aspectos positivos presentes na Asugov, relatados pelos entrevistados, que destacaram a associação como um ambiente para ofertar: o aprendizado de Libras; a interação cultural e esportiva; a acessibilidade para o mercado de trabalho; o amparo jurídico; e o aconselhamento pessoal. Caso houvesse a organização informacional descrita no Facebook Asugov, feita por um administrador, seria aguçado o interesse dos comunicantes surdos em se manifestar na página, o que também fomentaria a rede de inter-relação dos mesmos.

Mesmo assim, percebo o Facebook como um espaço virtual privilegiado de ação, produção e mediação da informação. Contudo, compreendo que os processos de apropriação realizados pelos sujeitos surdos, por meio das funcionalidades e estruturas do ambiente digital, apresentaram-se ainda de forma tímida, restringida. Este caminho digital construtor de ‘possíveis’ cidadãos, carece ainda de visualidades dinâmicas corporais implicadas à sensibilidade surda para a construção comunicacional, dos processos cognitivos, formativos da condição humana. Percebo que mesmo realizando postagens com auxílio de meios eletrônicos considerados de ‘última geração’, a cidadania comunicativa requer táticas sociopolíticas que vão além da percepção matemática do algoritmo. Não estou a concluir que não seja possível essa realização, estou a indicar a real necessidade de trocas, vivências, discussões, articulações, intervenções, transformações que acontecem nos espaços presenciais para que as participações no espaço virtual, nas redes, coloquem em circulação (compartilhamentos) ações mais promissoras a construção de condutas cidadãs e possíveis transformações de realidades.

Para além dessa observação, registro que processos de conquistas de direitos, exercícios da cidadania, não podem ser modelados e controlados por condições preexistentes. A gênese dos direitos humanos em era democrática é a gênese construtora de cidadãos. Refuta ações às quais o Facebook escancara em suas optativas funcionalidades, nas possibilidades de colocar em circulação somente informações predeterminadas pelo algoritmo. A liberdade de escolha, de expressão, de comunicação e informação são princípios capazes de efetivar reduções na modelagem predeterminada; modelagem esta que evidencia mais um tipo de vigilância e controle sobre a liberdade de comunicação e informação da cidadania comunicativa, vulnerabilizando o binômio ‘garantia e efetividade do direito’, do que construtor de cidadania comunicativa.

Meio a contradita, à deriva desse ‘controle’, percebo uma interface com o grupo social observado, os 12 entrevistados, a importância desses usos e apropriações realizados no Facebook, nas práticas comunicativas. Foram fomentos que ocorrem para com os processos sociocomunicacionais, a partir das relações dialógicas estabelecidas nos comentários, indicando apropriações em diferentes níveis do conhecimento, mas uma interação ainda limitada, instrumental, contudo, registrando essa existência. É importante ressaltar que há um indiscutível potencial para uma melhor interatividade do Facebook Asugov, bastando conferir a existência da grande atividade dos entrevistados em suas páginas privadas nesta rede social. Portanto, há aptidão e sede de interação por parte dos comunicantes surdos, visto que existe um grande volume de postagens em suas páginas privadas (temáticas política; saúde;

identidade; datas comemorativas; jogos; saúde; violência; religiosidades e relações afetivas). Ou seja, eles são cidadãos ativos que se comunicam e se posicionam socialmente.

Resta ainda dúvida, apesar de não ter sido alvo de pesquisa, o indicativo de que o formato do ambiente (*layout* do perfil Asugov) influencia na maneira de como os conteúdos e discursos foram produzidos. A imagem inicial do perfil Asugov nos pareceu uma espécie de moldura que acomoda e não atrai, não induz, não chama, não pede, não convida a expressão de conteúdos mais elaborados, reduz-se à satisfação imediata da comunicação por *emojis*. Os perfis observados da Carla, Eduarda e Lúcio ao contrário se deram, isto é, possuem imagens mais atrativas que expressam maior profundidade comunicacional.

Nesta reflexão final registro que todo o caminhar epistêmico metodológico realizado para a construção desta tese permitiu laborar na construção da minha sensibilidade de escuta da luta dos sujeitos surdos asugovianos. Ao iniciar a pesquisa, a necessidade de proximidade a estes sujeitos e a vivência próxima à associação exigiu uma ação minha que fornecesse bases sólidas para a compreensão da problemática investigada. A vivência somada às problematizações teóricas construídas para fundamentar a pesquisa forneceram bases para compreensão dos territórios trabalhados: a associação Asugov como voz institucional ao lado de uma pluralidade de vozes de sujeitos surdos; e os ambientes virtuais perfil Asugov e perfis dos entrevistados, nos formatos e nos discursos produzidos, emoldurados pela rede social Facebook.

Em termos comunicacionais, a persecução da realidade objetivada no escopo de investigar, na perspectiva de constituição de cidadania comunicativa, a participação dos sujeitos surdos nos processos comunicacionais na Asugov e na página dessa associação em inter-relação com seus perfis pessoais no Facebook, nos mostraram que a comunicação estabelecida viabilizou interações, entre sujeitos surdos, surdos e ouvintes, Asugov e sociedade em rede. Especificamente as teorias comunicacionais (tecidos teóricos) acionadas para a estruturação da tese, e orientada pelos objetivos específicos alcançados, foram parceiros de toda a construção social para pensarmos essa gramática comunicacional em suas multidimensionalidades, tecidos configuradores de mundos, ethos.

Assim, ao leitor que acompanhou este caminhar, vale ressaltar que essa escolha de realização de doutoramento em Comunicação me proporcionou uma rica construção como pesquisadora; entre eu pesquisadora e associação de surdos; e entre nós sujeitos comunicantes (surdos e ou ouvintes). Na música ‘Tocando em frente’ encontro amparo para aquilo que desejo expressar: “[...] hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe, só levo a certeza de

surdo, com participação mais ampliada, entre ouvintes e surdos, com informações atualizadas, acessíveis a todos os níveis de entendimento. Desta forma, apropriações midiáticas mais robustecidas aconteceriam proporcionando exercícios de direitos, consubstanciando a cidadania comunicativa. E ainda, a valorização do curso de Libras para ouvintes e /ou surdos. Sem sombra de dúvida será um movimento contributivo para o fortalecimento da cultura surda asugoviana, aos passos de possibilidades comunicacionais entre surdos e ouvintes valadarenses, caminho de respeito e civilidades.

Em relação a futuras pesquisas teóricas e metodológicas, penso que estas merecem aprofundamento nos processos históricos e comunicacionais de constituição de espaços associativos da comunidade surda, como a Asugov, para entender seu papel nas lutas dos sujeitos surdos e suas contradições. Penso ser também relevante ampliar investigações que analisem criativamente outros processos de comunicação digital dos sujeitos surdos, examinados em sua multidimensionalidade pensando seus usos estratégicos para a construção da cidadania destes sujeitos. A realização de pesquisas neste sentido é importante para prover subsídios que alimentem a construção dos processos comunicacionais da comunidade surda em espaços concretos. Tais pesquisas poderão ampliar as possibilidades de desenvolvimento de atividades com a participação de surdos (e ouvintes) na construção de conhecimentos, de forma a interagir com o mundo (surdo e ouvinte), fazer avançar a defesa e luta de direitos da comunidade surda para garantir formação de seres humanos integrais; contribuir para a construção de conhecimentos produtivos vinculados à temática estudada, sem fazer julgamentos (jurídicos ou morais).

REFERÊNCIAS

- AGB, Associação dos Geógrafos Brasileiros. Território e cidadania. **Terra Livre**, n.6, p.1-120, 1989. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/issue/view/10>. Acesso em: 05 mar. 2020.
- AGUIAR, Joaquim Castro. **Competência e Autonomia dos Municípios na Nova Constituição**. Rio de Janeiro: Forense, 1993.
- ALBUQUERQUE, Marina Zoppas de. **Entre as redes sociais digitais e as ruas: processos comunicacionais nos coletivos Defesa Pública da Alegria e Bloco de lutas**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) apresentada à Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Orientadora Dra. Jiani Adriana Bonin. 339 p. São Leopoldo: UNISINOS, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7312>. Acesso em: 02 fev. 2019.
- ALTAVILA, Jayme de. **Origem dos Direitos dos Povos**. 5ª ed. São Paulo: Ícone, 1989.
- ANJ, Associação Nacional de Jornais. **O incrível Facebook**. 24/04/2019. Disponível em: <https://www.anj.org.br/o-incrivel-facebook-mais-polemicas-mais-dinheiro/>. Acesso em: 05 mar. 2020.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (Ideias Afins)**. Brasília: Coordenada - Editora de Brasília, 1974.
- BAALBAKI, Ângela; CALDAS, Beatriz. **Impacto do Congresso de Milão sobre a Língua dos Sinais**. Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF, Vol. XV, Nº 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/156.pdf. Acesso em 05 mar. 2020.
- BACHA, Maria de Lourdes; STREHLAU, Vivian Iara; VIANNA, Nádia W.H.; SANTOS, Jorgina. **O uso do celular na inclusão social e digital: uma análise de agrupamentos**. SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Resende/RJ, Dez-Jan/2020. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos08/453_celular_e_Inclusao_social_e_digital.pdf. Acesso em: 04 jan. 2021.
- BACHELARD, Gaston. **A Epistemologia**. Tradução de Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Edições 7, LDA. Lisboa/Portugal, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3ª. ed. Tradução de Paulo Bezerra São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2004.

BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação: uma história do tempo passando. **Transversos**, Rio de Janeiro, n.11, p.90-118, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/30932/22496>. Acesso em: 21 mai. 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 4ª ed. São Paulo: Edições 70, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BRASIL. Lei nº 3.071, de 01 de janeiro de 1916. **Instituiu Código Civil dos Estados Unidos do Brasil**. 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm. Acesso em 30 mar. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 mai. 2019.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. 2002. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2002/lei-10436-24-abril-2002-405330-norma-pl.html>. Acesso em 12 ago. 2018.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em 12 ago. 2018.

BRASIL. **Baixo alcance da língua de sinais leva surdos ao isolamento**. Brasília: Senado Federal, 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/baixo-alcance-da-lingua-de-sinais-leva-surdos-ao-isolamento>. Acesso em 12 ago. 2019.

BRASIL. **Mais de 79 mil trabalhadores surdos têm carteira assinada no país**. Brasília: Ministério do Trabalho, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho/pt-br/assuntos/noticias/trabalho/ultimas-noticias/mais-de-79-mil-trabalhadores-surdos-tem-carteira-assinada-no-pais>. Acesso em 12 jan. 2020.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 10, n. 3, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37542>. Acesso em: 21 mai. 2019.

BRETTAS DUARTE, Isabel Cristina. Cidadania multicultural. Uma teoria liberal dos direitos das minorias. **Revista Direitos Humanos e Democracia**, v.6, n.12, p.302-318, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/direitoshumanosedemocracia/article/view/6974>. Acesso em: 14 jan. 2019.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) apresentada à Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Orientadora Professora Dra.

Denise Cogo. São Leopoldo: UNISINOS, 2010. 405 p. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2531>. Acesso em: 05 nov. 2018.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, A. E. (Org.). **Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011. p.19-42.

BONIN, Jiani Adriana; SAGGIN, Livia. Perspectivas para pensar as inter-relações entre sujeitos comunicantes e mídias digitais na constituição de cidadania comunicativa. **Conexão, Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v.16, n.32, p.97-113, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/5665>. Acesso em: 05 abr. 2019.

BONIN, Jiani Adriana; SAGGIN, Livia. Reflexões teóricas para pensar as relações entre mídias, identidades culturais, movimentos sociais e cidadania. **Lumina – Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**, UFJF, v.10, n.1, p.1-18, Abr./2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21229>. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina>. Acesso em 05 abr. 2019.

BONIN, Jiani Adriana. **Elementos para pensar o cibercontrole e as apropriações das mídias digitais**. XV Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIIC). 2020. Ponencia presentada al GT 7 – Estudios de Recepción. Disponível em: <https://www.alaic.org/site/congreso-alaic-2020/>. Acesso em 08 dez. 2020.

BONITO, Marco. **Processos da Comunicação Digital Deficiente e Invisível: Mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) apresentada à Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Orientadora: Dra. Jiani Adriana Bonin. São Leopoldo: UNISINOS, 2015. 351 p. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4834>. Acesso em: 17 nov. 2018.

CAPOVILLA, Fernando César. Educação da criança surda: o bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a língua de sinais e a escrita alfabética. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.8, n 2, p. 127-156, Jul/Dez 2002. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=383>. pdf. Acesso em: 17 abr. 2020.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: O longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CARVALHO, Pulo Vaz de. **A herança do Abade de L’Epee na viagem do século XVIII para o século XIX**. Lisboa: The Factory, 2013.

CARVALHO, Pulo Vaz de. **A educação de surdos na Casa Pia de Lisboa: resenha histórica**. Lisboa: The Factory, 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução: Roneide Venancio Majer. vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2013a.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da comunicação**. Tradução: Vera Lúcia Mello Joscelyne. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede: Do conhecimento à ação política.** Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.** A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. vol. II. 8ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013b.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 2008.

DIRSI, Diálogo Regional sobre a Sociedade de Informação. **10 anos de DIRSI.** 2020. Disponível em: <http://dirsi.net/web/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CLÁUDIO, Janaina Pereira. **A cultura dos sujeitos comunicantes surdos: construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no Facebook.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) apresentada à Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Orientador Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre. São Leopoldo: UNISINOS, 2016. 239 p. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6044/Jana%C3%ADna+Peireira+Claudio_.pdf?sequence=1. Acesso em: 21 out. 2018.

CMGV, Câmara Municipal de Governador Valadares. **Lei Orgânica do Município de Governador Valadares.** Governador Valadares, 2002. Disponível em: <http://www.camaragv.mg.gov.br/default.aspx>. Acesso em: 29 jun. 2019.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo para uma teoria da cidadania.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

COELHO, Tamires Ferreira. **Processos comunicativos digitais e presenciais na comunidade CS POA: relações culturais/identitárias e perspectivas de cidadania comunicativa e cultural.** Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) apresentada à Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Orientadora Dra. Jiani Adriana Bonin. São Leopoldo: UNISINOS, 2014. 248 p. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3827>. Acesso em março de 2021.

COSTA, Sérgio. Categoria Analítica ou Passe-Partout Político-Normativo: Notas Bibliográficas sobre o Conceito de Sociedade Civil. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n.43, p. 3-25, 1997. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/bib-pt/bib-43/472-categoria-analitica-ou-passe-partout-politico-normativo-notas-bibliograficas-sobre-o-conceito-de-sociedade-civil/file>. Acesso em: 19 out. 2019.

CZERNIASKI, Leandro. "Foi um marco histórico", afirma comunidade surda sobre discurso de Michelle. **Jornal de Beltrão**, 03/01/2019. Disponível em: <https://www.jornaldebeltroa.com.br/noticia/282014/-foi-um-marco-historico-afirma-comunidade-surda-sobre-discurso-de-michelle-> Acesso: março de 2021

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. **Para ler o Pado Donald**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

EDITORES JC. **Facebook chega aos 2,7 bilhões de usuários e dobra seu lucro durante a pandemia**. 31/07/2010. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/economia/2020/07/11958092-facebook-chega-aos-2-7-bilhoes-de-usuarios-e-dobra-seu-lucro-durante-pandemia.html>. Acesso em: 02 ago. 2020.

EMEDIATO, Wander. **Discurso e web: as múltiplas faces do Facebook**. **Revista da ABRALIN**, v.14, n.2, p. 171-192, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42561>. Acesso em: 25 abr. 2020.

ESPÍNDOLA, Haruf Salmem. **Sertão do Rio Doce**. Governador Valadares: EDUSC, Instituto Terra, Univale Editores, 2005.

EVANS-PRITCHARD, Eduard Evan. **Os Nuer: uma descrição dos modos de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mediatização, prática social: prática de sentido**. Encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós), 15, Bauru/SP. Anais eletrônicos. CD- ROM, 2006.

FAXINA, Elson. **Do mercado à cidadania: O desafio das transformações dos sujeitos discursivos, das institucionalidades e das narrativas jornalísticas na TV pública brasileira**. Tese (Doutorado em Comunicação) apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Orientador: Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre. São Leopoldo: UNISINOS, 2012. 314 p. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4054>. Em: 14 abr. 2020.

FENEIS, Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. **Institucional**. 2020. Disponível em: <https://feneis.org.br/>. Acesso em: 14 set. 2018.

FERREIRA, Dirce Nazaré de Andrade. **Poder e relações políticas na educação: o método lancasteriano no ensino público do espírito santo (1827 a 1860)**. Tese (Doutorado em História) apresentada à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Orientadora Dra. Cleonara Maria Schwartz. Vitória: UFES, 2015. p.287

FONSECA, José Raymundo. **Figueira do Rio Doce**. Ibituruna: Edição particular do autor, 1985.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: Dreyfus H., Rabinow P. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução V. P. Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p.231-249.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação, cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Penguin, 2011.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. **O valor político dos testemunhos: os surdos e a luta por reconhecimento na internet**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)

apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Orientadora: Dra. Patrícia Castro Mattos. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 197 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/FAFI-84GNYV>. Acesso em abril 2021.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. **Representação política e lutas sociais: quem fala em nome de quem no debate sobre a educação de surdos.** Tese (Doutorado em Comunicação Social) apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Orientadora: Dra. Rousiley Celi Moreira Maia. Belo Horizonte: UFMG, 2015. 175 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUBD-A7FJ9Z>. Acesso em abril 2021.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: EDUSP, 1997.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Consumidores do século XXI, cidadãos do XVIII. In: GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** 4.^a ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. p.13-50.

GESUELI, Zilda Maria. Língua de Sinais e Aquisição da Escrita. In: Silva, I. R.; Kauchakje, S.; Gesueli, Z. M. (orgs). **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades.** São Paulo: Plexus editora, 2003. p.147-160.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

GILISSEN, Jhon. **Introdução Histórica ao Direito.** Tradução A. M. Hespanha e L. M. Macaísta Malheiros. 2.^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4.^a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOLDFELD, Marcia. **A Criança Surda. Linguagem e Cognição numa Perspectiva sociointeracionista.** 7.^a ed. São Paulo: Editora Plexus, 2002.

HAESBAERT, Rogério Costa. **Da desterritorialização à multiterritorialidade.** Congresso de Geógrafos da América Latina, 2005, USP, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739>. Acesso em: 10 mar. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 6.^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais.** Organização Liv Sovik. Tradução Aelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DIGILABOUR. Midiatização profunda, infraestruturas e novas formas de organização: entrevista com Andreas Hepp. **DigiLabour**, Mar/2020. Disponível em: <http://digilabour.com.br>. Acesso em: 22 abr. 2020.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Monções.** 2.^a ed. São Paulo: Editora Alfa – Ômega, 1976.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Noções básicas de cartografia.** 2020. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 mai. 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Governador Valadares**. 2018. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama>. Acesso em: 20 jun. 2020

INES, Instituto Nacional de Educação de Surdos. **O INES e a educação dos surdos no Brasil**: Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de educação dos Surdos em seu percurso de 150 anos. vol.1. Rio de Janeiro: INES, 2007.

INSTITUTO MULLENIUM. **Michel Acoforado**. Julho/2020. Disponível em: <https://www.institutomillennium.org.br/author/michel-ancoforado/>. Acesso em: julho de 2020.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (Orgs.). **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed. ULBRA, 2011. p.15-28.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura, Letramento e Práticas Educacionais Grupo de Estudos e Subjetividade. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, Jun/2006. Disponível em: https://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10162/ssoar-etd-2006-2-karnopp-literatura_surda.pdf?sequence=1&isAllowed=y&lnkname=ssoar-etd-2006-2-karnopp-literatura_surda.pdf. Acesso em: 28 abr. 2020.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: Realizando Pesquisa Etnografica online. Tradução Daniel Bueno; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raul Ranauro Javales Junior. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRESS, Gunther. **Multimodality**: A social semiotic approach to contemporary communication. Nova York: Routledge, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10572252.2011.551502?journalCode=htcq20>. Acesso em: 11 out. 2020.

LACERDA, Juciano de Sousa. **Ambiências comunicacionais e vivências midiáticas digitais**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) apresentada à Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre. São Leopoldo: UNISINOS, 2008. 291 p. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp110278.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

LAGE, Roberta. Um Direito dos surdos. **Observatório da Imprensa**, 29/05/2007. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/um-direito-tambem-dos-surdos/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIRA, Guilherme de Azambuja. **Educação do surdo, linguagem e inclusão digital**. Dissertação (Mestrado em Educação) apresentada à Universidade Estácio de Sá. Orientadora Dra. Stella D'alva Benaion Bohadana. Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2003. 120p. Disponível em <https://portal.estacio.br/cursos/mestrado-e-doutorado/educa%C3%A7%C3%A3o/disserta%C3%A7%C3%B5es-e-teses/>. Acesso em: 24 mai. 2019.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história: Pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LOPES, Ana Maria D'Ávila. Multiculturalismo, minorias e ações afirmativas: promovendo a participação política das mulheres. **Revista Pensar**, Fortaleza, v. 11, n.1, p. 54-59, Fev/2006.

LOPES, José Reinaldo de Lima. **O Direito na História: Lições Introdutórias**. São Paulo: Max Limonad, 2008.

LULKIN, Sergio Andrés. **O silêncio disciplinado: a invenção dos surdos a partir de representações ouvintes**. Dissertação (Mestrado em Educação) apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Orientador Dr. Carlos Skliar. Porto Alegre: UFRS, 2000. 112 p. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/83551>. Acesso em: 11 out. 2018.

LUNARDI, Márcia Lise; MACHADO, Fernanda de Camargo. Discursos sobre a surdez: problematizando as normalidades. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n.30, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4087> Acesso em março de 2021.

LUZ, Renato Dente. **Cenas surdas – os surdos terão lugar no coração do mundo?** São Paulo: Parábola, 2017.

MACEDO, Regina Maria; FERRARI, Nery. **Controle da Constitucionalidade das Leis Municipais**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2003.

MACHADO, Debora. A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais (Sociedade de controle: manipulação e modulação nas redes sociais). **Revista Eptic**, v.22, n.2, p. 97-111, 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/12114>. Acesso em: 14 mar. 2020.

MACIEL, José Fábio Rodrigues. **História do Direito**. 6ª ed. São Paulo: Saraiva., 2013.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: editora Cultrix, 1969.

MALDONADO, Alberto Efendy Gómez de La Torre. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, v. 9, p.1-15, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36818>. Acesso em: 14 jul. 2018.

MALDONADO, Alberto Efendy Gómez de La Torre. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy Gómez de La Torre; BONIN, Janini Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins (Orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008. p.31-57.

- MALDONADO, Alberto Efendy Gómez de La Torre. Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy Gómez de La Torre (Org.). **A transmetodologia no contexto latino-americano**. Rio do Sul: UNIDAVI, 2012. p.43-58.
- MALDONADO, Alberto Efendy Gómez de La Torre. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, Jianini Adriana; ROSÁRIO, Nisia Martins do (Orgs.). **Processualidades metodológicas configurações transformadoras em Comunicação**. Florianópolis: Insular, 2013. p.87-104.
- MALDONADO, Alberto Efendy Gómez de La Torre. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processo de receptividade comunicativa. In: MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). **Programa de Investigação em Comunicação no Brasil: Processos receptivos, cidadania, dimensão digital**. Salamanca: Comunicacion Social, 2014, p. 17-41.
- MALDONADO, Alberto Efendy Gómez de La Torre. A perspectiva transmetodológica: produtos midiáticos, estratégias e inter-relações comunicativas. In: OLIVEIRA, Gerson de Lima; SANTOS, Larissa Conceição; BONITO, Marco. **A Comunicação em texto de pesquisa**. São Borja: Unipampa; Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2019. p.183-212.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Tradutores Anton Carr e Ligia Cardieri. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Prefácio de Néstor Garcia Canclini. Tradução Ronald Polito e Sergio Alcides. 7ª edição. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2015.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In MORAES, Denis (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p.51-79.
- MATA, Maria Cristina. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, Unisinos, v.8, n.1, p.5-15, Jan/abr. 2006.
- MATA, Maria Cristina. **Condiciones objetivas y subjetivas para el desarrollo de la ciudadanía comunicativa**. Córdoba: Centro de Competência en Comunicación para América Latina, 2005.
- MATTELART, Armand. **A Invenção da Comunicação**. Tradução: Maria Carvalho. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MEDEIROS, Ana Thereza Faria de. **Projetando no silêncio: estratégias para participação de pessoas surdas em projetos de arquitetura residencial**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Orientadora: Gleice Azambuja Elali. Natal: UFRN, 2018. Disponível em:

http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFRN_d855626fa11bd4c127504ee03432b4e9. Acesso em: 22 fev. 2019.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MINAYO, Maria Cecília Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 34ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MINOIS, Georges. **História da Solidão e dos Solitários**. Tradução de Maria Das Graças de Souza. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

MONTANO, Sonia. **Plataformas de vídeo: apontamentos para uma ecologia de audiovisual da web na contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORAES, Dênis de. Sociedade Midiatizada. In: MORAES, Dênis de (Org.). **A tirania do fuzil: mercantilização cultural e saturação midiática**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.33-50.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Repensar a reforma, reformar o pensamento. 8ª ed. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MUNIZ SODRÉ. **O monopólio da fala** (Função e linguagem da televisão no Brasil). Petrópolis: Vozes, 1984.

MUNIZ SODRÉ. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

NEGÃO, Heloisa. **Facebook registra tendência de queda no Brasil, diz Datafolha**. 09/04/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/facebook-registra-tendencia-de-queda-no-brasil-diz-datfolha.shtml>. Acesso em: 03 mai. 2019.

OLIVEIRA, Sônia Maria Queiroz de; DIAS, Carlos Alberto. Ciclos econômicos e a consolidação do território de Governador Valadares. **Revista de Economia Política e História Econômica**, São Paulo, Ano 7, n. 23, p. 47-76, Dez/2010.

OLIVEIRA, Felipe. **Facebook chega a 127 milhões de usuários**. 18/07/2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2018.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: https://www.ohchr.org/en/udhr/documents/udhr_translations/por.pdf. Acesso em: 10 ago. 2018.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. **Definição de violência OMS**. Nov/2020. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=featured&Itemid=347&limitstart=860. Acesso em: 26 jun. 2020.

PASPED, Pastoral da Pessoa Com Deficiência. **Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro**. 2020. Disponível em: <http://pasped.org.br/>. Acesso em: 26 jun. 2020.

PAULA, Renato. O primeiro damismo voltou e junto com ele o assistencialismo. **Geledés**, 05/09/2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-primeiro-damismo-voltou-e-junto-com-ele-o-assistencialismo/> Acesso em: 26 jun. 2020.

PEDROSA, Leyberson; FERREIRA, Luiz Claudio. Pandemia amplia vulnerabilidades de surdos, diz secretária. **Agência Brasil**, 26/09/2020. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-09/pandemia-dia-surdos-priscilla-gaspar>. Acesso em: 05 jan. 2021.

PEIXOTO, Suzane Gonçalves Duarte. **As bibliotecas e as mídias sociais: o uso do Facebook pelas bibliotecas das Universidades Federais Brasileiras**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) apresentada à Universidade Federal de Goiás (UFG). Orientadora: Profª. Drª. Andréa Pereira dos Santos. Goiânia: UFG, 2018. 200 p. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8829#:~:text=TEDE%3A%20As%20bibliotecas%20e%20as,bibliotecas%20das%20universidades%20federais%20brasileiras&text=Resumo%3A,pr%C3%A1ticas%20e%20tamb%C3%A9m%20novas%20exig%C3%Aancias>. Acesso em: 14 mai. 2020.

PERLIN, Gladis e STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, edição especial, n.2, p.17-31, 2014.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**: Mediação, 2010. p.51-53.

PERSIGO, Patrícia Milano; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Da Sociedade Midiática à Midiatizada**: uma atualização da comunicação organizacional. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Novo Hamburgo, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0580-1.pdf>. Acesso em 26 mar. 2019.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Em busca dos objetos de pesquisa em comunicação no Brasil. In: WEBER, Maria Helena (Org.). **Tensões e objetos**: da pesquisa em comunicação. Porto Alegre, Sulina, 2002, p.52-72.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Possibilidades, realidade e desafios da comunicação na web. **Rev. Matrizes**, v.12, n.3, p.77-100, Set/dez,2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. Paradoxos da participação política da mulher no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.49, p. 98-112, Mar.-mai/2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32910>. Acesso em: 22 nov. 2020.

PORTAL DO SURDO. **Canais, Cultura Surda**. Mar/2010. Disponível em: http://www.portaldosurdo.com/index.php?option=com_content&view=article&id=208&Itemid=194. Acesso em: 27 fev. 2019.

PORTO, Helânia Thomazine. **Processos comunicacionais, digitais, identitários e cidadãos**: Pataxós em “territórios” de resistências e de utopias. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Orientadora: Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin, São Leopoldo: UNISINOS, 2019. 270p. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8696>. Acesso em: 15 mai. 2020.

QUADROS, Ronice Mülher de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, Regina Clélia. **Histórico da FENEIS até o ano de 1988**. Petrópolis: Arara Azul Books, 2004.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades virtuais: Uma abordagem teórica**. V Seminário Internacional de Comunicação, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS, Porto Alegre, Mai/2009. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/recuero-raquel-comunidades-virtuais.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. XXVIII, n.68, p.114-124, Mai-ago/2014. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06> Acesso em: 28 mar. 2019.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

REILY, Lúcia Helena. As Imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, Ivani Rodrigues; KAUCHAKJE, Samira; GESUELI, Zilda Maria. **Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades**. São Paulo: Plexus Editora, 2003. p.161-192.

REIS, Vânia Prata Ferreira. **A criança surda e seu mundo: o estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias**. Dissertação (Mestrado em Educação) apresentada à Universidade Federal do Espírito Santo. (UFES). Orientadora: Prof^a. Dr^a. Denise Meyrelles de Jesus. Vitória: UFES, 1992. 230 p. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br>. Acesso em: 18 mai. 2020.

ROCHA, Solange Maria da. **Antíteses, Díades, Dicotomias no Jogo entre Memória e Apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961)**. Tese (Doutorado em Educação) apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Orientadora: Dr^a Ana Waleska Pollo Campos Mendonca. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2009. 160 p. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-84785/antiteses-dia-des-dicotomias-no-jogo-entre-memoria-e-apagamento-presentes-nas-narrativas-da-historia-da-educacao-de-surdos-um-olhar-para-o-instituto-nacional-de-educacao-de-surdos>. Acesso em: 19 mai. 2020.

ROCHA, Roseani. Os impactos da felicidade fabricada para as redes sociais. **Meio e Mensagem**, 13/02/2020. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2020/02/13/impactos-da-felicidade-fabricada-para-as-redes-sociais.html>. Acesso em: 19 mai. 2020.

ROSA, Andréa da Silva; CRUZ, Cristiano Cordeiro. Internet: fator de inclusão da pessoa surda. **ETD - Educação Temática Digital**, v.2, n.3, p.38-54, 2001. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2009/12/pdf_c2624fa7f2_0006989.pdf. Acesso em maio de 2020.

ROSA, Gabriel Artur Marra e SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Facebook: E as nossas identidades virtuais**. Brasília: Thesaurus, 2013.

ROSA, Emiliania Faria. Educação de surdos e inclusão: caminhos e perspectivas atuais. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.146-157, Jul-dez/2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2132/1907>. Acesso em: 29 mai. 2020.

ROSSETTO, Graça Nascimento; CARREIRO, Rodrigo; REIS, Lucas. Conversação política no Facebook: um estudo sobre a crise da água no Brasil. VI Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VI COMPOLÍTICA), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), Abr./2015. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2015_GT4-Rossetto-Carreiro-e-Reis.pdf. Acesso em: 03 jan. 2021.

RUSCHEINSKY, Aloisio. **Metamorfoses da Cidadania. Sujeitos Sociais, Cultura política e Institucionalidades**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2000.

SÁ, Nidia Regina Limeira de. **Cultura, Poder e Educação dos Surdos**. São Pulo: Editora Paulinas, 2006.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: Uma Jornada pelo Mundo dos Surdos**. Tradução Laura Teixeira Mota. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2010.

SAGGIN, Livia Freo. **Educomunicação comunitária: horizontes para repensar a educomunicação, a comunicação comunitária e a cidadania comunicativa**. Tese (Doutorado em Comunicação) apresentada à Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Orientadora: Dr^a Jiani Adriana Bonin. São Leopoldo: UNISINOS, 2020.

SANCHIS, Isabelle de Paiva; MAHFOUD, 2007). **Ciências & Cognição**, v.12, p.165-177, 2007. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v12/m347195.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2019.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior Unicamp**, edição especial, 2013. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf Acesso em: 06 jun. 2016.

SANTAELLA, Lúcia. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex. (Org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p.33-50.

SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Mediação e Mídiação: conexões e desconexões na análise do comunicacional**. Tese (Doutorado em Comunicação) apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Carolina Escosteguy. Porto Alegre: PUC-RS, 2013. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4539>. Acesso em: 25 jun. 2019.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Editora Edusp, 2007.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

SCHMITZ, Daniela Maria. Consumo, sentidos, usos e apropriações nas pesquisas de recepção: nem tão sinônimos, nem tão distantes. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n.34, p.255-275, Set-dez/2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/58546>. Acesso em: 18 jul. 2019.

SKLIAR, Carlos. A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos surdos. In: AZEVEDO, J.C. de; SANTOS, E.S. do; SILVA, Luiz Heron da (Orgs.). **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Porto Alegre, 1997, p. 242 -281.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2016a.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2016b; p.7-32.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Editora mediação, 2019.

SILVA, Angélica Bronzatto de Paiva; PEREIRA, Maria Cristina da Cunha; ZANOLLI, Maria de Lurdes. Mães ouvintes com filhos surdos: concepção de surdez e escolha da modalidade de linguagem. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 23, n. 3, p. 279-286, Jul-set/2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n3/a06v23n3.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. São Paulo: Loyola, 2002.

SIROTA, Roger. As delícias de aniversário: uma representação da infância. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 2, n. 2, p.32-59, Nov./2008. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/18/18>. Acesso em: 29 mar. 2020.

SLUZKI, Carlos E. **A Rede Social na Prática Sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOARES, Geralda Chaves. **Os Borun do Watu: Os Índios do Rio Doce**. Contagem: EDEFES, 1992.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf. Acesso em: 29 mar. 2020.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4ª ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2018.

SUPLICY, Eduardo Matarazzo. **Renda de Cidadania: a saída é pela porta**. São Paulo: Cortez, 2002.

THOMA, Adriana da Silva. Educação Bilíngue nas Políticas Educacionais e Linguísticas para Surdos: discursos e estratégias de governamento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 755-775, Jul-set/2016.

UNESCO, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para Educação). **Cultura**: no coração dos ODS. Abr-jun/2017. Disponível em: <https://pt.unesco.org/courier/april-june-2017/cultura-no-coracao-dos-ods>. Acesso em: 29 mar. 2020.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Revista Matrizes**, São Paulo, v.8, n.1, p. 13-19, Jan.-jun./2014.

VIEIRA, Liszt. Cidadania Global e Estado Nacional. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 395-419, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000300001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 abr. 2020.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 42, p.565-575, Set-dez/2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n42/v14n42a12.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2020.

ANEXO 1 – PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Usos e apropriações do Face book Asugov GV por sujeitos comunicantes surdos na perspectiva da cidadania comunicativa

Pesquisador: Sonia Maria Queiroz de Oliveira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 22539819.7.0000.5344

Instituição Proponente: unisinos

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.637.504

Apresentação do Projeto:

Projeto se propõe a analisar e compreender como se realizam os usos e apropriações da Rede Social Facebook Asugov GV por sujeitos comunicantes surdos, na perspectiva de constituição da cidadania comunicativa. Será realizada na cidade de Governador Valadares (MG), com 100 sujeitos comunicantes surdos participantes do Facebook

Asugov GV e associados da Asugov. Trata-se de amostra de conveniência na qual aqueles que responderem positivamente ao convite participarão de uma entrevista guiada por um roteiro semiestruturado de entrevista acompanhado por um intérprete em LIBRAS. Para análise dos dados será utilizada a transmetodologia.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos compatíveis com metodologia e procedimentos metodológicos propostos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos mínimos estão previstos. Benefícios se referem à produção acadêmica e à participação ativa dos agentes comunicantes surdos na construção deste conhecimento, em uma perspectiva de educação para a cidadania.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destaca-se a natureza social da pesquisa, que associa a realidade tecnológica das interatividades comunicacionais à particularidade da cidadania comunicativa de pessoas surdas.

Endereço: Av. Unisinos, 950

Bairro: Cristo Rei

CEP: 93.022-000

UF: RS

Município: SAO LEOPOLDO

Telefone: (51)3591-1198

Fax: (51)3590-8118

E-mail: cep@unisinos.br

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS



Continuação do Parecer: 3.637.504

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE redigido de maneira objetiva, Carta de anuência da Rede Social Facebook Asugov GV devidamente assinada, folha de rosto preenchida e assinada, questionário da PB preenchido.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1427853.pdf	09/09/2019 11:50:46		Aceito
Cronograma	6_Cronograma.pdf	09/09/2019 11:36:09	Sonia Maria Queiroz de Oliveira	Aceito
Outros	5_TermodeCompromissoInstitucionalAsugov.pdf	09/09/2019 11:33:58	Sonia Maria Queiroz de Oliveira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	4_ProjetodePesquisa.pdf	09/09/2019 11:32:01	Sonia Maria Queiroz de Oliveira	Aceito
Outros	3_RoteiroSemiestruturadodeEntrevista.pdf	09/09/2019 11:15:30	Sonia Maria Queiroz de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	2_TCLEProjetoSonia.pdf	09/09/2019 11:12:39	Sonia Maria Queiroz de Oliveira	Aceito
Folha de Rosto	1_FolhadRostocomAssinaturas.pdf	09/09/2019 11:10:31	Sonia Maria Queiroz de Oliveira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_SoniaMariaQueirozOliveira.pdf	11/10/2019 16:48:16	José Roque Junges	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Unisinos, 950

Bairro: Cristo Rei

CEP: 93.022-000

UF: RS

Município: SAO LEOPOLDO

Telefone: (51)3591-1198

Fax: (51)3590-8118

E-mail: cep@unisinos.br

UNIVERSIDADE DO VALE DO
RIO DOS SINOS - UNISINOS




Continuação do Parecer: 3.637.504


SAO LEOPOLDO, 11 de Outubro de 2019

Assinado por:
José Roque Junges
(Coordenador(a))

ANEXO 2 – DOCUMENTAÇÃO DA INTÉRPRETE



Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez
Unidade Montes Claros
Resolução SEE/MG nº 2903 de 24/02/2016
Rua São José, 567 - Bairro Todos os Santos - Montes Claros / Minas Gerais - CEP: 36400-119
Fone: (38) 3221-9874 - E-mail: desp.casmtoc@educacao.mg.gov.br



Resultado da Avaliação de Interpretação Simultânea – Libras/Língua Portuguesa com Ênfase na Interpretação no Contexto Educacional – Sala de Aula

SRE: Governador Valadares
Data da Avaliação: 11 de outubro de 2018
Nome da Candidato: Saymon do Nascimento Martins
RG/CPF: 12151236633
Número do Documento: Candidata: 04 - Banca: R 2018

CAS - Montes Claros / MG
 (CENTRO DE CAP. DOS PROFISSIONAIS DA
 EDUC. E ATEND. ÀS PESSOAS COM SURDEZ)
 RESOLUÇÃO SEE Nº 923-MG-2007/2007
 Rua São José, 567 - Todos os Santos
 Telefone: (38) 3221-9874

ASPECTOS AVALIADOS:

- Competências e Habilidades Linguístico-regulares
- Competências e Habilidades comunicativo- satisfatórias
- Competências e Habilidades para Transferência - regulares
- Competências e Habilidades metodológicas - regulares
- Competências e Habilidades Biculturais – regulares
- Competências e Habilidades Profissionais – regulares
- Competências e Habilidades do Conteúdo Escolares - regulares

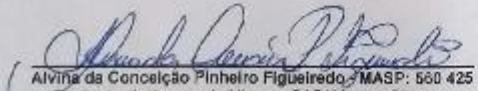
OBSERVAÇÕES:

Sugerimos que a candidata busque participar de cursos de Libras e cursos de Formação de Tradutores e Intérpretes de Libras com ênfase no contexto educacional com a finalidade de desenvolver o uso da Língua de Sinais e buscar formação profissional adequada para atuar como Tradutor e Intérprete na sala de aula.


CONCLUSÃO:

AUTORIZAÇÃO ESPECIAL (sem restrição) O candidato apresentou desempenho regular nas competências e habilidades avaliadas, mostrando-se em fase de aprendizado e aperfeiçoamento na atuação interpretativa em sala de aula. Entretanto, a mesma tem condições de assumir atividades interpretativas no contexto educacional em caráter especial, nos casos em que não houver candidatos aptos para assumir o cargo.

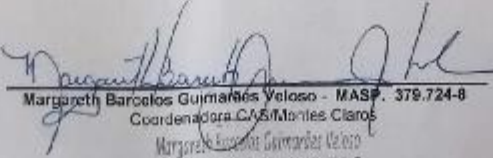
Montes Claros, 23 de outubro de 2018



Alvinha da Conceição Pinheiro Figueiredo - MASP: 560 425 1
Tradutor e Intérprete de Libras - CAS/ Montes Claros



Mailson Matos Marques - MASP: 12851762
Tradutor e Intérprete de Libras - CAS/ Montes Claros



Margareth Barcelos Guimarães Veloso - MASP: 379.724-8
Coordenadora CAS/ Montes Claros
Vice-Diretora - Masp 379.724-8

ANEXO 3 – LISTA DE ASSINATURAS DOS SÓCIOS FUNDADORES DA ASUGOV

No Livro de Atas da Asugov, Nº 01, vinte e sete (27) assinaturas se fizeram constar como sócios fundadores. Por ordem de assinaturas idealizei o quadro abaixo:

Nº:	NOME SÓCIO FUNDADOR
01	Josélio Ricardo Nunes Coelho
02	Silvânia Coelho Teixeira Barbosa
03	Ozéas Rodrigues Coelho
04	César Vinicius Magnago Villela
05	José Mauro Barbosa
06	Getúlio Vargas de Lima
07	Ana Maria Magalhães
08	Luciany Alves Batista e Silva
09	Sergio Lelis Barbosa
10	Nilza Ferreira Bahia
11	Osmim Gonçalves Rodrigues
12	Selcino de Mendonça
13	Maria Bernadete Corrêa
14	Maria Regina Pinto
15	Maria Madalena Tavares
16	Adriana Lopes da Silva
17	Ronaldo Barbosa
18	João Gois de Souza
19	Nelson José dos Santos
20	Edson Rodrigues Petrucelli
21	Haroldo Barros Marcelino
22	Carlos Valenti
23	Antônio Campos de Abreu
24	Wilson Tarciso Saraiva
25	Carmem Lúcia Fontes de Oliveira
26	Dinah Coelho Teixeira
27	Francisco Luiz Teixeira

Fonte: Livro de Atas Nº 1/Asugov; p. 1.

ANEXO 4 – LISTA DOS PRIMEIROS ASSOCIADOS DA ASUGOV

Os primeiros associados da Asugov, surdos e ouvintes, constantes no Livro de Atas Nº 01, foram os seguintes:

1. Adelita Gomes
2. Adriana Lopes da Silva
3. Adriana Cristine Lopes
4. Agda Maria Coelho Vivian
5. Ana Maria Magalhães
6. Angela Frossard Vilela
7. Angelita Gomes
8. Antônio Campos de Abreu
9. Camila Martins
10. Carlos Valenti
11. Carlos Roberto da Silva
12. Carmem Lúcia Fontes de Oliveira
13. César Vinicius Magno Villela
14. Cira Gonçalves de Oliveira
15. Clenilson Pereira Freitas
16. Clézio Rogerio Souriano
17. Dinah Coelho Teixeira
18. Edson Rodrigues Petrucelli
19. Elijortan Silva dos Santos
20. Elza Lopes Cunha
21. Elza Rosa Araújo
22. Eunice Carvalho Flauzina
23. Francisco Luiz Teixeira
24. Geraldo dos Anjos Freitas
25. Getúlio Vargas de Lima
26. Gianne Deitrich Felício Bárbara
27. Haroldo Barros Marcelino
28. Jean Pierre Santiago dos Santos
29. João Batista O. Silva
30. João Gois de Souza
31. Joema Gonçalves de Alvarenga
32. Jorge Tadeu Gonçalves
33. José Mauro Barbosa
34. Josélio Ricardo Nunes Coelho
35. Jovelino Tavares Filho
36. Keith Miranda Rodrigues
37. Luciane Alves Batista e Silva
38. Luciene Bento de Oliveira
39. Luiz Martins Neto
40. Maria Aparecida dos Santos
41. Maria Bernadete Corrêa
42. Maria das Dores Pimenta
43. Maria Dercília F. de Souza
44. Maria do Carmo

45. Maria G. R. Coelho
46. Maria Madalena Tavares
47. Maria Regina Pinto
48. Maria Rodrigues
49. Maria Teresa Frossard Cruz
50. Marilene Alves de Souza
51. Marília Madalena Tavares
52. Marinete Gonçalves da Silva
53. Marlene Gonçalves da Silva
54. Moizelito Lopes Corrêa
55. Nelson José dos Santos
56. Nilza Ferreira Bahia
57. Osmim Gonçalves Rodrigues
58. Otacilia Bento de Oliveira
59. Ozéas Rodrigues Coelho
60. Paulo Roberto de Faria Castro (Paulão)
61. Quelio Alves de Souza
62. Reinaldo Pimenta Ferreira
63. Rommel Stickicker Felício Bárbara
64. Ronaldo Barbosa
65. Roseith Miranda Rodrigues
66. Rosiany Maria da Silva
67. Sebastião Mendes de Barros
68. Selcino de Mendonça
69. Sergio Lelis Barbosa
70. Sérgio Simões
71. Silvania Coelho Teixeira Barbosa¹²⁸
72. Suely Dias Coelho
73. Terezinha Gonçalves da Silva
74. Valdeir Moreira de Oliveira
75. Wemerson Assunção Pedra
76. Wilson Tarcisio Saraiva
77. Yeda Barros

Fonte: Livro de Atas Nº 1, Asugov, 1990, p.1-6.

¹²⁸ Atual presidente da associação

ANEXO 5 – ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 17/2021

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Escola da Indústria Criativa
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 17/2021

Aos vinte e seis dias do mês de abril de dois mil e vinte e um, realizou-se no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, a sessão de *Arguição Pública da Tese* **“SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS E CIDADANIA COMUNICATIVA: PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA ASUGOV E NOS USOS E APROPRIAÇÕES DO FACEBOOK”** apresentada pela aluna Sônia Maria Queiroz de Oliveira, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, nível Doutorado, à Comissão Examinadora constituída pelos professores doutores Tamires Ferreira Coêlho (UFMT), Marco Antonio Bonito (UNIPAMPA), Lodenir Becker Karnopp (UFRGS), Sonia Estela Montañó La Cruz (UNISINOS) e *Jiani Adriana Bonin* (Orientadora). O resultado da banca é de consenso entre os avaliadores.

Desenvolvidos os trabalhos nos termos do Regimento Interno, Capítulo VI e registrados os resultados nas Planilhas de Avaliação, a Comissão atribuiu ao(à) aluno(a), o grau **9,2**. A emissão do Diploma está condicionada a entrega da versão final da Tese.

Ocorreu alteração do título? () Não (X) Sim: **“SUJEITOS SURDOS E CIDADANIA COMUNICATIVA: PROCESSOS COMUNICACIONAIS NA ASUGOV E NOS USOS E APROPRIAÇÕES DO FACEBOOK”**

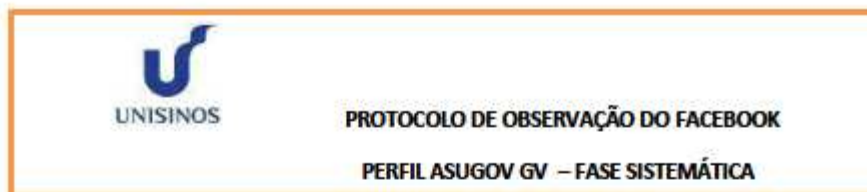
Esta atividade foi realizada integralmente em modo online para atender às recomendações da OMS e Ministério da Saúde de prevenção contra a Covid-19.

Comissão Examinadora:

Prof. Dra. Jiani Adriana Bonin (Orientadora)

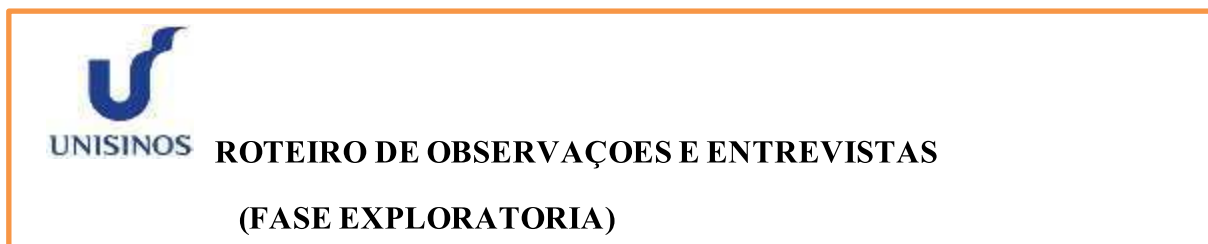
Coordenação do PPG Ciências da Comunicação: Prof. Dra. Ana Paula da Rosa

APÊNDICE 1 - PROTOCOLO DE OBSERVAÇÕES NO FACEBOOK



- Fluxos de informação (tipos de postagens: produzida pelo perfil ou compartilhada de algum outro perfil, temporalidades).
- Temáticas das postagens.
- Tipos de postagens em termos de finalidades comunicativas (convocações, eventos, reflexões, posicionamentos, entre outros).
- Fluxos de interação (conversações, negociações, conflitos, mediações, postagens mais curtidas/compartilhadas).
- Linguagens: produtos multimídias usados.

APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES



BLOCO 1: Observações participantes – Asugov/GV

- Configuração das identidades culturais e dos ethos (costumes, práticas, rotinas) no espaço Asugov/GV.
- Configuração do sujeito comunicante na Asugov (quem são os sujeitos da Asugov?).
- Equipamentos existentes no espaço Asugov.
- Mobilizações empreendidas (cursos, encontros, etc).
- Pautas políticas.
- Comportamento sócio comunicacional (interno e externo): interações, tensões, instituições da sociedade de GV envolvidas, pessoas da sociedade de GV envolvidas.
- Construção e realizações de estratégias e táticas de comunicação nas ações coletivas e seu sentido.

BLOCO 2: Entrevista com sujeito(s) surdos pertencentes a Asugov/GV – Identificação sócio cultural

- Nome:
- Idade:
- Formação escolar:
- Local de nascimento:
- Profissão:
- Quanto tempo reside em Governador Valadares:
- Quanto tempo faz parte da Asugov / GV
- Freqüentador assíduo da Asugov / GV?
- Possui cargo na diretoria da Asugov / GV?
- Trabalha?
- O que pensa sobre a Asugov?
- Quando vai a Asugov realiza o que?

BLOCO 3: Usos e apropriações midiáticas

Mídias em geral

- Qual (is) os meios de comunicação foram mais presentes em sua vida?
- Dentre os meios que você teve acesso qual foi o mais importante / presente na trajetória de sua vida?
- Que tipo de programação / conteúdo você via nestes meios?
- Como você fazia para ter acesso a estes meios de comunicação?
- E hoje em dia você continua usando estes mesmos meios?
- E busca que tipo de informação?
- Por que busca este tipo de informação?
- Você já usou algum destes meios para reclamar de alguma coisa? Falar de dificuldades? Reivindicar alguma coisa?
- Qual foi o resultado obtido?

b) Mídias digitais

- Tem acesso a internet? De que forma?
- Com que frequência faz uso de celular e da internet?
- Com que frequência utiliza o celular?
- Que tipo de consultas realiza via internet?
- Quais as redes sociais digitais você faz uso?
- Com que frequência faz uso das redes sociais digitais?
- Qual a sua intenção ao publicar temas nas redes sociais digitais?
- Considera que consegue alcançar seus objetivos?
- Como avalia as suas interações nas redes sociais digitais?

c) Facebook Asugov

- Você conhece o Facebook da Asugov?
- Você já postou neste Facebook?
- E o que postou?
- Com que frequência visita o Facebook da Asugov?
- Quando visita o Facebook da Asugov o que você gostaria de encontrar por lá?
- O que você acha e espera do Facebook da Asugov?

BLOCO 4: Vínculo com a Asugov/GV – Identificação/pertencimento

- Conhece a história da Asugov?
- O que pensa (perceber) sobre a Asugov?
- Como queria que fosse a Asugov?
- Quando vai a Asugov realiza (faz) o que?
- O que a Asugov tem de bom?
- O que a Asugov tem de ruim (o que não gosta)?
- Convivência com os surdos frequentes na Asugov, como se dá?
- Sugestões para a Asugov.

BLOCO 5: Aspectos sobre a trajetória comunicacional e de vida dos sujeitos e mediações

Aspectos sobre a trajetória de vida do entrevistado e abordagem sobre ser sujeito comunicante surdo nos espaços:

- Familiar,
- Educacional,
- Religioso,
- Comunitário,
- Cultural,
- Política.

APÊNDICE 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – UNISINOS
TCLE – termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa intitulada: **“Usos e apropriações do Facebook Asugov GV por sujeitos comunicantes surdos na perspectiva da cidadania comunicativa”**.

Este convite está sendo feito, por você ser comunicante surdo associado ao Facebook Asugov GV e ter manifestado interesse em participar da pesquisa após tomar conhecimento da mesma. Sua participação não é obrigatória. Você participa só se quiser. Mesmo estando de acordo em participar, você poderá desistir e retirar seu consentimento a qualquer momento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com a pesquisadora, interprete ou a Asugov.

Esta pesquisa coordenada pela doutoranda Sonia Maria Queiroz de Oliveira (CPF:385.900.346-15/SIAPE:2104007) tem por objetivo analisar e compreender como se realizam os usos e apropriações da Rede Social Facebook Asugov GV por sujeitos comunicantes surdos na perspectiva de constituição da cidadania comunicativa.

Caso você decida aceitar o convite, será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos:

1. Assinar e rubricar este documento;
2. Participar de uma entrevista com questões abertas e fechadas.

O tempo da entrevista será aproximadamente de 50 minutos. Se você permitir, todas as suas respostas serão registradas eletronicamente com o uso de um gravador de voz digital.

Os riscos relacionados com sua participação são:

1. Ficar triste ou emotivo devido suas experiências de vida;
2. Ficar preocupado por não entender alguma pergunta feita pela entrevistadora;
3. Não saber responder alguma das perguntas feitas pela entrevistadora;
4. Sentir-se desconfortável caso ache que está demorando a terminar a entrevista;
5. Sentir que não deseja mais continuar participar da pesquisa;
6. Ser identificado como participante da pesquisa ou fornecedor de informações.

Caso ocorra alguma destas situações poderá ser tomada as seguintes providências:

1. Dar uma pausa na entrevista até que se sinta tranquilo e menos triste ou emotivo;
2. Tirar o máximo de dúvidas caso não consiga entender bem alguma pergunta;
3. Pedir para pular para a próxima pergunta caso não saiba como responder;
4. Pedir para continuar a entrevista em outro momento;
5. Pedir para terminar e não continuar a entrevista caso não queira mais responder
6. Objetivando guardar o anonimato dos participantes no Roteiro de Entrevista serão lançados apenas o Número do Entrevistado e seu Primeiro nome. Nome completo, endereço e telefone só constarão no TCLE, uma vez que serão necessários por se tratar de pesquisa longitudinal.

Você não terá nenhum benefício financeiro ou outro em participar da pesquisa.

Os benefícios a serem obtidos com a sua participação é a oportunidade de relatar suas vivências pessoais e comunicacionais através da entrevistadora e intérprete de LIBRAS.

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares, entretanto, os nomes das pessoas que participarem serão confidenciais e sigilosos, para que você não seja identificado(a). Não há remuneração com sua participação. Não está previsto indenização por sua participação, mas em qualquer momento se você sofrer algum dano, comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização.

Finalizada a pesquisa e apresentada a tese a pesquisadora retornará à ASUGOV para apresentar os resultados e informá-los da importância da participação dos mesmos na construção de um conhecimento em primeira mão do qual todos serão efetivamente seus autores.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço da pesquisadora principal da pesquisa:

Professora Sonia Maria Queiroz de Oliveira

Endereço: Rua Ribeiro Junqueira, 292, aptº 1101– Governador Valadares - MG

Telefone: (33)99953-2357

Declaro que entendi os objetivos, a forma de minha participação, riscos e benefícios da mesma e aceito o convite para participar. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa, a qual garante o anonimato e o sigilo referente à minha participação.

Identificação Digital

Nome do Entrevistado(a): _____

Assinatura do Entrevistado(a): _____

Endereço:

Rua: _____ Número: _____

Bairro: _____ Nº de Telefone: () _____ - _____

Código: _____ Data: ____ / ____ / ____.

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA

Eu declaro que o participante teve o tempo necessário ver a tradução através do(a) intérprete em Libras sobre o estudo e que todas as suas dúvidas foram sanadas. É minha opinião que o(a) participante compreendeu os objetivos, riscos, benefícios e procedimentos que irão ser seguidos neste estudo e que concordou em participar de forma voluntária.

(Assinatura da entrevistadora)

Governador Valadares, ____ / ____ / ____

Nota: Cópias assinadas desse formulário de consentimento devem ser:

- a) mantidas arquivadas pelo pesquisador principal e
- b) dada para o participante.

Informações – Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – UNISINOS
Avenida Unisinos, 950. CEP93022-750.
São Leopoldo- RS. Telefone: (51)35911122 – Ramal 3219
Email: cep@unisinos.br

APÊNDICE 4 – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA

ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DE ENTREVISTA



“USOS E APROPRIAÇÕES DO FACE BOOK ASUGOV GV POR SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS NA PERSPECTIVA DA CIDADANIA COMUNICATIVA”.

IDENTIFICAÇÃO DO(A) ENTREVISTADO(A):

- A) Nome completo do entrevistado: _____
- B) Idade: _____
- C) Sexo: 1- Masculino 2- Feminino 3- Não declarado
- D) Estado civil (Resposta única):
 1- Solteiro 2- Casado 3- Viúvo 4- Divorciado 5- Convivente 6- União estável
- E) O IBGE classifica a raça/cor das pessoas em 05 categorias. Qual das categorias você diria que é a sua?
 1- Branco 2- Preto 3- Pardo 4- Amarelo/asiático 5- Indígena 6- Não declara
- F) Vamos falar sobre a sua escolaridade. Até quando você estudou? Nota: se a pessoa estiver estudando atualmente perguntar em qual nível ele está.
 1- Sem escolaridade
 2- Fundamental Incompleto
 3- Fundamental Completo
 4- Ensino médio Incompleto
 5- Ensino médio Completo
 6- Superior Incompleto
 7- Superior Completo
- G) Qual a sua renda em reais, inclusive benefícios governamentais, pensões e aposentadorias?
 R\$ _____

TRAJETORIA DE VIDA DO (A) ENTREVISTADO (A):

- H) Aspectos sobre a trajetória de vida do entrevistado e abordagem sobre ser sujeito comunicante surdo nos espaços:
- 1- Familiar,
 - 2- Educacional,
 - 3- Religioso,
 - 4- Comunitário,
 - 5- Cultural,
 - 6- Política.

PERTENCIMENTO / IDENTIFICAÇÃO-SOCIO CULTURAL:

- I) Vínculo com a Asugov/GV – Identificação/pertencimento
- 1- Local de nascimento
 - 2- Quanto tempo reside em Governador Valadares?
 - 3- Quanto tempo faz parte da Asugov?
 - 4- Conhece a história da Asugov?
 - 5- O que pensa (perceber) sobre a Asugov?
 - 6- Como queria que fosse a Asugov?
 - 7- Quando vai a Asugov realiza (faz) o que?
 - 8- O que a Asugov tem de bom?
 - 9- O que a Asugov tem de ruim (o que não gosta)?
 - 10- Convivência com os surdos frequentes na Asugov, como se dá?
 - 11- Freqüentador assíduo da Asugov?
 - 12- Possui cargo na diretoria da Asugov?
 - 13- Trabalha na Asugov?
 - 14- Sugestões para a Asugov.

REDE SOCIAL FACEBOOK ASUGOV GV:

- 1- Você conhece o Facebook da Asugov?
- 2- Como avalia este espaço?
- 3- Você já postou neste Facebook?
- 4- E o que postou? Por que postou?
- 5- Com que frequência visita o Facebook da Asugov?
- 6- Quando visita o Facebook da Asugov o que te chama atenção?
- 7- Quais aspectos considera positivo?
- 8- E que aspectos consideram negativos?
- 9- O que gostaria de encontrar por lá?
- 10- O que você acha e espera do Facebook da Asugov?
- 11- Que tipo de informação você busca?
- 12- Por que busca este tipo de informação?
- 13- Você já usou o Facebook da Asugov para reclamar de alguma coisa? Falar de dificuldades? Reivindicar alguma coisa?
- 14- Qual foi o resultado obtido?
- 15- Você conhece os recursos que o Facebook oferece?
- 16- Se conhece esses recursos, qual ou quais pode citar.
- 17- Qual ou quais já fez uso?

PREZADO AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO.